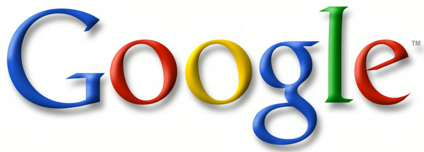


This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

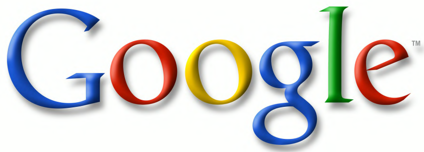
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

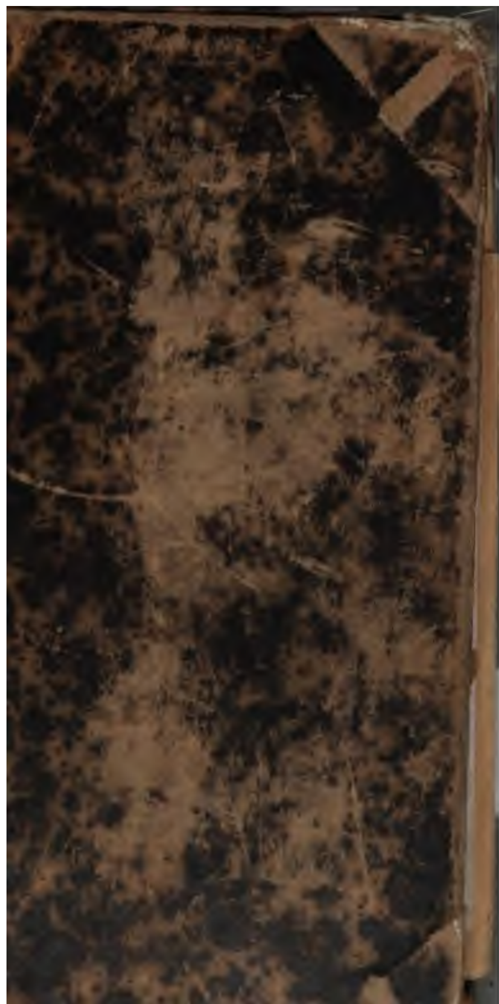
O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

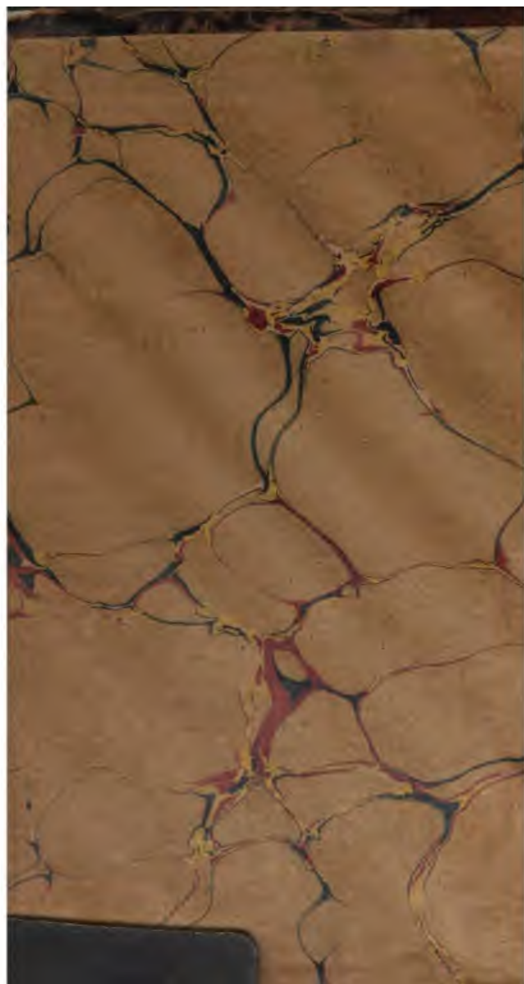
Pedimos que você:

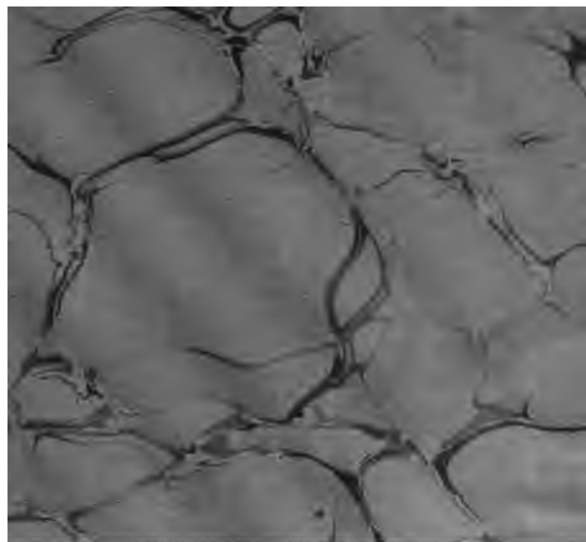
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`







69,4
1631



BIBLIOTHECA PORTUGUEZA

OU

Reproducção dos Livros nacionaes, escriptos até ao fim do seculo XVIII.



LISBOA.

ESCRIPTORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA
RUA AUGUSTA N.º 110.

1852.

OBRAS

DE

GIL VICENTE.

TOMO I.

LISBOA.
Escriptorio da Bibliotheca Portugueza.
Rua Augusta N.º 110.

1852.



TYPOGRAPHIA DE F. I. PINHEIRO.
Rua da Annunciada N.º 14.

PROLOGO.

Tres edições se tem feito das Obras de Gil Vicente — a 1.ª com o titulo: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco livros. O primeiro he de todas suas obras de devaçam. O segundo as Comedias. O terceiro as Tragicomedias. O quarto as Farças. No quinto as obras meudas. Lisboa, Imprensa de João Alvares*, 1562, *fol.* — a 2.ª com o mesmo titulo da precedente augmentado com a observação: *Vam emendadas pelo Santo Officio, como se manda no Cathalogo deste Regno. Lisboa, Imprensa de André Lobato*, 1585. 4.º — e a 3.ª com o titulo: *Obras de Gil Vicente correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Hamburgo, na officina typographica de Langhoff*, 1834, 8.º *francez*, 3 vol.

A 1.ª edição impressa com caracteres gothicos, á excepção dos argumentos, que são impressos em letra romana, argue incuria e pouco esmero do impressor, não só pelos erros typographicos de que abunda, mas pela frequente falta de espaços entre as palavras, o que muitas vezes offerece serios obstaculos á intelligencia do texto. Algumas gravuras em pau que adornam esta edição, não são inteiramente destituidas de merito e de interesse para a historia desta arte entre nós.

O merecimento da 2.ª edição é infinitamente inferior ao da 1.ª, pois achando-se nella reproduzidos todos os erros typographicos e indecentes chocarrices da primeira vê-se que as emendas do Santo Officio consistem em — versos omittidos, outros em todo ou em parte alterados, coplas cortadas, e finalmente paginas inteiras supprimidas — sendo para notar que estes lugares mutilados não são dos menos interessantes de Gil Vicente.

A 3.ª edição correctamente impressa em excellente papel, e typo, foi feita sobre uma mui fiel cópia que o sr. Barreto Feio tirou de um exemplar da 1.ª edição que existia na Bibliotheca da Universidade de Gottingen. É para lamentar porém que aquelle exemplar estivesse troncado, e que os Editores da edição de Hamburgo se vissem por isso obrigados a recorrer á 2.ª edição para prehencher as lacunas. Os versos que decorrem desde a linha 14 da pagina 185

disseram os illustres Editores: «Bem sentimos que nas obras do nosso poeta se encontram passagens, que por ineptas e despidas de todo o alento poetico, que em outras partes o autor mostrou possuir em eminente gráo, são summamente fastidiosas á leitura e prejudíciaes em certo modo á reputação do nosso poeta. Mas outras principalmente, por sua indecencia e por peccarem contra as leis do decoro, não estão em harmonia com os costumes e civilisação do nosso seculo, supposto que aquellas indecentes bufonerias se representassem no Paço, muitas vezes na Igreja, e fizessem as delicias de duas brilhantes côrtes. Taes logares muitos estimariam ver inteiramente supprimidos ou modificados, e esse seria o nosso parecer, a não ser esta consideração. Obras como as de Gil Vicente (e assim é quasi todo o drama comico do seu tempo) não se imprimem hoje em dia com o mesmo fim que na epocha em que foram escriptas. Então Gil Vicente era lido, representava-se, gostava-se e talvez passagens bem reprehensiveis fossem as mais applaudidas; em fim depois de impresso, tornou-se propriedade do povo, que, nas horas do ocio, nelle achava um alegre passatempo e um rico thesouro de rifões e dictados para colorir e animar suas conversas, e que seus leitores de paes a filhos transmittiram á posteridade. Agora porém estas obras pertencem ao dominio da historia — da *historia* da litteratura, dos costumes, e só nas

mãos dos litteratos é que tem de andar. E quem não folgará de encontrar nestas antigualhas um painel verdadeiro dos tempos dos nossos maiores? O litterato passa por essas indecencias que encontra entre muita belleza verdadeira, e não culpa o autor, que bem sabe defeito do seculo era e não seu; e é em similhantes quadros que o philosopho se apraz em contemplar as grandes revoluções que a civilisação vai fazendo no modo de pensar e nos costumes dos homens. Assim preferimos olhar estas obras como um documento historico que se deve conservar intacto.» — Finalmente illustraram a edição com um interessante *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente*, e com uma *Taboa glossaria* mostrando a significação conjectural de alguns termos antiquados e rusticos portuguezes e castelhanos, que se não encontram nos melhores diccionarios das duas linguas.

Nós seguimos o mesmo plano da edição de Hamburgo. — Confrontámos a 1.ª edição com a 3.ª: restabelecemos o texto nos dois logares que apontámos da 3.ª edição: adoptámos as correcções e ortographia da ultima: e tambem nada omittimos do que se acha impresso na 1.ª — A presente edição, por tanto, é a reproducção completa da 1.ª com as correcções da 3.ª

Finalmente convencidos de que, a respeito da vida e obras do nosso Poeta, não poderia-

mos dizer mais, nem melhor, do que os illustres Editores da 3.ª edição, resolvemos extrahir della o já citado Ensaio, que é como se segue:

ENSAIO SOBRE A VIDA E OBRAS DE GIL VICENTE.

No glorioso periodo da nossa historia que abrange o reinado de D. Manuel até meado o de D. João III., floreceo em Lisboa o nosso Gil Vicente, por seus comtemporaneos chamado o Plauto Portuguez. As noticias que á posteridade chegárão sôbre seu nascimento e parentela são extremamente escassas e obscuras. De seus paes se diz que erão de illustre extracção (1); a respeito do logar e anno de seu nascimento nada se sabe com certeza. Assim como ja coube em sorte a muitos varões illustres, varios logares tem sido mencionados como sua patria. Guimarães, Barcellos e Lisboa disputão entre si esta honra. A epocha porém deste acontecimento se póde fixar no principio do último quartel do XV seculo. Mas, ou o nosso poeta fosse realmente nascido em Lisboa, ou da Provincia tivesse vindo frequentar a Universidade, que então se achava na capital, uma passagem de suas obras nos induz a crer que elle ja vivia nesta cidade no reinado de D. João II., isto é antes do anno de 1495; pois fallando deste gran-

(1) Barbosa. Bibliot. Lusit.

de rei no seu primeiro Auto, na figura de pastor Gil, diz, recordando-se delle: (1)

Conociste á Juan domado,
Que era pastor de pastores?
Yo lo vi entre estas flores
Con gran hato de ganado,
Con su cayado real.

Seus paes, ou por lhe quererem dar uma educação liberal, ou por o destinarem a uma solida e proveitosa profissão litteraria, o puzerão na Universidade, dedicando-o ao estudo do Direito Civil. Porém Gil Vicente, dotado liberalmente pela natureza de uma vivissima imaginação e de um espirito eminentemente poetico e jovial, depressa se enfastiou da escabrosa aridez da Jurisprudencia, e abandonou—se com quebra de seus interesses materiaes, talvez com vantagens para a sua fama—estudos que lhe poderiam ter defecado em principio o brilhante engenho que trouxe seu nome á posteridade. Se esta deserção teve logar ainda em vida de seu pae, ou se, como aconteceo a um celebre contemporaneo Italiano, (2) a morte delle o lançou decedidamente no commercio das musas, sua natural vocação, não sabemos. Talvez

(1) Tom. I, pag. 9
(2) Ariosto.

que a estima que seus talentos poeticos lhe grangeárão na Côrte, não influisse pouco para esta sua feliz resolução. Com effeito elle mesmo ou seu filho Luiz, seu primeiro editor, nos conservou em suas obras a historia de seus primeiros ensaios dramaticos, que parece favorecer esta conjectura. A Rainha Dona Beatriz, mulher de Dom Manuel, tendo ficado mui agradada do monologo que Gil Vicente, no caracter de pastor, foi recitar na sua mesma camara, onde ainda se achava de cama, de parto do principe D. João, depois D. João III., congratulando-a pelo feliz nascimento do herdeiro da coroa, lhe pedio, esperando talvez que o poeta mudasse as settas em grelhas, que em dia de Natal lhe repetisse aquella mesma composição, endereçada ao nascimento do menino Deos. Gil Vicente julgou dever satisfazer ao pedido com mais propriedade e compoz para esse dia o primeiro auto que se acha nas suas obras de devação. Temos pois que os primeiros ensaios dramaticos do nosso poeta datão de 1502, anno em que nasceo D. João III. Desde então vemos sua musa em constante actividade em similhantes occasiões, durante os dous reinados de D. Manuel e de seu successor, não havendo festa de anno, de nascimento ou casamento de pessoa Real, para cujo esplendor não contribuissem os brilhantes talentos de Gil Vicente.

Foi durante o último destes dous reinados que a fama do nosso poeta cresceo a ponto, que,

como observa um litterato allemão, (1) não havia por esse tempo em toda a Europa poeta comico mais affamado nem mais querido dos seus, do que o poeta portuguez. Porém não somente em Portugal se admirava Gil Vicente; o seu nome ja corria pelos mais cultos paizes da Europa. Na verdade, se os louvores recebem valia da auctoridade da pessoa que os dá, nenhum poeta nesse tempo podia gloriar-se de seus successos dramaticos como aquelle a quem Erasmo deu o primeiro logar entre os comicos modernos. Este grande restaurador das lettras, occupado como estava com os mais serios e multifarios trabalhos litterarios, não julgou perder o tempo que applicou ao estudo da lingua portugueza, o que somente emprehendêra afim de completar o prazer que uma imperfeita intelligencia das bellezas de Gil Vicente lhe tinha causado. (2)

Emquanto a fama do nosso poeta corria entre os litteratos estrangeiros, em Portugal a inveja, desprezivel paixão d'almas ineptas, mas presumidas, disputava a Gil Vicente a honra da invenção de suas peças; e como acontece quasi sempre com tão miseraveis creaturas, defraudavão seu compatriota desta gloria para a concederem a estranhos, accusando-o de furto

(1) Bouterweck, Geschichte der portug. Poesie und Beredsamkeit, pag. 190.

(2) Bibliot. Lusit. art. Gil Vicente.

litterario; como se quizessem affastar para longe de si o brilho do merito superior que os incommodava. Foi este atrevido insulto que deu origem á famosa farça de *Inez Pereira*, da qual diz o crítico que acima citamos, que a ter ella sido composta por Gil Vicente no tempo de Moliere, sería uma das comedias de caracter admiradas na Europa. (1) Gil Vicente querendo responder de maneira que de uma vez impozesse silencio a seus detractores e confundisse a inveja, usou de um meio tão novo como efficaz para o seu intento. Achando reunidos seus admiradores e seus zoilos, talvez nos mesmos serãos do Paço, declara que lhe chegaram aos ouvidos as maliciosas insinuações contra os seus talentos; e para sua desaffronta se offerece a compor uma farça sôbre qualquer assumpto que seus adversarios lhe proponham. O rifão popular, que ainda hoje voga entre o povo, *Antes quero burro que me leve, que cavallo que me derrube*, foi o thema que lhe appresentaram. A engenhosa applicação deste proverbio, as situações verdadeiramente comicas que se encontram nesta farça, a verdade sempre sustentada com que pinta os caracteres de Inez, de Pero, e do Escudeiro; a naturalidade, graça e fluencia do dialogo, o inimitavel sal, a elegancia de estylo, a musica harmonia da versificação, formam a mais victoriosa resposta que jamais es-

(1) Bout. pag. 113.

criptor, em iguaes circumstancias, deu a seus zoilos.

Não era o talento poetico o unico que Gil Vicente possuia. Não só, como se verá em alguns logares de suas obras, compunha elle a musica das folias e cantigas que introduzia em suas peças; mas, como o celebre Moliere, reunia ao talento de auctor o de actor, como se vê dos seguintes versos do nosso famoso André de Resende, seu contemporaneo, que por comprovarem este facto, e serem um documento da estima em que eram tidas as composições do nosso poeta, aqui deixamos transcriptos.

Cunctorum hinc acta est comœdia plausu,
Quam Lusitana Gillo auctor et actor in *aula*
Egerat ante, dicax atque inter vera facetus:
Gillo jocis levibus doctus prestringere mores;
Qui si non lingua componeret omnia vulgi,
Sed potius latia, non Grecia docta Menandrum
Ante suum ferret; nec tam Romana theatra,
Plautinave sales, lepidi vel scripta Terenti
Jactarent; tanto nam Gillo prœiret utrisque,
Quanto illi reliquos inter, qui pulpita rore
Oblita Coryceo digito meruœre faventem.

A peça de que Resende aqui falla é a Tragicomedia de Lusitania, que Gil Vicente tinha composto para o nascimento do Infante D. Manuel, que morreo em tenra idade, a qual foi representada em Bruxellas em 1532, em casa

do Embaixador Portuguez D. Pedro de Mascarenhas, na festa que este deu pelo mesmo motivo, e que Resende descreve no elegante poema latino, donde extrahimos a citada passagem.

Foi o poeta casado com Branca Bezerra, de quem teve Gil Vicente, Luiz Vicente e Paula Vicente, que herdaram os talentos do pae. Conta-se que estando Gil Vicente no zenith da sua reputação, seu filho mais velho começára a desenvolver um tal talento na poesia comica, que ja assombrava e em breve ameaçava eclipsar a gloria do pae; e que este, roido de uma desnatural inveja, o fizera embarcar para a India, onde Gil Vicente filho, depois de se haver mostrado não menos esforçado soldado que engenhoso poeta, ficára gloriosamente morto no campo de batalha. Esta anecdota, adoptada por todos os que tem fallado do nosso poeta, a ter fundamento, poria uma nodoa indelebil no seu caracter. Em justiça porém ao nosso poeta devemos observar que o escriptor mais antigo onde encontramos este conto, é Manuel de Faria e Sousa, autor a quem de certo estamos em muita obrigação pelas muitas noticias litterarias que deixou espalhadas por suas obras, principalmente nos seus Commentarios ás Obras de Camões; mas que se deve consultar com summa desconfiança pela apparente avidez e irreflexão com que acolhia quantas anecdotas andavam na bo*ca do vulgo* e com que muitas vezes faz os mais

acerbos ultrages á memoria daquelles mesmos, cujo caracter é seu maior empenho ennobrecer: exemplos desta leveza se encontram na sua vida do probo e infeliz Camões.

De suas suppostas composições apenas se conserva o titulo de um auto chamado de *D. Luiz de los Turcos*. (1)

O segundo filho do nosso poeta foi Luiz Vicente, seu editor. João Baptista de Castro conta deste o que Faria refere de Gil, acrescentando que a Comedia dos Captivos em que mostrára um grande talento comico, causára os ciumes que o levaram á India. (2) Esta peça é igualmente attribuida ao Infante D. Luiz; e no *Index expurgatorio* de Filippe II. a pag. 84 se prohibe o *auto dos Cativos, chamado de D. Luiz e dos Turcos*. Donde se vê que tanto o auto attribuido por Faria e Sousa a Gil Vicente, filho, como o que J. B. de Castro attribue a Luiz Vicente, são uma e a mesma cousa com diversos titulos; e provavelmente composição do Infante D. Luiz e não dos filhos de Gil Vicente, como o dá a entender o Index expurgatorio. (3)

(1) Barb. Bibliot. Lusit. art. Gil Vicente filho.

(2) J. B. de Castro, Mappa de Portugal, tom. II, pag. 320, 2.ª ed.

(3) Taes contradicções acerca da peça que deveria ter causado tão monstruosos ciumes, não deixam de favorecer nossas suspeitas sobre a ve-

não deixasse testimunhos do contrário. Em 1523 dizia elle:

> E um Gil... um Gil... um Gil,
> Hum que não tem nem ceitil,
> Que faz os aitos a ElRei...
> . . . .
> Aito cuido que dizia,
> E assi cuido que he;
> Mas não ja aito bofé,
> Como os aitos que fazia
> Quando elle tinha com que.

Desta passagem se vê que Gil Vicente tinha cahido em pobreza; tendo talvez consumido seu patrimonio, sem se ter prevenido para o futuro, confiado na munificencia daquelles a quem tinha dado tantos momentos de um prazer inteiramente novo; e que talvez o affastárão de outro modo de vida, senão de tanta fama, ao menos de mais proveito. Assim, no último quartel da vida e em uma terrivel occasião, com peste dentro de casa, se vio reduzido á qualidade de desvalido requerente, remettido a ministros, quando não pedia mais que para matar a fome. São dignas de attenção as trovas que elle mandou ao Conde do Vimioso, queixando-se da ingratidão com que *era tractado*, quando diz:

Que o medrar
Se estivera em trabalhar,
Ou valêra o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar e que deixar. (1)

Mas destes «illustres ingratos» este é o mais certo galardão.

Porém apezar de não ser elle homem de fortuna, que em falta de mais solidos predicados, muitas vezes é titulo bastante pára se adquirir consideração; um interessante documento que se conserva em suas obras, nos prova que era elle pessoa de mais authoridade do que se esperaria do genero de seus talentos e profissão. O facto é, além disso, uma bella illustração do seu caracter. No anno de 1531 se sentio em diversas partes do reino um violento terremoto que causou consideraveis estragos e espalhou o espanto e terror nos animos das populações. Os padres, longe de tranquillizarem o povo e lhe inspirarem confiança, servírão-se, como sempre, do pulpito para augmentarem o terror e confusão, denunciando aquella infeliz raça proscripta, a quem então era costume attribuir todas as calamidades públicas, como unica causa da ira do Ceo, que lhes enviava aquelles castigos por soffrerem entre si os inimigos de Deos. A denúncia teve o desejado

(1) Tom. III, obras varias.

effeito; os Christãos novos forão obrigados a abandonar suas casas e a procurar nos montes um asilo contra o cego furor popular. Esta scena se passava em Santarem: Gil Vicente que então se achava ahi, apressa-se a acudir ao perigo: reune os energumenos padres no adro da igreja; exproba-lhes o abuso de seu ministerio, todo de charidade e conciliação e não de *contentar a desvairada opinião do vulgo*; e por fim exhorta-os a que de novo subão ao pulpito a reparar o damno causado por suas sediciosas harengas. Os padres obedecem; os Christãos novos e judeos regressão a suas casas, e o repouso de toda uma consideravel população é restabelecido á voz de Gil Vicente — do autor de Mofina Mendes, e do Clerigo da Beira, que n'um lance de necessidade soube arrancar a mascara de Momo e assumir a gravidade de moderador das tormentas populares que nos descreve o poeta latino «*pietate gravem ac meritis virum!*» (1)

O anno em que falleceu Gil Vicente se ignora. O abbade Diogo de Barbosa diz que elle morrêra *antes* do anno de 1557 em Evora, para onde tinha acompanhado a côrte. É claro que o autor da Biblioteca se funda em que, estando Gil Vicente, como diz seu filho Luiz, a colligir as suas obras, com tenção de as de-

(1) Veja-se a carta em que Gil Vicente dá parte *deste successo* a D. João III, no tom. III.

dicar a D. João III., quando a morte lh'o não consentio levar a effeito, devia elle ter fallecido antes deste Rei, que morreo naquelle anno. Se porém se considerar que Gil Vicente ja em 1531 se achava *mui visinho da morte*, (1) e que a última composição sua é de 1536, parecerá demasiado vaga a epocha apontada por Diogo Barbosa. Com effeito que motivo impediria o poeta da côrte de continuar a divertir seus reaes patronos desde 1536, quando até então as suas producções eram quasi annuaes, muitas vezes duas e tres por anno? E provavel que Gil Vicente não sobrevivesse muito a este anno, realisando-se assim os seus pressentimentos, e contando pouco mais de sessenta annos de idade. (2)

A collecção que Luiz Vicente nos deixou das obras de seu pae, não contém tudo o que sahio da sua penna. De muitas composições,

(1) Veja-se tomo III, dita carta.

(2) Na Comedia *Floresta de Enganos*, ultima composição do poeta, representada em 1536, diz o Doutor Justiça Maior:

"Ya hice sesenta y seis,
"Ya mi tiempo es pasado."

Póde bem ser que fosse o mesmo Gil Vicente que desempenhasse este papel, e que realmente aqui designasse a sua idade. Sendo assim, teria elle nascido em 1470.

tanto lyricas como dramaticas, nos diz elle não pudera alcançar copia; (IV) deste número foi provavelmente a farça intitulada *Caça dos segredos*, de que Gil Vicente fallava ao Conde do Vimioso. (1)

Tão longe estamos de reclamar para a nossa patria a honra da invenção das composições dramaticas da moderna Europa, que a consideramos como a ultima das nações cultas em qne esta arte foi introduzida. As *Egloglas* castelhanas de Encina, os *Mysterios* representados na Italia pela *Companhia Gonfalone* em 1440, os *Milagres* inglezes desde tempos remotos, e finalmente as *Farças*, *Moralidades* e os *Mysterios* Francezes representados em París pela *Confraria da Paixão* desde 1380, são factos em presença dos quaes emmudece qualquer patriotica parcialidade. É só do principio do seculo XVI que data entre nós a introducção de composições dramaticas com os primeiros ensaios de Gil Vicente. Debalde remontaremos nós até aos mais remotos tempos da monarchia em procura de alguma cousa que nos dê uma idéa do conhecimento desta arte entre nós antes daquella epocha.

Sendo isto assim, resta examinar de qual destas nações veio a Gil Vicente a primeira idea de composições dramaticas, ou se elle na

(1) Tom. III.

sua carreira não teve modelos e foi absolutamente original. Um sabio Academico, em uma erudita memoria sôbre o Theatro Portuguez, (1) admittindo a possibilidade da primeira hypothese, julga que a representação da vida de Christo por João Michel, podia bem ter sugerido ao poeta portuguez a *primeira* idea de composições dramaticas, e seria o fundamento desta conjectura a similhança entre o Mysterio do auctor francez, e o auto da Vida de Deos composto por Gil Vicente.

Ainda que, em parte, isto assim possa ser, e haja muita probabilidade de que o poeta conhecesse as composições francezas, como teremos occasião de dizer, comtudo é necessario convir em que o Castelhano Juan de la Encina, e não os Francezes, foi o modelo sôbre que Gil Vicente compoz as suas *primeiras* producções dramaticas. Embora se diga que as composições de Encina não passão de umas simples eglogas; o assumpto, a disposição, o estylo, em fim scenas inteiras imitadas, mostrão que estas eglogas são a mesma cousa que os *Autos Pastoris* de Gil Vicente, com diverso nome. Mas se o poeta portuguez, ao encetar uma carreira inteiramente nova para a sua nação, seguio as pisadas do poeta hespanhol, bem depressa, arrebatado de sua creadora imaginação, sahio do

(1) Mem. da Acad. Real das Sciencias, Tom. V, Parte II, pag. 42.

acanhado terreno a que este o conduzira, deixando não só a perder de vista seu antecessor e mestre, nas mesmas composições em que o tinha tomado por modelo, mas abrindo na Hespanha uma nova carreira neste ramo da litteratura, em que depois o famoso Lope de Vega adquirio tão grande reputação. Que Juan de la Encina era muito conhecido em Portugal, e que os contemporaneos de Gil Vicente o consideravão como seu primeiro modelo, mostra por palavras nada equivocas Garcia de Resende, quando diz na sua Miscellanea :

E vimos singularmente
Fazer representações,
D'estilo mui eloquente,
De mui novas invenções :
Elle foi que inventou
Isto *cá*, e o usou
Com mais graça e mais doutrina,
Posto que Joam del Enzina
O pastoril começou.

Porém nas obras de devação de Gil Vicente ha visivelmente mais de um genero de composições dramaticas : pelo menos é facil distinguir entre os *Autos pastoris*, que em si mesmo tem o cunho da poesia hespanhola, e as peças biblicas do genero dos Mysterios de origem franceza ou italiana e destas nações levados a toda a parte da Europa.

A este ultimo genero parece pertencer a *Historia de Deos*, o *Auto da Cananea*, o *da Alma* e talvez *as Barcas*. É possivel que Gil Vicente, uma vez empenhado na carreira dramatica, por suas proprias diligencias ou por intervenção da Côrte, viesse a deparar com as composições francezas. Com effeito, quem comparar qualquer destas peças, particularmente a Historia de Deos com os Mysterios representados em França, poderá achar algum fundamento para esta conjectura. Assim estes titulos e dignidades de que o poeta reveste os differentes diabos que põe em scena, mais parecem formar uma especie de systhema adoptado por todos aquelles que tractarão similhantes assumptos, do que casual invenção do poeta portuguez. Se nos Mysterios francezes Lucifer é sempre o Principe dos demonios, em Gil Vicente é o Maioral do Inferno; na peça portugueza Belial é chamado Meirinho da Côrte infernal, nos Mysterios o vemos designado por *Procureur des Enfers*, e em ambas as partes mostra um caracter igualmente violento, em opposição á astucia de Satanás, que assim no auto portuguez como nos mysterios francezes é encarregado por Lucifer de tentar tanto os homens como a Christo. É tambem digno de se notar que na peça de que estamos fallando, deixa Gil Vicente a versificação nacional e se aproxima da Franceza. (VI) Se for necessario para tornar mais plausivel esta conjectura accrescentar

que Gil Vicente conhecia a lingua franceza, o seu auto ou farça da Fama o demonstrará.

Em quanto ás outras composições de Gil Vicente, se ellas forão invenção propriamente sua, ou se teve modelo a quem imitasse, não nos parece facil resolver. É certo que ja em 1517 sahíram impressas em Napoles algumas comedias de Bartolomeu Torres Naharro, mas de uma comparação entre as composições destes dous auctores não resulta convicção de que elles se conhecessem reciprocamente, ou seja que ambos tiverão um modelo commum, ou que casualmente se encontrassem no mesmo genero de composições.

Mas se Gil Vicente não foi o inventor do drama moderno, se a honra dessa primazia litteraria não pertence á nação portugueza, póde ella gloriar-se de ter produzido um engenho que não so, dentro de alguns annos a trouxe ao nivel, nesta arte, das outras nações da Europa, exercitando-se elle só em quasi todos os generos de drama que em Italia, França, Inglaterra, e Hespanha tiverão suas epochas distinctas e que lentamente se forão succedendo uns aos outros por espaço de dous seculos, e occupando cada um delles exclusivamente a vida inteira de muitos poetas; mas ainda excedeo seus predecessores e contemporaneos em alento poetico, originalidade, e interesse que soube dar a suas variadas composições. E nisto consiste a verdadeira gloria da nossa nação; os Portugue-

tes o podem proclamar com um nobre orgulho, que não tendo povo algum moderno tão arduas e prolongadas batalhas a pelejar, nem tão formidaveis inimígos para suas forças a combater, como a nação portugueza, afim de conquistar e assegurar a sua independencia, o que forçosamente lhe houve de retardar o progresso de toda a litteraria cultura, póde não so, no espaço de poucos annos, discorrer as differentes provincias das letras, de longo tempo cultivadas n'outras nações, mas ainda de as alcançar na sua avançada carreira. Que futuro não aguardava uma nação a quem a Inquisição, os Jesuitas e um tyrannico jugo de sessenta annos não viesse neutralizar tão generoso impulso!

E' tradicção entre os litteratos que Erasmo, que tinha em grande conta o talento de Gil Vicente, declarára que era elle o poeta do seu tempo que melhor tinha imitado a Plauto. Póde bem ser que a perspicacia de Erasmo achasse grande similhança entre os dous engenhos, e dissesse que o poeta portuguez houvera sido um Plauto se vivesse em Roma no setimo seculo da sua fundação; mas que o philologo de Rotterdam reconhecesse em Gil Vicente o discipulo do comico latino, não é crivel. Com effeito, se a sua inculta e desleixada musa apresenta muitas vezes admiraveis rasgos d'engenho, que a arte não cria, mas só póde moderar, debalde se procurará nelle o menor rasto

das regras dramaticas observadas pelos comicos antigos.

Porém esse mesmo desprezo ou antes essa mesma ignorancia dos preceitos d'Aristoteles e Horacio foi por ventura a fortuna de Gil Vicente. Houvera elle lido e meditado os modelos da antiguidade, fòra sim mais correcto, mais judicioso, mais regular; mas talvez hoje não soubessemos que os nossos maiores possuiram entre si um genio original: a erudição, inimiga da originalidade, tem deprimido mais de um talento poetico. Por isso nós não estranhamos nem sentimos encontrar em Gil Vicente essa falta de unidades: ja ellas tiveram mais ardentes sectarios que hoje. E verdade que o poeta no auto da Historia de Deos, chama successivamente a scena todos os Patriarchas desde Adão até Jesu Christo; que na comedia de Rubena o espectador vê nascer a heroina em Hespanha, de cinco annos pastorar gado, de quinze transportada a Creta e ahi casar: isto são defeitos sem dúvida, mas não daquelles de que a critica deva occupar-se quando se tracta de um autor do seculo e situação de Gil Vicente — Mas que? não vemos nós nestes tempos em que vivemos applaudir essas mesmas incongruidades? A Comedia de Rubena não é outra cousa mais que o que presentemente os romanticos chamam Quadros ou Paineis dramaticos, e um moderno auctor a teria intitulado: *Paineis dramaticos da vida de uma mu-*

lher. Assim é que Johnson julga ter posto Shakspeare a cuberto dos tiros da critica, dizendo que as suas peças irregulares (e neste numero entram as suas mais sublimes composições) não são tragedias nem comedias, mas um genero de drama distincto, que o seu mesmo auctor intitulou *Historias* (histories). (1) Porém o immortal tragico do Avon não carece destas distincções escholasticas para conservar o seu logar acima de todos os classicos. Além disso, em muitas das composições de Gil Vicente, em que estas incongruidades parecem mais absurdas, como quando junta em dialogo personagens da historia pagan ou fabulosas com os Patriarchas e anjos, ou quando põe em contacto pessoas que viveram em mui diversos tempos, nunca devemos perder de vista a idéa que occupava o poeta, que era personificar ou symbolizar, por meio desses nomes alguma idéa abstracta e fazer mais viva impressão no animo dos espectadores. Assim, quando Heitor, Achilles, Annibal, e Scipião apparecem em scena para exhortarem os Portuguezes á guerra, a impressão causada por seus discursos devia ser mui mais penetrante do que sendo estes postos na boca de entes mais abstractos, como a Fortaleza, o Valor, a Heroicidade; e aqui são taes personagens tão allegoricas como no auto da Mofina Mendes, a Prudencia, a Pobreza, a

(1) Johnson, life of Shakspeare.

Humildade e a Fé. O mesmo acontece no auto da Sibyla Cassandra. O poeta querendo fazer sobresahir a presumpçosa confiança de Cassandra e seu soberano desprêzo pelo matrimonio, faz-lhe regeitar com desdem as proposições do mais rico e do mais sabio de quantos homens tem existido — de Salomão, que elle não designa com o titulo de rei, mas do *pastor* Salomão, porque o seu fim é só symbolizar neste nome o summo gráo da opulencia e sabedoria. Mas assim como acolá empregou nomes profanos para um assumpto profano, aqui emprega um nome biblico para um objecto religioso.

Mas quereremos nós com isto dizer que não abstrahindo do seculo em que o poeta viveo e do ponto de vista em que elle concebeo suas composições, tocára elle, no que nos deixou, as raias do seu engenho? De certo que não; o talento de Gil Vicente foi muito superior ao merito, mesmo relativo, de suas composições. A grande superioridade da sua Farça de Inez Pereira sobre o resto de suas composições bem manifesta que elle nem sempre teve obras de empenho e despique a compor. Nella é verdade se encontram ainda esses defeitos d'arte, mas em trôco temos caracteres traçados com uma verdade e observação, que só ao verdadeiro talento é permittido; temos uma disposição meditada, tendendo a um desfecho, incidentes e situações comicas e muito conhecimento do coração humano. Com que arte o não vemos sa-

hir desses mesmos labyrintos em que elle se metteo? Outro qualquer teria cahido nas mesmas irregularidades, quando chegasse a occasião de se descartar do Escudeiro, que o embaraçava de chegar ao seu fim, mas talvez não tivesse a idéa de dar o último toque ao caracter do covarde rufião, como com uma admiravel simplicidade fez Gil Vicente na carta em que o irmão de Inez lhe participa a morte do marido:

..... Sabei que indo
Vosso marido fugindo
Da batalha para a villa,
Meia legua de Arzilla,
O matou um Mouro pastor.

Mas se investigarmos quaes foram as causas que impediram o desenvolvimento de que o estro de Gil Vicente era capaz, talvez acharemos as princípaes no genero de composições que elle se vio obrigado a tractar, e o circumscripto circulo de seus espectadores. As peças de Gil Vicente se podem dividir em tres classes: dellas, umas eram compostas para celebrar uma noite de Natal, outras para festejar o nascimento ou casamento de um principe, outras para servir de entretenimento nos celebrados serãos da Côrte de Portugal. A primeira classe, a que pertencem os autos, deu Gil Vicente toda a latitude de que taes composições eram capazes, e muitas vezes sahio

o verdor e luxo da natureza, povoado de ingenuos e contentes pastores, que respiram a innocencia, a alegria, a satisfação, o ar do campo, em seus jogos, em suas danças e cantigas, e em sua jovial simplicidade? A quem não deleitarão estas formas livres e faceis, a gala e soltura desta poesia eminentemente nacional, em cadentes e harmoniosas redondilhas, que se vão imprimindo na memoria ao passo que se recitam? O pathetico, o pomposo, não é empregado com menos felicidade por Gil Vicente. Nas Tragicomedias de D. Duardos e Amadis, assim como no bellissimo monologo de Rubena se encontram affectos exprimidos com uma tal energia e delicadeza, imagens de tão extremada galhardia e formosura, que so nos fazem sentir que o poeta não se entregasse mais a este estylo e que enriquecesse com taes bellezas uma lingua estranha.

Se do merito litterario das producções do nosso poeta passamos a olhá-las debaixo d'outros pontos de vista, pelo lado moral e historico, ainda o seu merecimento será muito relevante. Não suppomos que Gil Vicente considerasse a moralidade dramatica como uma condição da comedia, antes julgamos que elle so teve em vista o agradavel; porém como o homem é naturalmente mais inclinado a rirse que a commiserar-se dos vicios e defeitos de seus similhantes, tornão-se estes, materiaes indispensaveis da comedia. Assim se encontra no

poeta um usurario logrado por um cavalleiro de industria, um ministro prevaricador, por uma moça ladina; rediculisado o pedantismo d'um medico; a astrologia judiciaria, ainda em todo o vigor no tempo de Gil Vicente, cuberta de ridiculo com uma graça e sal inimitavel; emfim a soberba dos grandes e poderosos abatida. Na propria presença da côrte se fazem as mais amargas recriminações contra os Reis por suas tyrannías; e a mesma côrte não está a cuberto de seus sarcasticos gracejos. (1)

Porém classe nenhuma foi tão perseguida por Gil Vicente como os frades. Este foi o foco em que se concentrou toda a energia, mordacidade, acrimonia da sua pungente satyra. Foi esta a unica classe que elle atacou por odio e por systhema, que procurou e acometteo de todos os lados. Não é preciso apontar logares; não ha peça em que elles não sejam o alvo de seus tiros. E aqui se offerece naturalmente uma observação: — como é que o fanatico D. João III, o introductor dos Jesuitas e da Inquisição em Portugal não so tolerava, mas se ria dos ataques que a lepida musa de Gil Vicente fazia contra uma classe que completamente o dominou? O caso é que

(1) Veja-se na Farça do Clerigo da Beira a falla do Clerigo que principia "Medraria este rapaz." Tom. III.

os padres ainda se não tinham tornado omnipotentes; os homens illustrados ainda ousavam manifestar os receios que depois se vieram a verificar; mais tarde Gil Vicente se teria limitado a odiá-los em silencio: ja Camões no seu tempo achava prudente não se embaraçar demasiado com elles:

« Mas passo esta materia perigosa »

diz elle nos immortaes Lusiadas. Que chistosas vaias, que surriadas não daria Gil Vicente se assistisse em nossos dias á queda deste descommunal colosso!

Alem do interesse litterario que encerram as obras de Gil Vicente, é importantissima a sua conservação como um documento para a historia de seus tempos. Nellas se veem retractados melhor que em nenhum dos nossos antigos escriptores, os costumes, os usos, as crenças e as superstições de nossos maiores; a cada passo se acham provas de como o espirito publico estava identificado com as grandes emprezas que então occupavam Portugal e o faziam a admiração do mundo: as conquistas na Asia e na Africa, o aperfeiçoamento da navegação, a ousadia de nossos navegantes, o valor heroico de nossos guerreiros, eram o scopo ordinario das conversas da praça e da familia.

Em quanto ao maquinismo e decorações theatraes com que se representavam as peças de Gil

e, pouco se alcança de suas obras. Gar-
Resende diz que a Tragicomedia *Cortes*
iter fôra representada com toda a pom-
nagnificencia. (VII) Porém attendendo
s invenções e estupendas maquinas que
am no reinado de D. João II por occa-
as festas do casamento do Priucipe D.
o, descriptas extensamente por Resende
de Pina, se póde fazer uma idéa do ap-
com que foram postas em scena algumas
s composições, como o *Triumpho do In-*
em que o poeta deu a seus espectado-
a vista de mar, com navios e com toda
ısão d'uma tormenta. (VIII)
m lançado o fundamento do nosso thea-
r um engenho tão superior, estava aber-
strada para que seus successores, corri-
progressivamente os inevitaveis defeitos
ulo e da novidade, e approveitando o
que ahi havia a approveitar, levantas-
edificio de um Theatro nacional. E com
alguns appareceram que seguiram as pi-
le Gil Vicente, como o Infante D. Luiz,
io Prestes, Braz de Rezende, os dous ir-
Antonio e Jeronymo Ribeiro Chiado,
que Lopes e Jorge Ferreira de Vascon-
o mesmo Camões se não dedignou de
tar debaixo das suas bandeiras. Mas este
penhado em mais elevados assumptos,
os por falta de um transcendente ta_
lramatico, mais copiaram que corrigi_

ram o seu modelo. Tambem a eschola classica appareceu então em Portugal representada por dous grandes poetas, Sá de Miranda e o Doutor Antonio Ferreira; mas estes com um limitadissimo numero de producções, e alem disso demasiado preoccupados da douta antiguidade, não puderam exercer consideravel influencia sobre este ramo da litteratura. Oxalá Gil Vicente tivesse apparecido depois de todos elles; seria elle o reformador do nosso theatro, e verdadeiramente o nosso Plauto.

APPENDIX.

Os dous seguintes documentos devem conservar-se como os unicos authenticos para a historia de Gil Vicente.

I.

Privilegio.

Eu ElRei faço saber aos que este alvará virem, que Paula Vicente, moça da Camara da muito minha amada e prezada tia, me disse que ella queria fazer emprimir hum livro e cancioneiro de todas as obras de Gil Vicente seu pay, assi as que até ora andárão empremidas pelo meudo, como outras que o ainda nam foram. Pedindo-me que ouvesse por bem, que por tempo de dez annos nam podessem emprimir nem vender o dito cancioneiro, senam ella, e

as pessoas a que ella pera isso désse licença: e que as ditas obras meudas do dito seu pay que até ora andárão empremidas se nam podessem mais empremir, nem vender pelo meudo. E visto seu requerimento, e por alguns justos respeitos que me a isto movem, ey por bem, e me praz que fazendo ella emprimir o dito cancioneiro de todas as obras do dito seu pay — Empressor algum, nem outra algũa pessoa possa em meus Reynos e Senhorios emprimir, nem vender o dito cancioneiro, nem trazelo de fóra do Reino a vender sem consentimento e licença da dita Paula Vicente, e isto por tempo de dez annos somente, que começaram da feitura deste alvará. Emprimindo, ou vendendo algũa pessoa o dito cancioneiro nos ditos meus Reynos e Senhorios, ou trazendo-o de fóra delles a vender como dito he dentro no dito tempo de dez annos sem licença da dita Paula Vicente, perderá todos os volumes que delles lhe forem achados, e pagarão cincuenta cruzados, ametade pera a minha Camara, e a outra ametade pera quem os acusar. E assi me praz que daqui em diante polo dito tempo de dez annos se nam possão emprimir nem vender polo meudo obras algũas do dito Gil Vicente que estiverem no dito cancioneiro sob a mesma pena acima declarada. E mando a todas as minhas justiças, officiaes e pessoas a que o conhecimento deste pertencer que cumpram e guardem inteiramente este alvará, como se nelle contém, o qual ey por bem que valha, e tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome, por mi assignada e passada pela minha Chancellaria sem embargo da ordenaçam do segundo livro, quarto, vinte, que diz que as cousas cujo effeito ouver de durar mais de um

anno passem por cartas, e passando por palavra não valhão. E valerá este outro si, posto que nam seja passado pola Chancelaria sem embargo da ordenaçam que manda que os ~~meus~~ alvarás que nam forem passados pela Chancelaria se nam guardem. Jorge da Costa o fez em Lisboa a tres dias de Setembro de mil quinhentos e sessenta e um. Manue da Costa o fez escrever. E cada volume do dit Cancioneiro se nam poderá vender por mais de hũ cruzado E este alvará se trasladaraa e imprimira no principio do dito Cancioneiro.

Raynha.

II.

Prologo dirigido ao mui alto e poderoso Rei noss Senhor D. Sebastiam o primeiro do nome por Luis Vicente.

He tão gloriosa cousa, altissimo Rei e Senho nosso, a fama daquelles que a tem e a tiverão, qu a toda pessoa geralmente faz desejo de a acrecentar, e resuscitar suas obras: e assi o fazem muitos huns com contarem em pratica suas cousas, outro com escreverem suas obras, outros trabalharem qu venhão á noticia de todos com as imprimirem, como foi aquelle que apurou, e alimpou e fez que fo sem vistas e achadas as cousas de Homero, porque se elle nam fôra, perderam-se, e outros que tomárão a seu cargo o trabalho de serem pregoeiros da quelles que escrevêrão, e fizerão obras dinas de se rem apregoadas, sem outra obrigação mais que so mente a curiosidade que tinhão de quererem qu *se não perdesse* a fama de grandes homens. Quer

dizer, que se estes não lhe indo nisso nada, o fizerão assi, que farão aquelles a que bate á porta a obrigação de seus antepassados, que suas obras são desejadas virem á noticia de todos? E ainda que as obras de meu pay não tenhão tamanho merecimento como tiverão as d'outros poetas antigos e modernos, tão celebrados em todo o mundo: todavia, ainda que as deste livro fiquem muito abaixo destas; por serem cousas algũas dellas feitas por serviço de Deos e todas em serviço de vossos avós, e de que elles muito gostárão, era rezão que se imprimissem. E porque sei que ja agora nessa tenra idade de V. A. gosta muito dellas, e as lê e folga de ouvir representadas, tomei a minhas costas o trabalho de as apurar e fazer imprimir sem outro interesse, senão servir V. A. com lh'as dirigir, e cumprir com esta obrigação de filho. E porque sua tenção era que se imprimissem suas obras, escreveu por sua mão e ajuntou em hum livro muito grande parte dellas, e ajuntára todas, se a morte o não consumira. A este livro ajuntei as mais obras, que faltavão e de que pude ter noticia. E porque o prologo que adiante vai dirigido a elRei vosso avô, que haja gloria, não houve effeito; esse como o livro todo offereço a V. A. a quem nosso Senhor acrecente e prospere a vida e estado por muitos annos.

III.

Desta illustre Princeza diz um seu biographo: « Se dió á la lengua latina, en que hizo tales progresos, que á poco tiempo, socorrida de su docilidad y talento, la escribia y hablaba como si fuera materna; lo mismo le sucedió con la griega. »

(Pacheco, *Vid. de la Inf. D. Maria.*)

E Macedo, nas Flores de España: « En la poesia fue insigne: escribió en Latin y tenia perpetuamente academia de mugeres doctas. »

IV.

Que muitas obras de Gil Vicente se perdêrão, se vê do Prologo dirigido por seu filho Luiz a D. Sebastião; onde diz: « A este livro ajuntei as mais obras que faltavão, de que pude ter noticia. » A respeito das obras meudas mais claramente o dizia elle no fim do Liv. V. por estas palavras: « Fim do quinto livro o qual vai muito carecido destas obras meudas, porque as mais das que o autor fez desta qualidade se perdêrão. »

V.

Assim a celebra o Padre Reis nos seus Enthusiasmos poeticos. N.º 66, comparando-a com a mulher de Lucano:

. . . . Paula parentem
Oegidium sociat nunc celso in vertice Montis,
Quem juvisse ferunt, sicut olim Pola maritum
Scribentem juvit Lucanum.

VI.

A seguinte scena de Encina é visivelmente o modelo de outra de Gil Vicente, no seu primeiro auto pastoril a pag. 14 do 1.º vol.

JUAN.

. . . .
Hora juguemos! ANT. Juguemos.

MIGUELEJO.
Y á qué juego, compañones?
RODRIGACHO.
Juguemos pares y nones.
JUAN.
Ahotas, que bien haremos.
ANTON.
Comenzemos.
JUAN.
Qué les dices? ANT. Juri á ños,
Nones digo. JUA. Dá cá dos.
ANTON.
Cata, que no trampillemos!
RODRIGACHO.
Qué les dices, Miguelejo?
MIGUELEJO.
Pares les digo. ROD. Perdiste!
JUAN.
Al diabro te dó por triste!
Ya pones el sobrecejo?
RODRIGACHO.
Cuando viejo,
muy ruin gesto has de tener:
por tres castañas perder
reniegas de san conejo.
MIGUELEJO.
Qué les dices, Rodrigacho?
RODRIGACHO.
Asmo, que digoles pares.
MIGUELEJO.
Al diabro tales jugares.
RODRIGACHO.
Hora ganéte buen cacho.
Don muchacho,

poquito sabes de juegos:
no te aprovechan reniegos;
cata que soy hombre macho.

JUAN.

Nunca acabaremos hoy:
debemos juego mudar.

RODRIGACHO.

Y á qué podremos jugar?

ANTON.

Miafé, á vivo te le doy.

MIGUELEJO.

Yo no soy
en jugar juego tan ruin:
mas juguemos al trentin
que muy desgraciado estoy.

EL ANGEL.

Pastores, no hayais temor!
que os anuncio gran placer:
sabed que quiso nacer
esta noche el Salvador
Redentor
en la ciudad de David.
Todos, todos le servid,
que es Cristo nuestro Señor &c.

Compare-se a cantiga com que Gil Vicente fecha a sua *Tragicomedia dos Aggravados*, com a seguinte composição com que finaliza uma das Eglogas de Juan de la Encina:

Villancico.

Gran gasajo siento yo,
huihó!

Yo tambien soncas que ha,
huihá!
pues aquel que nos crió
por salvarnos nació ya:
Huihá, huihó!
que aquesta noche nació.
Esta noche al medio della
cuando todo estaba en calma,
por nos alumbrar el alma
nos nació la clara estrella:
clara estrella de Jacó,
huihó!
alegrar todos que ha,
huihá!
pues aquel que nos crió &c.
En Belen nuestro lugar
muy gran calor relumbrea,
yo te juro que aquesta aldea
por el mundo ha de sonar:
porque tal fruto nos dió
huihó!
gran honra se le dará
huihá!
pues aquel que nos crió &c.
Una virgen concibiera
sin simiente de varon,
y virgen sin corrupcion
al hijo de Dios pariera,
y despues virgen quedó,
huihó!
gran memoria quedará,
huihá!
pues aquel que nos criò &c.
Una virgen de quince años

morenica de tal gala,
que tan chapada zagala
no se halla en mil rebaños:
nunca tal cosa se vió,
huihó!
ni jámais fue ni será,
huihá!
pues aquel que nos crió &c.
Vámonos de dos en dos,
aballemos á Belen,
porque percancemos bien
quien es el hijo de Dios:
gran salud nos envió,
huihó!
aquel, que en Belen está,
huihá!
pues aquel que nos crió &c.
Ya rebulle la mañana,
aguijemos que és de dia,
preguntemos por Maria
una hija de Santa Ana,
que ella ella lo parió,
huihó!
vamos, vamos andallá,
huihá!
pues aquel que nos criò,
por salvarnos nació ya:
huihá! huihó!
que aquesta noche nació.

VII.

Eis-aqui alguns extractos dos antigos Mysterios francezes que aqui se transcrevem para habilitar o leitor a fazer o seu juizo sobre as ob-

servações que fizemos no texto; o seguinte é de um antigo Mysterio manuscripto, que Bouterweck nos fornece na sua historia da Poesia e Eloquencia Franceza. Lucifer falla aos espiritos infernaes:

« Parles-tu point, Sathan accusateur,
« Persécuteur de tout humain lignaige?
« Toi Bélial *nostre Grand Procureur*,
« Faulx rapineur, infame detracteur,
« Et inventeur de larcin et pillaige? »

Neste segundo extracto de uma composição mui posterior á antecedente, e de um contemporaneo de Gil Vicente, se observa a mesma divisão de caracteres entre os diabos interlocutores: a supremacia de Lucifer, o orgulho, e os titulos de Belial ainda aqui são conservados. A composição é de Luiz Chocquet, e foi representada em Paris, no *Hôtel de Flandres* em 1541, e impressa no mesmo logar e data. Mais extensos extractos deste raro livro se achão no Diccionario de Bayle, artigo *Chocquet*, donde tiramos os seguintes:

Resposta de Satanás a um discurso de Lucifer:

« *Prince d'Enfer*, tes cris as faict estendre
« Si tresavant qu'ils sont venus descendre
« Jusques au fons de noires regions:
« Nos vils manoirs tu as presque faict fendre:
« Que te fault-il? Es tu prest de te pendre?
« Diables sont hors par grandes legions &c.

Discurso de Lucifer:

« Haro, Haro, approche toy grant Dyable,
« Approche toy Notaire mal fiable,
« *Fier* Bélial, *Procureur des Enfers*;

« Si tu ne fais ung faulx traict desnoyable,
« Nous perdons tout le genre humain saluable,
« Et demeurons seuls enchaynez en fers.

VIII.

Eisaqui o logar a que se refere o texto:

« E as danças acabadas, se começou huma « muito boa e muito bem feita comedia, de mui- « tas figuras, muito bem ataviadas, e muy natu- « raes, feita e reprezentada ao cazamento e par- « tida da Senhora Jnfante; couza muito bem or- « denada, e com ella acabada se acabou o seram. »

(G. de Resende, Hida da Infante D. Beatriz para Saboia.)

IX.

A seguinte passagem fará conceber uma grandiosa idea do maquinismo dos nossos antigos. Foi em 1481 que se fizeraõ estas memoraveis festas.

« E á terça feira logo seguinte, houve na sal- « la da madeira excellentes e mui ricos momos, an- « tre os quaes ElRei, pera desafiar a justa que ha- « via de manteer, veeo primeiro momo, envencio- « nado cavalleiro do cirne com muita riqueza, gra- « ça e gentileza, porque entrou pelas portas da sal- « la com hũa grande frota de grandes naoos, met- « tidas em pannos pintados de bravas e naturaes on- « das do mar, com grande estrondo d'artelharias que « jogavam, e trombetas e atabales e ministrees que « tangiam, com desvairadas gritas e alvoroços d'a- « pitos, de fingidos Mestres, Pillotos e Mareantes « vestidos de brocados e sedas, e verdadeiros e ri- « cos trajos Alemães. »

(Ineditos da Hist. Portug., Chron. de D. João II, por Ruy de Pina, pag. 126.)

TABOA GLOSSARIA

MOSTRANDO A SIGNIFICAÇÃO CONJECTURAL DE ALGUNS TERMOS ANTIQUADOS E RUSTICOS, PORTUGUEZES E CASTELHANOS, QUE SE NÃO ENCONTRAM NOS MELHORES DICCIONARIOS DAS DUAS LINGUAS.

Os vocabulos castelhanos vão em italico.

A.

Abem	ora pois, bem.
Abellota	bellota.
Abiso, abisso	abismo.
Afemençar	ver, enxergar.
Afficio	officio.
Alcapetor, ou alcupetor (1)	hum peixe.
Algorrem	algũa cousa.
Alinde	enfeite.
Alinho	trabalho, canceira.
Almozo	almuerzo.
Añacear	holgar.

(1) D'ambas as maneiras se acha escripta esta palavra no nosso Poeta e nunca "alcupretor" como diz Moraes, citando Gil Vicente.

Apero ... ... modo, manera.
Arabia ... ... habla confusa.
Arço... ... ... ardo.
Arnellas ... ... dentes.
Arrayado ... ... arreado, adornado.
Atá, atás, a és ... ... até.
Atabobado !... ... ... loco de admiracion.
Atijo... ... ... cordel.

B.

Badeones (melones)... badeas.
Bayones ... ... eneas ó espadañas.
Barzoneiro ... ... vadio.
Basto (a) ... ... em abondancia.
Bebarro ... ... beberrão.
Borrega ... ... especie de danza.
Brego ... ... brega, pendencia.
Bugera ... ... bugía.

C.

Cainçada ... ... barulho causado pelo latir de muitos cães.
Cáfara ... ... arisca, esquiva.
Cajuso ... ... por acaso.
Calabreada ... ... embuste, enredo.
Cant'eu ... ... quanto a mim.
Capelladas ... ... manteadellas.
Carapetento... ... ... embusteiro, inclinado a mentir.

Carafate	calafate.
Celuras	zelos.
Chapeirão	vestido comprido, especie de capote?
Ciesto, ciesta	cesto, cesta.
Claror	clarão.
Clima *(femenino)* ...	
Coinchar	grunhir o porco.
Coleo	colegio.
Coma	como.
Consento.	sinto.
Contia	valor, preço.
Cordiaca.	enfermidade de coração.
Crigo	clérigo.

D.

Damado.	querido, amante.
Deschucio	desahucio.
Defengules	dissimules.
Desfarrapado	desarrapado.
Desferir...	largar las velas.
Desingulas	dissimulas.
Despipitar (los sentidos	apurar.
Dexemo...	demo.
Doairo	inclinação, fadario?
Di	diz *(imperat.)*
Doma	semana.
Dominguejo...	dominguero.

E.

Embelecar-se	enganar-se.
Emperol	porém, todavia.
Empipinar	illudir.
Empresentado	de presente, em offerta.
Emque	ainda que.
Enfarar-se	enfadar-se.
Engar	embirrar, ateimar.
Enho, a...	meu, minha.
Encaramillarse... ...	elevarse.
Enselada...	especie de cantiga.
Ensoar	pôr em musica.
Entances	então.
Entirrado	teimoso.
Entirrado	obstinado.
Entanamientes	entretanto.
Ervilhar...	enlouquecer.
Escarnefuchar	escarnecer, mofar.
Escoparo...	escopro.
Escosido...	traspassado, varado.
Escurana	escuridão.
Espirado	inspirado.
Estortegar	deslocar.
Estrena	sorte, hado.
Estronomia	astronomia.

F.

Faes...	fazes.

Farnesia...	frenezi.
Ferrar	lançar ferros.
Fersura...	forçura.
Fim *(femenino)*.	
Finto	findo.
Fiñita	busca, pretende.
Folão (cavallo)	fogoso.
Fór (á)	á moda.
For (á)	á fuer, segun estilo ó costumbre.
Fortunoso	desafortunado, perseguido da fortuna.
Friasco (adj.)	frio.

G.

Galajo (círculo)	zodíaco.
Geitar	lançar.
Genelosía...	genealogía.
Generacio	generacion.
Gentar	jantar.
Gerecido...	gerado.
Gestadura	gesto, semblante.
Gingrar	mofar, escarnecer.
Gingreta...	burla, mofa.
Gorgomileiras	gorgomilos.
Gravisca	grave, esquiva.
Grolla	gloria.
Guaroupaz	gurupés.
Guarra	alarido de dor.

H.

Hace... ... ... haz.
Hétego ... ... ethico.
Hervilhar ... ... enlouquecer.
Huja... ... ... uga, peixe.

I.

Ieramá ... ... ma ora.
Increos ... ... infieis, incredulos.
Ingrillando ... ... aguzando.
Inoto... ... ... ignoto.
Iñorar ... ... ignorar.

J.

Jacer... ... ... yacer.
Jantar ... ... comida.
Jeitar ... ... lançar.

L.

Lacer ... ... laceria.
Lavrandeira ... ... costureira.
Lavrar ... ... costurar.
Lena... ... ... blandura.
Letijo ... ... letigio.
Lletrudo... ... ... letrado.
Llugo ... ... luego.
Luxar-se... ... ... çujar-se.

M.

Marchante … … …	mercador.
Mágines … … … …	imágines.
Manguispanado … …	con mangas escasas ó rotas.
Mal avesinho … …	com ma visinhança?
Marmeluta … … …	remela?
Mártel … … … …	martyr.
Marrar … … … …	faltar?
Meleño … … … …	lúgubre, terrible.
Metá… … … … …	metade *por* meio.
Minte … … … …	mente.
Motrete de pão … …	pedaço.
Mu (tomar o) … …	desconfiar.
Muitieramá … … …	muito na ma ora.

N.

Nego / Nega … … … …	senão.
Negregoso … … …	negro, escuro.
Nessora … … … …	immediatamente, no mesmo instante.
Nifrerias… … … …	malos tratos.
Novelo … … … …	nuevo.

O.

Offegoso … … … …	que tem offego.
Oja … … … … …	uma ave.
Ouvo … … … …	ouço.

P.

Pação / Paceiro	cortezão, homem da côrte.
Panadeira	padeira, do Hesp. *panadera*, ou mulher que peneira?
Papear	cochichar, ou fallar baixo, percebendo-se apenas o movimento dos beiços?
Partuno...	importuno.
Patornear	conversar, dar á lingua.
Pegullal...	pegujal.
Pellctrar...	penetrar.
Perem	porém.
Perol	porém, todavia.
Perneta	planeta.
Pertem	pertence.
Pinceos (fallar per)...	por figuras?
Placentorio	placentero.
Pratel	pratos (instrumento)? pandeiro?

Q.

Quellotrotarse	enquillotrar-se.
Ques...	queres.

R.

Ralear	remoer, raivar.
Rebentinha	raiva.
Rebuchudo	rechonchudo, roliço.
Regello	agua helada.
Regno	reino.
Rellea	ralea.
Retina	retine.
Revellada } *Revellencia* }	reverencia.
Riedro	hácia tras.
Rifanazo	puñado.
Rosmear...	resmungar.

S.

S...	*scilicet*, a saber.
Sam } Som } São } Sejo }	sou.
Sages	prudente.
Salvanor	com o devido respeito.
Samão (signo)	salomão.
Senhos	diversos, varios.
Ses	es.
Sezon	cuartana.
Sia	é.
Sigro	seculo.
Sillas	artes más, manhas?

Soadeiros	lenços d'assoar?
Sóes, ou sóis...	somente.
Solombra	sombra.
Soma	emfim.
Soncas	por cierto.
Sorraba	surra?
Suaceder...	suar.
Supitaño...	subitaneo.

T.

Tá	até.
Ta	*pron.* tua; *interj.* te mão.
Tamanino	bocadinho.
Término (adj.)... ...	extremo.
Tenchar...	chantar.
Tónica	son harmónico.
Toste...	presto.
Trepas	folhos de vestido.
Tristoño...	lúgubre, sombrio.

V.

Veairo	loucura?
Via	ea.
Vido...	vió.
Vonda	basta.

OBRAS

DE

GIL VICENTE.

LIVRO I.

DAS

OBRAS DE DEVAÇÃO.

Porquanto a obra de devação seguinte procedeu de hũa visitação, que o autor fez ao parto da muito esclarecida Rainha Dona Maria, e nascimento do muito alto e excellente Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome; se põe aqui primeiramente a dita Visitação, por ser a primeira coisa, que o autor fez, e que em Portugal se representou, estando o mui poderoso Rei Dom Manoel, e a Rainha Dona Beatriz sua mãe, e a Senhora Duqueza de Bragança, sua filha, na segunda

noite do nascimento do dito Senhor. E estando esta companhia assim junta, entrou um vaqueiro, dizendo:

Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada,
Mas yo dí una puñada
Á uno de los rascones.
Empero, si yo tal supiera,
No veniera,
Y si veniera, no entrára,
Y si entrára, yo mirára
De manera
Que ninguno no me diera.
Mas andar, lo hecho es hecho:
Pero todo bien mirado,
Ya que entré neste abrigado,
Todo me sale en provecho.
Rehuélgome en ver estas cosas,
Tan hermosas,
Que está hombre bobo en vellas:
Véolas yo; pero ellas,
De lustrosas,
Á nosotros son dañosas.
(Falla á Rainha.)
Si es aqui adonde vo?
Dios mantenga si es aqui;
Que yo no sé parte de mi,
Ni deslindo donde estó.
Nunca vi cabaña tal,

En especial
Tan notable de memoria:
Esta debe ser la gloria
Principal
Del paraiso terrenal.
  O que sea, ó que no sea,
Quiero decir á qué vengo,
No diga que me detengo
Nuestro concejo y aldea.
Enviame á saber acá,
Si es verdá
Que parió Vuestra Nobleza?
Mi fe sí; que Vuestra Alteza
Tal está,
Que señal dello me da.
  Muy alegre y placentera,
Muy ufana y esclarecida,
Muy prehecha y muy lucida,
Mas mucho que dantes era.
Oh qué bien tan principal,
Universal!
Nunca tal placer se vió!
Mi fe, saltar quiero yo.
He, zagal!
Digo, dice, salté mal?
  Quien quieres que no reviente
De placer y gasagado!
De todos tan deseado
Este principe excelente
Oh qué Rey tiene de ser!
Á mi ver

Debiamos pegar gritos:
Digo que nuestros cabritos
Dende ayer
Ya no curan de pacer.
  Todo el ganado retoza,
Toda laceria se quita;
Con esta nueva bendita
Todo el mundo se alboroza.
Oh qué alegria tamaña!
La montaña
Y los prados florecieron,
Porque ahora se complieron
En esta misma cabaña
Todas las glorias de España.
  Qué gran placer sentirá
La gran corte castellana!
Cuan alegre y cuan ufana
Que vuestra madre estará,
Y todo el reino á monton!
Con razon,
Que de tal rey procedió
El mas noble que nació:
Su pendon
No tiene comparacion.
  Qué padre, qué hijo y qué madre!
Oh qué aguela y qué aguelos!
Bendito Dios de los cielos,
Que le dió tal madre y padre!
Qué tias, que yo me espanto!
Viva el príncipe logrado!
Qué él es bien aparentado!

Juri á Sanjunco santo.
  Si me ora vagára espacio,
Y de prisa no veniera,
Juri á nos que yo os diera
Cuenta de su generacio.
Será rey Don Juan tercero,
Y heredero
De la fama que dejaron,
En el tiempo que reinaron,
El segundo e el primero,
Y aun los otros que pasaron.
  Quedáronme allí detras
Unos treinta compañeros,
Porquerizos y vaqueros,
Y aun creo que son mas;
Y traen para el nacido
Esclarecido
Mil huevos y leche aosadas,
Y un ciento de quesadas;
Y han traido
Quesos, miel, lo que han podido.
  Quiérolos ir a llamar:
Mas segun yo vi las señas,
Hanles de mesar las greñas
Los rascones al entrar.

Entrârão certas figuras de pastores e offerecêrão ao Principe os ditos presentes. E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a

Rainha velha desta representação, que pedio ao autor que isto mesmo lhe representasse ás matinas do Natal, endereçado ao nascimento do Redemptor; e porque a substancia era mui desviada, em lugar disto fez a seguinte obra.

AUTO PASTORIL CASTELHANO

ENDEREÇADO ÁS MATINAS DO NATAL.

FIGURAS.

GIL. — BRAS. — LUCAS. — SILVESTRE. — GREGORIO. — MATHEUS.

Entra primeiramente um pastor inclinado á vida contemplativa, e anda sempre solitario. Entra outro, que o reprehende disso. E porque a obra em si dalli por diante vai mui declarada, não serve mais argumento.

GIL. Aqui está fuerte majada;
Quiero repastar aqui
Mi ganado; veislo allí
Soncas naquella abrigada.
Yo aqui estoy abrigado
Del tempero de fortuna.
Añublada está la luna,
Mal pecado,
Lloverá soncas priado.
  Quiero aqui poner mi hato,
Que cumpre estar añaceando,
Y andarme aqui holgando,
Canticando rato á rato.

Hucia en Dios, vendrá el verano
Con sus flores y rosetas;
Cantaré mil chanzonetas
Muy ufano,
Si allá llego vivo y sano.
Riedro, riedro vaya el ceño,
Aborrir quiero el pesar:
Comenzaré de cantar,
Mientras me debroca el sueño.
(Canta.)
« Menga Gil me quita el sueno,
« Que no duermo. »
BRAS. Dí, Gil Terron, tú qué has,
Que siempre andas apartado?
GIL. Mi fe, cuido, mal pecado,
Que no se te entiende mas.
Tú, qui andas siempre en bodas,
Corriendo toros y vacas,
Qué ganas tú, ó qué sacas
Dellas todas?
Asmo, asmo que te enlodas.
Solo quiero canticar,
Repastando mis cabritas
Por estas sierras benditas:
No me acuerdo del lugar.
Cuando, cara al cielo, oteo,
Y veo tan buena cosa,
No me parece hermosa
Ni deseo
Zagala de cuantas veo.
Andando solo magino,

Que la soldada que gano
Se me pierde de la mano
Soncas en qualquier camino.
Nesta soledad me enseno;
Que el ganado con que ando,
No sabré como ni cuando,
Segun sueño,
Quizá será de otro dueño.
  Conociste á Juan Domado,
Que era pastor de pastores?
Yo lo vi entre estas flores,
Con gran hato de ganado,
Con su cayado real,
Repastando en la frescura,
Con favor de la ventura:
Dí, zagal,
Qué se hizo su corral?
  Vete tú, Bras, al respingo,
Que yo desclucio del terruño.
AS. El crego de Vico-Nuño
Te enseñó eso al domingo.
Anda, anda acompañado,
Canta y huelga en las majadas;
Que este mundo, Gil, aosadas,
Mal pecado,
Se debroca muy priado.
.. Aunque huyo la compaña,
No quiero mal á pastor;
Mas yo aprisco mejor
Apartado en la montaña.
De contino siempre oteo,

Ingrillando los oidos,
Si daran soncas gemidos
De deseo
Los corderos que careo.

LUC. Hao! carillos! *(de longe.)*

GIL. Á quien hablas?

LUC. Á vosotros digo yo,
Si alguno de vos me vió
Perdidas unas dos cabras?

GIL. Yo no.

BRAS. Ni yo.

LUC. Á Dios pliega!

GIL. Como las perdiste? di.

LUC. Perdiéronse por ahi
Por la vega,
Ó algun me las soniega.
Nel hato de Bras Picado
Andava Marta bailando;
Yo estúvela oteando,
Boquiabierto trasportado,
Y al son batiendo el pie
Estuve dos horas valientes:
El ganado entanamientes,
Á la fe,
No sé para donde fue.

GIL. Y aun por eso que yo suspecho
Me aparto de saltijones;
Que vanas conversaciones
No traen ningun provecho.
Siempre pienso en cosas buenas:
Yo me hablo, yo me digo;

Tengo paz siempre comigo,
Sin las penas,
Que dan las cosas agenas.

LUC. No me quiero estar tras tras;
Ya perdido es lo perdido.
Que gano en tomar sentido?
Qué dices, Gil, y tú, Bras?

GIL. Tú muy perezoso estás:
Busca, busca las cabritas.
Tras que tienes muy poquitas,
No te das
De perder cada vez mas.
Encomiéndalas á Dios.

LUC. Qué podrá eso prestar?

GIL. Él te las irá buscar,
Que siempre mira por nos.

LUC. Si los lobos las comieron
Hámelas Dios de traer?
Harto terná que hacer:
Y si murieron,
Mucho mas que yo perdieron.
Mas quiero llamar zagales;
Tengamos todos majada.

BRAS. Sube naquella asomada,
Y dales gritos mortales.

LUC. Hace escuro; quien verá!
Caeré nun barrancon.

GIL. Toma, lleva este tizon.

LUC. Dalo acá:
Este nunca allá irá. *(Chama de longe.)*
Ha Silvestre! ha Vicente!

Ha Pedruelo! ha Bastian!
Ha Jarrete! ha Bras Juan!
Ha Pasival! ho Clemente!
(De longe.)

SILV. Ha Lucas! qué nos quieres? di.
LUC. Que vengais acá priado:
Tomaremos gasajado,
Que Gil Terron está aquí
En abrigado,
Alegre y bien asombrado.
(Vem os pastores, e diz)

SILV. Ora terrible placer
Teneis vosotros acá.
BRAS. Sí, tenemos, soncas ha:
Pues qué habemos de hacer?
Quien al cordojo se dió,
Mas cordojo se le pega.
SILV. Bailemos una borrega.
BRAS. Mi fe no,
Que tú bailas mas que yo.
GIL. Juri á nos que estás chapado!
Qué es esto. Silvestre hermano?
SILV. No ves que viene el verano,
Y soy recien desposado?
GIL. *Jesus autem intrinsienes!*
Quien te trajo al matrimuño?
SILV. Mi tio Velasco Nuño.
GIL. Chapados parientes tienes.
Quien es la esposa que hubiste?
SILV. Teresuela mi damada.
BRAS. Dios! que es moza bien chapada,

Y aun es de buen natío,
Mas honrada del lugar.
GIL. Neso no hay que dudar;
Porque el herrero es su tio,
Y el jurado es ahijado
Del aguelo de su madre;
Y de parte de su padre
Es prima de Bras Pelado:
Saquituerto, Rodelludo,
Papilharto, y Bodonales
Son sus primos caronales,
De parte de Brisco Mudo.
Es nieta de Gil Llorente,
Sobrina del Crespillon;
Casaollas Mamilon
Pienso que es tambien pariente:
Mari Roiz la Mamona,
Toribilla del Mendral,
Y Teresa la Gabona
Su parienta es natural.
Marica de la Remonda,
Espulgazorras Cabrera
Y la vieja bendicidiera,
Rapiharta la Redonda,
La Ceñuda, la Plaguenta,
Borracalles la Negruza,
La partera de Valmuza
Ahotas que es bien parienta.
LUC. Dios! que es casta bien honrada
Esa que habeis relatado.
BRAS. Ahora estás bien honrado:

No te dan con ella nada?
SILV. Danme una burra preñada,
Un vasar, una espetera,
Una cama de madera;
La ropa no está hilada.
Danme la moza vestida
De hatillos dominguejos,
Con sus manguitos vermejos,
Y alfarda muy lucida:
Danme una puerca parida,
Mas anda muy triste y flaca.
BRAS. No te quieren dar la vaca?
SILV. Ha tres años que es vendida.
MAT. Sus, alto, toste priado,
Respinguemos la majada:
Viénese la madruga,
Dejemos el desposado.
BRAS. Démosnos á gasajado,
Tomemos todos placer,
Que ya no quiere llover.
GIL. Ya no, Dios sea loado.
LUC. Tengamos algum remedio;
Qué jugamos, Gil Terron?
GIL. Juguemos al abejon;
Mas tengo de estar en medio.
BRAS. Tú naciste mas temprano.
GIL. Ora sus, sus, veisme aqui:
Tú tambien pásate allí;
Bras hermano, párate ansí.
Ea, sus, pára la mano.
He miedo que me darás;

Alza, alza el brazo mas:
Tú no ves como está Bras?
Dite una de mal mes.

BRAS. Ha! Dios te pliega comigo!
Do á rabia la jugada:
Ora viste que porrada!

LUC. Tú, amigo,
Ya no consientes castigo.

BRAS. Juguemos á adivinar.

LUC. Que me plaz.

BRAS. Dí, compañero...
Mas comience Gil primero.

GIL. Que me plaz de comenzar.
Comenzad de adivinar.

LUC. Qué?

GIL. Sabello has tú muy mal:
Qual es aquelle animal,
Que corre y corre, y no se ve?

BRAS. Es el pecado mortal.

MAT. Mas el viento, mal pecado,
Creo yo que será ese.

LUC. Que no es buen juego este;
Demos este por pasado.

GIL. Bien será via acostar,
Que ya me debroca el sueño.
Santiaguaos del demueño.

SILV. Yo no me sé santiguar.

GIL. Decid todos como yo:
En el mes del padre,
En el mes del hijo —
El otro *mes se me* olvidó.

(Dormem e o Anjo os chama cantando.)

«Ha pastor!
«Que es nacido el Redentor.»

GIL. Zagales, levantar de ahí,
Que grande nueva es venida:
Que es la Vírgen parida,
Á los ángeles lo oí.
Oh qué tónica acordada
De tan fuertes caramillos!

BRAS. Cata, que serian grillos.

GIL. Juri á nos
Que eran ángeles de Dios.

LUC. Y nos aqui levantados
Qué le habemos de hacer?

GIL. Mi fe, vamoslo á ver.

BRÁS. Y ansí despeluzados?

GIL. Pardiez, que es para notar!
Pues el Rey de los señores
Se sirve de los pastores?
Nueva cosa
Es esta, y muy espantosa!
Id vosotros al lugar
Muy priesto, carillos mios.
Y no vamos tan vacíos:
Traed algo que le dar,
Y el rabel de Juan Javato,
Y la gaita de Pravillos,
Y todos los caramillos,
Que hay en el hato;
Y para el niño un silbato.

(Partem-se para o presepio, cantando.)

TODOS. « Aburramos la majada,
« Y todos con devocion
« Vamos ver aquel garzon.
« Veremos aquel niñito
« De agora recien nacido.
« Asmo que es el prometido
« Nuestro Mesias bendito.
« Cantemos á voz en grito
« Con hemencia y devocion,
« Veremos aquel garzon. »
(Chegando ao presepio diz)
GIL. Dios mantenga a vuestra gloria!
Ya veis que estamos acá
Muy alegres, soncas ha,
De vuestra nueble vitoria.
Á vos, Virgen, digo yo,
Que el muchacho que hoy nació
No entiendo que me entiende,
Mas sí que todo comprehende,
Del punto que se engendró.
LUC. Que casa tan pobrecita
Escogió para nacer!
BRAS. Ya comienza á padecer
Dende su niñez bendita.
SILV. De paja es su camacita.
LUC. Y um establo su posada.
BRAS. Loada sea y adorada
Y bendita
La su clemencia infinita.
GIL. Señora, con estos hielos
El niño se está temblando;

De frio veo llorando
El criador de los cielos
Por falta de pañizuelos.
Juri á san si tal pensára,
Ó por dicha tal supiera,
Un zamarro le trujera
De una vara,
Que ahotas que el callára.
Ora vosotros qué haceis?
Con muy chapada hemencia
Y con vuestra reverencia,
Dalde de eso que traeis.

SILV. Perdonad, señor, por Dios,
Que, como somos bestiales,
Los presentes no son tales
Como los mereceis vos.

(Com tangeres e bailes offerecem, e á despedida cantão esta cançoneta.)

« Norabuena quedes, Menga,
« Á la fe que Dios mantenga.
« Zagala santa bendita,
« Graciosa y morenita,
« Nuestro ganado visita,
« Que ningun mal no le venga.
« Norabuena quedes, Menga,
« Á la fe que Dios mantenga. »

GIL. Qué decis de la doncella?
No es harto prelucida?

SILV. Nunca otra fue nacida,
Que fuese muger y estrella,
Sino ella.

GIL. Pues sabes quien es aquella?
Es la zagala hermosa,
Que Salomon dice esposa,
Cuando canticava della.
  Con su voz muy deseosa
En su canticar decia:
« Levántate, amiga mia,
Columba mea formosa,
Amiga mia olorosa;
Tu voz suene en mis oidos,
Que es muy dulce á mis sentidos,
Y tu cara muy graciosa.
  Como el lilio, plantada,
Florecido entre espinos,
Como los olores finos
Muy suave eres hallada.
Tú eres huerta cerrada,
En quien Dios venir desea:
Tota pulchra amica mea,
Flor de virgindad sagrada. »
SILV. Á Dios plegue con el ruin!
Mudando vas la pelleja:
Sabes de achaque de ygreja!
GIL. Ahora lo deprendí.
SILV. Con eso hablas latin,
Tan á punto que es placer.
Mas lo preciára saber
Que me daren un florin.
BRAS. Dí por vida de tu tio,
Tú sabes de profecias?
GIL. Sé que dijo Malaquias

«Eis el mi angel os embio
Con tan fuerte poderio,
Que aparejará la carrera
Delante mi haz verdadera
En el santo templo mio.»
«Tú, Bethlen, pequeña eres,»
Diz Miqueas profetando,
«Mas no te catarás cuando
Serás grande en tus poderes.
Cuando sin cuido estuvieres,
Ternás el señoreador
De Israel en tu favor
Para cuanto tú quisieres.»

LUC. De niñito tan bonito
Hablaban soncas letrados.

GIL. Los Profetas alumbrados
No jugaban á otro hito.
Con muy ahincado esprito
Y con gozoso placer
Todos desearan ver
Su nacimiento bendito.
Porque este es el cordero
Qui tollis peccata mundo,
El nuestro Adan segundo,
Y remedio del primero:
Este es el hijo heredero
De nuestro eterno Dios;
El cual fue dado á nos
Por Mejías verdadero.
Aquel niño es eternal,
Invisible y visible;

Es mortal y inmortal,
Mobible y inmobible,
En cuanto Dios, invisible;
Es en todo al Padre igual,
Menor en cuanto humanal:
Y esto no es imposible.
  Hecha el sol su rayo en Mayo,
Como mil veces verés;
El mismo rayo sol es,
Y el sol tambien es rayo:
Entrambos visten un sayo
De un envés,
Y una cosa misma se es.
  Ansí este descendió,
Quedando siempre en el Padre:
Aunque vino á tomar madre,
Del padre no se apartó.

BRAS. Gil Terron lletrudo está:
Muy hondo te encaramillas!

GIL. Dios hace estas maravillas.

BRAS. Yo lo veo, soncas ha.
  Quien te viere no dirá,
Que naciste en serranía.

LUC. Cantemos con alegría,
Que en eso despues se hablará.

(Vão-se cantando.)

AUTO DOS REIS MAGOS.

FIGURAS.

GREGORIO E VALERIO, *pastores.* — HUM ERMITÃO. — HUM CAVALLEIRO.

A dita Senhora Rainha, satisfeita desta pobre coisa (o auto antecedente), pedio ao autor, que para dia de Reis logo seguinte lhe fizesse outra obra. E fez a seguinte, cuja introducção he, que um pastor determinou de ir a Belem e errou o caminho: e entra dizendo:

GREG. Asmo, asmo, soncas ha,
Que me da
La fortuna trasquilon.
He dejado mi zurron
Y eslabon,
Y no sé que hago acá.
Dios plegue, quien me dirá
Adó está
Este niño que es nacido?
Que ando bobo perdido,
Sin sentido,
Trece dias per habrá,
Que no sé que haga ya.
No sé parte ni recado

Del ganado,
Y los perros son perdidos;
Mis corderos dan gemidos
Muy sentidos
Por entrar en el poblado.
Todo mi hato he dejado
Desmedrado,
Por buscar este niñito.
Dicenme que es tan bonito,
Que me aflito
Por no haberlo topado,
Y ando desesperado.
Despepito mi sentido,
Que en olvido
Tengo los memoriales,
Saltando por robledales
Y encinales,
Que jota no he dormido,
De aterido.
De todo no me doy nada,
Si topase la posada
Muy loada,
Donde está recien nacido
Este niño esclarecido.
(Entra Valerio.)
VAL. De donde eres pecador?
Dí, pastor.
GREG. Pastor y bien desdichado!
Que ando descarriado,
Hambriado
Por ver nuestro Redentor.

Dijo el Ángel del Señor:
« Pastor, pastor,
Ve y deja tus cabritas. »
Y dejélas solecitas
Muy marchitas;
Y no sé ser sabidor
Adó nació el Salvador.
Trece dias son pasados,
Bien contados,
Que ando, perdido el tino,
Sin hallar nengun camino;
Ni soy dino
De lo ver por mis pecados.

VAL. Ora tienes bien librados
Tus cuidados.
Este padre fray Alberto,
Que topé naquel desierto,
Sabrá cierto
Eso, porque los letrados
Son guia de los errados.

GREG. Há, fraile, sabes do vais?
Ó andais
Á desuso como yo?
El niño que nos crió
Do nació?
Qué es la nueva que me dais?
Por Dios que me lo digais;
No hagais
Que me muera de cordojos.

ERM. Pastor, no tomes enojos,
Que tus ojos

Verán quien todos buscais.
GREG. He medo que me burlais.
Traeis á ende breviario,
Ó calendario,
Ó sois frayle? Como quierá,
Si aliño aqui hubiera
Bien quisiera,
Si sábeis bien de vicario,
Que digais un trintanario
Al rosario,
Porque Dios me deje ver,
Sin tener
Al demuño por contrario,
Aquel precioso sagrario.
ERM. Oh bendito y alabado
Y exalzado
Sea nuestro Redentor!
Que un rústico pastor
Con amor
Lo busca con gran cuidado;
Desampara su ganado
Muy de grado,
Por ver al niño glorioso!
Qué haré yo religioso
Perezoso,
Que ando tan sin cuidado
Por aqueste despoblado?
Destos pobres labradores
Y pastores
Quiso ser oferecido,
Adorado y conocido

Y servido
Con cantares y loores,
Escuchando sus primores
Y clamores.
La Vírgen nuestra Señora
Y la vaquilla lo adora
En la hora
Que el Señor de los señores
Nació de flor de las flores.
  Qué descanso y qué placer
Fuera ver
El resplandor glorioso,
Aquel verbo gracioso,
Tan lloroso,
Acabando de nacer!

VAL. Buldas deveis de traer
Á vender,
Que os estais chocarreando.

ERM. Harto es eso de desmando,
Pues veis que estoy hablando,
Contemplando
Lo que nos es menester,
Si suyos queremos ser.

VAL. Decidnos, padre bendito,
Hallais scrito
Si es pecado estornudar?
Mas os quiero preguntar
Y notar;
Esperad ansi un poquito:
Digo que escondo el cabrito,
Por hacer berrar la cabra;

Y remojo la palabra
Á cada habla:
Es gran pecado infinito,
Ó es medio pecadito?

GREG. Si el hombre, de birra pura,
Por ventura
Adrede despierna un grillo,
Por no vello ni oillo;
Encubrillo
Es pecar contra natura?

VAL. Otra cosa mas escura
Y mas dura
Quiero, Gregorio, hacer.
Pergúntale, quiero ver
Su saber,
Que, á segun su gestadura,
Es letrado en la scritura.
Decid, padre, es gran pecado
Deñodado
Andar tras las zagalejas
Y enchirles las orejas
De consejas
Por meterlas en cuidado?
Dejar entrar el ganado
En lo vedado
Por andarlas namorando?
Estálo Dios oteando
Y asechando?
Si desto tiene cuidado,
Ni punto estará parado.
Que todos en mi lugar

Á la par
Andan transidos de amores;
Los jurados, labradores
Y pastores,
Y aun el crego á mas andar
Lo veo resquebrajar
Y sospirar
Por Turibia del Corral:
Decidme, fraile, es gran mal
Desigual,
Ó se debe perdonar,
Pues se no puede escusar?

ERM. Este mundo peligroso
Sin reposo
Nos trae á todos burlados,
Ciegos, mal aconcejados,
Desviados
De aquel reino glorioso.
Quien puede ser mas dichoso
Ni gozoso,
Que tener puesto el querer,
El amor y su poder,
Sin torcer,
Neste niño muy gracioso,
Puerto de nuestro reposo?
Quien se viere sojuzgado
Y apretado
De mundano pensamiento,
Contemple su nacimiento:
Cuan contento
Lo verá desnudo echado,

De los frios traspasado,
Y adorado
De los brutos animales!
Luego olvidará los males
Desiguales,
Que le presenta el pecado.
GREG. Pecado es ser namorado?
VAL. Crió Dios por la ventura
Hermosura
Para nunca ser amada?
Crióla demasiada
Para nada?
Como decis que es locura?
Mirad, mirad la scritura:
Qué cordura
Hallareis mas amadora?
Dende Adan hasta ahora
Nesta hora
Fue discreta criatura,
Que no siga esta ventura?
Si á Dios desto pesára
No criára
Zagalas tan relucientes:
Fueran prietas y sin dientes,
Y las frentes
Mas angostas que la cara;
Las narices le ensanchára,
Y achicára
Los ojos como hurones:
Nunca nuestros corazones
De pasiones

Nuestras vidas aterrára,
Ni de Dios nos apartára.
Esmeróse su poder
En hacer
Tan graciosas sus hechuras,
Que entre todas hermosuras
Son mas puras,
Mas dinas de obedecer.
Quien dejará de querer
Su valer,
Pues son de nuestra costilla?
Que natura nos ensilla
Que no podemos torcer
De sujetos suyos ser.

(Entra hum Cavalleiro, que vinha em comp nhia dos Reis Magos.)

CAV. Mantenga Dios los señores!
ERM. Dios loores!
VAL. Soncas, vengais norabuena.
Tú abaja la melena.
GREG. No me pena.
CAV. Decidme, amigos pastores,
Sois sabidores
Si iré por aqui bien
Para el lugar de Belen?
GREG. Yo allá vo adó vais,
Y ando, asmo, como andais.
VAL. Andad, señor, por aqui
Ó por alli.
CAV. Mira bien, pastor, que dices.
VAL. En frente de las narices

A perdices
Andarás, prometo á mi.
CAV. Qué linage tan bestial!
Animal
Este bruto pastoriego!
VAL. Doy á rabia el palaciego,
Por san pego
Que quizás por vuestro mal...
ERM. Toda la descortesía
Es villania.
Señor, de donde sois vos?
CAV. De Arabia.
ERM. Bendiga[illegible]
GREG. Arabio sos? [illegible]s Dios!
CAV. Sí, y perdí la
De una gr[illegible] compañia
Que ve[illegible] an caballería,
Á [illegible]nía
[illegible]uno tras una estrella,
Y ellos van en pos della
Sin perdella;
Y alcanzarlos queria,
Fortuna me lo desvía.
ERM. Y adonde van, si sabeis?
CAV. Van tres Reis
Adorar con sentimiento
Y muy grande acatamiento
El nacimiento
Del señor de todas greis.
En nuestra tierra sabreis,
Si quereis,
Que desde Balan se velaba

La señal que se esperaba,
Que mostraba
El nacimiento que veis
Del señor de nuestras leis.

GREG. Decid, señor, qué estrella era?

ERM. Quien la viera!

CAV. Es muy reluciente estrella,
Y un niño en medio della,
Muy mas que ella
Reluciente en gran manera:
Una cruz en su cimera
Por bandera.

GREG. Donde se vió tal señal?

CAV. Del monte vitorial.

ERM. Oh divinal
Vitoria muy verdadera
De nuestra culpa primera!
O Profeta Isayas,
Bien decias.
Levántate á ser alumbrado,
Hierosalen visitado
Y acatado!
Recibe tus alegrias,
Que la gloria del Mesias,
Que querias,
Sobre tí es ya venida;
Y los reis de gran partida
Nobrecida,
Nel resplandor de tus dias,
En tus tierras los verias.
David nel salmo setenta

Y uno cuenta,
Reis de Tarsis y Sabá,
Y el de Arabia verná
Con humildá,
Muy gran compaña sin cuenta,
Adorar sin mas afrenta
Muy contenta.

CAV. De oro llevan gran presente,
Incenso, mirra excelente,
Humildemente.

GREG. Mira bien, Valerio, atenta
Este señor que recuenta.

VAL. Caballero relator,
Yo pecador,
Vilano, necio, bestial,
No pensé que érades tal,
Y hablé mal,
De que tengo gran dolor.

CAV. Yo te perdono, pastor,
Que el Señor
Por cualquier culpa mortal
No pide al al pecador.

(Apparecem os tres Reis Magos cantando o seguinte Vilancete.)

« Cuando la Virgen bendita
« Lo parió,
« Todo el mundo lo sentió.
« Los coros angelicales
« Todos cantan nueva gloria;
« Los tres Reis la vitoria
« De las almas humanales.

"En las tierras principales
"Se sonó,
"Cuando nuestro Dios nació."

E cantando assi todos juntamente, offerecem os Reis seus presentes; e assi muito alegremente cantando se vão. E acaba em breve, porque não houve espaço para mais.

AUTO DA SIBILLA CASSANDRA.

FIGURAS.

CASSANDRA. — SALOMÃO. — ERUTEA. — PERESICA. — CIMERIA. — ESAIAS. — MOYSES. — ABRAHÃO.

A obra seguinte foi representada á dita Senhora (A Rainha D. Beatriz) no mosteiro de Enxobregas nas matinas do Natal. Tracta-se nella da presumpção da Sibilla Cassandra, que, como por espirito prophetico soubesse o misterio da encarnação, presumio que ella era a virgem de quem o Senhor havia de nascer. E com esta opinião nunca mais quiz casar.

(Entra Cassandra, em figura de Pastora, dizendo:)

Quien mete ninguno andar
Ni porfiar
En casamientos comigo!
Pues séame Dios testigo
Que yo digo
Que no me quiero casar.
Cual será pastor nacido
Tan polido

Ahotas que me meresca!
Alguno hay que me paresca
En cuerpo, vista y sentido?
  Cual es la dama polida,
Que su vida
Juega, pues pierde casando,
Su libertad cautivando,
Otorgando
Que sea siempre vencida,
Desterrada en mano agena,
Siempre en pena,
Abatida y sojuzgada?
Y piensan que ser casada
Que es alguna buena estrena!

SAL. Casandra, Dios te mantenga;
E yo venga
Tambien mucho norabuena!
Pues te veo tan serena,
Nuestra estrena
Ya por mí no se detenga:
Y pues ya que estoy acá,
Bien será
Que diga á qué soy venido;
Y tanto estoy de ti vencido,
Que creo que se hará.

CASS. No te entiendo.

SAL. Anda, ven!
Que por tu bien
Te envian á llamar tus tias;
Y luego de aqui tres dias
Alegrias

Ternás tú y yo tambien.
ss. Que me quieren?
. Que me veas
Y me creas
Para hecho de casar.
ss. Lo que de ahí puedo pensar,
Que ellas ó tú devaneas.
. Somos parientes, ó que?
Bien se ve
Que soy yo para valer
Tal, que juro á mi poder
Que de no ser,
Ni esta paja me dé.
Yo soy bien aparentado
Y abastado,
Valiente zagal polido;
Y aun estoy medio corrido
De haber acá llegado.
Anda, si quieres venir!
ss. Sin mentir,
Tú estás fuera de tí:
Lo que te dije hasta aqui,
Será ansí,
Aunque sepa de morir.
. No me ves?
ss. Bien te veo.
. No te creo:
Pues no queres?
ss. No te quiero.
. Casamiento te requiero.
ss. Ya primero

Dije lo que es mi deseo.
SAL. Que me dices?
CASS. Yo te digo
Que comigo
No hables en casamiento;
Que no quiero ni consiento,
Ni con otro ni contigo.
SAL. Quieres tú estar á cuenta?
CASS. Y nesa afrenta
Tengo contigo de estar?
No me quiero cautivar,
Pues nací horra y isienta.
SAL. Tu tia misma me habló,
Y prometió
Muy chapado casamiento.
CASS. Otro es mi pensamiento.
SAL. Pues yo siento
Que bien te meresco yo,
Y por eso vine acá.
CASS. Bien está.
SAL. Segun el tu no querer,
Á mi ver,
Otro amor tienes allá.
CASS. No quiero ser desposada
Ni casada,
Ni monja ni ermitaña.
SAL. Díme, qué es lo que te engaña;
Que esa saña
Empleas mal empleada.
Toma consejo comigo
Ó contigo,

Cuando sin pasion te veas;
Y mira lo que deseas,
Que razon trae consigo.

CASS. No pierdas tiempo comigo:
Ya te dijo
Bien clara mi intencion.

SAL. Quien te viese el corazon,
Por mirar mi enemigo,
Y saber porque razon!

CASS. No tomes desto pasion
Ni alteracion,
Pues que no desprecio á ti;
Mas nació, cuando nací,
Comigo esta opinion,
Y nunca mas la perdí.

SAL. Qué te hizo el casamiento?
Es tormento,
Que se da por algun hurto?

CASS. Y aun por eso le surto,
Porque es curto
Su triste contentamiento.
Muchos dellos es notorio
Purgatorio
Sin concierto ni templanza;
Y si algun bueno se alcanza,
No es medio placentorio.
Veo quejar las vecinas
De malinas
Condiciones de maridos:
Unos de ensoberbecidos
Y aborridos,

Otros de medio gallinas,
Otros llenos de mil celos
Y recelos,
Siempre aguzando cuchillos,
Sospechosos, amarillos,
Y malditos de los cielos:
Otros á garzonear
Por el lugar,
Pavonando tras garcetas,
Sin dejar blancas ni prietas
Ni reprietas;
Y la muger? sospirar,
Despues en casa reñir
Y gruñir
De la triste allí cautiva.
Nunca la vida me viva,
Si tal cosa consentir.
Y pues eres cuerdo y sientes,
Para mientes.
Muger quiere decir molleja;
Es ansí como una oveja
En pelleja,
Sin armas, fuerzas ni dientes;
Y si le falta sentido
Al marido
De la razon y virtud,
Ay de niña juventud,
Que en tales manos se vido!

SAL. No soy desos, ni seré:
Por mi fe,
Que te tenga en velloritas.

CASS. Y con floritas
Piensas que me engañaré?
No quiero verme perdida,
Entristecida
De celosa ó ser celada.
Tirte afuera! no es nada?
Pues antes no ser nacida.
Y ser celosa es lo peor;
Que es dolor,
Que no se puede escusar.
De los vientos hace mar;
Y afirmar
Que el blanco es de otra color;
De las buenas hace malas,
Con sus falas;
Y de los santos, ladrones.
No quiero entrar en pasiones,
Pues que bien puedo escusarlas.
SAL. Do seso hay no hay celuras,
Sino holguras;
Que el seso todo bien da.
CASS. El seso es no ir allá.
SAL. Calla ya,
Que te recelas á escuras.
CASS. Allende deso, sudores
Y dolores
De partos, llorar de hijos:
No quiero verme en letijos,
Por mas que tú me namores.
SAL. Yo voy llamar al aldea
Erutea

Y á Peresica tu tia
Y á Cimeria; y tu porfía
Delante dellas se vea.

CASS. Y á mí que se me da!
Quien será,
Que me case á mi pesar?
Si yo no quiero casar,
Á mí quien me forzará?

(Canta.)

« Dicen que me case yo;
« No quiero marido, no.
« Mas quiero vivir segura
« Nesta sierra á mi soltura,
« Que no estar en ventura
« Si casaré bien ó no.
« Dicen que me case yo;
« No quiero marido, no.
« Madre, no seré casada,
« Por no ver vida cansada,
« Ó quizá mal empleada
« La gracia que Dios me dió.
« Dicen que me case yo;
« No quiero marido, no. »
« No será ni es nacido
« Tal para ser mi marido;
« Y pues que tengo sabido
« Que la flor yo me la só,
» Dicen que me case yo,
« No quiero marido, no. »

(Entra Erutea, Peresica e Cimeria, com o pastor Salomão, em chacota, ellas á maneira de lavradoras, e diz Cimeria a Cassandra:)

Qué te parece el zagal?
CASS. Ni bien ni mal,
Que no quiero casar, no.
Vosotras quien os metió
Que case yo?
Pues sabed que pienso en al.
CIM. Tu madre en su testamento
(No te miento)
Manda que cases, que es bueno.
CASS. Otro casamiento ordeno
En mi seno:
Que no quiero ni consiento.
SAL. Loco consejo has tomado.
Estoy espantado!
Do se halló tal desvarío?
CASS. Mi fe, nel corazon mio;
Y lo fio,
Que no vó camino errado.
No quiero dar mi limpeza
Y mi pureza
Y mi libertad exenta,
Ni mi ánima contenta,
Por sesenta
Mil millones de riqueza.
PER. Si tu madre eso hiciera!...
CASS. Bien, qué fuera?
PER. Nunca tú fueras nacida.

CASS. Yo quiero ser escogida
En otra vida,
De mas perfeta manera.
ERUT. Escucha, sobrina mia;
Todavia
No puedes sino casar;
Y este debes tomar
Sin porfiar,
Que es muy bueno en demasía.
CASS. Como ansí?
ERUT. Es generoso
Y virtuoso,
Cuerdo y bien asombrado;
Tiene tierras y ganado,
Y es loado
Músico muy gracioso.
SAL. Tengo pomares y vinas,
Y mil pinas
De rosas para holgares;
Tengo villas y lugares,
Y mas treinta y dos gallinas.
ERUT. Sobrina, este zagal
Es real,
Y para tí está escogido.
CASS. No lo quiero ni lo pido
Por marido:
Guárdeme el Señor de mal!
CIM. Tú no ves como es honrado
Y sosegado,
Cuanto otro lo será?
CASS. Qué sé yo si mudará,

Ó que hará
Cuando se vea casado!
Oh cuantos ha hí solteros
Placenteros,
De muy blandas condiciones,
Y casados son leones
Y dragones,
Y diablos verdaderos!
Si la muger, de sesuda,
Se hace muda,
Dicen que es boba perdida;
Si habla, luego es herida:
Y esto nunca se muda.

SAL. Muy entirrada está!
Bien será
Que no le digamos mas.
Pues tú te arrepentirás,
Y querrás,
Cuando el diablo no querrá.

ERUT. Muy mas ayna quizá
Se hará,
Si la servieses de amores.

SAL. Qué moza para favores!
No veis que respuesta da?

PER. Si tus tios allegasen,
Y le hablasen,
Que son hombres entendidos...

CIM. Pardiez son, y bien validos
Y sentidos!
Bien sé yo que lo acabasen.

SAL. Quiérolos ir á llamar

Al lugar:
Veremos esto en que para;
Aunque ella se declara
Por tan cara,
Que ha de ser dura de armar.

(Traz Salomão Esaias e Moyses e Abrahão, cantando todos quatro de folia a cantiga seguinte:)

« Que sañosa está la niña!
« Ay Dios quien le hablaria!»

Volta.

« En la sierra anda la niña
« Su ganado á repastar;
« Hermosa como las flores,
« Sañosa como la mar.
« Sañosa como la mar
« Está la niña:
« Ay Dios, quien le hablaria!»

ABR. Digo que esteis norabuena!
Por estrena
Toma estas dos manijas.

MOYS. Y yo te doy estas sortijas
De mis hijas.

ESAIAS Yo te doy esta cadena.

SAL. Dartehía yo bien sé qué,
Mas no sé
Cuanto puede aprovechar.

ERUT. Muchas cosas hace el dar,
Como contino se ve.

CASS. Téngome de captivar
Por el dar?

No me engaño yo ansí.
Yo digo que prometí
Solo de mí,
Que no tengo de casar.
MOYS. Blasfemas; que el casamiento
Es sacramento,
Y el primero que fué.
Yo Moysen te lo diré
Y contaré
Donde hubo fundamento.
En el principio crió
Y formó
Dios el cielo y la tierra,
Con cuanto en ello se encierra:
Mar y sierra
De nada lo edificó.
Era vacua y vacía,
Y no habia
Cosa por quien fuese amado.
El spírito no criado
Sobre las aguas lucía.
Fiat lux! luego fue hecha
Muy prehecha,
Sol y Luna y las estrellas,
Criadas claras y bellas
Todas ellas
Por regla justa y derecha.
Al Sol dióle compañera
Por parcera,
De una luz de ambos guarnidos,
Dominados y medidos

Cada uno en su carrera.
Hagamos mas, dijo el Señor
Criador,
Hombre a nuestra semejanza,
Angelico en la esperanza
Y en lianza,
Y de lo terrestre — señor.
Luego le dió compañera
En tal manera
De una gracia ambos liados,
Dos en una carne amados,
Como si ambos uno fuera.
El mismo que los crió,
Los casó,
Y trató el casamiento;
Y por su ordenamiento
Es sacramento,
Que al mundo estableció.
Y pues fue casamentero
Él primero,
Y es lei determinada;
Como estás tú entirrada,
Diciendo que es captivero?

CASS. Que cuando Dios los hacía
Y componía,
En esos tales no hablo:
Mas en aquellos que el diablo
En su retablo
Hace y ordena cadaldia.
Por codicia los ayunta,
Y no pergunta

Por otra virtud alguna;
Y despues que la fortuna
Los enfuna,
Toda gloria le es defunta.
Si yo me casase agora,
Dende á una hora
No querria ser nacida.
No tengo mas de una vida;
Y, sometida,
Diz, Casandra, tirte afuera.
Marido? ni aun soñado,
Ni pintado.
No cureis de porfiar,
Porque para bien casar
No es tiempo concertado.
ɜR. Y si cobras buen marido,
Comedido,
Y nunca apasionado?
ASS. Nunca? estais muy errado,
Padre honrado,
Porque eso nunca se vido.
Como puede sin pasion
Y alteracion
Conservarse el casamiento?
Múdase el contentamiento,
En un momento,
En contraria division.
Solo Dios es perfeccion:
Si en razon
La verdad quereis que hable;
Que el hombre todo es mudable

Y variable,
Por humanal complision.
Pero yo quiero decir
Y descubrir
Porque vírgen quiero estar;
Sé que Dios ha de encarnar,
Sin dudar:
Y una vírgen ha de parir.

ERUT. Eso bien me lo sé yo,
Y cierta só
Que en un presepe ha de estar;
Y la madre ha de quedar
Tan vírgen como nació.
Tambien sé que de pastores
Labradores
Será visto y de la gente;
Y le traerán presente
Del Oriente
Grandes Reis y sabedores.

CIM. Yo, dias ha, que hei soñado
Y barruntado,
Que via una vírgen dar
Á su hijo de mamar,
Y que era Dios humanado;
Y aun despues me parecia
Que la via
Entre mas de mil doncellas;
Con su corona de estrellas
Mucho bellas,
Como el sol resplandecia.
Nunca tan glorificada

Y acatada
Doncella se pudo asmar,
Como esta vírgen vi estar;
Ni su par
No fue ni será criada.
De sol estaba guarnida,
Percebida,
Contra Lúcifer armada,
Con vírgen arnés guardada.
Ataviada
De malla de santa vida.
Con leda cara y guerrera,
Placentera,
El resplandor piedoso,
El yelmo todo humildoso,
Y *Mater Dei* por cimera:
Y el niño Dios estaba,
Y la llamaba,
Madre y madre, á boca llena;
Los ángeles, *gratia plena*,
Muy serena;
Y cada uno la adoraba,
Diciendo: «Rosa florida
Esclarecida,
Madre de quien nos crió!
Loado aquel que nos dió
Reina tan santa nacida.»
UT. Peresica, tú nos decias
Que sabias
Desta vírgen y su parto.
R. Mi fe dello sé bien harto

Y reharto:
Llena estoy de profecías.
Empero son de dolor:
Que el señor,
Estando á veces mamando,
Tal via de cuando en cuando,
Que no mamaba á sabor:
Una cruz le aparecia,
Que él temia,
Y lloraba y suspiraba.
La madre lo halagaba,
Y no pensaba
Los tormentos que él via:
  Y comenzando á dormir,
Via venir
Los azotes con denuedo;
Estremecia de miedo.
Y no puedo
Por ahora mas decir.

CASS. Yo tengo en mi fantasía,
Y juraria
Que de mí ha de nacer;
Que otra de mi merecer
No puede haber,
En bondad ni hidalguía

ABR. Casandra desvaría.

ESAIAS Yo diria
Que está muy cerca de loca,
Y su cordura es muy poca,
Pues que toca
Tan alta descortesía.

SAL. El diablo ha de acertar
Á casar;
Por mi alma y por mi vida,
Que quien la viera sabida
Y tan leida,
Que se pudiera engañar.
Casandra, segun que muestra
Esa respuesta
Tan fuera de conclusion,
Tu loca, yo Salomon,
Dame razon,
Qué vida fuera la nuestra?
CASS. Aun en mi seso estó:
Que soy yo.
ESAIAS Cállate, loca perdida,
Que desa madre escogida
Otra cosa se escrevió.
Tú eres della al revés,
Si bien ves:
Porque tú eres humosa,
Soberbia y presuntuosa,
Que es la cosa
Que mas desviada es.
La madre de Dios sin par,
Es de notar,
Que humildosa ha de nacer,
Y humildosa concebir,
Y humildosa ha de criar.
Las riberas e verduras
Y frescuras
Pregonan su hermosura,

La nieve la su blancura
Limpia y pura,
Mas que todas criaturas:
Lirios, flores y rosas
Muy preciosas
Procuran de semejalla;
Y en el cielo no se halla.
Estrella mas luminosa.
Antes santa, que engendrada;
Preservada
Antes reina, que nacida;
Eternalmente escogida,
Muy querida,
Por madre de Dios guardada.
Por virtud reina radiosa,
Generosa;
Por gracia emperadora,
Por humildad gran señora,
Y hasta ahora
No se vió tan alta cosa.

ESAIAS El su nombre es Maria,
Que desvia
De ser tú la madre dél;
Y el hijo Emanuel
Manteca y miel
Comerá como yo decia.

ABR. Dos mil veces lo decias,
Que el Mesías
Será Dios vivo en persona,
Y aun te juro á mi corona,
Ahotas que no mentias.

OYS. Y tú tambien, Salomon,
Buen garzon,
Los cantares que hacias
Todos eran profecías;
Que decias
Della y de su perfeccion:
« *Formosa columba mea*,
Quien te vea,
De vista ó á sentido,
Gócese por ser nacido,
Por fuerte zagal que sea. »
BR. Si hubiésemos de declarar
Y platicar
Cuanto della está escrito,
Sería cuento infinito,
Que el spiríto
No puede considerar.
Tudo fue profetizado
Por mandado
Daquel hacedor del mundo,
Hasta aquel dia profundo,
No segundo,
Mas prostero, es divulgado.
RUT. Deso profetó Africana.
ER. Y tú, hermana,
Dese juicio hablaste,
Escriviste y declaraste
Cuanto baste
Para informacion humana;
Pero cuando ha de ser,
Es de saber.

ERUT. Las señales os diré,
Porque las sé
Muy ciertas y bien sabidas.
PER. Ansí Dios te dé mil vidas
Que las digas,
Y yo te lo serviré.
ERUT. Cuando Dios fuere ofendido
Y no temido,
Generalmente olvidado;
No será mucho alongado,
Mas llegado,
El juicio prometido.
Cuando fuere lealtad
Y la verdad
Despreciada y no valida,
Cuando vieren que la vida
Es abatida,
Del que sigue la bondad;
Cuando vieren que justicia
Está en malicia,
Y la fe fria, enechada,
Y la Iglesia sagrada
Captivada
De la tirana codicia;
Cuando vieren trabajar
Por levantar
Palacios demasiados,
Y los pequeños menguados
Desolados;
No puede mucho tardar.
Y cuando vieren perdida

Y consumida
La vergüenza y la razon,
Y reinar la presuncion;
Nesta sazon
Perderá el mundo la vida.
Y cuando mas segurado
Y olvidado
De la fin él mismo sea,
En aquel tiempo se crea,
Que ha de ser todo abrasado.

(Abrem-se as cortinas onde está todo o apparato do Nascimento, e cantão quatro Anjos.)

«Ro ro ro
«Nuestro Dios y Redentor,
No lloreis, que dais dolor
«Á la virgen que os parió.
«Ro ro ro.
«Niño hijo de Dios Padre,
«Padre de todalas cosas,
«Cesen las lágrimas vuesas,
«No llorará vuestra madre,
«Pues sin dolor os parió.
«Ro ro ro,
«No le deis vos pena, no.
«Ora, niño, ro ro ro,
«Nuestro Dios y Redentor,
«No lloreis, que dais dolor
«Á la virgen que os parió.
«Ro ro ro.»

MOYS. Naquel cantar sento yo,
Y cierto só,

Que nuestro Dios es nacido;
Y llora por ser sabido
Y conocido,
Que es de carne como yo.

CIM. Yo ansí lo afirmaria
Y juraria;
Que lo deben estar brizando,
Y los ángeles cantando
Su divinal melodía.

ESAIAS Pues vámoslo adorar,
Y visitar
El recien nacido á nos:
Verán nuestros ojos dos
Un solo Dios,
Nacido por nos salvar.

(Vão cantando em chacota, e chegando ao presepio diz)

PER. Erutea, ves alli
Lo que ví,
La cerrada flor parida.

ABR. Oh vida de nuestra vida,
Guarecida
Y remediada por ti!
A tí adoro, Redentor,
Mi señor,
Dios y hombre verdadero,
Santo y divino cordero,
Postrimero
Sacrificio mayor!

MOYS. Oh pastorcico nacido,
Muy sabido,

De tu ganado cuidadoso,
Contra los lobos sañoso,
Y piedoso
Al rebaño enflaquecido!
Por la tierna carne humana,
Nuestra hermana,
Que en ese brizo sospira,
Que nos libres de tu ira,
Y las ánimas nos sana!
 Qué oracion, Dios, te harán,
Qué dirán!
Oh gran Rei desde niñito
Por natureza bendito,
Infinito,
Ab eterno capitan,
De celeste imperio heredero
Por entero,
De deidad coronado!
Adórote, Dios humanado,
Y por nos hecho cordero!
IAS Adórote, santo Mesías!
En mis dias
Y para siempre te creo,
Pues con mis ojos te veo
En tal asco,
Que cumples las profecías.
Niño, adoro tu alteza
Con firmeza;
Y pues no tengo desculpa,
Á tus pies digo mi culpa,
Y confeso mi flaqueza.

CASS. Señor, yo, de ya perdida
Nesta vida,
No te oso pedir nada,
Porque nunca dí pasada
Concertada;
Ni debiera ser nacida.
Virgen y madre de Dios,
Á vos, á vos,
Corona de las mugeres,
Por vuestros siete placeres,
Que quieras rogar por nos.
CIM. Espejo de generaciones
Y naciones,
De Dios hija, madre y esposa,
Alta Reina gloriosa,
Especiosa,
Cumbre de las perfecciones!
Oh estrada en campos llanos
De humanos
Sospiros á ti corrientes,
Oidora de las gentes,
Encomiéndome en tus manos!
PER. Oh clima de nuestro polo!
Un bien olo,
Planeta de nuestra gloria,
Influencia de vitoria:
Por memoria
Nuestro sino laureolo.
ERUT. Ave, *stella matutina*,
Bella y dina!
Ave, rosa, blanca flor!

Tú pariste el Redentor,
Y tu color,
Del parto quedó mas fina.

(Acabada assi sua adoração cantárão a seguinte cantiga, feita e ensoada pelo autor.)

TODOS. «Muy graciosa es la doncella:
«Como es bella y hermosa!
«Digas tú, el marinero,
«Que en las naves vivias,
«Si la nave ó la vela ó la estrella
«Es tan bella.
«Digas tú, el caballero,
«Que las armas vestías,
«Si el caballo ó las armas ó la guerra
«Es tan bella.
«Digas tú, el pastorcico,
«Que el ganadico guardas,
«Si el ganado ó las valles ó la sierra
«Es tan bella.»

(Isto bailado de terreiro de tres por tres: e por despedida o vilancete seguinte.)

«Á la guerra,
«Caballeros esforzados;
«Pues los ángeles sagrados
«Á socorro son en tierra.
«Á la guerra!
«Con armas resplandecientes
«Vienen del cielo volando,
«Dios y hombre apelidando
«En socorro de las gentes.
«Á la guerra,

« Caballeros esmerados;
« Pues los ángeles sagrados
« Á socorro sòn en tierra.
« Á la guerra! »

AUTO DA FÉ.

FIGURAS.

FÉ. — BRAZ. — BENITO. — SYLVESTRE.

A seguinte representação foi representada em Almeirim ao mui poderoso Rei D. Manuel. Cuja invenção he, que estando nas matinas do Natal, entrão dous pastores simpres na capella; e estando maravilhados no pontifical de todas aquellas cousas, entra a Fé, que lhe declara a significação dellas.

(Entra primeiramente um pastor chamado Braz, e vendo assi aquella festa, chama seu companheiro, dizendo:)

BRAZ. Benito, aqui está la boda.
BEN. Ha, no te le dije yo?
Juro á diez que allá me vó.
BRAZ. Aqui está la gente toda.
BEN. Çuantos que estes zotes son,
O cregos ó son personas.
BRAZ. Mas que monton de coronas!
Bendigalos santo Anton.
BEN. Quien supiese deslindar
Cual es crego ó sancristan!

BRAZ. De mil relleas estan.
BEN. Cata, mas ha hi que mirar:
Qué siñifica esta mesa
Con tanta retartanilla?
BRAZ. Bobo, es cama á for de villa,
Chaqueada á la francesa.
BEN. Cuerpo de santa Pipia!
Sabes mas que tú ni yo.
BRAZ. Yo atabobado estó
De ver tal negromancía!
Sabrásme tú rellatar
Que declinan estas lumbreras?
Son candelas ó bugeras?
BRAZ. No lo sé pronunciar.
Son palos daquel natío,
Soncas nacen no sé donde.
BEN. Ni jota no se te esconde;
Pelletras mas que tu tio.
BRAZ. Oh que cosa tan garrida
Es aquello que allí está!
BEN. Y aquello qué sará?
BRAZ. Nunca tal ví en mi vida.
Juro á diez, mas bobo estó
Que el triste que anda en aprito.
No te quellotras, Benito?
BEN. Mas que tú bobeo yo:
No hago sino pensar,
Maginando nesta fiesta.
BRAZ. Es aquello ciesto ó ciesta,
Ó artesa de amasar?
BEN. Que es aquella sevandija

Amarilla incrucijada?
BRAZ. Será serpiente encantada,
O es negocio de igrija?
O sabes lo que será?
Donde deslindan los pleitos.
BEN. Ternás muy grandes respetos,
Si Dios la vida te da.
Hideputa, como aciertas!
Y pareces bobillon.
BRAZ. Está quedo, neciarron:
Siempre andas con gingretas.
BEN. Pelletremos poco á poco,
Que infiñita aqui está gente
Tan alegre y tan contente,
Quellotrada de alvorozo.
BRAZ. Aquellas mágines seran?
BEN. Qué pegullal tan garrido!
BRAZ. Parece plado florido,
La mañana de San Juan.
BEN. Hay aqui tanto que ver,
Que me siento atabobado.
BRAZ. Quien hallára algun lletrado,
Que supiera esto entender.
(Vem a Fé)
BEN. Esta que viene repicada,
Quellotrada á la morisca,
Nos dirá que señefisca,
Que ella debe ser lletrada.
BRAZ. Y ella hace revellada.
BEN. Cata, cata como está.
BRAZ. Quien será que viene acá?

BRAZ. Ahora lo entiendo menos:
Rellata eso mas claro;
Que perjuro á Santo Amaro,
Que ni punto os entendemos.

FÉ. Fé he amar a Deos, so por elle,
Quanto se póde amar,
Por ser elle singular,
Não por interesse delle:
E se mais quereis saber,
Crer na Madre Igreja sancta,
E cantar o que ella canta,
E querer o que ella quer.

BEN. El que pergunta no yerra:
Qué es aquella encrucijada,
Que allí está tan replicada,
Que semeja roble en sierra?

FÉ. Aquella he a arvore da vida.

BRAZ. No deslindais como ha nombre?
Y qué hace allí aquel hombre
Puesto y la color perdida?

FÉ. Aquella he a cruz preciosa,
Para sempre esclarecida,
Para os perigos desta vida,
E náo da salvação nossa.
O homem se chama Jesu,
Messias, Rei, Salvador,
Deos e homem, Redemptor,
(Não sei se o entendes tu)
Deos he seu nome maior.

BRAZ. Mi amo ha nombre tambien
Pero Alonso, e Pero Matos,

Y Perazo lo llaman hartos,
Ansí como á mano vien.
Allá en nuestro lugar,
Si no viene lluvia ni vella,
Toman una como aquella
Nuestros amos, á clamar
Ora pro nubes, ora pro nubes;
Y las mugeres ansí
La que mas gritillo tiene:
La lluvia ni va ni viene,
Y la cruz estáse ahi.
N. Vámonos; anda ca, Bras,
Ya gran rato que aqui estamos;
Bien conoces nuestros amos:
Anda, no cures de mas.
AZ. No sabrás primero, di,
Aquesta gente baldía
Si dormieron todo el dia,
Ó qué noche es esta aqui?
N. Ella es noche de alegría;
Ninguno está aqui soñoliento.
He noute do nascimento,
Em que Deos mostrou seu dia.
He noute de gran memoria,
Noute em dia convertida,
Escuridão consumida
Con gran resplandor de glória:
No meio mais lumiosa
Que no mundo nunca viste,
E de escura, fria e triste,
A mais doce e gloriosa·

Oh noute favorecida
De memoravel coroa,
Vista de Deos em pessoa,
Começando humana vida!
Dos anjos toda cercada,
Dos elementos servida,
Do Padre e Filho escolhida,
Do Sprito Sancto espirada!

BRAZ. Que no os entiendo, no,
Ni sé que cosas hablais,
Si mas no lo aclarais.
Como estava me estó.
Si es noche de navidá,
Esa es otra sevandija;
Mas no veo en nuestra igrija
Esto ansí como aqui está.

FÉ. Haveis de crer firmemente
Tudo quanto vos disser
Os que salvos quereis ser
Naquesta vida presente:
Crede o sancto nascimento,
Ser Deos da Virgem nascido,
Verbo de Deos concebido
Para novo testamento.
E que a Virgem gloriosa
Ficou tal como nasceo;
E sem dor appareceo
A nossa flor preciosa,
Deos em toda perfeição,
Homem para padecer,
E tirar a Luciférr

Toda sua jurdição.
BRAZ. Qué años ha que acaeció?
FÉ. Mil e quinhentos e dez.
BRAZ. Y ahora nace otra vez?
De mil años se acordó!
Quizá si hombre allá se hallára...
FÉ. Tanto monta se agora
Contemplares aquella hora
Como se agora passára.
Pastor, faze tu assi:
Começa de imaginar
Que ves a Virgem estar
Como se estivesse ahi:
E esta Virgem mui ornada,
De pobreza guarnecida,
De raios esclarecida,
De joelhos humilhada:
E que ves diante della
Hum menino então nascido,
Filho de Deos concebido
Naquella sancta donzella.
Ve o menino chorar,
E a Senhora affligida,
Sem ter cousa nesta vida,
Nem pannos para o pensar:
Na mangedoura mettido
Em pobre palha chorando,
E os anjos embalando
O menino entanguecido.
BRAZ. Con eso se me acordó.
Que cuando parió mi ama

Chapuzada allí en la cama
Todos los huevos comió.
  Y tú, Benito?

BEN. Maginava
Que era aquello bien de ver,
Ver á nuestro Dios nacer:
Y en esto me espipitava.
Decidnos, Señora vos,
Porque tan pobre nacia?
Todo el mundo no tenia
Por suyo, pues era Dios?

FÉ. Por mostrar que a pobreza
Actual e spritual
He o toque principal.
Da celestial riqueza:
Porque he porta da humildade,
Caminho da paciencia,
Horto da sancta prudencia,
Esteio da sanctidade.
  He abrigo dos cuidados,
E de mundanas mudanças,
Fôrra de vans esperanças
Dos homens desesperados.
Da Fortuna vencedora,
D'adversidades isenta,
Não segura na tormenta,
Que tem porto cada hora.
  Portanto a Virgem real,
Per geração generosa,
Foi a mais pobre e humildosa
De todo o genero humanal.

E assi o verbo do Padre
Ecce ancilla concebido
Pobre humilde foi nacido,
Bem parecido á madre.
  Sentindo nossa miseria,
Chorava o sancto menino,
Cuberto, occulto ó divino
Daquella fraca materia.
E porque elle he dado a nós,
Cujo imperio he eternal,
Faz esta côrte real
A festa que vedes vós.
  Vós outros tambem cantai
Por vosso uso acostumado
Como lá cantais co'o gado:
Ambos de dous começai.
z. Cantiquemos por San Polo.
Abrenuncio nos a malo!
Ora pues tenme este palo,
Verás como canto solo.
  « No no no no no no
« No no no
  « Que no quiero estar en casa;
« No me pagan mi soldada
« No no no, que no que no.
  « No me pagan mi soldada,
« No tengo sayo ni saya
« No no no, que no que no. »
Ha Sylvestre!
                Héme aqui.
z. Adó diablo estabas?

Bien oí lo que hablabas,
Y aun esotra, que está ahi.

LAZ. Viste tanto zote ya?
No ha poder que no te asombres.

SYL. Mas ha cregos, que no hombres;
Mas á nos qué se nos da.
Yo y estos tres compañeros,
Pues que es noche de alegría,
Cantaremos melodía,
Mejor que cuatro gaiteros.

BRAZ. Vos, prehecha Fé sagrada,
Vida de nuestro consuelo,
Pues nos mostrastes el cielo,
Seais por siempre loada.

Cantão à quatro vozes hũa enselada que veio de França, e assi se vão com ella, e acaba a obra.

AUTO DOS QUATRO TEMPOS.

FIGURAS.

VERÃO. — INVERNO. — ESTIO. — OUTONO. — JUPITER. — HUM SERAPHIM. — DOUS ANJOS, E HUM ARCHANJO.

Esta seguinte obra se chama dos Quatro Tempos: foi representada ao mui nobre e próspero Rei D. Manuel na cidade de Lisboa, nos paços de Alcaçova, na capella de San Miguel, por mandado da sobredita Senhora sua irman, nas matinas do Natal.

(Entra o Seraphim dizendo ao Archanjo e dous Anjos, que vem com elle.)

SER. Nuevo goso, nueva gloria,
Criada en el seno eterno,
Es llegada:
Gran mudanza, gran vitoria
Por nuestro Dios sempiterno
Nos es dada.
La clara luz anciana
Mudada, hecha moderna
En nuevo trage,
Y la bondad soberana

Se alegra en la edad tierna
Sin ultrage.
  Nuestro goso se acrecienta,
Nuestra gloria va pujando
Neste dia;
Y la infernal serpienta
Ya privando va del mando,
Que tenia
Los secretos abrazados,
Muy mas que puedo deciros,
Revelados.
Las paces son acabadas,
Y los antigos sospiros
Son cesados.
  Ya el mundo tenebroso
Relumbra por las alturas
Dó salió,
Porque el obrador poderoso
Exalzó las criaturas,
Que crió:
La clara obra infinita,
Infinitamente obrada
Y obradora,
Quiso su bondad bendita
Que fuese manifestada
Nesta hora.
  El infinito amador,
Infinitamente amando
Cosa amada
De infinito valor,
Supo donde, quiso cuando

Ser mostrada.
Y el amor mediante,
Por do el amador y amado
Son liados,
Es plantado en un infante
Con el Padre en un estado
Concordados.
  Pues vámosle á ver nacido,
Veremos como está puesto
El infinito
De humana carne vestido,
De huesos, niervos compuesto.
Tamañito
Veremos como se muestra
Recian nacido de ahora,
Poco ha;
Veremos la reina nuestra,
Nuestra gran superiora,
Cual está.
  Vamos ver pulcra y decora
Como está, clara y lumbrosa,
Descansada;
Vamos ver nuestra señora,
La mas bella y graciosa,
Desposada
Vamos ver la clara silla
Eternalmente guardada
En alto grado;
Vamos ver la sin mancilla,
Vamos ver la preservada
De pecado:

Emperatriz soberana,
De todo cuento del viso
Angelical,
Reina del cielo á la llana,
Señora del paraiso
Terrenal:
La gran princesa sin falta
Deste valle lacrimoso,
Donde mora
La gran Duquesa muy alta
De la paz y del reposo,
Desde ahora.
Vamos ver con que doncellas,
Con que galas, con que arreos,
La hallamos,
La madre de las estrellas,
Cumbre de nuestros deseos
Que esperamos.
Lleguemos darle loores,
Vamos servir su Alteza
Esclarecida;
Que no terná servidores,
Segun siempre amó pobresa
En esta vida.

(*Chegando todos as quatro figuras, s. o Serephim, Anjos e Archanjo, ao presepio, adorão o Senhor, cantando o seguinte vilancete.*)

"Á tí, dino de adorar,
"Á tí, nuestro Dios, loamos,
"Á tí, señor, confesamos
"*Sanctus, sanctus*, sin cesar.

« Inmenso Padre eternal,
« *Omnis terra* honra á tí,
« *Tibi omnes angelí*,
« Y el coró celestial,
« Pues que es díno de adorar,
« Querubines te cantamos,
« Arcángeles te bradamos
« *Sanctus, sanctus*, sin cesar.

(E depois da adoração dos Seraphins &c. vem os quatro Tempos, e primeiramente vem hum pastor, que significa o Inverno, e vem cantando.)

INV. « Mal haya quien los envuelve
« Los mis amores;
« Mal haya quien los envuelve. »
Ora pues, ea rabiar,
Grama de Val de Sogar,
Que no ha hi pedernal
Ni aparejo de calentar:
Vienta mas recio que un fuele,
De parte del regañon;
Enfriame el corazon,
Qne no ama como suele.
« Mal haya quien los envuelve
« Los mis amores;
« Mal haya quien los envuelve. »
La lluvia como desgrana!
Doy á rabia el mal tempero;
Aquesto no lleva apero
Para que llegue á mañana.
Mal grado haya la nieve,

Que mis amores, (triste yo!)
Cuando yo mas firme estó,
No los hallo como suele.
 « Mal haya quien los envuelve
« Los mis amores;
« Mal haya quien los envuelve. »
 Las uñas traigo perdidas,
Los piés lleños de frieras,
Mil rabias de mil maneras
Traigo en el cuerpo metidas:
Tengo el hielo en los huesos,
Muérenseme los corderos.
 « Los mis amores primeros
« En Sevilla quedan presos:
« Los mis amores
« Mal haya quien los envuelve. »
 Oh qué friasca nebrina,
Graniso, lluvia, ventisco!
Todo me pierdo abarrisco,
El cierzo me desatina:
Mis ovejas y carneros,
De niebla, no sé qué es dellos.
 « En Sevilla quedan presos
« Por cordon de mis cabellos
« Los mis amores:
« Mal haya quien los envuelve. »
 Todo de frio perece;
Las aves todas se fueron,
Las mas dellas se sumieron,
Que ninguna no parece;
Ni cigueñas, ni milanos,

Ni pitorras, jilgueritos,
Tórtolas y pajaritos,
Y mis amores tamaños.
  « En Sevilla quedan ambos
« Los mis amores :
« Mal haya quien los envuelve. »
  Hideputa ! que tempero
Para andar enamorado,
Repicado y requebrado,
Con la hija del herrero !
Los borregos de mis amos,
La burra, hato y cabaña,
Con la tempestad tamaña,
No sé adó los dejamos.
  « En Sevilla quedan ambos,
« Sobre ellos armaban bandos
« Los mis amores :
« Mal haya quien los envuelve. »
  Quiérome hechar á dormir,
Ver si puedo calentar.
Ora pues, ea rabiar,
Que no tengo de morir.
Por mal trage que me des,
No me ha de matar desmayo.
Oh quien me ora ca mi sayo,
Para cubrirme estos piés !

(Cantando.)

VERÃO « En la huerta nace la rosa :
« Quiérome ir allá,
« Por mirar al ruiseñor
« Como cantaba. »

Afuera, afuera, nublados,
Neblinas y ventisqueros!
Reverdeen los oteros,
Los valles, sierras y prados!
Reventado sea el frio,
Y su natío:
Salgan los nuevos vapores,
Píntese el campo de flores
Hasta que venga el estío.
«Por las riberas del rio
«Limones coge la virgo:
«Quiérome ir allá,
«Por mirar al ruiseñor
«Como cantaba.»
Suso, suso, los garzones
Anden todos repicados,
Namorados, requebrados:
Renovar los corazones!
Agora reina Cupido,
Desque vido
La nueva sangre venida:
Agora da nueva vida
Al namorado perdido.
«Limones cogia la virgo
«Para dar al su amigo.
«Quiérome ir allá,
«Para ver al ruiseñor
«Como cantaba.»
Como me extiendo á placer!
O hideputa zagal,
Qué tiempo tan natural

Para no adolecer!
Cuantas mas veces me miro
Y me remiro,
Véome tan quillotrado,
Tan lucio y bien asombrado,
Que nunca lacer me tiro.
« Para dar al su amigo
« En un sombrero de sirgo.
« Quiérome ir allá,
« Por mirar al ruiseñor
« Como cantaba. »
Las abejas colmeneras
Ya me zuñen los oidos,
Paciendo por los floridos
Las flores mas placenteras.
Cuán granado viene el trigo!
Nuestro amigo,
Que pese á todos los vientos,
Los pueblos trae contentos,
Todos estan bien conmigo.
El sol, que estaba sumido,
Partido deste horizon,
Se sube á septentrion
En este tiempo garrido.
Por eso vengo florido,
Engrandecido,
Dando mal grado á Enero:
Geminis, Toro y el Carnero,
Me traen loco perdido.
Hago claras las riberas,
El frio hecho en las fuentes,

El tomillo por los montes
Huele de dos mil maneras.
La luna cuán clara sale!
Si me vale,
Tengo tres meses floridos,
Y despues de estos cumplidos,
Es por fuerza que me calle.

(Entra o Estio, hũa figura muito longa muito enferma, muito magra, com hũa capella de palha.)

ESTIO. Terrible fiebre efimera,
Ética y fiebre podrida,
Me traen seca la vida,
Acosándome que muera.
Dolor de mala manera
Traigo en las narices mias:
No duermo noches ni dias,
Ardo de dentro y de fuera.
La boca tengo amargosa,
Los ojos traigo amarillos,
Flacos, secos los carillos,
Y no puedo comer cosa.
La sed es cosa espantosa,
La lengua blanca, sedienta;
La cabeza me atormienta
Con calentura rabiosa.
Mi calma perseverada,
Mis dias duran mil años:
Los calores son tamaños,
Que es cosa descompasada
El agua toda ensecada,

Polvorosos los caminos;
Los melones y pepinos
Hacen dolencia doblada.
Cancer, Virgo y el Leon,
Los registros de mis dias,
Saben las cóleras mias,
Y las flemas cuantas son.
Tambien saben la razon
Daquesta mi calentura,
Y porque quiere ventura
Que tenga siempre sezon.

VERÃO. O hideputa! qué aseo!
Á qué veniste, mortaja?
Siempre vienes hacer paja
Todo cuanto yo verdeo.
Como vienes luengo y feo,
Y chamuscado el carillo,
Seco, flaco y amarillo,
Vestido de mal aseo!
O malogrado de Estio,
Á qué vienes? véte, véte,
No estio, mas hastio.

ESTIO. Calla, calla, verdolete,
Que bueno es el tiempo mio;
Porque asesa tus locuras,
Tus vanas flores y rosas,
Y otras cosas curiosas,
Que en tí no son seguras.

VERÃO. Este que viene quién es?

INV. Es lo Otoño, por mi vida.

OUT. Ora norabuena esteis.

VERÃO Buena sea tu venida.
OUT. Todos juntos qué haceis?
VERÃO Yo bien tengo trabajado,
Y este cara de ahorcado
Me sacó cuanto aqui veis.
OUT. Ya todo está madurado,
Yo vengo coger el fructo.
VERÃO Pues si tú no hallas mucho,
Este Estio lo ha estragado.
OUT. Muy bien está, Dios loado.
INV. Abellotas no nacieron.
VERÃO Muchas fructas se comieron
En estotro mes pasado.
OUT. No quedó fructa ni nada,
Ni hojas no las verás.
Tú, Verano, de hoy á mas
Acógete á tu mesnada;
Tú, Estio, á tu posada,
Cura bien tu calentura,
Que, si viene la fríura,
Ternás cuartana doblada.
(Entra Jupiter.)
JUP. O tú, gigantea díesa,
Delante la ligereza
De Boreas
Toda la tierra atraviesa;
Da combate á la tristeza
Do la veas.
Dí al resto de Eneas,
Prosperada Romulana,
Gran señora,

Que haga fiestas las peleas,
Pues que Latonio y Diana
Hoy adora.
  Aclara, Febo lumbroso,
Los pasos peligrinantes
Que camino;
Porque el tiempo mentiroso
De los dioses triunfantes
Pierde el tino.
No se usará ya mas
Venerar templo á Diana,
Ni á Juno;
Ni se verá, ni verás,
Estar Februa ufana
Nel trebuno.
  Ni Apolo se verá,
Ni los Bacos adorados
De Romanos:
Ni el Himenco será
Padrino de los casados
Persianos:
Ní las ninfas aguaceras
Traerán aguas por ruegos
De las gentes:
Ni las hadas hechiceras
Mostrarán fingidos fuegos
De serpientes.
  Y Nayades y Dianas,
Las Driades cazadoras,
Y Netuno,
Y las tres diesas troyanas,

Dejarán de ser señoras
De consuno:
Y la Rhamnusia doncella
Decida de su castillo
Con ultrage,
Y todas estas con ella
Daran al niño chiquillo
El menage.
  La nueva infante Safos
Subió al monte Parnaso,
Con aliño
De traer en tierra Dios
De los Alpes en lo raso,
Hecho niño:
La cual infante gloriosa
En la Castália fuente
Se bañó;
Porque siendo generosa,
Humildosa por el monte
Se subió.
  La muy escura vision
De la caverna Saturna,
Con las vidas
De los hijos de Monjergon,
Y de la diesa noturna,
Son sumidos.
Los venenos ponzoñosos,
Que de Medusa salieron
Goteando,
Sus actos tanto dañosos,
Cuando tal misterio vieron,

Van cesando.
  La Hechene venenosa,
Y aquella Estyx laguna
Infernenta,
Desde ahora temerosa
Está su boca importuna,
De contenta.
Creo que oyó los bramidos
De los bregos ancianos
De alegría,
Porque hoy son abatidos
Los infernales tiranos
Neste dia.
  Todos van hoy adorar
Al criador poderoso,
Que es nacido;
Las aves con su cantar,
Y el ganado selvinoso
Con bramido.
Los salvaginos bestiales
Con olicorne pandero
Dan loores;
Y los brutos animales
Adoran aquel cordero,
Y los pastores.
  Pues qué haceis, Tiempos hermanos,
Descuidados del amor
Del que nació?
Levantad todos las manos,
Vamos ver aquel Señor,
Que nos crió.

Inv. No decís, si puedo yo?
No veis que estoy renegado
Del tempero?
Verão Cuantés yo sudando estó.
Estio. Fiebres me tienen cansado,
Pero no os diré de no,
Que ver lo quiero.
Inv. O Júpiter, si en tu ventura
Topásemos allá fuego,
Luego holgaria.
Jup. El criador y criatura
Es el mundo y es el huego,
Y él lo envía.
Estio. Aquesta dolencia mia
Le tengo de encomendar
De corazon.
Verão Yo cantaré de alegría.
Out. Comencemos á cantar
Una cancion.

(Até chegarem ao presepio vão cantando huma cantiga franceza, que diz:)

Ay de la noble
Villa de Paris &c.

Jup. Alto niño en excelencia,
Yo vengo de las alturas
Á te adorar,
Y traerte obediencia
De todas las criaturas
Sin faltar.
De toda la redondeza,
Sin faltar, digo, ninguna,

Se ayuntaron,
Y á adorar tu grandeza,
Tu divindad sola una,
Me enviaron.
Diana y Febo lumbroso,
Mars, Mercurio, Venus, Juno,
Donde moran,
Y Saturno venenoso,
Todos juntos de consuno
Te adoran.
Castor y Polux unidas,
Y todo el círculo galajo
Y cristalino,
Y las Pleyades lucidas,
Te adoran en este bajo
De contino.
Planetas, fijas estrellas,
Y la estrella Orion,
Y la Canina,
La mayor y menor dellas,
Com inmensa devocion
Se te inclina.
Y el tu cielo etereo,
Círculos y Zodiaco,
Y Arcturo sino
Reconocen tu aseo;
No segun el cuerpo flaco,
Mas divino.
El monte de Ipolmorea,
Y montañas de Carmelo,
Y Gelboé,

Y la montaña Rifea
Alegres com mucho zelo
Las hallé.
El monte de Selmeron,
Y montañas de Efrain,
Y de Galaad,
Y las selvas de Frion,
Mandan adorar por mí
Tu deidad.
Y el noble rio Ganges,
Con oro, piedras, metales,
Y arboledas,
Alegre, claro y cortés,
Te ofrecen, con sus iguales,
Cosas ledas.
Eufrates, Tigre, Guijon,
Con cosas muy olorosas
Se te ofrecen
Sin ninguna division.
En fin que todas las cosas
Te obedecen.

INV. Señor, yo triste nací,
Y sin ventura ninguna:
Pues me criaste en fortuna,
Cual me soy yo, véisme aquí
Con vientos muy fortunosos
Y rabiosos,
Tempestades y tormentas,
Y con otras mas afrentas,
Y tiempos muy peligrosos.
Con la noche me cubriste,

Y del dia me quitaste;
En tenieblas me formaste:
Esto es lo que me diste.
Con todo esto, que lloro,
Te adoro,
Com mi mísero temblar;
Y creo que has de juzgar
Este mundo do me moro.

VERÃO Yo Verano, tu vasallo,
Pues me das mejor estrena,
Quiérote dar cuenta buena
De las cosas que en mí hallo,
Y tu bondad las ordena.
Hállome fresco y caliente,
Los humores mucho sanos
De aves, yerbas, gusanos,
Desta manera siguiente.

Muchas grullas y cigueñas,
Golondrinas, abubillas,
Palomas y tortolillas,
Picapuercos y garceñas,
Zorzales y avedueñas,
Codornices y grideñas,
Milanos y tantarañas,
Muchos gayos y pardeñas.

Y tambien los gusanitos,
Hormigas rubias y prietas,
Mariposas y veletas,
Cientopiés y buercitos,
Caracoles y garlitos,
Moscás, ratos y ratones,

Muchas pulgas á montones,
Y piojos infinitos:
  Agriones y rabazas,
Apiopoleo, pampillo,
Malmequieres amarillo,
Almeirones y margazas,
Florecitas por las zarzas,
Madresilva y rosillas,
Jazmines y maravillas,
Rábanos, coles y alfazas:
  Puerros, ajos y cebollas,
Mastuerzo, habas, hervejas,
Gravanizos, granos, lentejas,
Verdolagas y vampollas,
Mil yerbas, fructas y follas,
Untesgina y catasol;
Y ansí hombre de prol
Te doy gracias y grollas.

ESTIO. Señor, yo con mi dolencia,
Mis fiebres y mi flaqueza,
Me humillo á tu alteza,
Y adoro tu clemencia
De la triste vida mia
Dolentía:
Pues te place con ella,
Quiero callar mi querella,
Sufriendo de dia en dia.

(Entra David, em figura de pastor, e diz.)

  Pues los ángeles sagrados,
Y los Tiempos y Elementos,
Tocan hoy caramillos,

Dejen todos los ganados
Los pastores muy contentos,
Silbemos, demos gritillos.
Yo tambien quiero tocar
Y cantar
Con mi salterio alegrías,
En tono de profecías,
Mientras me vaga lugar;
Y luego os adoraré.
« *Levavi oculos meos*
« En los montes onde espero
« Aquella ayuda que quiero
« Con ahincados deseos.
Y la ayuda que demando
« Repastando
« En cima daquesta sierra
« *Qui fecit cælum* y tierra,
« De cuyo ganado ando
« Careando.
« *Ecce non dormitabit*,
« Ni jamas el ojo pega
« Aquel que guarda y navega:
« *Israel, qui visitabit*
« *Dominus custodit te.*
« Á la fe,
« No temas cosa ninguna;
« De noche que haga luna,
« Ni de dia el sol que dé,
« *Non uret te.*
« *Domine, benedixisti*
« *Terram tuam*, y el ganado,

« Y á Jacob descarriado
« *Captivitatem advertisti:*
« Al pueblo lleno de males
« Desiguales
« *Remisisti iniquitatem:*
« Que te adoren y te acaten
« Los concejos y jarales,
« Y animales.
« Nuestra roña amara, triste
« De los pueblos apartaste;
« *Iram tuam mitigasti,*
« *Et furorem advertisti.*
« Por ventura te pergunto,
« Si barrunto,
« *In æternum irasceris?*
« No creo, segun quien eres,
« Que hagas al pueblo junto
« Ser defunto.
« Bendecid, todalas horas
« Del Señor, al Señor Dios;
« Bendecid, ángeles vos,
« Bendecid, cielos, mil sobras;
« *Benedicite, aquæ omnes,*
« Y dracones.
« *Benedicite sol* y luna,
« *Tempestates* y fortuna;
« Bendecid á Dios, barones,
« Con canciones. »

(Adora o presepio.)

No te traigo otro presente,
Quoniam, si voluisses

Sacrificium, darlo hia;
Pero no eres placiente
Por ofertas que aqui vieses;
Ni te causan alegría:
Sacrificium Deo es.
El espíritu atribulado,
Y el corazon contrito,
El cual pido que me des,
Andando com mi ganado
Por el tu poder bendito.

E todos assi juntamente com Te Deum laumus se despedirão, e derão fim a esta reprentação.

AUTO DA MOFINA MENDES.

FIGURAS.

Prologo, HUM FRADE.

A VIRGEM. — PRUDENCIA. — POBREZA. — HUMILDADE. — FÉ. — O ANJO GABRIEL. — S. JOSEPH. — ANDRÉ. — PAYO VAZ. — PESSIVAL. — MOFINA MENDES. — BRAZ CARRASCO. — BARBA TRISTE. — TIBALDINHO. — ANJOS.

A obra seguinte foi representada ao excellente Principe e muito poderoso Rei Dom João III, endereçada ás matinas do Natal, na era do Senhor 1534.

(Entra primeiramente hum Frade, e a modo de prégação diz o que se segue.)

FRAD. Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu;
Hũa ter pouco siso de seu,
A outra, que esse que tem
Não lhe presta mal nem bem:
E a terceira,
Que endoudece em gran maneira,

He o favor (livre-nos Deos)
Que faz do vento cimeira,
E do toutiço moleira,
E das ondas faz ilheos.
Diz Francisco de Mairões,
Ricardo, e Bonaventura,
Não me lembra em que escritura,
Nem sei em quaes distinções,
Nem a cópia das razões;
Mas o latim
Creio que dizia assim:
Nolite vanitatis debemus confidere de his, qui capita sua posuerunt in manibus ventorum &c.
Quer dizer este matiz
Antre os primeiros que traz:
Não he sesudo o juiz,
Que tem geito no que diz,
E não acerta o que faz.
Diz *Boecio — de consolationis,*
Origenes — Marci Aureli,
Sallustius — Catelinarium,
Josepho — speculum belli,
Glosa interliniarum;
Vicentius — scala cœli,
Magister sententiarum,
Demosthenes, Calistrato;
Todos estes concertárão
Com *Scoto*, livro quarto.
Dizem: Não vos enganeis,
Letrados de rio torto,

Que o porvir não no sabeis,
E quem nisso quer pôr peis
Tem cabeça de minhoto.
Ó bruto animal da serra,
Ó terra filha do barro,
Como sabes tu, bebarro,
Quando ha de tremer a terra,
Que espantas os bois e o carro?
Pelos quaes *dixit Anselmus*,
E *Seneca*, — *Vandaliarum*,
E *Plinius* — *Choronicarum*,
Et tamen glosa ordinaria,
E *Alexander* — *de aliis*,
Aristoteles — *de secreta secretarum*:
Albertus Magnus,
Tullius Ciceronis,
Ricardus, *Ilarius*, *Remigius*,
Dizem, convem a saber:
Se tens prenhe tua mulher,
E per ti o composeste,
Queria de ti entender
Em que hora ha de nascer,
Ou que feições ha de ter
Esse filho que fizeste.
Não no sabes; quanto mais
Commetterdes falsa guerra,
Presumindo que alcançais
Os secretos divinaes
Que estão debaixo da terra.
Polo que, diz *Quintus Curtius*,
Beda — *de religione christiana*,

Thomas — super trinitas alternati,
Augustinus — de angelorum choris,
Hieronimus — d'alphabetus hebraice,
Bernardus — de virgo ascentionis,
Remigius — de dignitate sacerdotum;
Estes dizem juntamente
Nos livros aqui allegados:
Se filhos haver não pódes,
Nem filhas por teus peccados,
Cria desses engeitados,
Filhos de clerigos pobres.
Pois tens saco de cruzados,
Lembro-te o rico avarento,
Que nesta vida gozava,
E no inferno cantava:
Agua, Deos, agua,
Que lhe arde a pousada.
Mandárão-me aqui subir
Neste sancto amphitheatro,
Para aqui introduzir
As figuras que hão de vir
Com todo seu apparato.
He de notar,
Que haveis de considerar
Isto ser contemplação
Fóra da historia geral,
Mas fundada em devação.
A qual obra he chamada
Os mysterios da Virgem;
Que entrará accompanhada
De quatro Damas, com quem

De menina foi criada.
A hũa chamão Pobreza,
Outra chamão Humildade;
Damas de tanta nobreza,
Que tod'alma que as préza
He morada da Trindade.
Á outra, terceira dellas,
Chamão Fé por excellencia;
Á outra chamão Prudencia.
E virá a Virgem com ellas,
Com mui fermosa apparencia.
Será logo o fundamento
Tractar de saudação,
E depois deste sermão,
Hum pouco do nascimento;
Tudo per nova invenção.
Antes disto que dissemos,
Virá com musica orphea
Domine labia mea,
E *Venite adoremus*
Vestido com capa alhea.
Trará *Te Deum laudamus*
D'escarlata hũa libré:
Jam lucis orto sidere
Cantará o *benedicamus*,
Pola gran festa que he.
Quem terra, pontus, æthera
Virá muito assocegado
N'hum sendeiro mal pensado,
E hum gibão de tafetá,
E hũa gorra d'orelhado.

Em este passo entra nossa Senhora, vestida como rainha, com as ditas donzellas, e diante quatro anjos com musica: e depois de assentadas, começão cada hũa de estudar per seu livro, e diz a

VIRG. Que ledes, minhas criadas?
Que achais escripto hi?

PRUD. Senhora, eu acho aqui
Grandes cosas innovadas,
E mui altas pera mi.
Aqui a Sibylla Cimeria
Diz que Deos será humanado
De hũa virgem sem peccado;
Que he profunda materia
Para meu fraco cuidado.

POBR. Eruthea profetiza
Diz aqui tambem o que sente:
Que nascerá pobremente,
Sem cueiro nem camiza,
Nem cousa com que se aquente.

HUM. E o propheta Isaias
Falla nisso tambem ca:
Eis a Virgem conceberá,
E parirá o Messias,
E frol virgem ficará.

FÉ. Cassandra d'elrei Priámo
Mostrou essa rosa frol
Com hum menino a par do sol
A Cesar Octaviano,
Que o adorou por Senhor.

PRUD. *Rubrum quem viderat Moisem*

Sarça, que no ermo estava,
Sem lhe pôr lume ninguem;
O fogo ardia mui bem,
E a sarça não se queimava.

FÉ. Significa a Madre de Deos:
Esta sarça he ella so;
E a escada que vio Jacob,
Que subia aos altos ceos,
Tambem era de seu voo.

PRUD. Deve de ser por rezão
De todas perfeições cheia
Toda, quemquer que ella he.

HUM. Aqui a chama Salómão
Tota pulchra amica mea,
Et macula non est in te.
E diz mais, que he *porta cœli*
Et electa ut sol,
Balsamo mui oloroso,
Pulchra ut lilium gracioso,
Das flores mais linda flor,
Dos campos o mais fermoso:
Chama-lhe *plantatio rosa,*
Nova oliva speciosa,
Mansa *columba Noe,*
Estrella a mais luminosa.

PRUD. *Et acies ordinata,*
Fermosa filha d' elrei
De Jacob, *et tabernacula*
Speculum sine macula,
Ornata civitas Dei.

FÉ. Mais diz ainda Salomão:

Hortus conclusos, flos hortorum,
Medecina peccatorum,
Direita vara de Arão,
Alva sobre quantas forão,
Sancta sobre quantas são.
E seus cabellos polidos
São fermosos em seu grado
Como manadas de gado,
E mais que os campos floridos,
Em que anda apascentado.
PRUD. He tão zeloso o Senhor,
Que quererá seu estado
Dar ao mundo per favor,
Por hũa Eva peccador,
Hũa virgem sem peccado.
VIRG. Oh! se eu fosse tão ditosa
Que com estes olhos visse
Senhora tão preciosa,
Thesouro da vida nossa,
E por escrava a servisse!
Que onde tanto bem se encerra,
Vendo-a ca entre nós,
Nella se verão os ceos,
E as virtudes da terra,
E as moradas de Deos.
(Neste passo entra o anjo Gabriel, dizendo:)
GABR. Oh! Deos te salve, Maria,
Cheia de graça graciosa,
Dos peccadores abrigo!
Gosa-te com alegria,
Humana e divina rosa,

Porque o Senhor he comtigo.
VIRG. Prudencia, que dizeis vós?
Que eu muito turbada sam;
Porque tal saudaçam
Não se costuma antre nós.
PRUD. Pois que he auto do Senhor,
Senhora, não esteis turbada;
Tornae em vossa color,
Que, segundo o embaixador,
Tal se espera a embaixada.
GABR. Ó Virgem, se ouvir me queres,
Mais te quero inda dizer.
Benta es tu em mereceres
Mais que todas as mulheres,
Nascidas, e por nascer.
VIRG. Que dizeis vós, Humildade;
Que este verso vai mui fundo,
Porque eu tenho por verdade
Ser em minha calidade
A menos cousa do mundo?
HUM. O anjo, que dá o recado,
Sabe bem disso a certeza.
Diz David no seu tractado,
Qu' esse sp'rito assi humilhado
He cousa que Deos mais préza.
GABR. Alta Senhora, sab'ras,
Que tua sancta humildade
Te deu tanta dignidade,
Que hum filho conceberás
Da divina Eternidade.
Seu nome, será chamado

Jesu e Filho de Deos;
E o teu ventre sagrado
Ficará horto cerrado;
E tu — Princeza dos Ceos.
VIRG. Que direi, Prudencia minha?
A vós quero por espelho.
PRUD. Segundo o caso caminha,
Deveis, Senhora Rainha,
Tomar com o Anjo conselho.
VIRG. *Quomodo fiat istud,*
Quoniam virum non cognosco!
Porque eu deí minha pureza
Ao Senhor, e meu podêr,
Com toda minha firmeza.
GABR. *Spiritus sanctus supervenit in te;*
E a virtude do Altissimo,
Senhora, te cubrirá;
Porque seu filho será,
E teu ventre sacratissimo
Per graça conceberá.
VIRG. Fé, dizei-me vosso intento,
Que este passo a vós convem.
Cuidemos nisto mui bem,
Porque a meu consentimento
Grandes dúvidas lhe vem.
Justo he que imagine eu,
E que estê muito turbada.
Querer quem o mundo he seu,
Sem merecimento meu,
Entrar em minha morada;
E hũa summa perfeição,

De resplandor guarnecido,
Tomar pera seu vestido
Sangue do meu coração,
Indigno de ser nascido!
E aquelle que occupa o mar,
Enche os ceos e as profundezas,
Os orbes e redondezas;
Em tão pequeno logar
Como poderá estar
A grandeza das grandezas!

GABR. Porque tanto isto não peses,
Nem duvides de querer,
Tua prima Elisabeth
He prenhe, e de seis meses.
E tu, Senhora, has de crer,
Que tudo a Deos he possivel,
E o que he mais impossivel,
Lhe he o menos de fazer.

VIRG. Anjo, perdoae-me vós,
Que com a Fé quero fallar.
Pedirei sinal dos Ceos.

FÉ. Senhora, o podêr de Deos
Não se ha de examinar.
Nem deveis de duvidar,
Pois sois delle tão querida.

GABR. E d'abinicio escolhida:
E manda-vos convidar;
Para madre vos convida.

VIRG. *Ecce ancilla Domini*,
Faça-se sua vontade
No que sua Divindade

Mandar que seja de mi,
E de minha liberdade.

(Em este passo se vai o Anjo Gabriel, e os anjos á sua partida tocão seus instrumentos, e cerra-se a cortina.)

(Juntão-se os Pastores para o tempo do nascimento. Entra primeiro André e diz:)

AND. Eu perdi, se s'anoutece,
A asna ruça de meu pae,
O rasto por aqui vai,
Mas a burra não parece,
Nem sei em que valle cai.
Leva os tarros e apeiros,
E o çurrão co' os chocalhos,
Os çamarros dos vaqueiros,
Dois sacos de pães inteiros,
Porros, cebolas e alhos.
Leva as peas da boiada,
As carrancas dos rafeiros,
E foi-se a pascer folhada;
Porque bêsta despeada
Não pasce nos sovereiros.
E s'ella não parecer
Atás per noite fechada,
Não temos hoje prazer;
Que na festa sem comer
Não ha hi gaita temprada.

(Entra Payo Vaz.)

PAYO. Mofina Mendes he ea
C'hum fato de gado meu?

ANd. Mofina Mendes ouvi eu
Assoviar, pouco ha,
No valle de João Viseu.
PAYO. Nunca esta moça socega,
Nem samica quer fortuna:
Anda em saltos como pêga,
Tanto faz, tanto trasfega,
Que a muitos importuna.
ANd. * Mofina Mendes quanto ha,
Que vos serve de pastora?
PAYO. Bem trinta annos haverá,
Ou creio que os faz agora:
Mas socêgo não alcança;
Não sei que maleita a toma.
Ella deu o sacco em Roma,
E prendeu elrei de França:
Agora anda com Mafoma,
E pôz o Turco em balança.
Quando cuidei que ella andava
Co' o meu gado onde sohia,
Pardeos! ella era em Turquia,
E os Turcos amofinava,
E a Carlos Cesar servia.
Diz que assi resplandecia
Neste capitão do ceo
A vontade que trazia,
Que o Turco esmoreceo,
E a gente que o seguia.
Receou a guerra crua
Que o Cesar lhe promettia;
Entances *per aliam via*

Reverte sunt in patria sua
Com quanta gente trazia.
(Entra Pessival.)

PES. Achaste a tua burra, André!
AND. Bofá não.
PES. Não póde ser.
Busca bem, leixa o fardel;
Que a burra não era mel,
Que a havião de comer.
AND. Saltarião pêgas nella,
Por caso da matadura?
PES. Pardeos! essa seri'ella!
E que pêga seria aquella,
Que lhe tirasse a albardura?
PAYO. Mas crê que andou per hi
Mofina Mendes, rapaz;
Que, segundo as cousas faz,
Se isto não for assi,
Que não seja eu Payo Vaz.
Ora chama tu por ella,
E aposto-te a carapuça,
Que a negra burra ruça
Mofina Mendes deu nella.
AND. Mofina Mendes! ah Mofina Men!
MOF. Que queres, André? que has? *(de longe)*
AND. Vem tu ca, e vê-lo-has;
E se has de vir, logo vem,
E acharás aqui tambem
A teu amo Payo Vaz.
(Entra Mofina Mendes.)
PAYO. Onde deixas a boiada,

E as vacas. Mofina Mendes?
MOF. Mas, que cuidado vós tendes
De me pagar a soldada,
Que ha tanto que me retendes?
PAYO. Mofina, dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.
MOF. A boiada não vi eu,
Andão lá não sei per hu,
Nem sei que pascigo he o seu.
Nem as cabras não nas vi,
Samicas c'os arvoredos;
Mas não sei a quem ouvi
Que andavão ellas per hi
Saltando pelos penedos.
PAYO. Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo teu frete.
MOF. Das vacas morrêrão sete,
E dos bois morrêrão tres.
PAYO. Que conta de negregura!
Que taes andão os meus porcos?
MOF. Dos porcos os mais são mortos
De magreira e ma ventura.
PAYO. E as minhas trinta vitellas
Das vacas, que te entregárão?
MOF. Creio que hi ficárão dellas,
Porque os lobos dezimárão,
E deu ôlho mao por ellas,
Que mui poucas escapárão.
PAYO. Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?
MOF. Erão tenros e gordinhos,

E a zorra tinha filhinhos,
E levou-os hum e hum.
YO. Essa zorra, essa malina,
Se lhe corrêras trigosa,
Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a raposa.
OF. Meu amo, já tenho dada
A conta do vosso gado
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me minha soldada,
Como temos concertado.
YO. Os carneiros que ficárão,
E as cabras, que se fizerão?
OF. As ovelhas reganhárão,
As cabras engafecêrão,
Os carneiros se afogárão,
E os rafeiros morrêrão.
S. Payo Vaz, se queres gado,
Dá ó demo essa pastora:
Paga-lh'o seu, va-se embora
Ou ma-ora,
E põe o teu em recado.
YO. Pois Deos quer que pague e peite
Tão daninha pegureira,
Em pago desta canseira
Toma este pote de azeite,
E vae-o vender á feira;
E quiçaes medrarás tu,
O que eu comtigo não posso.
OF. Vou-me á feira de Trancoso

Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que he a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dara hum pato,
E cada pato hum tostão,
Que passará de hum milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Per estes ovos de pata,
E o dia que for casada
Sahirei ataviada
Com hum brial d'escarlata,
E diante o desposado,
Que me estara namorando:
Virei de dentro bailando
Assi dest'arte bailado,
Esta cantiga cantando.

(Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cai-lhe.)

PAYO. Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu'es Mofina Mendes toda.

PES. E s'ella baila na voda,
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,

E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

(Vai-se Mofina Mendes, cantando.)

MOF. « Por mais que a dita m'engeite,
« Pastores, não me deis guerra;
« Que todo o humano deleite,
« Como o meu pote d'azeite,
« Ha de dar comsigo em terra. »

(Entrão outros pastores, cujos nomes são Braz Carrasco, Barba Triste, e Tibaldinho; e diz)

BRAZ. Ó Pessival meu vezinho!
PES. Braz Carrasco, dize, viste
A burra desse outeirinho?
BRAZ. Pergunta tu a Tibaldinho,
Ou pergunta a Barba Triste,
Ou pergunta a João Calveiro.
TIB. O fato trago eu aqui,
E a burra eu a metti
Na córte do Rabileiro,
Nós deitemo-nos per hi.
Andamos todos cansados,
O gado seguro está:
E nós aqui abrigados
Dormamos senhos bocados,
Que a meia noite vem ja.

(Em este passo se deitão a dormir os pastores; e logo se segue a segunda parte, que he hũa breve contemplação sobre o Nascimento.)

VIRG. Ó cordeiro divinal,

Precioso verbo profundo,
Vem-se a hora
Em que teu corpo humanal
Quer caminhar pelo mundo.
Desde agora
Sahirás ao campo mundano
A dar crua e nova guerra
Aos imigos,
A glória a Deos soberano
In excelsis, et in terra
Pax hominibus.
Sahirá o nobre leão,
Rei da tribu de Judá,
Radix David;
O duque da promissão
Como esposo sahirá
Do seu jardim:
E o Deos dos anjos servido,
Sanctus, sanctus, sem cessar
Lhe cantando,
Vereis em palhas nascido,
Sem candeia e sem luar,
Suspirando.
E porque a noite he quasi meia,
E são horas que esperemos
Seu nascer,
Ide, Fé, por essa aldeia
Accender esta candeia,
Pois outras tochas não temos
Que accender;
E sem serdes perguntada,

Nem lhes vir pela memoria,
Direis em cada pousada
Qu'esta he a vela da glória.

(Em este passo Joseph e a Fé vão accender a candeia, e a Virgem com as Virtudes, de giolhos, a versos rézão este psalmo)

VIRG. Ó devotas almas felis,
Para sempre sem cessar
Laudate Dominum de cœlis,
Laudate eum in excelsis,
Quanto se póde louvar.

PRUD. Louvae, anjos do Senhor,
Ao Senhor das altezas,
A todalas profundezas,
Louvae vosso criador
Com todas suas grandezas.

HUM. *Laudate eum, Sol et Luna,*
Laudate eum, stellæ et lumen,
Et lauda, Hierusalem,
Ao Senhor que te enfuna
Neste portal de Bethlem.

VIRG. Louvae o Senhor dos ceos,
Louvae-o, agua das aguas,
Que sobre o ceo sois firmadas;
E louvae o Senhor Deos,
Relampagos e trovoadas.

PRUD. *Laudate Dominum de terra,*
Dracones et omnes abyssi,
E todas diversidades
De nevoas e serra,
Ventos, nuvens *et eclipsi,*

E louvae-o, tempestades.
HUM. *Bestiæ et universa*
Pecora, volucres, serpentes,
Louvae-o, todalas gentes,
E toda a cousa diversa,
Que no mundo sois presentes.
(Vem a Fé com a vela sem lume.)
JOS. Não vos anojeis, Senhora,
Pois estais em terra alheia,
Ser o parto sem candeia,
Porque as gentes d'agora
São de mui perversa veia.
Todos dormem a prazer,
Sem lhes vir pela memoria
Que por fôrça hão de morrer;
E não querem accender
A sancta vela da glória.
HUM. Devião ter piedade
Da Senhora peregrina,
Romeira da christandade,
Que está nesta escuridade,
Sendo Princeza divina,
Pera exemplo dos senhores,
Pera lição dos tyrannos,
Pera espelho dos mundanos,
Pera lei aos peccadores,
E memoria dos enganos,
FÉ. Não fica por lh'o prégar,
Não fica por lh'o dizer,
Não fica por lh'o rogar;
Mas não querem acordar,

Com pressa de adormecer.
Delles fazem que não ouvem,
E elles ouvem muito bem;
Delles fazem que não vem,
E delles que não entendem
O que vai nem o que vem.
Sem memoria nem cuidado
Dormem em cama de flores,
Feita de prazer sonhado:
Seu fogo tão apagado
Como em choça de pastores;
A vossa divina vela,
Vossa eterna candeia,
Feita de cera mais bella,
Em cidade nem aldeia
Não ha hi lume para ella.
Todo o mundo está mortal,
Posto em tão escuro porto
De hũa cegueira geral,
Que nem fogo, nem sinal,
Nem vontade: tudo he morto.
IRG. Prudencia, i vós co'ella,
Que nas horas ha hi mudança:
E accendei ess'outra vela,
Que se chama da esperança,
E lhes convem accendê-la.
E dizei-lhe que o pavio
Desta vela he a salvação,
E a cera o poderio
Que tem o livre alvedrio,
E o lume a perfeição.

Jos. Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios,
Que querermos por sinaes
Metter cousas divinaes
Nas cabeças dos bugios.
Mandae-lhe accender candeias,
Que chamem ouro e fazenda,
E vereis bailar baleias;
Porque irão tirar das veias
O lume com que se accenda.
E á gente religiosa
Manda-lhes velas bispaes;
A cera, de renda grossa;
Os pavios, de casaes;
E logo não porão grosa.

Prud. Senhora, a meu parecer,
Para esta escuridade
Candeia não ha mister;
Que o Senhor qu'ha de nascer
He a mesma claridade;
Lumen ad revelationem gentium
He profetizado a nós,
E agora se ha de cumprir:
Pois para que he ir e vir,
Buscar lume para vós,
Pois lume haveis de parir?
Nem deveis de estar afflita,
Para lhe guisar manjar;
Porque he fartura infinita,
He chamado *Panis vita*,
Não tendes que desejar.

E se para seu nascer
Tão pobre casa escolheo,
Não vos deveis de doer,
Porque onde elle estiver
Está a côrte do Ceo.
Se cueiros vos dão guerra,
Que os não tendes por ventura,
Não faltará cobertura
A quem os ceos e a terra
Vestio de tal formosura,

(Em este passo chora o Menino, posto em hum berço: as Virtudes cantando o embalão, e o Anjo vai aos pastores, e diz cantando:)

ANJO. « Recordae, pastores! »
AND. Hou de lá, que nos quereis?
ANJO. « Que vos levanteis. »
AND. Para que, ou que vai lá?
ANJO. « Nasceu em terra de Judá
« Hum Deos so, que vos salvará. »
AND. E dou-lhe que fossem tres:
Eu não sei que nos quereis.
ANJO. « Que vos levanteis. »
AND. Quero-m'eu erguer, em tanto
Veremos que isto quer ser,
Sempre m'esquece o benzer
Cada vez que me levanto.
ANJOS. « Ah pastor! ah pastor! » *(Cantando.)*
AND. Que nos quereis, escudeiros?
ANJOS. « Chama todos teus parceiros,
« Vereis vosso Redemptor. »
AND. Não durmaes mais, Payo Vaz,

Ouvireis cantar aquillo.
PAYO. Ora tu não ves que he grillo?
Vae-te d'hi, aramá vas,
Que eu não hei mister ouvi-lo.
AND. Pessival, acorda ja.
PES. Acorda tu a Braz Carrasco.
BRAZ. Não creio eu, não, em San Vasco,
Se me tu acolhes lá.
AND. Levanta-te d'hi, Barba Triste.
BARB. Tu que has, ou que me queres?
AND. Que vamos ver os prazeres,
Que eu nem tu nunca viste.
BARB. Pardeos, vae tu se quizeres,
Salvo se na refestella
Me dessem bem de comer;
Senão leixa-me jazer,
Que não hei de bailar nella:
Vae tu lá embora ter.
Acorda a Tibaldinho,
E ó Calveiro e outros tres,
E a mi cobre-me os pés;
Então vae-te teu caminho,
Que eu hei de dormir um mez.
ANJO. Pastores, ide a Belem.
AND. Tibaldinho, não te digo
Que nos chama não sei quem?
TIB. Bem no ouço eu, porém
Que tem Deos de ver comigo?
AND. Isso he parvoejar.
Levantae-vos, companheiros,
Que por valles e outeiros

Não fazem nego chamar
Por pastores e vaqueiros.
ANJO. Pera a festa do Senhor
Poucos pastores estais.
PAYO. Vós bacelo quereis pôr,
Ou fazer algum lavor,
Que tanta gente ajuntais?
ANJO. Vós não sois officiaes
Senão de guardardes gado.
BRAZ. Dizei, Senhor, sois casado?
Ou quando embora casais?
AND. Oh como es desentoado!
ANJO. Quisera que foreis vós
Vinte ou trinta pegureiros.
PAYO. Antes que vós deis tres voos,
Bem ajuntaremos nós
Nesta serra cem vaqueiros.
ANJO. Ora trazei-os aqui,
E esperae naquella estrada,
Que logo a Virgem sagrada
A Hierusalem vai per hi
Ao templo endereçada.

Tocão os anjos seus instrumentos, e as Virtudes, cantando, e os pastores, bailando, se vão.

AUTO PASTORIL PORTUGUEZ.

FIGURAS.

Prologo, VASCO AFFONSO.

CATHERINA. — JOANNE. — FERNANDO. — MADANELLA. — AFFONSO. — INEZ. — MARGARIDA. — CLERIGOS.

O seguinte Auto foi representado ao muito alto e poderoso Rei nosso Senhor Dom João, terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Evora pelo Natal, era do Senhor de 1523.

(Entra primeiramente hum lavrador, por nome Vasco Affonso, e diz:)

Pois que ja entrei aqui,
Não se me escusa fallar.
Eu sou d'alem de Thomar,
E casei em Almeirim,
Alli mesmo no logar,
Agora, agora, agora
Esta doma que lá vai
Soma que casei embora
Sem licença de meu pae;
E diz que a não quer por nora,

E seu pae er assi,
Porque se casou furtada,
Nem chique nem mique, nem nada
Dão a ella nem a mi,
Assi pola desnevada.
De maneira,
Qu'elles tem birra de nós,
Dizem que nem giesteira,
Pois que nos casamos sos,
Não temos na panasqueira.
Porém amor lhe tenho eu,
E ella samicas a mi,
Que ella o diz soma assi;
— Porque elle não tem de seu,
Meu pae deu-me, e eu fugi. —
E juramento faço ós ceos,
Que derão tantas a enha esposa,
Qu'he pera dar graças a Deos;
Porque bem como raposa
Lhe tirárão a ella os veos.
Ora o nosso cura er,
Porque se paga d'ella,
E sequaes andou com ella,
Soma vonda que não quer
Receber-nos a mi e a ella.
Mas raivar,
Que ja recebidos semos:
Dentro bem no meu linhar
Todos os verbos dissemos,
Que se dizem ó casar.
Dizião a mi lá delles,

Que quem casa por amores
Não vos he nega dolores;
Emperol, que sabem elles?
Deos faz dos baixos maiores.
Aguardae.
Digo agora que casei
Sem licença de meu pae
E d'enha mãe: eu herdarei,
Ou sabeis como isto vai?
  A mim dizem-me que não;
E s'he daquella maneira,
Não herdo eira nem beira.
Mas não semelha razão,
Mas sinifica cenreira;
Que se fôra a cachopa peca ou charra,
Ou algũa zanguizarra,
Preguiçosa ou comedora,
Que bradassem muito embora.
  Mas taes vos fossem assim
As pulgas da vossa cama.
Soma abonda que minh'ama
Me dixe lá em Almeirim,
(Não sei como s'ella chama)
— Vae, sandeu,
A Elvora por alvaral
D'elrei, que te dem o teu,
Como passar o Natal. —
E a isto vinha eu.
  E hum Gil. . . hum Gil. . . hum Gil...
(Que ma retentiva hei!)
Hum Gil. . . já não direi:

Hum que não tem nem ceitil,
Que faz os aitos a elrei,
Elle me fêz,
E tirou de minha aquella,
Muito inda emque me pez,
Que entrasse ca na capella
Previcar hum antremez.
Aito cuido que dezia,
E assi cuido que he;
Mas ja não aito, bofé,
Como os aitos que fazia,
Quando elle tinha com que.
Mas o mundo he ja desgorgomelado;
Todo bem se vai ó fundo:
O dinheiro anda acossado,
E o prazer vagabundo.
Abonda: entrarão porém
Treze trolocutores;
Estes são todos pastores;
Da serra d'Estrella vem
Em preito com seus amores.
Atimar.
Entrará Branca fallando
Com Inez, ambas a par
Cantando de quando em quando,
E ás vezes suspirando
Entre cantar e cantar.
Entrará enha sobrinha,
E Constança das Ortigas,
Que em todo o val das Corigas,
Nem na villa mui asinha,

Não jazem taes raparigas.
E, como entrar,
Sahirá a bailar Valejo,
O galinheiro que em Thomar
Chamava ao coelho — conejo;
Esse mesmo ha de bailar.
E por festa a Ramalhoa
Bailará com Pero Luz,
Vestido no seu capuz;
E farão a entrada boa
Do bailo c'o sinal da cruz.
Pé-de-ferro,
Bofá um bom escudeiro,
Bom homem lá per seu êrro,
Ledo, humilde, prazenteiro,
Salvos nega se m'eu érro;
Este sahirá a terreiro
Com hũa regateira baça,
Que, quando vende na praça,
Tange ás vezes um pandeiro.
Estes ambos terão graça.
A cristaleira,
E o almotacel pequeno
Bailarão á derradeira,
E tanger-lhe-ha o Moreno,
Que sabe os bailos da Beira.
Frades virão vinte e sete,
Que vem de furtar melões;
E virão tres hortelões,
Que trarão preso hum grumete
Sem jaqueta nem calções.

E acabado
Que os frades todos andarem
Hum contrapasso trocado,
E os outros atimarem,
Sera o aito atimado.

(Entra Catherina pastora cantando, com o gado.)

CAT. « Tirae os olhos de mim,
« Minha vida e meu descanso,
« Que me estais namorando. »
Cha cha cha, raiváraõ ellas:
Samicas doudejais vos?
S'eu lá vou, veremos nós
Se sondes cabras, s'aquellas
O Decho se chantou nellas!
Cha cha cha, reira de morte.
Nem no mato, nem na córte,
Não póde o Decho co'ellas.
« Tirae os olhos de mim,
« Minha vida e meu descanso,
« Que me estais namorando. »
« Os vossos olhos, senhora,
« Senhora da formosura,
« Por cada momento de hora
« Dão mil annos de tristura:
« Temo de não ter ventura.
« Vida, não m'esteis olhando,
« Que me estais namorando. »

(Vem Joanne.)

CAT. A que vens, Joanne, ca?
JOAN. Bofás samicas não sei.

St'outra doma te catei
Casuso, e não eras lá;
Perguntei a ta mãe por ti?
CAT. Tu a minha mãe por mi?
JOAN. A bem, digo;—qu'he de Catalina?—
E ella estava mofina,
Disse-me;—e que lhe queres assi?—
Bem sei eu ja ella aventa
Qu'ando eu comtigo á choca;
Que quando te eu trougue a roca,
J'ella estava rabugenta.
CAT. Não te empaches de mim, não.
Cha cha cha, demoninhadas.
JOAN. Pois sicaes te quero a osadas
Grande bem, se vem á mão.
Sempre eu hei de ser comtego
Lá detraz da casa ó sol.
CAT. Joanne, vae fazer prol:
Que tens tu de ver comego?
Jesu! como me amofina!
JOAN. Ja tu aqui es, Catalina,
Com tua destempera?
CAT. Si:
Ora vae-te aramá d'hi.
JOAN. Alguem t'a ti empipina.
CAT. Quem m'ha a mim d'empipinar?
JOAN. Póde ser qu'alguem te engane.
CAT. Digo que te vás, Joanne,
Que não te quero escutar.
Cuidas tu que sam menina?
JOAN. E dei-t'eu a roca, Catalina,

E subi em cima da pereira,
E tu agora á derradeira
Jogas comego almolina!

CAT. Que fallas, ou que has comtego,
Que tudo isto não te presta?

JOAN. Pardeos, forte birra he esta,
Que tomastes hoje comego!
Porqu'es ma dia entirrada?
Eu não quero de ti nada,
Senão abraçar como amiga.

CAT. Quem te désse hũa gran figa
Nos olhos bem pespegada!

JOAN. He essa a tua saia nova?
Mostra ca a ver que lan tem.

CAT. Joanne!

JOAN. Catalina!

CAT. Ora bem,
O demo t'a ti faz a cova.

JOAN. Tomae lá! esta vos he ella!

CAT. Tal foste com Madanella,
E sempre chufou de ti:
Pois qu'esperas tu de mi,
Que sam mais valente qu'ella?

JOAN. O Dexemo que t'eu digo,
Que porque isso he ja sabido,
Ando eu assi tranzido,
E o demo anda comego.
Renego ora d'enha mãe,
Porque as lagrimas me são
O dia que te não vejo;
E tu tens-me tal entejo,

Que os esp'ritos se me cãe,
CAT. Choros maos chorem por ti;
Quem te manda a ti chorar?
JOAN. Tu m'has de fazer botar
Mui cedo per esse chão per hi
Não sejas ora entirrada,
Catalina minha dama;
Que cedo hei d'ir á feira,
E eu farei de maneira
Que tu sejas bem toucada,
Não m'arrarão alfenetes,
E tambem enxaravia.
CAT. Aperfia tu, perfia,
Que c'o Dexemo te mettes,
JOAN. Que cachopa esta, e que vida!
CAT. ¡Cuidas que som Margarida,
Que andavas pola chufar?
JOAN. Eu?
CAT. A bem.
JOAN. Atímar.
CAT. Mas vae-te c'o a ma ída.
JOAN. Cant'eu não sei que te fige,
Que tal escandola me tens.
CAT. Mas não sei a que cá vens;
Que a ninguem tanto mal quige.
JOAN. Por bem querer, mal haver.
CAT. Ora tens bem de comer.
JOAN. Isso he foscas mui asinha.
Por me metter rebentinha;
Mas perol não t'hei de crer.
CAT. Vae, vae, Joanne, bugiar,

Não andes como alpavardo.
JOAN. Viste ja o meu saio pardo?
Se m'o ves has de raivar,
Que m'está tão bem, tão bem. . .
Que demo he isto? dirás tu.
CAT. Oh como es parvo! Jesu!
Não falles ante ninguem.
JOAN. Oh! commendo ó demo a vida
Á que a eu arrepincho!
Catalina, se me eu incho,
Por esta que me va de ida.
A India não está hi?
Que quero eu de mi aqui?
Melhor sera que me va.
CAT. E a mi que se me dá?
Eis Fernando vem alli.
(Entra Fernando.)
CAT. Venhas embora, Fernando!
Eu t'esperei á portella.
FER. Parece ca Madanella?
CAT. Spera que a andas buscando!
Ja me tu a mi entejaste?
JOAN. Ah si, Catalina?
FER. Tu vas-te
Andar polos chavascais.
JOAN. Ah si, Catalina?
CAT. Ora nó mais;
Abonda que me leixaste.
JOAN. Ah si, Catalina?
FER. Não diz.
Pera hu foi Madanella.

CAT. Porque perguntas por ella?
FER. Porque a fortuna quiz.
CAT. Dores de morte te dem.
JOAN. Ah si, Catalina? Ora bem,
Se xe m'eu isso soubera,
Nunca t'eu a roca dera,
Que trougue de Santarem.
MAD. Hai Catalina! Catalina! *(de longe)*
FER. Aquella te he Madanella.
CAT. Hou!
FER. Pera ca vem ella.
JOAN. Mui grande he minha mofina!
Olha ca pera ond'estou.
CAT. Ó diabo que t'eu dou!
JOAN. Amen que m'eu encommendo,
E não m'estarei moendo
Na desenteria em que estou.
(Vem Madanella e diz:)
MAD. Affonso parece ca?
Eu não sei onde elle anda.
FER. Inda dura essa demanda?
MAD. Inda dura e durará.
FER. Oh caiso mal comedido!
Ando eu por ti perdido,
E andas-me assoviando.
CAT. Queres tu do pão, Fernando?
FER. Estarei bem aviado,
E muito bem corregido.
MAD. Viste Affonso, Catalina?
CAT. Sabes tu onde elle s'ia?
FER. Não lh'o digas.

MAD. Que porfia
De Fernando e de mofina!
FER. Grande odio me tem.
JOAN. E Catalina a mi tambem.
MAD. Catalina, onde estava elle?
CAT. Ei-lo vem: não he elle aquelle?
JOAN. Aquelle he elle, que alli vem.
(Vem Affonso.)
MAD. Affonso, venhas embora.
AFF. Não vejo eu Inez aqui.
MAD. Olha, olha para mi,
Que não sam feia ma ora.
AFF. Viste-me Inez ca andar?
CAT. Casuso a vi eu estar...
AFF. Naquelle outeiro?
CAT. A bem.
AFF. Perguntou-te por alguem?
CAT. Por Joanne.
AFF. Ora andar.
Por mi não perguntou nada?
CAT. Não.
AFF. Raiva moida!
CAT. Por Joanne he ella perdida.
JOAN. Está ella logo enganada.
INEZ. Catalina! hai Catalina! *(de longe)*
CAT. Aquella he ella que retina.
Inez, vem ca, mana, vem.
JOAN. Se tu me quizeras bem,
Não na chamáras, malina;
Mas do malquerer te vem.

(Vem Inez.)

AFF. Venhas embora, Inez!
INEZ. Joanne, queres belotas?
Mais quero eu ás tuas botas
Qu'a dous Affonsos nem tres.
JOAN. Oh Catalina!
CAT. Oh Fernando!
FER. Oh Madanella!
MAD. Oh Affonso!
Oh quando, quando
Me quereras algum bem!
AFF. Oh Inez! quanto mal tem
Esta maleita, em que ando!
INEZ. Oh Joanne! quão amiga
Que sam do teu bom doairo!
JOAN. Se não tens outro repairo,
Cant'eu não sei que te diga.
FER. Isto chamam amor louco,
Eu por ti e tu por outro.
Rogo-te aramá, Madanella,
Pois ma ora te vi, e nella
Que m'escutes ora hum pouco.
Porque algorrem se m'entende,
Eu a doma que passou
Este braço me ganhou,
Emperol gansei perende
Abonda que hum de cem,
Hum de cem e hum vintem.
Meu pae er tem bem de seu,
E não tem filho, nega eu:
Está attento ca, Madanella,

Vem agora a Pascoella,
Casemo-nos tu e eu.

MAD. Catalina he minha amiga,
Sei que se paga de ti.

CAT. Fernando, por meu mal te vi,
Como lá diz a cantiga.

JOAN. Oh! commendo ó Decho a praga!
Gingrae lá com taes cachopas,
Leix'as quem de ti se paga.

CAT. E tu porque não faes sopas
Com Inez, pois que te affaga?

INEZ. Agora lhe fio eu
Hũa camiza de linho.
Queres, Joanne, toucinho
Com pouco de pão do meu?

AFF. E a mi raiva que me aperte.

INEZ. Vae-te, que não quero ver-te:
Não tens tu ahi Madanella?
Falla, falla tu co'ella.
O diabo dou a morte:
Como he partuno, Jesu!

MAD. Affonso.

AFF. Pezar ora de San Pego!

MAD. E assi o faes tu comego?
Bofá! ansi mao es tu!
Não sei que houveste comtego.

FER. Maos lobos m'acabem ja!

CAT. Guarde-te Deos earamá:
Pois que sería de mi!
Mas casemo-nos eu e ti.

JOAN. E Joanne raivará?

Pois, pardeos, bem te servi.
Comego seja essa dança,
Não andes assi do vento.
CAT. Toda m'ora eu arrebento
Pola tua maridança.
AFF. Sabes, Joanne, que façamos?
Vamo-nos todos tres.
JOAN. Vamos,
E busquemos outras tres.
Eu te farei a ti, Inez,
Que me jejũes os ramos.
(Vem Margarida, pastora, que achou hũa imagem de nossa Senhora, e tra-la escondida n'hum feixe de lenha, e diz:)
MARG. Ai, manas, que eu achei!
CAT. Onde?
MARG. Na serra em cima.
MAD. Que he, Margarida prima?
MARG. Quasi, quasi não o sei.
INEZ. Chufas?
MARG. Não, pardeos, amigas.
CAT. Rogo-te que nô-lo digas.
MARG. Mas he para adivinhar;
E quemquer que o acertar,
Eu a fartarei de migas.
INEZ. Sera algum cugumelo?
MARG. Não, que tem olhos e mãos.
CAT. São caçapos temporãos.
MAD. Mas, samicas pesadelo.
CAT. Onde o trazes?
MARG. Na lenha.

CAT. He raposo, Deos mantenha.
MARG. Si raposo; teu pae torto.
INEZ. Ouriço cacheiro morto.
MARG. Não he cousa que pel tenha.
MAD. Mas sabeis que he leitão,
Que tem couro e não tem pelle?
MARG. Leitão? isso vos era elle.
INEZ. Elle não ha de ser cão.
MARG. Nem ave, nem cousa viva
Nem morta.
CAT. Ó cativa!
E tem pés e mãos e olhos?
MARG. E narizes e giolhos;
Nem he cousa mansa nem esquiva.
CAT. Rogo-te que digas que he,
Que isso parece patranha.
MARG. Tenho-a eu por façanha,
E não pequena, abofé.
CAT. Não o deffengules mais.
MARG. Se attentegas estais,
Muito asinha vos direi
O que vi e que achei,
Com tanto que me creais.
Chegando á Pena furada,
Áquem da Virgem da Estrella,
Achei ser hũa donzella,
Bofá donzella dourada:
E como a vi, como digo,
Saltou tal tremor comigo,
Porque ella reluzia,
Que estava se fugiria;

Ao nosso cura tá ó cabo,
E ó priol.

INEZ. Esse diabo
Nunca te ha de querer crer.

AFF. E do priol disse algorrem?

MARG. Não fallou nem mal nem bem.

JOAN. Tambem elle he bom piloto.

AFF. Mas he valente minhoto,
Qu'apanha as frangas mui bem.

JOAN. Dou já ó Decho o reixelo.

FER. E Pero Gil, capellão,
Que lhe dizes?

JOAN. Que varão!
Como lh'ellas vem a pêllo,
Nenhũas lhe escaparão.

AFF. E Janaffonso Altos-pés?

FER. Tambem esse he bom freguez,
E muito gamenho zote.

JOAN. Hontem lhe dei eu hum mote
Sobr'isso, bem portuguez.
Vão-se earamá casar,
E não andar de soticapa.
Juro a Deos, s'eu fòra papa,
Eu lhes seccára o cantar.

MARG. Não me bula aqui ninguem
Neste meu feixe de lenha;
Atá que eu va e venha
Não veja ninguem qu'aqui vem.
Porque eu vou a chamar,
Que venhão com devação
Os melhores do logar

A levar em procissão
O que a Virgem me quiz dar.
(Vai-se.)

AFF. Cant'eu não me posso ter,
Vejamos o que isto he.

JOAN. Vejamos por tua fé,
Que gran cousa deve ser.
(Desata Affonso o feixe e diz)

AFF. Ella omagem m'assegura:
Oh Senhora Virgem pura!

CAL. Quem vos trouge a esta serra?

FER. Ponde os giolhos em terra.

AFF. Ponhamo-la nesta verdura.
(E posta a imagem, diz)

JOAN. Pois não sabemos rezar,
Façamos-lhe hũa chacota,
Porque toda a alma devota
O que tem, isso ha de dar.

FER. Façamos, que bem sera.

CAT. Joanne, tir'-te tu lá.
Dá-me tu a mão, Fernando.

FER. Nisso estava or'eu cuidando.
Madanella, vem tu ca.

MAD. Com Affonso quero eu.

AFF. Inez mana, eu comtigo,
Que nunca tão grande amigo
Em tua vida tens de teu.

INEZ. Porque andas bugiando?

MAD. Ora fuge lá, Fernando.

JOAN. Onde não ha concordança,
Não ha hi festa nem dança:

Nem estemos perfiando.
(Vem Margarida com quatro Clerigos.)
FER. Oh corpo de Deos sagrado!
Quanto zote que vem!
MARG. Não quizestes vós perem
Condecer no meu mandado?
Ora seja ja embora.
Padres, vêdes a Senhora
Que eu achei bem acasuso.
CLER. Jesu! eu estou confuso!
2.º C. Deos te salve, Emperadora!
(Hymno O gloriosa Domina *rezado a versos pelos clerigos á imagem de Nossa Senhora.)*
« O gloriosa Senhora do mundo,
« Excelsa princeza do ceo e da terra,
« Fermosa batalha de paz e de guerra,
« Da sancta Trindade secreto profundo!
« Sancta esperança, ó madre d'amor,
« Ama discreta do filho de Deos,
« Filha e madre do Senhor dos Ceos,
« Alva do dia com mais resplandor!
« Fermosa barreira, ó alvo e fito,
« A quem os profetas direito atiravam!
« A ti, gloriosa, os Ceos esperavam,
« E as tres pessoas hum Deos infinito.
« Ó cedro nos campos, estrella no mar,
« Na serra ave phenix, hũa só amada,
« Hũa so sem mácula, e so preserverada,
« Hũa so nascida, sem conto e sem par!
« Do que Eva triste ao mundo tirou
« Foi o teu fructo restituidor;

« Dizendo-te *ave* o embaixador,
« O nome de *Eva* te significou.
« Ó porta dos paços do mui alto Rei,
« Camera cheia do Spirito Sancto.
« Janella radiosa de resplandor tanto,
« E tanto zelosa da divina lei!
« Ó mar de sciencia, a tua humildade,
« Que foi senão porta do ceo estrellado?
« Ó fonte dos anjos, ó horto cerrado,
« Estrada do mundo para a divindade,
« Quando os anjos cantão a glória de Deos,
« Não são esquecidos da glória tua;
« Que as glórias do filho são da madre sua,
« Pois reinás com elle na côrte dos Ceos.
« Pois que faremos os salvos por ella,
« Nascendo em miseria, tristes peccadores,
« Senão tanger palmas e dar mil louvores
« Ao Padre, ao Filho e Esprito, e a ella!

(Aqui ordenão sua chacota; e a letra da cantiga he a seguinte)

TODOS. « Quem he a desposada?
« A Virgem sagrada.
« Quem he a que paria?
« A Virgem Maria.
« Em Bethlem, cidade
« Muito pequenina,
« Vi hũa desposada
« E Virgem parida.
« Em Bethlem, cidade
« Muito pequenina,
« Vi hũa desposada

« E Virgem parida.
« Quem he a desposada?
« A Virgem sagrada.
« Quem he a que paria?
« A Virgem Maria.
Hũa pobre casa
« Toda reluzia,
« Os anjos cantavão,
« O mundo dizia:
« Quem he a desposada?
« A Virgem sagrada.
« Quem he a que paria?
« A Virgem Maria. »

E com esta chacota se despedirão.

AUTO DA FEIRA.

FIGURAS.

MERCURIO. — TEMPO. — SERAPHIM. — DIABO. — ROMA. — AMANCIO VAZ. — DENIZ LOURENÇO. — BRANCA ANNES. — MARTA DIAS. — TESAURA. — JULIANA. — DOROTHEA. — MONECA. — GILBERTO. — NABOR. — MATHEUS. — JUSTINA. — VICENTE. — LEONARDA. — MERENCIANA. — THEODORA. — GIRALDA.

A obra seguinte he chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excellente Principe El-Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, ás matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.

(Entra primeiramente Mercurio, e posto em seu assento, diz:)

MERC. Pera que me conheçais,
E entendais meus partidos,
Todos quantos aqui estais
Affinae bem os sentidos,
Mais que nunca, muito mais.
Eu sou estrella do ceo,
E despois vos direi qual,

E quem me ca descendeo,
E a que, e todo o al
Que me a mi aconteceo.
E porque a estronomia
Anda agora mui maneira,
Mal sabida e lisongeira,
Eu á honra deste dia
Vos direi a verdadeira.
Muitos presumem saber
As operações dos ceos,
E que morte hão de morrer,
E o que ha de acontecer
Aos anjos e a Deos,
E ao mundo e ao diabo.
E o que sabem tem por fé;
E elles todos em cabo
Terão hum cão polo rabo,
E não sabem cujo he.
E cada hum sabe o que monta
Nas estrellas que olhou;
E ao moço que mandou,
Não lhe sabe tomar conta
D'hum vintem que lh'entregou.
Porém quero-vos prégar,
Sem mentiras nem cautelas,
O que per curso d'estrellas
Se poderá adivinhar,
Pois no ceo nasci com ellas.
E se Francisco de Mello,
Que sabe sciencia avondo,
Diz que o ceo he redondo,

E o sol sôbre amarello;
Diz verdade, não lh'o escondo.
  Que se o ceo fôra quadrado,
Não fôra redondo, senhor.
E se o sol fôra azulado,
D'azul fôra sua côr,
E não fôra assi dourado.
E porque está governado
Por seus cursos naturaes,
Neste mundo onde morais
Nenhum homem aleijado,
Se for manco e corcovado,
Não corre por isso mais.
  E assi os corpos celestes
Vos trazem tão compassados,
Que todos quantos nascestes,
Se nascestes e crescestes,
Primeiro fostes gerados.
E que fazem os poderes
Dos sinos resplandecentes?
Fazem que todalas gentes
Ou são homens ou mulheres,
Ou crianças innocentes.
  E porque Saturno a nenhum
Influe vida contina,
A morte de cada hum
He aquella de que se fina,
E não de outro mal nenhum.
Outrosi o terremoto,
Que ás vezes causa perigo,
Faz fazer ao morto voto

De não bulir mais comsigo,
Cantá de seu moto proprio.
E a claridade encendida
Dos raios piramidaes
Causa sempre nesta vida
Que quando a vista he perdida,
Os olhos são por demais.
E que mais quereis saber
Desses temporaes e disso,
Senão que, se quer chover,
Está o ceo para isso,
E a terra pera a receber?
A lua tem este geito:
Ve que clerigos e frades
Ja não tem ao Ceo respeito,
Mingúa-lhes as santidades,
E cresce-lhes o proveito.
Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicæ, secundum Joannes Monteregio:
Mars, planeta dos soldados,
Faz nas guerras conteudas,
Em que os reis são occupados,
Que morrem de homens barbados
Mais que mulheres barbudas.
E quando Venus declina,
E retrográda em seu cargo,
Não se paga o desembargo
No dia que s'elle assina,
Mas antes por tempo largo.
Et quantum ad Taurus et Aries, Can-

cer, *Capricornius positus in firmamento cœli:*

E quanto ao Touro e Carneiro,
São tão maos de haver agora,
Que quando os põe no madeiro,
Chama o povo ao carniceiro
SENHOR, e'os barretes fóra.
Depois do povo agravado,
Que ja mais fazer não póde,
Invoca o sino do Bode,
Capricornio chamado,
Porque Libra não lhe acode.
E se este não has tomado,
Nem touro, carneiro assi,
Vae-te ao sino do pescado,
Chamado *Piscis* em latim,
E seras remediado:
E se piscis não tem ensejo,
Porque póde não no haver,
Vae-te ao sino do Cranguejo,
Signum Cancer Ribatejo,
Que está alli a quem no quer.

Sequuntur mirabilia Jupiter, Rex regum dominus dominantium.

Jupiter, rei das estrellas,
Deos das pedras preciosas,
Mui mais precioso qu'ellas,
Pintor de todalas rosas,
Rosa mais fermosa dellas;
He tão alto seu reinado,
Influencia e senhoria,

Que faz per curso ordenado
Que tanto val hum cruzado
De noite como de dia.
  E faz que hũa nao veleira
Mui forte, muito segura,
Que inda que o mar não queira,
E seja de cedro a madeira,
Não preste sem pregadura.
Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.
  No zodiaco acharão
Doze moradas palhaças,
Onde os sinos estão
No inverno e no verão,
Dando a Deos infindas graças.
Escutae bem, não durmais,
Sabereis por congeituras
Que os corpos celestiaes
Não são menos nem são mais
Que suas mesmas granduras.
  E os que se desveláräo,
Se das estrellas souberão,
Foi que a estrella que olhárão,
Está onde a puzerão,
E faz o que lhe mandárão.
E cuidão que Ursa maior,
Ursa minor e o Dragão,
E *Lepus*, que tem paixão,
Porque hum corregedor
Manda enforcar hum ladrão?

Não, porque as constelações
Não alcanção mais poderes,
Que fazer que os ladrões
Sejão filhos de mulheres,
E os mesmos paes varões.
E aqui quero acabar.
E pois vos disse atéqui
O que se póde alcançar,
Quero-vos dizer de mi,
E o que venho buscar.

Eu sam Mercurio, senhor
De muitas sabedorias,
E das moedas reitor,
E deos das mercadorias:
Nestas tenho meu vigor.
Todos tractos e contractos,
Valias, preços, avenças,
Carestias e baratos,
Ministro suas pretenças,
Até as compras dos çapatos.

E porquanto nunca vi
Na côrte de Portugal
Feira em dia de Natal,
Ordeno hũa feira aqui
Pera todos em geral.
Faço mercador-mor,
Ao Tempo, que aqui vem;
E assi o hei por bem.
E não falte comprador,
Porque o tempo tudo tem.

(Entra o Tempo, e arma hũa tenda com muitas cousas, e diz:)

TEMPO.

Em nome daquelle que rege nas praças
D'Anvers e Medina as feiras que tem,
Começa-se a feira chamada das Graças,
Á honra da Virgem parida em Belem.
Quem quizer feirar,
Venha trocar, qu'eu não hei de vender;
Todas virtudes qu'houverem mister,
Nesta minha tenda as podem achar,
A trôco de cousas que hão de trazer.
Todos remedios especialmente
Contra fortunas ou adversidades
Aqui se vendem na tenda presente,
Conselhos maduros de sans calidades
Aqui se acharão.
As mercadorias damos e rezão,
Justiça e verdade, a paz desejada,
Porque a Christandade he toda gastada
So em serviço da opinião.
Aqui achareis o temor de Deos,
Que he ja perdido em todos Estados;
Aqui achareis as chaves dos Ceos,
Mui bem guarnecidas em cordões dourados;
E mais achareis
Somma de contas, todas de contar
Quão poucos e poucas haveis de lograr
As feiras mundanas; e mais contareis
As contas sem conto qu'estão per contar.
E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo,

Se forão perdendo de dias em dias,
Com a vontade que déste ó Messias
Memoria o teu anjo que ande comigo,
Senhor, porque temo
Ser esta feira de maos compradores,
Porque agora os mais sabedores
Fazem as compras na feira do Demo,
E os mesmos diabos são seus corretores.

(Entra hum Seraphim enviado por Deos a petição do Tempo, e diz.)

SERAPHIM.

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos;
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,
Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecessores.
Feirae o carão que trazeis dourado;
Ó presidente do crucificado,
Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores
Do tempo passado.
Ó Principes altos, imperio facundo,
Guardae-vos da ira do Senhor dos Ceos:
Comprae grande somma do temor de Deos
Na feira da Virgem, Senhora de mundo,
Exemplo de paz,
Pastora dos anjos, luz das estrellas.
Á feira da Virgem, donas e donzellas,
Porque este mercador sabei que aqui traz
As cousas mais bellas.

(Entra hum Diabo com hũa tendinha diante de si, como bufarinheiro, e diz:)

DIABO. Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quizer,
Que na feira onde eu entrar
Sempre tenho que vender,
E acho quem me comprar.
E mais vendo muito bem,
Porque sei bem o que entendo;
E de tudo quanto vendo
Não pago sisa a ninguem
Por tracto que ande fazendo.
Quero-me fazer á vela
Nesta sancta feira nova.
Verei os que vem a ella,
E mais verei quem m'estrova
De ser eu o maior della.
TEM. Es tu tambem mercador,
Que a tal feira t'offereces?
DIABO. Eu não sei se me conheces.
TEM. Fallando com salvanor,
Tu diabo me pareces.
DIABO Fallando com salvos rabos,
Inda que me tens por vil,
Acharás homens cem mil
Honrados, que são diabos,
Que eu não tenho nem ceitil.
E bem honrados te digo,
E homens de muita renda,
Que tem divedo comigo.
Pois não me tolhas a venda,
Que não hei nada comtigo.
TEM. Senhor, em toda maneira *(ao Ser.)*

Acudi a este ladrão,
Que me ha de danar a feira.

DIABO Ladrão? Pois haj'eu perdão,
Se vos metter em canceira.
Olhae ea, anjo de bem,
Eu, como cousa perdida,
Nunca me tolhe ninguem
Que não ganhe minha vida,
Como quem vida não tem.
Vendo dessa marmelada,
E ás vezes grãos torrados,
Isto não releva nada;
E em todolos mercados
Entra a minha quintalada.

SER. Muito bem sabemos nós
Que vendes tu cousas vis.

DIABO Hi ha de homens rũis
Mais mil vezes que não bós,
Como vós mui bem sentis.
E estes hão de comprar
Disto que trago a vender,
Que são artes de enganar,
E cousas para esquecer
O que devião lembrar:
Que o sages mercador
Ha de levar ao mercado
O que lhe comprão melhor;
Porque a ruim comprador
Levar-lhe ruim borcado.
E mais as boas pessoas
São todas pobres a eito;

E eu por este respeito
Nunca tracto em cousas boas,
Porque não trazem proveito.
Toda a glória de viver
Das gentes he ter dinheiro,
E quem muito quizer ter
Cumpre-lhe de ser primeiro
O mais ruim que puder.
E pois são desta maneira
Os contractos dos mortaes,
Não me lanceis vós da feira
Onde eu hei de vender mais
Que todos á derradeira.
Ser. Venderás muito perigo,
Que tens nas trevas escuras.
Diabo Eu vendo perfumaduras,
Que, pondo-as no embigo,
Se salvão as criaturas.
Ás vezes vendo virotes,
E trago d'Andaluzia
Naipes com que os sacerdotes
Arreneguem cada dia,
E joguem té os pellotes.
Ser. Não venderás tu aqui isso,
Que esta feira he dos ceos:
Vae lá vender ao abisso
Logo, da parte de Deos.
Diabo Senhor, apello eu disso.
S'eu fosse tão mao rapaz,
Que fizesse fôrça a alguem,
Era isso muito bem;

Mas cada um veja o que faz,
Porque eu não forço ninguem.
Se me vem comprar qualquer
Clerigo, leigo ou frade
Falsas manhas de viver,
Muito por sua vontade;
Senhor, que lh'hei de fazer?
E se o que quer bispar
Ha mister hypocrisia,
E com ella quer caçar;
Tendo eu tanta em porfia,
Porque lh'a hei de negar?
E se hũa doce freira
Vem á feira
Por comprar hum inguento,
Com que voe do convento;
Senhor, inda que eu não queira,
L'hei de dar aviamento.

MERC. Alto, Tempo, aparelhar,
Porque Roma vem á feira.

DIABO Quero-me eu concertar,
Porque lhe sei a maneira
De seu vender e comprar.

(Entra Roma, cantando)

ROMA. «Sôbre mi armavão guerra:
«Ver quero eu quem a mi leva.
«Tres amigos que eu havia,
«Sôbre mi armão porfia;
«Ver quero eu quem a mi leva.»
Vejamos se nesta feira,
Que *Mercurio* aqui faz,

Acharei a vender paz,
Que me livre da canceira
Em que a fortuna me traz.
Se os meus me desbaratão,
O meu soccorro onde está?
Se os christãos mesmo me matão,
A vida quem m'a dara,
Que todos me desacatão?
  Pois s'eu aqui não achar
A paz firme e de verdade
Na sancta feira a comprar,
Cant'a mi dá-me a vontade
Que mourisco hei de fallar.

DIABO Senhora, se vos prouver,
Eu vos darei bom recado.

ROMA. Não pareces tu azado
Pera trazer a vender
O que eu trago no cuidado.

DIABO   Não julgueis vós pola côr,
Porque em al vai o engano;
Ca dizem que sob mao panno
Está o bom bebedor:
Nem vós digais mal do anno.

ROMA. Eu venho á feira direita
Comprar paz, verdade e fé.

DIABO A verdade pera que?
Cousa que não aproveita,
E aborrece, pera que he?
Não trazeis bôs fundamentos
Pera o que haveis mister;
E a segundo são os tempos,

Assi hão de ser os tentos,
Pera saberdes viver.
E pois agora á verdade
Chamão Maria peçonha,
E parvoice á vergonha,
E aviso á ruindade;
Peitae a quem vo-la ponha,
A ruindade digo eu:
E aconselho-vos mui bem,
Porque quem bondade tem
Nunca o mundo sera seu,
E mil canceiras lhe vem.
Vender-vos-hei nesta feira
Mentiras vinta tres mil,
Todas de nova maneira,
Cada hũa tão subtil,
Que não vivais em canceira:
Mentiras pera senhores,
Mentiras pera senhoras,
Mentiras pera os amores,
Mentiras, que a todas horas
Vos nasção dellas favores.
E como formos avindos
Nos preços disto que digo,
Vender-vos-hei como amigo
Muitos enganos infindos,
Que aqui trago comigo.
ROMA. Tudo isso tu vendias,
E tudo isso feirei
Tanto, que inda venderei,
E *outras sujas* mercancias,

Que por meu mal te comprei.
  Porque a trôco do amor
De Deos, te comprei mentira,
E a trôco do temor
Que tinha da sua ira,
Me déste o seu desamor:
E a trôco da fama minha
E sanctas prosperidades,
Me déste mil torpidades:
E quantas virtudes tinha
Te troquei polas maldades.
  E pois já sei o teu geito,
Quero ir ver que vai ca.

DIABO. As cousas que vendem lá
São de bem pouco proveito
A quemquer que as comprará.

(Vai-se Roma ao Tempo e Mercurio. e diz)

ROMA. Tão honrados mercadores
Não podem leixar de ter
Cousas de grandes primores;
E quant'eu houver mister
Deveis vós de ter, senhores.

SER. Sinal he de boa feira
Virem a ella donas taes;
E pois vós sois a primeira,
Queremos ver que feiraes
Segundo vossa maneira.
  Ca, se vós a paz quereis,
Senhora, sereis servida,
E logo a levareis
A trôco de sancta vida;

Mas não sei se a trazeis.
Porque, Senhora, eu me fundo
Que quem tem guerra com Deos,
Não póde ter paz c'o mundo;
Porque tudo vem dos ceos,
Daquelle poder profundo.
ROMA. A trôco das estações
Não fareis algum partido,
E a trôco de perdões,
Que he thesouro concedido
Para quaesquer remissões?
Oh! vendei-me a paz dos ceos,
Pois tenho o poder na terra.
SER. Senhora, a quem Deos dá guerra,
Grande guerra faz a Deos,
Que he certo que Deos não erra.
Vêde vós que lhe fazeis,
Vêde como o estimais,
Vêde bem se o temeis;
Attentae com quem lutais,
Que temo que cahireis.
ROMA. Assi que a paz não se dá
A trôco de jubileus?
MERC. Ó Roma, sempre vi lá
Que matas peccados ca,
E leixas viver os teus.
E não te corras de mi:
Mas com teu poder facundo
Assolves a todo o mundo,
E não te lembras de ti,
Nem ves que te vas ao fundo.

ROMA. Ó Mercurio, valei-me ora,
Que vejo maos apparelhos.
MERC. Dá-lhe, Tempo, a essa Senhora
O cofre dos meus conselhos:
E podes-te ir muito embora.
Hum espelho hi acharás,
Que foi da Virgem sagrada.
Co'elle te toucarás,
Porque vives mal toucada,
E não sintes como estás:
E acharás a maneira
Como emendes a vida:
E não digas mal da feira;
Porque tu seras perdida,
Se não mudas a carreira.
Não culpes aos reis do mundo,
Que tudo te vem de cima,
Polo que fazes cá em fundo:
Que, offendendo a causa prima,
Se resulta o mal segundo.
E tambem o digo a vós,
E a qualquer meu amigo,
Que não quer guerra comsigo:
Tenha sempre paz com Deos,
E não temerá perigo.
DIABO Preposito Frei Sueiro,
Diz lá o exemplo velho,
Dá-me tu a mim dinheiro,
E dá ao demo o conselho.

(Depois de ida Roma, entrão dous lavradores, hum per nome Amancio Vaz, e outro Deniz Lourenço, e diz)

AMAN. Compadre, vas tu á feira?
DEN. Á feira, compadre.
AMAN. Assi;
Ora vamos eu e ti
Ó longo desta ribeira.
DEN. Bofá, vamos.
AMAN. Folgo bem
De te vir aqui achar.
DEN. Vas tu lá buscar alguem,
Ou esperas de comprar?
AMAN. Isso te quero contar,
E iremos patorneando.
E er tambem aguardando
Polas moças do logar.
Compadre, enha mulher
He muito destemperada,
E agora, se Deos quizer,
Faço conta de a vender,
E da-la-hei por quasi nada.
Qu'eu quando casei com ella
Dizião-me, — hétega he;
E eu cuidei pola abofé
Que mais cedo morresse ella,
E ella anda inda em pé.
E porque era hétega assim
Foi o que m'a mim danou:
Avonda qu'ella engordou
E fez-me hétego a mim.

DEN. Tens boa mulher de teu:
Não sei que tu has, amigo.
AMAN. S'ella casára comtigo,
Renegáras tu com'eu,
E dixeras o que eu digo.
DEN. Pois, compadre, cant'á minha,
He tão molle e desatada,
Que nunca dá peneirada,
Que não derrame a farinha.
E não põe cousa a guardar,
Que a tope quando a cata;
E por mais que homem se mata,
De birra não quer fallar.
Tras d'hũa pulga andará
Tres dias, e oito, e dez,
Sem lhe lembrar o que fez,
Nem tampouco o que fará.
Pera que t'hei de fallar?
Quando hontem cheguei do mato
Poz hũa enguia a assar,
E crua a leixou levar,
Por não dizer sape a hum gato.
Cant'a mansa, mansa he ella;
Dá-me logo cant'á disso.
AMAN. Juro-t'eu que mais val isso
Cincoenta vezes qu'ella.
A minha te digo eu
Que se a visses assanhada,
Parece demoninhada,
Ante San Bartholomeu.
DEN. Ja siquer terá esp'rito:

Mas renega da mulher
Que ó tempo do mister
Não he cabra nem cabrito.

AMAN. A minha tinh'eu em guarda
Para bem de minha prol,
Cuidando que era ourinol,
E tornou-se-me bombarda.
Folga tu que ess'outra tenhas,
Porque a minha he tal perigo,
Que por nada que lhe digo
Logo me salta nas grenhas.
Então tanto punho sêcco
Me chimpa nestes focinhos;
Eu chamo pelos vezinhos,
E ella nego dar-me em xeco.

DEN. Isso he de coraçuda;
Não cures de a vender,
Que s'alguem te mal fizer,
Ja siquer tens quem te acuda.
Mas a minha he tão cortez,
Que se viesse ora á mão
Que m'espancasse hum rascão,
Não diria, — mal fazês:
Mas antes s'assentaria
A olhar como eu bradava.
Todavia a mulher brava
He, compadre, a qu'eu queria.

AMAN. Pardeos! tanto me faras,
Que feire a minha comtego.

DEN. Se queres feirar comego,
Vejamos que me daras.

AMAN. Mas antes m'has de tornar,
Pois te dou mulher tão forte,
Que te castigue de sorte
Que não ouses de fallar,
Nem no mato nem na córte.
Outro bem teras com ella:
Quando vieres da arada,
Comerás sardinha assada,
Porqu'ella jenta a panella.
Então geme, pardeos, si,
Diz que lhe doe a moleira.
DEN. Eu faria por maneira
Que esperasse ella por mi.
AMAN. Que lh'havias de fazer?
DEN. Amancio Vaz, eu o sei bem.
AMAN. Deniz Lourenço, ei-las ca vem.
Vamo-nos nós esconder,
Vejamos que vem catar,
Qu'ellas ambas vem a feira.
Mette-te nessa silveira,
Qu'eu daqui hei d'espreitar.
(Vem Branca Annes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava:)
BRAN. Pois casei má hora, e nella,
E com tal marido, prima,
Comprarei ca hũa gamella,
Para o ter debaixo della,
E hum gran penedo em cima.
Porque vai-se-me ás figueiras,
E come verde e maduro;
E quantas uvas penduro

Jeita nas gorgomileiras:
Parece negro monturo.
Vai-se-m'ás ameixieiras,
Antes que sejão maduras;
Elle quebra as cereijeiras,
Elle vendima as parreiras,
E não sei que faz das uvas.
Elle não vai á lavrada,
Elle todo o dia come,
Elle toda a noute dorme,
Elle não faz nunca nada,
E sempre me diz que ha fome.
Jesu! posso-te dizer,
E jurar e tresjurar,
E provar e reprovar,
E andar e revolver,
Qu'he melhor pera beber,
Que não pera maridar.
O demo que o fez marido!
Que assi sêcco como he
Beberá a tôrre da Sé:
Então arma hum arruido
Assim debaixo do pé.
MARTA. Pois bom homem parece elle.
DEN. Aquella he a minha froxa.
MARTA Deu-t'elle a fraldilha roxa?
BRAN. Melhor lh'esfole eu a pelle.
Que homem ha hi da puxa.
O diabo que o eu dou,
Que o leve em fatiota,
E o ladrão que m'o gabou;

E o frade que me casou
Inda o veja na picota.
E rógo á Virgem da Estrella,
E á sancta Gerjalem,
E ós choros da Madanella,
E á asninha de Belem,
Que o veja eu ir á vela
Para donde nunca vem.

DEN. Compadre, nó mais soffrer:
Sae de lá desse silvado.

AMAN. Pera eu ser arrepelado
Não havi'eu mais mester.

DEN. E não n'has tu de vender?

AMAN. Tu dizes que a qués feirar.

DEN. Não qu'ella se me tomar,
Leixar-m'ha quando quizer.
Mas dêmo-las á ma estreia;
E voto que nos tornemos,
E er depois tornaremos
Com as cachopas d'aldeia:
Entonces concertaremos.

AMAN. Isso me parece a mi
Muito melhor que eu ir lá.
Oh que couces que me dá,
Quando me colhe sob si!

DEN. Cant'áquella si dará.

DIABO Mulheres, vós que me quereis?
Nesta feira que buscais?

MARTA Queremo-la ver, nó mais,
Pera ver em que tractais,
E as cousas que vendeis.

Tendes vós aqui anneis?
DIABO Quejandos? de que feição?
MARTA D'huns que fazem de latão.
DIABO Pera as mãos, ou pera os pés?
MARTA Não — Jesu, nome de Jesu,
Deos e homem verdadeiro!
(Foge o Diabo, e Marta diz:)
MARTA Nunca eu vi bufalinheiro
Tão prestes tomar o mu.
Branc'Annes mana, cre tu
Que, como Jesu he Jesu,
Era este o diabo inteiro.
BRAN. Não he elle pao de boa lenha,
Nem lenha de bo madeiro.
MARTA Bofá, nunqu'elle ca venha.
BRAN. Viagem de Jão moleiro,
Que foi pola cal d'azenha.
MARTA Pasmada estou eu de Deos
Fazer o demo marchante!
Mana, daqui por diante
Não caminhemos nós sos.
BRAN. S'eu soubera quem elle era,
Fizera-lhe bom partido:
Que me levára o marido,
E quanto tenho lhe dera,
E o toucado e o vestido.
Inda que mais não levára
Desta feira, em extremo
Me alegrára e descançára,
Se o víra levar o demo,
E que nunca mais tornára.

Porque, inda que era diabo,
Fizera serviço a Deos,
E a mim merce em cabo;
E viera-me dos ceos,
Como vem a frol ao nabo.
(Vão-se ao Tempo.)

MARTA Dizei, Senhores de bem,
Nesta tenda que vendeis?
SER. Esta tenda tudo tem;
Vêde vós o que quereis,
Que tudo se fara bem.
Conciencia quereis comprar,
De que vistais vossa alma?
MARTA Tendes sombreiros de palma
Muito bôs para segar,
E tapados pera a calma?
SER. Conciencia digo eu,
Que vos leva ao paraiso.
BRAN. Não sabemos nós qu'he isso;
Dae-o ó decho por seu,
Que ja não he tempo disso.
MARTA Tendes vós aqui borel,
Do pardo de lan meirinha?
BRAN. Eu queria hũa pucarinha
Pequenina para mel.
SER. Esta feira he chamada
Das virtudes em seus tratos.
MARTA Das virtudes! e ha aqui patos?
BRAN. Quereis feirar a cevada
Quatro pares de sapatos?
SER. *Oh piedoso Deos eterno!*

Não comprareis para os ceos
Hum pouco d'amor de Deos,
Que vos livre do inferno?
AN. Isso he fallar per pinceos.
. Esta feira não se fez
Pera as cousas que quereis.
AN. Pois cant'a essas que vendeis,
Daqui affirmo outra vez
Que nunca as vendereis.
Porque neste sigro em fundo
Todos somos negligentes:
Foi ar que deu polas gentes,
Foi ar que deu polo mundo,
De que as almas são doentes:
E se hão de correger
Quando for todo danado:
Muito cedo se ha de ver;
Que ja elle não póde ser
Mais torto nem alejado.
Vamo-nos, Marta, á carreira,
Que as moças do logar
Virão ca fazer a feira,
Qu'estes não sabem ganhar,
Nem tem cousa qu'homem queira.
RTA Eu não vejo aqui cantar,
Nem gaita, nem tamboril,
E outros folgares mil,
Que nas feiras soem d'estar:
E mais feira de Natal,
E mais de Nossa Senhora,
E estar todo Portugal.

BRAN. S'eu soubera qu'era tal,
Não estivera eu ca agora.

(Vem á feira nove moças dos montes, e tres mancebos, todas com cestos nas cabeças cobertos, cantando, e como chegão, se assentão por ordem a vender; e diz-lhe o)

SER. Pois vindes vender á feira,
Sabei que he feira dos ceos;
Por tal vendei de maneira
Que não offendais a Deos,
Roubando a gente estrangeira.

TES. Responde-lhe, Leonarda,
Tu Justina, ou Juliana.

JUL. Mas responda-lhe Giralda,
Tesaura, ou Merenciana.

MER. Responde-lhe, Theodora,
Porque creio que a ti creia.

TES. Responda-lhe Doroteia,
Pois que mora
Junto c'o Juiz d'aldeia.

DOR. Moneca responderá,
Que fallou ja c'o o Senhor.

MON. Responde-lhe tu, Nabor,
Comtigo s'entenderá.
Ou Denisio, ou Gilberto,
Qualquer de vós outros tres,
E não vos embaraceis nem torvês,
Porque he certo
Que bem vos entenderês.

GIL. Estas cachopas não vem
Á feira nego a folgar,

E trazem de merendar
Nesses cestos que hi tem.
  Mas pois quanto ao que entendo,
Sois samica anjo de Deos;
Quando partistes dos ceos,
Que ficava elle fazendo?
SER. Ficava vendo o seu gado.
GIL. Sancta Maria! gado ha lá?
Oh Jesu! como o tera
O Senhor gordo e guardado!
  E ha la boas ladeiras,
Como na serra d'Estrella?
SER. Si.
GIL. E a Virgem que faz ella?
SER. A Virgem olha as cordeiras,
E as cordeiras a ella.
GIL. E os Sanctos de saude
Todos, a Deos louvores?
SER. Si.
GIL. E que legoas havera
Daqui á porta do Paraizo.
Onde San Pedro está?
NABOR Lá vem ó redor das vinhas
Compradores a comprar
Samica ovos e gallinhas.
DOR. Não lhe hei de vender as minhas,
Que as trago pera dar.
(Vem dous compradores, hum per nome Vicente, e outro Matheus, e diz Matheus a Justina.)
MATH. Vós rosa do amarello,

Mana, tendes hi queijadas?
JUST. Tenho vosso avô marmelo;
Conhecei-lo?
MATH. Aqui estão emborilhadas.
JUST. Estade ma ora quêdo,
Pela vossa negra vida.
MATH. Menina, não hajais medo:
Vós sois mais engrandecida
Que Branca de Figueiredo.
Se trazeis ovos, meus olhos,
Não m'os vendais a ninguem.
JUST. Andar em burra e ter bem:
Ouvide ora o rasca-piolhos
(Azeite no micho!) em que vem!
VIC. Minha vida Leonarda
Traz caça para vender?
LEON. Vossa vida negra e parda
Não lhe abastará comer
Da vacca com da mostarda?
VIC. E a mesa de meu senhor
Irá sem ave de penna?
LEON. Quem? e vós sois comprador?
Pois nem grande nem pequena
Não matou o caçador.
VIC. Matais-me vós logo bem
Com dous olhinhos qu'eu digo.
LEON. Mais vos mata a vós o trigo,
Porque não vale a vintem,
E traz mao micho comsigo.
VIC. Vós fazeis de mim rascão.
LEON. Páção vos fizestes vós;

Porém bem vos vimos nós
Guardar bois no Alqueidão.
MATH. Que vindes vender á feira,
Theodora, alma minha,
Minha alma, minha canceira?
Trazeis algũa gallinha?
THEO. Som voss'alma gallinheira.
Que ma ora ca vieste
Pera quem vos poz no paço!
MATH. Senhora, eu que vos faço,
Que vos agastais tão prestes?
Dizei-me vós, Theodora,
Trazeis vós tal cousa tal
Deste geito, muito embora?
Mas lá dess'outro metal
Não fallão á lavradora.
VIC. Senhora Moneca, trazeis
Algum cabrito recente?
MON. Não bofé, Senhor Vicente:
Quizera ora trazer tres,
De que vós foreis contente.
VIC. Juro á sancta cruz de palha
Qu'hei de ver o que aqui'stá.
MON. Não revolvais aramá,
Que não trago nemigalha.
VIC. Não me façais descortez,
Nem queiraes ser tão garrida.
MON. Pola vossa negra vida!
Olhade como he cortez!
Oh! que lhe saia ma sahida.
MATH. Giralda, eu achar-vos-hei

Dous pares de passarinhos?
GIR. Irei por elles aos ninhos,
Entonces os venderei:
Comereis vós estorninhos?
MATH. Respondeis como mulher
Muito de sua vontade.
GIR. Pois digo-vo-la verdade:
Passaros hei de vender?
Olhae aquella piedade!
VIC. Senhora minha Juliana,
Peço-vos que me falleis
Discreta palaciana,
E dizei-me que vendeis.
JUL. Vendo favas de Viana.
VIC. Tendes alguns laparinhos?
JUL. Sim de porca.
VIC. Nem coelhos?
JUL. Quereis comprar dous francelhos,
Para caçardes ratinhos?
VIC. Quero, polos evangelhos.
MATH. Vós Tesaura, minha estrella,
Não virieis ca em vão.
TES. Pois si, vossa estrella vos er'ella:
Como aquillo he de rascão!
MATH. Mas como isso he de donzella!
Porém va ja como vai,
E casemo-nos, senhora.
TES. Pois casae co'elle, casae.
Casar ma ora, meu pae,
Casar ma ora.
MATH. Porém trazeis algum pato?

TES. E quanto dareis por elle?
Hui! e elle revolve o fato:
Olho mao se metta nelle.
MATH. Não trazeis vós o qu'eu cato.
VIC. Merenciana deve ter
Neste cesto algum cabrito.
MERC. Não m'haveis de revolver,
Senão pardeos que dê grito
Tamanho, qu'haveis de ver.
VIC. Eu hei de ver que trazeis.
MERC. Se vós no cesto bolis....
VIC. Senhora, que me fareis?
MERC. Hum aqui-del-rei, ouvis?
Não sejais vós descortez.
VIC. Não quero senão amores,
Pois vosso, senhora, sô.
MERC. Amores de vosso avô,
O da ilha dos Açores.
Andar aramá vós so.
MATH. Vamo-nos daqui Vicente.
VIC. Bofá vamos.
MATH. Nunca vi tal feira.
VIC. Vamos comprar á ribeira,
Qu'anda lá a cousa mais quente.
(Vão-se os compradores, e diz o Seraphim ás moças)
SER. Vós outras quereis comprar
Das virtudes?
TODAS. Senhor, não.
SER. Saibamos porque razão.
DOR. Porque no nosso logar

Não dão por virtudes pão;
Nem casar não vejo eu
Por virtudes a ninguem.
Quem tiver muito de seu,
E tão bôs olhos como eu,
Sem isso casará bem.

SER. Pois porque viestes ora
Cansar á feira de pé?

THEO. Porque nos dizem que he
Feira de Nossa Senhora:
E vêdes aqui porque.
E as graças que dizeis
Que tendes aqui na praça,
Se vos outros as vendeis,
A Virgem as dá de graça
Aos bôs, como sabeis.
E porque a graça e alegria
A madre da consolação
Deu ao mundo neste dia,
Nós vimos com devação
A cantar-lhe hũa folia.
E pois que ja descansamos
Assi em boa maneira,
Moças, assi como estamos,
Dêmos fim a esta feira,
Primeiro que nos partamos.

(Alevantão-se todas, e ordenadas em folia cantárão a cantiga seguinte, com que se despedirão.)

1.º Côro.

« Blanca estais colorada,
« Virgem sagrada.

« Em Belem villa do amor
« Da rosa nasceo a flor:
« Virgem sagrada. »

2.º Côro.

« Em Belem villa do amor
« Nasceo a rosa do rosal:
« Virgem sagrada. »

1.º Côro.

« Da rosa nasceu a flor,
« Pera nosso Salvador:
« Virgem sagrada. »

2.º Côro.

« Nasceu a rosa do rosal,
« Deos e homem natural;
« Virgem sagrada. »

AUTO DA ALMA.

FIGURAS.

ALMA. — ANJO CUSTODIO. — IGREJA. — S. AGOSTINHO. — S. AMBROZIO. — S. JERONIMO. — S. THOMAZ. — DOUS DIABOS.

Este auto presente foi feito á muito devota Rainha Dona Leonor, e representado ao muito poderoso e nobre Rei Dom Emanuel, seu irmão, por seu mandado, na cidade de Lisboa nos paços da Ribeira, em a noute de endoenças; era do Senhor 1508.

ARGUMENTO.

Assi como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse hũa estalajadeira, pera refeição e descanço das almas que vão caminhantes pera a eternal morada de Deos. Esta estalajadeira das almas he a Madre Sancta Igreja; a mesa he o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração tracta a obra seguinte.

(Está posta hũa mesa com hũa cadeira. Vem a Madre Sancta Igreja com seus quatro doctores, San Thomaz, San Jeronimo, Sancto Ambrosio, Sancto Agostinho; e diz)

AGOST. Necessario foi, amigos,
Que nesta triste carreira
Desta vida,
Pera mui p'rigosos p'rigos
Dos imigos,
Houvesse algũa maneira
De guarida.
Porque a humana transitoria
Natureza vai cansada
Em várias calmas;
Nesta carreira da glória
Meritoria,
Foi necessario pousada
Pera as almas.
Pousada com mantimentos,
Mesa posta em clara luz,
Sempre esperando
Com dobrados mantimentos
Dos tormentos
Que o Filho de Deos na cruz
Comprou, penando.
Sua morte foi avença,
Dando, por dar-nos paraizo,
A sua vida
Apressada, sem detença;

Por sentença
Julgada a paga em proviso,
E recebida.
A sua mortal empresa
Foi, sancta estalajadeira
Igreja Madre
Consolar á sua despesa
Nesta mesa
Qualquer alma caminheira,
Com o Padre
E o anjo Custodio aio.
Alma que lh'he encommendada,
Se enfraquece
E lhe vai tomando raio
De desmaio;
Se chegando a esta pousada,
Se guarece.

(Vem o Anjo Custodio com a Alma, e diz)

ANJO. Alma humana formada
De nenhũa cousa, feita
Mui preciosa,
De corrupção separada,
E esmaltada
Naquella frágoa perfeita
Gloriosa;
Planta neste valle posta
Pera dar celestes flores
Olorosas,
E pera serdes tresposta
Em a alta costa
Onde se crião primores

Mais que rosas;
Planta sois e caminheira,
Que ainda que estais, vos is
Donde viestes.
Vossa patria verdadeira
He ser herdeira
Da glória que conseguis:
Andae prestes.
  Alma bem-aventurada,
Dos anjos tanto querida,
Não durmais;
Hum ponto não esteis parada,
Que a jornada
Muito em breve he fenecida,
Se attentais.

ALMA. Anjo que sois minha guarda,
Olhae por minha fraqueza
Terreal:
De toda a parte haja resguarda,
Que não arda
A minha preciosa riqueza
Principal.
  Cercae-me sempre ó redor,
Porque vou mui temerosa
Da contenda.
Ó precioso defensor
Meu favor!
Vossa espada lumiosa
Me defenda.
  Tende sempre mão em mim,
Porque hei medo de empeçar,

E de cahir.
ANJO. Pera isso sam, e a isso vim;
Mas emfim
Cumpre-vos de me ajudar
E resistir.
Não vos occupem vaidades,
Riquezas, nem seus debates.
Olhae por vós;
Que pompas, honras, herdades
E vaidades,
São embates e combates
Pera vós.
Vosso livre alvedrio,
Isento, fôrro, poderoso,
Vos he dado
Polo divinal poderio
E senhorio,
Que possais fazer glorioso
Vosso estado.
Deu-vos livre entendimento,
E vontade libertada
E a memória,
Que tenhais em vosso tento
Fundamento,
Que sois por elle criada
Pera a glória.
E vendo Deos que o metal
Em que vos poz a estillar,
Pera merecer,
Que era muito fraco e mortal:
E por tal

Me manda a vos ajudar
E defender.
Andemos a estrada nossa;
Olhae não torneis atraz,
Que o imigo
Á vossa vida gloriosa
Porá grosa.
Não creais a Satanaz,
Vosso perigo.
  Continuae ter cuidado
Na fim de vossa jornada,
E a memória
Que o spirito atalaiado
Do peccado
Caminha sem temer nada
Pera a glória.
E nos laços infernaes,
E nas redes de tristura
Tenebrosas,
Da carreira que passais
Não caiais:
Siga vossa fermosura
As gloriosas.

(Adianta-se o Anjo, e vem o Diabo e diz:)

DIABO Tão depressa, ó delicada
Alva pomba, pera onde is?
Quem vos engana,
E vos leva tão cansada
Por estrada,
Que sómente não sentis
Se sois humana?

Não cureis de vos matar,
Que ainda estais em idade
De crescer.
Tempo ha hi pera folgar,
E caminhar:
Vivei á vossa vontade,
E havei prazer.
Gozae, gozae dos bens da terra,
Procurae por senhorios
E haveres.
Quem da vida vos desterra
Á triste serra?
Quem vos falla em desvarios
Por prazeres?
Esta vida he descanso
Doce e manso,
Não cureis d'outro paraizo:
Quem vos põe em vosso siso
Outro remanso?

ALMA. Não me detenhais aqui,
Deixae-me ir, que em al me fundo.

DIABO Oh descansae neste mundo,
Que todos fazem assi.
Não são em balde os haveres,
Não são em balde os deleites,
E fortunas;
Não são de balde os prazeres
E comeres:
Tudo são puros affeites
Das criaturas.
Pera os homens se criárão.

Dae folga á vossa passagem
D'hoje a mais:
Descansae, pois descansárão
Os que passárão
Por esta mesma romagem
Que levais.
O que a vontade quizer,
Quanto o corpo desejar,
Tudo se faça.
Zombae de quem vos quizer
Reprender,
Querendo-vos marteirar
Tão de graça.
Tornára-me, se a vós fôra.
Is tão triste, atribulada,
Que he tormenta.
Senhora, vós sois senhora
Imperadora,
Não deveis a ninguem nada;
Sêde isenta.
NJO. Oh! andae; quem vos detem?
Como vindes pera a glória
Devagar!
Oh meu Deos! oh summo bem!
Ja ninguem
Não se preza da victoria
Em se salvar.
Ja cansais, alma preciosa!
Tão asinha desmaiais?
Sêde esforçada!
Oh como virieis trigosa

E desejosa,
Se visseis quanto ganhais
Nesta jornada!
Caminhemos, caminhemos;
Esforçae ora, alma sancta
Esclarecida!

(Adianta-se o Anjo, e torna Satanaz:)

DIABO Que vaidades e que extremos
Tão supremos!
Pera que he essa pressa tanta?
Tende vida.
Is mui desautorisada,
Descalça, pobre, perdida
De remate:
Não levais de vosso nada,
Amargurada.
Assi passais esta vida
Em disparate.
Vesti ora este brial,
Mettei o braço por aqui:
Ora esperae.
Oh como vem tão real!
Isto tal
Me parece bem a mi:
Ora andae.
Huns chapins haveis mister
De Valença: — ei-los aqui.
Agora estais vós mulher
De parecer.
Ponde os braços presumptuosos:
Isso si.

Passeae-vos mui pomposa,
Daqui pera alli, e de lá pera ca,
E fantasiae.
Agora estais vós fermosa
Como a rosa;
Tudo vos mui bem está.
Descansae.
(Torna o Anjo á Alma, dizendo:)
NJO. Que andais aqui fazendo?
LMA. Faço o que vejo fazer
Pelo mundo.
NJO. Ó Alma, is-vos perdendo;
Correndo vos is metter
No profuudo.
Quanto caminhais avante,
Tanto vos tornais atraz
E atravez.
Tomastes ante com ante
Por mercante,
O cossairo Satanaz,
Porque querês.
Oh! caminhae com cuidado,
Que a Virgem gloriosa
Vos espera.
Deixais vosso principado
Desherdado!
Engeitais a glória vossa
E patria véra!
Deixae esses chapins ora,
E esses rabos tão sobejos,
Que is carregada:

Não vos tome a morte agora
Tão senhora;
Nem sejais com taes desejos
Sepultada.

ALMA. Andae, dae-me ca essa mão;
Andae vós, que eu irei,
Quanto puder.

(Adianta-se o Anjo, e torna o Diabo.)

DIABO Todas cousas com razão
Tem sazão.
Senhora, eu vos direi
Meu parecer.
Ha hi tempo de folgar,
E idade de crescer;
E outra idade
De mandar e triumphar,
E apanhar
E acquirir prosperidade
A que puder.
Ainda he cedo pera a morte;
Tempo ha de arrepender,
E ir ao ceo.
Ponde-vos á fór da côrte,
Desta sorte
Viva vosso parecer,
Que tal nasceo.
O ouro pera que he,
E as pedras preciosas,
E brocados?
E as sedas pera que?
Tende por fé,

Que p'ra as almas mais ditosas
Forão dados.
Vêdes aqui hum collar
D'ouro mui bem esmaltado,
E dez anneis.
Agora estais vós p'ra casar
E namorar:
Neste espelho vos vereis,
E sabereis
Que não vos hei de enganar,
E poreis estes pendentes,
Em cada orelha seu:
Isso si;
Que as pessoas diligentes
São prudentes.
Agora vos digo eu
Que vou contente daqui.

LMA. Oh como estou preciosa,
Tão dina pera servir,
E sancta pera adorar!

JO. Oh alma despiedosa
Perfiosa!
Quem vos devesse fugir,
Mais que guardar!
Pondes terra sobre terra;
Qu'esses ouros terra são.
Ó Senhor,
Porque permittes tal guerra,
Que desterra
Ao reino da confusão
O teu lavor?

Não ieis mais despejada,
E mais livre da primeira
Pera andar?
Agora estais carregada
E embaraçada
Com cousas que, á derradeira,
Hão-de ficar.
Tudo isso se descarrega
Ao porto da sepultura.
Alma sancta, quem vos cega,
Vos carrega
Dessa van desaventura?

ALMA. Isto não me pesa nada,
Mas a fraca natureza
Me embaraça.
Ja não posso dar passada
De cansada:
Tanta he minha fraqueza,
E tão sem graça!
Senhor, ide-vos embora,
Que remedio em mim não sento;
Ja 'stou tal....

ANJO. Sequer dae dous passos ora
Até onda mora
A que tem o mantimento
Celestial.
Ireis alli ropousar,
Comereis alguns bocados
Confortosos;
Porque a hóspeda he sem par
Em agasalhar

Os que vem atribulados
E chorosos.

ALMA. He longe?

ANJO. Aqui mui perto.
Esforçae, não desmaieis;
E andemos,
Qu'alli ha todo concêrto
Mui certo:
Quantas cousas querereis
Tudo tendes.
A hóspeda tem graça tanta,
Far-vos-ha tantos favores....

ALMA. Quem he ella?

ANJO. He a Madre Igreja Sancta,
E os seus sanctos Doutores
Hi com ella.
Ireis d'hi mui despejada,
Cheia do Spirito Sancto,
E mui fermosa.
Ó Alma, sêde esforçada!
Outra passada;
Que não tendes de andar tanto
A ser esposa.

DIABO Esperae, onde vos is?
Essa pressa tão sobeja
He ja pequice.
Como! vós, que presumis,
Consentis
Continuardes a igreja,
Sem velhice?
Dae-vos, dae-vos a prazer,

Que muitas horas ha nos annos
Que lá vem.
Na hora que a morte vier,
Como se quer,
Se perdoão quantos damnos
A alma tem.
  Olhae por vossa fazenda:
Tendes hũas escripturas
De huns casaes,
De que perdeis grande renda.
He contenda,
Que leixárão ás escuras
Vossos paes;
He demanda mui ligeira,
Litigios que são vencidos
Em hum riso.
Citae as partes terça-feira,
De maneira
Como não fiquem perdidos:
E havei siso.

ALMA. Cal'-te por amor de Deos,
Leixa-me, não me persigas;
Bem abasta
Estorvares os hereos
Dos altos ceos:
Que a vida em tuas brigas
Se me gasta.
Leixa-me remediar
O que tu, cruel, damnaste
Sem vergonha:
Que não me posso abalar,

Nem chegar
Ao logar onde gaste
Esta peçonha.

ANJO. Vêdes aqui a pousada
Verdadeira e mui segura
A quem quer vida.

IGREJA Oh como vindes cansada
E carregada!

ALMA. Venho por minha ventura
Amortecida.

IGREJA Quem sois? pera onde andais?

ALMA. Não sei pera onde vou:
Sou salvagem,
Sou hũa alma que peccou
Culpas mortaes
Contra o Deos que me creou
Á sua imagem.
Sou a triste, sem ventura,
Creada resplandecente
E preciosa,
Angelica em fermosura,
E per natura,
Como o raio reluzente
Lumiosa.
E por minha triste sorte,
E diabolicas maldades
Violentas,
Estou mais morta que a morte,
Sem deporte,
Carregada de vaidades
Peçonhentas.

Sou a triste, sem mézinha,
Peccadora obstinada,
Perfiosa;
Pola triste culpa minha
Mui mesquinha,
E todo o mal inclinada,
E deleitosa.
Desterrei da minha mente
Os meus perfeitos arreios
Naturaes;
Não me prezei de prudente,
Mas contente
Me gozei c'os trajos feios
Mundanaes.
Cada passo me perdi;
Em logar de merecer,
Eu sou culpada.
Havei piedade de mi,
Que não me vi;
Perdi meu innocente ser,
E sou damnada.
E, por mais graveza, sento
Não poder-me arrepender
Quanto queria;
Que meu triste pensamento,
Sendo isento,
Não me quer obedecer,
Como soïa.
Soccorrei, hóspeda senhora,
Que a mão de Satanaz
Me tocou,

E sou ja de mim tão fóra,
Que agora
Não sei se avante, se atraz,
Nem como vou.
Consolae minha fraqueza
Com sagrada iguaria,
Que pereço,
Por vossa sancta nobreza,
Que he franqueza;
Porque o que eu merecia
Bem conheço.
  Conheço-me por culpada,
E digo diante vós
Minha culpa.
Senhora, quero pousada,
Dae passada;
Pois que padeceo por nós
Quem nos desculpa.
Mandae-me ora agasalhar,
Capa dos desemparados,
Igreja Madre.
IGREJA Vinde-vos aqui assentar
Mui devagar,
Que os manjares são guisados
Por Deos Padre.
  Sancto Agostinho doutor,
Jeronimo, Ambrosio e Thomaz,
Meus pilares,
Servi aqui por meu amor,
E qual melhor.
E tu, Alma, gostarás

Meus manjares.
Ide á sancta cozinha,
Tornemos esta alma em si,
Porque mereça
De chegar onde caminha,
E se detinha:
Pois que Deos a trouxe aqui,
Não pereça.

(Em quanto estas cousas passão, Satanaz passeia, fazendo muitas vascas, e vem outro Diabo, e diz:)

2.º D. Como andas dessocegado!
1.º D. Arço em fogo de pezar.
2.º D. Que houveste?
1.º D. Ando tão desatinado
De enganado,
Que não posso repousar
Que me preste.
Tinha hũa alma enganada,
Ja quasi pera infernal
Mui accesa.
2.º D. E quem t'a levou forçada?
1.º D. O da espada.
2.º D. Ja m'elle fez outra tal
Bulra como essa.
Tinha outra alma ja vencida,
Em ponto de se enforcar
De desesperada,
A nós toda offerecida,
E eu prestes pera a levar
Arrastada;

E elle fê-la chorar tanto,
Que as lagrimas corrião
Pola terra.
Blasfemei entonces tanto,
Que meus gritos retinnião
Pola serra.
Mas faço conta que perdi,
Outro dia ganharei,
E ganharemos.

1.º D. Não digo eu, irmão, assi:
Mas a esta tornarei,
E veremos.
Torna-la-hei a affagar,
Depois que ella sair fóra
Da Igreja
E começar de caminhar;
Hei de apalpar
Se vencerão ainda agora
Esta peleja.

(Entra a Alma, com o Anjo.)

ALMA. Vós não me desempareis,
Senhor meu anjo custodio.
Ó increos
Imigos, que me quereis,
Que ja sou fóra do odio
De meu Deos?
Leixae-me ja, tentadores,
Neste convite prezado
Do Senhor,
Guisado aos peccadores
Com as dores

De Christo crucificado,
Redemptor.

(*Estas cousas estando a Alma assentada á mesa, e o Anjo junto com ella em pé, vem os Doutores com quatro bacios de cozinha cubertos, cantando,* Vexilla regis prodeunt; *e, postos na mesa, diz Sancto Agostinho:)*

AGOST. Vós, senhora convidada,
Nesta cea soberana
Celestial,
Haveis mister ser apartada
E transportada
De toda a cousa mundana
Terreal.
Cerrae os olhos corporaes,
Deitae ferros aos damnados
Appetitos,
Caminheiros infernaes;
Pois buscais
Os caminhos bem guiados
Dos contritos.

IGREJA Benzei a mesa vós, senhor,
E pera consolação
Da convidada,
Seja a oração de dor
Sôbre o tenor
Da gloriosa paixão
Consagrada.
E vós, Alma, rezareis,
Contemplando as vivas dores
Da Senhora:

Vós outros respondereis,
Pois que fostes rogadores
Até 'gora.

(Oração para Sancto Agostinho.)

Alto Deos maravilhoso,
Que o mundo visitaste
Em carne humana,
Neste valle temeroso
E lacrimoso
Tua glória nos mostraste
Soberana;
E teu filho delicado,
Mimoso da Divindade
E natureza,
Per todas partes chagado,
E mui sangrado,
Pela nossa infirmidade
E vil fraqueza.

Oh Imperador celeste,
Deos alto mui poderoso
Essencial,
Que polo homem que fizeste,
Offereceste
O teu estado glorioso
A ser mortal!

E tua filha, madre, esposa,
Horta nobre, frol dos ceos,
Virgem Maria,
Mansa pomba gloriosa;
Oh quão chorosa
Quando o seu Deos padecia!

Oh lagrimas preciosas,
De virginal coração,
Estilladas!
Correntes das dores vossas
C'os olhos da perfeição
Derramadas!
  Quem hũa so podéra haver,
Víra claramente nella
Aquella dor,
Aquella pena e padecer,
Com que choraveis, donzella,
Vosso amor.
  E quando vós amortecida,
Se lagrimas vos faltavão,
Não faltava
A vosso filho e vossa vida
Chorar as que lhe ficavão
De quando orava.
Porque muito mais sentia
Polos seus padecimentos
Ver-vos tal;
Mais que quanto padecia,
Lhe doïa,
E dobrava seus tormentos,
Vosso mal.
  Se se podesse dizer,
Se se podesse rezar
Tanta dor;
Se se podesse fazer
Podermos ver
Qual estaveis ao cravar

Do Redemptor!
Oh fermosa face bella,
Oh resplandor divinal,
Que sentistes,
Quando a cruz se poz á vela,
E posto nella
O filho celestial
Que paristes!
Vendo por cima da gente
Assomar vosso confôrto
Tão chagado,
Cravado tão cruelmente,
E vós presente,
Vendo-vos ser mãe do morto,
E justiçado!
Oh rainha delicada,
Sanctidade escurecida,
Quem não chora
Em ver morta debruçada
A avogada,
A fôrça da nossa vida!

AMBR. Isto chorou Hieremias
Sôbre o monte de Sion
Ha ja dias;
Porque sentio que o Messias
Era nossa redempção.
E chorava a sem ventura,
Triste de Jerusalem
Homecida,
Matando, contra natura,
Seu Deos nascido em Belem

Nesta vida.

JER. Quem víra o sancto cordeiro
Antre os lobos humildoso,
Escarnecido,
Julgado pera o marteiro
Do madeiro,
Seu rosto alvo e fermoso
Mui cuspido!

(Benze a mesa.)

AGOST. A bençāo do Padre eternal,
E do Filho, que por nós
Soffreo tal dor,
E do Spirito Sancto, igual
Deos immortal,
Convidada, benza a vós
Por seu amor.

IGREJA Ora sus, venha agua ás mãos.

AGOST. Vós haveis-vos de lavar
Em lagrimas da culpa vossa,
E bem lavada.
E haveis-vos de chegar
A alimpar
A hũa toalha fermosa,
Bem lavrada
C'o sirgo das veias puras
Da Virgem, sem mágoa nascido
E apurado,
Torcido com amarguras
Ás escuras,
Com grande dor guarnecido
E acabado.

Não que os olhos alimpeis,
Que o não consentirão
Os tristes laços;
Que taes pontos achareis
De face e envés,
Que se rompe o coração
Em pedaços.
Vereis seu triste lavrado
Natural,
Com tormentos pespontado,
E figurado
Deos creador em figura
De mortal.

(*Esta toalha de que aqui se falla, he a Veronica, a qual S. Agostinho tira d'antre os bacios, e amostra á Alma; e a Madre Igreja, com os Doutores, lhe fazem adoração de joelhos, cantando,* Salve, sancta Facies. *E acabando, diz a Madre Igreja:*)

IGREJA Venha a primeira iguaria.

JER. Esta iguaria primeira
Foi, Senhora,
Guisada sem alegria
Em triste dia,
A crueldade cozinheira
E matadora.
Gosta-la-heis com salsa e sal
De choros de muita dor;
Porque os costados
Do Messias divinal
Sancto, sem mal,

Forão polo vosso amor
Açoutados.

(Esta iguaria em que aqui se falla, são os Açoutes; e em este passo os tirão dos bacios, e os presentão á Alma, e todos de joelhos adorão, cantando, Ave flagellum; *e despois diz)*

JER. Est'outro manjar segundo
He iguaria,
Que haveis de mastigar,
Em contemplar
A dor que o Senhor do mundo
Padecia,
Pera vos remediar,
Foi um tormento improviso,
Que aos miolos lhe chegou:
E consentio,
Por remediar o siso,
Que a vosso siso faltou;
E pera ganhardes paraizo,
A soffrio.

(Esta iguaria segunda de que aqui se falla, he a Coroa de espinhos; e em este passo a tirão dos bacios, e de joelhos os sanctos Doutores cantão, Ave corona espiniarum; *e acabando diz a Madre Igreja:)*

IGREJA Venha outra do theor.

JER. Est'outro manjar terceiro
Foi guisado
Em tres logares de dor,
A qual maior,

Com a lenha do madeiro
Mais prezado.
Come-se com gran tristura,
Porque a Virgem gloriosa
O vio guisar:
Vio cravar com gran crueza
A sua riqueza,
E sua perla preciosa
Vio furar.

(E a este passo tira Sancto Agostinho os Cravos, e todos de joelhos os adorão, cantando, Dulce lignum, dulcis clavus. *E acabada a oração, diz o Anjo á Alma:)*

ANJO. Leixae ora esses arreios,
Qu'est'outra não se come assi
Como cuidais.
Pera as almas são mui feios,
E são meios
Com que não andão em si
Os mortaes.

(Despe a Alma o vestido e joias que lh'o inimigo deu.)

AGOST. Ó Alma bem aconselhada,
Que dais o seu cujo he;
O da terra á terra:
Agora ireis despejada
Pola estrada,
Porque vencestes com fé
Forte guerra.

IGREJA Venha ess'outra iguaria.

JER. A *quarta* iguaria he tal,

Tão esmerada,
De tão infinda valia
E contia,
Que na mente divinal
Foi guisada,
Por misterio preparada
No sacrario virginal,
Mui cuberta,
Da divindade cercada
E consagrada,
Despois ao Padre eternal
Dada em offerta.

(*Apresenta S. Jeronimo á Alma hum Crucifixo, que tira d'antre os pratos; e os Doutores o adorão, cantando*, Domine Jesu Christe; *acabando, diz a*)

Alma. Com que fôrças, com que sprito,
Te darei tristes louvores,
Que sou nada,
Vendo-te, Deos infinito,
Tão afflicto,
Padecendo tu as dores,
E eu culpada?
Como estás tão quebrantado,
Filho de Deos immortal!
Quem te matou?
Senhor, per cujo mandado
Es justiçado,
Sendo Deos universal,
Que nos creou?

Agost. A fruita deste jantar,

Que neste altar vos foi dado
Com amor,
Iremos todos buscar
Ao pomar
Aonde está sepultado
O Redemptor.

E todos com a Alma, cantando Te Deum laudamus, *forão adorar o moimento.*

AUTO DA BARCA DO INFERNO.

FIGURAS.

ANJO, *Arrais do Ceo.* — DIABO, *Arrais do Inferno.* — COMPANHEIRO DO DIABO. — FIDALGO. — ONZENEIRO. — PARVO. — SAPATEIRO. — FRADE. — BRIZIDA VAZ, *Alcoviteira.* — JUDEU. — CORREGEDOR. — PROCURADOR. — ENFORCADO. — QUATRO CAVALLEIROS.

Representa-se na obra seguinte hũa perfiguração sobre a rigorosa accusação, que os inimigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E por tractar desta materia põe o Autor por figura que no dito momento ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estão dous bateis: hum delles passa pera a Gloria, outro pera o Purgatorio. He repartida em tres partes; s. de cada embarcação hũa scena. Esta primeira he da viagem do Inferno.

Esta perfiguração se escreve neste primeiro livro nas obras de devação, porque a segunda e terceira parte forão representadas na capella; mas esta primeira foi representada de camara, pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, estando enferma do mal de que falleceu, na era do Senhor de 1517.

ABO Á barca, á barca, hou lá,
Que temos gentil maré.
Ora venho a caro a ré:
Feito, feito, bem está.
Vae alli muitieramá,
E atesa aquelle palanco,
E despeja aquelle banco,
Pera a gente que virá.
Á barca, á barca, hu!
Asinha, que se quer ir.
Oh que tempo de partir!
Louvores a Berzebu.
Ora sus, que fazes tu?
Despeja todo esse leito.
MP. Em bonora, logo he feito.
ABO Abaixa aramá esse cu.
Faze aquella poja lesta,
E alija aquella driça.
MP. Ó caça, ó ciça.
ABO Oh que caravella esta!
Põe bandeiras, que he festa:
Verga alta, áncora a pique.
Ó precioso Dom Anrique!
Ca vindes vós? que cousa he esta?
D. Esta barca onde vai ora,
Qu'assim está apercebida?
ABO Vai pera a Ilha perdida,
E ha de partir logo essora.
D. Pera lá vai a senhora?
ABO Senhor, a vosso serviço.

FID. Parece-me isso cortiço.
DIABO Porque vêdes lá de fóra.
FID. Porém a que terra passais?
DIABO Pera o Inferno, senhor.
FID. Terra he bem sem sabor.
DIABO Que! e tambem ca zombais?
FID. E passageiros achais
Pera tal habitação?
DIABO Vejo-vos eu em feição
Pera ir ao nosso cass.
FID. Parece-te a ti assi.
DIABO Em que esperais ter guarida?
FID. Que deixo na outra vida
Quem reze sempre por mi.
DIABO Quem reze sempre por ti?
Hi hi hi hi hi hi hi.
E tu viveste a teu prazer,
Cuidando ca guarecer,
Porque rézão lá por ti?
Embarca, ou embarcae,
Qu'haveis d'ir á derradeira.
Mandae metter a cadeira,
Qu'assi passou vosso pae.
FID. Que, que, qne! e assi lhe vai?
DIABO Vai ou vem, embarcae prestes:
Segundo lá escolhestes,
Assi ca vos contentae.
Pois que ja a morte passastes,
Haveis de passar o rio.
FID. Não ha aqui outro navio?
DIABO Não senhor, qu'este fretastes,

E ja quando espirastes,
Me tinheis dado signal.
FID. Que signal foi esse tal?
DIABO Do que vós vos contentastes.
FID. A est'outra barca me vou.
Hou da barca! pera onde is?
Ah barqueiros, não m'ouvis?
Respondei-me. Hou lá, hou!
Pardeos, aviado estou:
Cant'a isto he ja peor.
Que gericocins, salvanor!
Cuidão ca que sou eu grou!
ANJO. Que mandais?
FID. Que me digais.
Pois parti tão sem aviso,
Se a barca do Paraizo
He esta em que navegais.
ANJO. Esta he; que lhe buscais?
FID. Que me leixeis embarcar:
Sou fidalgo de solar,
He bem que me recolhais.
ANJO. Não se embarca tyrannia
Neste batel divinal.
FID. Não sei porque haveis por mal
Qu'entre minha senhoria.
ANJO. Pera vossa fantasía
Mui pequena he esta barca.
FID. Pera senhor de tal marca
Não ha hi mais cortezia?
Venha a prancha e o atavio;
Levae-me desta ribeira.

ANJO. Não vindes vós de maneira
Pera entrar neste navio.
Ess'outro vai mais vazio,
A cadeira entrará,
E o rabo caberá,
E todo vosso senhorio.
Ireis lá mais espaçoso,
Vós e vossa senhoria,
Contando da tyrannia,
De que ereis tão curioso.
E porque de generoso
Desprezastes os pequenos;
Achar-vos-heis tanto menos,
Quanto mais fostes fumoso.

DIABO Á barca, á barca, senhores!
Oh que maré tão de prata!
Hum ventosinho que mata,
E valentes remadores.
« Vos me veniredes á la mano,
« Á la mano me veniredes:
« Y vos veredes
« Peixes nas redes. »

FID. Ao Inferno todavia!
Inferno ha hi pera mi?
Oh triste! que em quanto vivi,
Nunca cri que o hi havia;
Tive que era fantasia;
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado,
E não vi que me perdia.
Venha essa prancha, e veremos

Esta barca de tristura.

DIABO Embarque vossa doçura,
Que ca nos entenderemos.
Tomareis hum par de remos,
Veremos como remais;
E chegando ao nosso cais,
Nós vos desembarcaremos.

FID. Mas esperae-me aqui;
Tornarei á outra vida
Ver minha dama querida,
Que se quer matar por mi.

DIABO Que se quer matar por ti?

FID. Isto bem certo o sei eu.

DIABO Ó namorado sandeu,
O maior que nunca vi!

FID. Era tanto seu querer,
Que m'escrevia mil dias.

DIABO Quantas mentiras que lias,
E tu morto de prazer!

FID. Pera que he escarnecer,
Que não havia mais no bem?

DIABO Assim vivas tu amen,
Como te tinha querer.

FID. Isto quanto o que eu conheço.

DIABO Pois estando tu spirando,
Se estava ella requebrando
Com outro de menos preço.

FID. Dá-me licença, te peço,
Que va ver minha mulher.

DIABO E ella por não te ver
Despenhar-s'ha d'hum cabeço.

Quanto ella hoje rezou
Antre seus gritos e gritas,
Foi dar glórias infinitas
A quem na desabafou.
FID. Cant'a ella bem chorou.
DIABO E não ha hi chôro d'alegria?
FID. E as lástimas que dizia!
DIABO Sua mãe lh'as ensinou.
Entrae, meu senhor, entrae;
Venha a prancha, ponde o pé.
FID. Entremos, pois que assi he.
DIABO Ora agora descansae,
Passeae e suspirae,
Em tanto virá mais gente.
FID. Ó barca, como es ardente!
Maldito quem em ti vai!
(ao moço da cadeira.)
DIABO Tu, seu moço, vae-te d'hi,
Que a cadeira ca sobeja;
Cousa que estava na igreja
Não s'ha de embarcar aqui.
Ca lh'a darão de marfi,
Marchetada de dolores,
Com taes modos de lavores,
Qu'estara fóra de si.
Á barca, á barca, boa gente,
Que queremos dar á vela:
Chegar a ella, chegar a ella.
(Chega hum Onzeneiro, e diz:)
ONZ. Oh que barca tão valente!
Pera onde caminhais?

DIABO Oh que ma ora venhais,
Onzeneiro meu parente!
Como tardastes vós tanto?
ONZ. Mais quizera eu tardar;
Na safra do apanhar
Me deu Saturno quebranto.
DIABO Ora muito m'eu espanto
Não vos livrar o dinheiro.
ONZ. Nem tamsoes para o barqueiro,
Não me deixárão nem tanto.
DIABO Ora entrae, entrae aqui.
ONZ. Não hei eu hi de embarcar.
DIABO Oh que gentil recear,
E que cousa pera mi!
ONZ. Ind'agora falleci,
Deixae-me buscar batel.
DIABO Pezar de Jam Pimentel!
Porque não irás aqui?
ONZ. E pera onde he a viagem?
DIABO Pera onde tu has d'ir,
Estamos para partir:
Não cures de mais linguagem.
ONZ. Mas pera onde he a passagem?
DIABO Pera a infernal comarca.
ONZ. Dixe, não m'embarco eu nessa barca;
Est'outra tem a vantagem.
(Vai-se á barca do Anjo.)
Hou da barca, hou lá, hou!
Haveis logo de partir?
ANJO. E onde queres tu ir?
ONZ. Eu pera o Paraizo vou.

ANJO. Pois cant'eu bem fóra estou
De te levar pera lá:
Ess'outra te levará;
Vae pera quem t'enganou.
ONZ. Porque?
ANJO. Porqu'esse bolção
Tomára todo o navio.
ONZ. Juro a Deos que vai vazio.
ANJO. Não ja no teu coração.
ONZ. Lá me ficão de rondão
Vinte e seis milhões n'hũa arca.
DIABO Pois que onzena tanto abarca,
Não lhe deis embarcação.
(Torna ao Diabo.)
ONZ. Hou lá, hou demo barqueiro,
Sabeis vós no que me fundo?
Quero lá tornar ao mundo,
E trazer o meu dinheiro,
Qu'aquell'outro marinheiro,
Porque me ve vir sem nada,
Dá-me tanta borregada,
Como arrais lá do Barreiro.
DIABO Entra, entra, e remarás;
Não percamos mais maré.
ONZ. Todavia...
DIABO Por fôrça he:
Que te pês, ca entrarás;
Irás servir Satanaz,
Pois que sempre t'ajudou.
ONZ. Oh triste! quem me cegou!
DIABO Cal'-te, que ca chorarás.

(Entrando no batel, diz ao Fidalgo.)

ONZ. Sancta Joanna de Valdez!
Ca he Vossa Senhoria?
FID. Dá ó demo a cortezia.
DIABO Ouvis? fallae vós cortez.
Vós, fidalgo, cuidareis
Que estais em vossa pousada?
Dar-vos-hei tanta pancada
C'hum remo, que arrenegueis.

(Vem hum Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:)

PARVO Hou daquella!
DIABO Quem he?
PARVO Eu soo.
He esta naviarra vossa?
DIABO De quem?
PARVO Dos tolos.
DIABO Vossa;
Entrae.
PARVO De pulo, ou de voo?
Oh pezar de meu avô!
Soma vim adoecer,
E fui ma ora morrer,
E nella pera mi so.
DIABO De que morreste?
PARVO De que?
Samica de caganeira.
DIABO De que?
PARVO De caga merdeira.
Ma rabugem que te dê!
DIABO Entra, e põe aqui o pé.
PARVO Hou lá, não tombe o zambuco.

DIABO Entra, tolaço eunuco,
Que se nos vai a maré.
PARVO Aguardae, aguardae, hou lá,
E onde havemos nós d'ir ter?
DIABO Ao porto de Lucifer.
PARVO Como?
DIABO Ó Inferno. Entra ca.
PARVO Ó Inferno ieramá.
Hio hio, barca do cornudo,
Beiçudo, beiçudo,
Rachador d'alverca, huhá!
Sapateiro de Landosa,
Antrecosto de carrapato,
Sapato, sapato,
Filho da grande aleivosa;
Tua mulher he tinhosa,
E ha de parir um sapo,
Chentado no guardanapo,
Neto da cagarrinhosa.
Furta cebolas, hio, hio,
Excommungado nas igrejas,
Burrela cornudo sejas.
Toma o pão que te cahio,
A mulher que te fugio
Pera a Ilha da Madeira.
Ratinho da Giesteira,
O demo que te pario.
Hio, hio, lanço-te hũa pulha
De pica náquella.
Hio, hio, caga na vela,
Cabeça de grulha,

Perna de cigarra velha,
Pelourinho da Pampulha,
Rabo de forno de telha.
(Chegando á Barca da Gloria diz:)
Hou da barca!

ANJO. Tu que queres?
PARVO Quereis-me passar alem?
ANJO. Quem es tu?
PARVO Não sou ninguem.
ANJO. Tu passarás, se quizeres.
Porque em todos teus fazeres,
Per malicia não erraste;
Tua simpreza t'abaste
Pera gozar dos prazeres.
Espera em tanto per hi,
Veremos se vem alguem
Merecedor de tal bem,
Que deva d'entrar aqui.

(Vem hum Sapateiro carregado de fôrmas, e diz na Barca do Inferno:)

SAP. Hou da barca!
DIABO Quem vem hi?
Sancto sapateiro honrado,
Como vens tão carregado!
SAP. Mandárão-me vir assi.
Mas pera onde he a viagem?
DIABO Pera a terra dos damnados.
E os que morrem confessados
Onde tem sua passagem?
DIABO Não cures de mais linguagem,
Qu'esta he tua barca — esta.

SAP. Renegaria eu da festa,
E da barca, e da barcagem.
Como pod'rá isso ser,
Confessado e commungado?
DIABO Tu morreste excommungado,
E não no quizeste dizer:
Esperavas de viver,
Calaste dez mil enganos.
Tu roubaste, bem trinta annos,
O povo com teu mister.
Embarca-te, eramá para ti;
Qu'ha ja muito que t'espero.
SAP. Digo-te que re-não quero.
DIABO Digo-te que si, re-si.
SAP. Quantas missas eu ouvi
Não m'hão ellas de prestar?
DIABO Ouvir missa, então roubar,
He caminho pera aqui.
SAP. E as offertas que darão,
E as horas dos finados?
DIABO E os dinheiros mal levados,
Que foi da satisfação?
SAP. Oh não praza ó cordavão,
Nem á puta da badana,
S'he esta boa tranquitana,
Em que se ve Jan'Antão.
(Vai á Barca do Paraizo.)
Ora juro a Deos qu'he graça.
Hou da sancta caravella,
Podereis levar-me nella?
ANJO. A cárrega te embaraça,

SAP. Não ha mercê que me Deos faça?
Isto hi xiquer irá.
ANJO. Essa barca que lá está,
Leva quem rouba de praça.
Oh almas embaraçadas!
SAP. Ora eu me maravilho
Haverdes por gran peguilho
Quatro forminhas cagadas,
Que podem bem ir chantadas
No cantinho desse leito.
ANJO. Se tu vieras direito,
Ellas forão ca scusadas.
SAP. Assi que determinais
Que va cozer ao Inferno?
ANJO. Escripto estás no caderno
Das ementas infernaes.
SAP. Pois, diabos, que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo,
E levae-me áquelle fogo:
Pera qu'he aguardar mais?

(Entra hum Frade com hũa Moça pela mão, e vem dansando, fazendo a baixa com a bocca, e acabando, diz o)

DIABO Que he isso, Padre? que vai lá?
FRAD. *Deo gratias!* Sam cortezão.
DIABO Sabeis tambem o tordião?
FRAD. He mal que m'esquecerá.
DIABO Essa dama ha de entrar ca?
FRAD. Não sei onde embarcarei.
DIABO Ella he vossa?
FRAD. Não sei;

Por minha a trago eu ca.
DIABO E não vos punhão lá grosa,
Nesse convento sagrado?
FRAD. Assi fui bem açoutado.
DIABO Que cousa tão preciosa!
Entrae, Padre reverendo.
FRAD. Pera onde levais gente?
DIABO Pera aquelle fogo ardente,
Que não temeste vivendo.
FRAD. Juro a Deos que não t'entendo:
E este hábito me não val?
DIABO Gentil padre mundanal,
A Berzebu vos commendo.
FRAD. Corpo de Deos consagrado!
Pola fé de Jesu Christo,
Qu'eu não posso entender isto:
Eu hei de ser condemnado?
Hum padre tão namorado,
E tanto dado á virtude!
Assi Deos me dê saude,
Que estou maravilhado.
DIABO Não façamos mais detença;
Embarcae, e partiremos;
Tomareis hum par de remos.
FRAD. Não ficou isso n'avença.
DIABO Pois dada está ja a sentença.
FRAD. Pardeos, essa sería ella!
Não vai em tal caravella
Minha senhora Florença.
Como! por ser namorado,
E folgar c'hũa mulher,

Se ha de hum frade de perder,
Com tanto psalmo rezado?
DIABO Ora estás bem aviado.
FRAD. Mas estás bem corregido.
DIABO Devoto padre e marido,
Haveis de ser ca pingado.
FRAD. Mantenha Deos esta c'roa!
DIABO Ó padre Frei Capacete!
Cuidei que tinheis barrete.
FRAD. Sabei que fui da pessoa.
Esta espada he roloa,
E este broquel rolão.
DIABO Dê vossa Reverencia lição
D'esgrima, que he cousa boa.
FRAD. Que me praz, dêmos caçada. *(esgrime)*
Então logo hum contra sus,
Hum fendente, ora sus:
Esta he a primeira levada.
Alevantae a espada;
Mettei o diabo na cruz,
Como o eu agora puz.
Sahi c'o a espada rasgada,
E que fique anteparada.
Talho largo, hum revés;
E logo colhêr os pés,
Que todo o al não he nada.
Quando o recolher se tarda,
O ferir não he prudente.
Eia, sus, mui largamente,
Cortae na segunda guarda.
Guarde-me Deos d'espingarda,

Ou de varão denodado;
Mas aqui estou guardado,
Como a palha na albarda.
  Saio com meia espada.
Hou lá, guardar as queixadas.
DIABO Oh que valentes levadas!
FRAD. Inda isto não he nada:
Dêmos outra vez caçada.
Contra sus, ora hum fendente;
E cortando largamente,
Eis aqui a sexta guarda.
  Daqui se sai com hũa guia,
E hum revés da primeira:
Esta he a quinta verdadeira.
Oh quantos daqui feria!
Padre que tal aprendia,
No inferno ha de haver pingos?
Ah! não praza a San Domingos
Com tanta descortezia.
  Prosigamos nossa historia,
Não façamos mais detença.
Dae ca a mão, Senhora Florença,
Vamos á barca da Gloria.
(*Chega á Barca da Gloria.*)
Deo gratias! Ha ca logar
Pera minha Reverença?
E a Senhora Florença
Polo meu ha lá d'entrar.
PARVO Andar muitieramá:
Furtaste esse trinchão, frade?
FRAD. Senhora, dá-me a vontade,

Que este feito mal está.
Vamos onde havemos d'ir.
Praza a Deos co'a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira,
Senão emfim concrudir.

DIABO Padre, haveis logo de vir.
FRAD. Si, tomae-me lá Florença,
E cumpramos a sentença:
Ordenemos de partir.

(Vem hũa Alcoviteira, per nome Brizida Vaz, e chegando á Barca do Inferno, diz:)

BRIZ. Hou da barca, hou lá!
DIABO Quem me chama?
BRIZ. Brizida Vaz.
DIABO Eia, aguarda-me, rapaz:
Porque não vem ella ja?
COMP. Diz que não ha de vir ca,
Sem Joanna de Valdeis.
DIABO Entrae vós, e remareis.
BRIZ. Não quero eu entrar lá.
DIABO Que saboroso arrecear!
BRIZ. Não he essa barca a que eu cato.
DIABO E trazeis vós muito fato?
BRIZ. O que me convem levar.
DIABO Qu'he o que haveis d'embarcar?
BRIZ. Seiscentos virgos postiços,
E tres arcas de feitiços,
Que não podem mais levar.
Tres almarios de mentir,
E cinco cofres d'enleios,
E alguns furtos alheios,

Assi em joias de vestir,
Guarda-roupa d'encobrir:
Emfim casa movediça,
Hum estrado de cortiça,
Com dez cochins d'embair.
A mor cárrega que he,
Essas moças que vendia;
D'aquesta mercadoria
Trago eu muita á bofé.

DIABO Ora ponde aqui o pé.
BRIZ. Hui! eu vou par'ó Paraizo.
DIABO E quem te disse a ti isso?
BRIZ. Lá hei d'ir desta maré.
Eu sou hũa mártel tal,
Açoutes tenho eu levados,
E tormentos supportados,
Que ninguem me foi igual.
S'eu fosse ao fogo infernal,
Lá iria todo o mundo.
A est'outra barca ca em fundo
Me vou, que he mais real.

(Chegando á Barca da Gloria, diz ao Anjo.)

Barqueiro, mano, meus olhos,
Prancha a Brizida Vaz.
ANJO. Eu não sei quem te ca traz.
BRIZ. Peço-vo-lo de giolhos,
Cuidais, que trago piolhos,
Anjo de Deos, minha rosa?
Eu sou Brizida a preciosa,
Que dava as moças ós mólhos;
A que criava as meninas

Pera os conegos da Sé.
Passae-me por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas:
Que eu sou apostolada,
Angelada, e martelada,
E fiz obras mui divinas.
Sancta Ursula não converteo
Tantas cachopas, como eu;
Todas salvas polo meu,
Que nenhũa se perdeo:
E prouve áquelle do ceo,
Que todas achárão dono.
Cuidais que dormia eu somno?
Nem ponta; e não se perdeo.
JO. Ora vae lá embarcar,
Não m'estês importunando.
IZ. Pois estou-vos allegando
O porque m'haveis de levar.
JO. Não cures d'importunar,
Que não podes ir aqui.
IZ. E que ma ora eu servi,
Pois não m'ha d'aproveitar!
Hou barqueiro da ma ora,
Ponde a prancha, que eis me vou;
E tal fada me fadou,
Que pareço mal cá fóra.
ABO Ora entrae, minha senhora,
E sereis bem recebida.
Se vivestes sancta vida,
Vós o sentireis agora.

(Vem hum Judeu com hum bode ás costas, e diz ao Diabo:)

JUDEU Que vai lá, hou marinheiro?
DIABO Oh que ma ora vieste!
JUDEU Cuja he esta barca que preste?
DIABO Esta barca he do barqueiro.
JUDEU Passae-me por meu dinheiro.
DIABO E esse bode ha ca de vir?
JUDEU O bode tambem ha d'ir.
DIABO Oh que honrado passageiro!
JUDEU Sem bode, como irei lá?
DIABO Pois eu não passo ca cabrões.
JUDEU Eis aqui quatro tostões,
E mais se vos pagará:
Por vida de Sema Fará,
Que me passeis o cabrão.
Quereis mais outro tostão?
DIABO Nem tu não has de vir ca.
JUDEU Porque não irá o Judeu
Onde vai Brizida Vaz?
(ao Fidalgo.)
Ao Senhor Meirinho apraz?
Senhor Meirinho, irei eu?
DIABO E ao fidalgo quem lhe deu
O mando deste batel?
JUDEU Corregedor, coronel,
Castigae este sandeu.
Azará, pedra meuda,
Lodo, chanto, fogo, lenha,
Caganeira que te venha,
Ma currença que t'acuda.

Por el Deu que te sacuda
Com a beca nos focinhos.
Fazes burla dos meirinhos?
Dize, filho da cornuda.

Parvo Furtaste a chiba, cabrão?
Pareceis-me vós a mim
Carrapato d'Alcoutim,
Enxertado em camarão.

Diabo Judeu, lá te levarão,
Porque hão d'ir descarregados.

Parvo E s'elle mijou nos finados
No adro de San Gião!
E comia a carne da panella
No dia de nosso Senhor;
E mais elle, salvanor,
Cada vez mija náquella.

Diabo Ora sus, dêmos á vela.
Vós Judeu, ireis á toa,
Que sois mui ruim pessoa.
Levae o cabrão na trella.

(Vem hum Corregedor, e diz, chegando á Barca do Inferno:)

Cor. Hou da barca!

Diabo Que quereis?

Cor. Está aqui o Senhor Juiz.

Diabo Ó amador de perdiz,
Quantos feitos que trazeis!

Cor. No meu ar conhecereis
Qu'elles não vem de meu geito.

Diabo Como vai lá o direito?

Cor. Nestes feitos o vereis.

DIABO Ora pois, entrae, veremos
Que diz hi nesse papel.
COR. E onde vai o batel?
DIABO No Inferno vos poremos.
COR. Como! á terra dos Demos
Ha de ir hum Corregedor?
DIABO Sancto descorregedor,
Embarcae, e remaremos.
Ora entrae, pois que viestes.
COR. *Non est de regula juris*, não.
DIABO *Ita, ita*, dae ca a mão,
Remareis hum remo destes.
Fazei conta que nascestes
Pera nosso companheiro.
Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes.
COR. Oh renego da viagem,
E de quem m'ha de levar!
Ha aqui meirinho do mar?
DIABO Não ha ca tal costumagem.
COR. Não entendo esta barcagem,
Nem *hoc non potest esse*.
DIABO Se ora vos parecesse
Que não sei mais que linguagem.
Entrae, entrae, Corregedor.
COR. Hou, *videtis qui petatis?*
Super jure majestatis
Tem vosso mando vigor?
DIABO Quando ereis ouvidor,
Nonne accipistis rapina?
Pois ireis pela bolina

Onde nossa mercê for.
Oh que isca esse papel,
Pera hum fogo qu'eu sei!
COR. *Domine, memento mei!*
DIABO *Non est tempus*, bacharel;
Imbarquemini in batel,
Quia judicastis malitia.
COR. *Semper ego in justitia*
Feci, e bem por nivel.
DIABO E as peitas dos Judeus,
Que vossa mulher levava?
COR. Isso eu não no tomava,
Erão lá percalços seus:
Non sunt peccatus meus,
Peccavit uxor mea.
DIABO *Et vobis quoque cum ea;*
Nemo timuistis Deus.
A largo modo *acquiristis*
Sanguinis laboratorum,
Ignorantes peccatorum,
Ut quid eos non audistis.
COR. Vós, arrais, *nonne legistis*
Que o dar quebra os penedos?
Os direitos estão quedos,
Si aliquid tradidistis.
DIABO Ora entrae nos negros fados,
Ireis ao lago dos cães,
E vereis os escrivães
Como estão tão prosperados.
COR. E na terra dos damnados
Estão os Evangelistas?

DIABO Os mestres das burlas vistas
Lá estão bem fragoados.
(Vem hum Procurador, e diz o Corregedor, quando o ve:)
COR. Ó Senhor Procurador!
PRO. Bejo-vo-las mãos, Juiz.
Que diz esse arrais? que diz?
DIABO Que sereis bom remador.
Entrae, bacharel doutor,
E ireis dando á bomba.
PRO. E este barqueiro zomba?
Jogatais de zombador?
Essa gente que hi 'stá,
Pera onde a levais?
DIABO Pera as penas infernaes.
PRO. Dixe, não vou pera lá;
Outro navio está ca,
Muito melhor assombrado.
DIABO Ora estais bem aviado:
Entrae muitieramá.
COR. Confessastes-vos, doutor?
PRO. Bacharel sou. Dou-me ó demo!
Não cuidei que era extremo,
Nem de morte minha dor.
E vós, Senhor Corregedor?
COR. Eu mui bem me confessei;
Mas tudo quanto roubei
Encubri ao confessor.
Porque, se o não tornais,
Não vos querem absolver;
E he mui mao de volver,

Depois que o apanhais.
DIABO Pois porque não embarcais?
COR. *Quia esperamus in Deo.*
DIABO *Imbarquemini in barco meo;*
Para que *speratis* mais?
(Vão-se á barca da Gloria.)
COR. Hou arrais dos gloriosos,
Passae-nos nesse batel.
ANJO. Oh pragas pera papel,
Pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos,
Sendo filhos da sciencia!
COR. Oh! *habeatis* clemencia,
E passae-nos como vossos.
PARVO Hou homens dos breviairos,
Rapinastis coelhorum,
Et pernis perdigotorum,
E mijais nos campanairos.
COR. Anjos, não sejais contrairos,
Pois não temos outra ponte.
PARVO *Beleguinis ubi sunte,*
Ego latinus macairos.
ANJO. A justiça divinal
Vos manda vir carregados,
Porque vades embarcados
Nesse batel infernal.
COR. Oh! não praza a San Marçal
Co'a ribeira nem co'o rio!
Cuidão lá que he desvario
Haver ca tamanho mal.
Venha a negra prancha ca;

Vamos ver este segredo.
PROC. Diz um texto do Decreto...
DIABO Entrae, que ca se dirá.
(Entrão no batel dos damnados, e diz o Corregedor a Brizida Vaz:)
COR. Esteis muito aramá,
Senhora Brizida Vaz.
BRIZ. Ja siquer estou em paz,
Que não me leixaveis lá.
Cada hora encoroçada,
Justiça que manda fazer.
COR. I-vos tornar a tecer,
E urdir outra meada.
BRIZ. Dizede, juiz d'alçada,
Vem ja Pero de Lisboa?
Leva-lo-hemos á toa,
E irá desta barcada.
(Vem hum enforcado.)
DIABO Venhais embora, Enforcado.
Que diz lá Garcia Moniz?
ENF. Eu vos direi que elle diz
Que fui bem aventurado;
Que polos furtos que eu fiz,
Sou sancto canonizado;
Pois morri dependurado,
Como o tordo na buiz.
DIABO Entra ca, e remarás
Até ás portas do Inferno.
ENF. Não he essa a nao qu'eu govérno.
DIABO Entra, que inda caberas.
ENF. Pezar de San Barrabaz!

Se Garcia Moniz diz
Que os que morrem como eu fiz,
São livres de Satanaz!
  E disse que a Deos prouvera
Que fôra elle o enforcado,
E que fosse Deos louvado,
Que em bo'hora eu nascêra;
E que o Senhor m'escolhêra,
E por meu bem vi beleguins:
E com isto mil latins,
Como s'eu latim soubera.
  E no passo derradeiro,
Me disse nos meus ouvidos,
Que o logar dos escolhidos
Era a forca e o Limoeiro:
Nem guardião de mosteiro
Não tinha mais sancta gente,
Como Affonso Valente,
O que agora he carcereiro.

DIABO Dava-te consolação
Isso, ou algum esfôrço?

INF. C'o baraço no pescoço
Mui mal presta a prégação.
Elle leva a devação,
Que ha de tornar a jentar;
Mas quem ha de estar no ar,
Aborrece-lhe o sermão.

DIABO Entra, entra no batel,
Que para o Inferno has de ir.

INF. E Moniz ha de mentir?
Dixe-me:— Com San Miguel

Irás comer pão e mel,
Como fores enforcado. —
Ora ja passei meu fado,
E ja feito he o burel.
Agora não sei que he isso:
Não me fallou em ribeira,
Nem barqueiro nem barqueira,
Senão logo ao Paraizo.
E isto muito em seu siso,
E que era sancto meu baraço.
Porém não sei que aqui faço,
Ou s'era mentira isto.

DIABO Fallou-te no purgatorio?

ENF. Diz que foi o Limoeiro;
E ora por elle o salteiro,
E o pregão vitatorio;
E que era muito notorio
Que aquelles deciprinados
Erão horas dos finados,
E missa de San Gregorio.

DIABO Ora entra; pois has d'entrar,
Não esperes por teu pae.

ENF. Entraremos, pois assi vai.

DIABO Este foi bom d'embarcar.
Eia, todos apear,
Qu'está em sêcco o batel.
Vós, doutor, bota batel;
Fidalgo, saltae no mar.

(Vem quatro Fidalgos, cavalleiros da Ordem de Christo, que morrêrão nas partes d'Africa, e vem cantando a quatro vozes a letra que se segue:)

« Á barca, á barca segura,
« Guardar da barca perdida:
« Á barca, á barca da vida.
« Senhores, que trabalhais
« Pola vida transitoria,
« Memoria, por Deos, memoria
« Deste temeroso cais.
« Á barca, á barca, mortaes;
« Porém na vida perdida
« Se perde a barca da vida. »

DIABO Cavalleiros, vós passais,
E não me dizeis p'ra ond'is?

1.º C. E vós, Satan, presumis?...
Attentae com quem fallais.

2.º C. E vós que nos demandais?
Sequer conhecei-nos bem:
Morremos nas partes d'alem;
E não queirais saber mais.

ANJO. Ó cavalleiros de Deos,
A vós estou esperando;
Que morrestes pelejando
Por Christo, Senhor dos ceos.
Sois livres de todo o mal,
Sanctos por certo sem falha;
Que quem morre em tal batalha
Merece paz eternal.

Aqui fenece a primeira scena.

AUTO DA BARCA DO PURGATORIO.

FIGURAS.

ANJO, *Arrais do Ceo.* — DIABO, *Arrais do Inferno.* — COMPANHEIRO DO DIABO. — LAVRADOR. — MARTA GIL, *Regateira.* — PASTOR. — MOÇA PASTORA. — MENINO. — TAFUL. — TRES ANJOS.

Esta segunda scena he attribuida á Embarcação do Purgatorio. Tracta-se per lavradores. Foi representada á muito devota e catholica Rainha D. Leonor no hospital de todolos sanctos da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal, era do Senhor de 1518.

(Primeiramente entrão tres Anjos, cantando o romance seguinte, com seus remos.)

« Remando vão remadores
« Barca de grande alegria;
« O patrão que a guiava,
« Filho de Deos se dizia.
« Anjos erão os remeiros,
« Que remavão á porfia;
« Estandarte d'esperança,
« Oh quão bem que parecia!

"O masto da fortaleza
"Como cristal reluzia;
"A vela com fé cozida
"Todo o mundo esclarecia;
"A ribeira mui serena,
"Que nenhum vento bolia,"
(Entra o Arrais do Inferno, e diz:)

IABO Ah sancto corpo de mi,
Corpo de mi consagrado!
Como está isto assi
Sem ninguem estar aqui
Neste meu porto dourado,
Agora que está breado
De novo o caravellão,
Espalmado, e apparelhado,
E mais largo bô quinhão,
Que o passado?
Quanto mais se chega a fim
Do mundo, a todo o andar,
Tanto a gente he mais ruim:
E juro ó corpo de mim
Que ja canso de remar.
Cumpre-me d'apparelhar
Hum valente barinel,
Ou hũa nao singular,
Em que possa mais levar
Que n'hum batel.
E não remar senão tal via,
E depois haver carraca;
Que cobiça e simonia,
Inveja e tyrannia,

Nenhũa dellas afraca.
Ala, ala! saca, saca!
Á terra, á terra, mortaes!
Cerrar o leme a esta banda,
E não curar d'outro cais;
Porque a lei dos mundanaes
Isto manda.

ANJO. Quem quer ir ó Paraizo?
Á glória, á glória, senhores!
Oh que noite pera isso!
Quão prestes, quão improviso
Sois celestes moradores!
Aviae-vos, e partir;
Que vossa vida he sonhar,
E a morte he despertar
Pera nunca mais dormir,
Nem acordar.

Este rio he mui escuro,
Não tendes vao nem maneira:
Entrae em barco seguro,
Havei conselho maduro,
Não entreis em ma bateira;
Que na viagem primeira,
Quantos vistes embarcados
Todos foram alagados:
No mais fundo da ribeira
São penados.

Pois não se póde escusar
A passada deste rio,
Nem a morte s'estorvar,
Qu'he outro braço de mar

Sem remedio nem desvio.
E o batel dos damnados,
Porque nasceo hoje Christo,
Está, c'os remos quebrados,
Em sêcco. Ó descuidados,
Cuidae nisto.
Agora que a madre pia,
Frol de toda a perfeição,
Está com tanta alegria;
Pedi a Sua Senhoria
Gloriosa embarcação,
Que sua he a barcagem.
Pedi-lhe como avogada,
Per lacrimosa linguagem,
Que nos procure viagem
Descansada.
Falla-lhe com alegria,
Canta-lhe como souberes,
Visita a Virgem Maria,
Nossa via, nossa guia,
Frol de todalas mulheres.
Quando aqui lhe appareceres,
Roga-lhe que t'appareça
Com piedosos poderes,
Porque a alma que tiveres
Não pereça.

DIABO Quero ora metter á véla,
E deitar a prancha fóra,
E arrumar a caravella,
E deitar do junco nella,
Se vier qualquer senhora.

E que he isto na ma ora?
E o batel está em sêcco!
Oh renego de Çamora!
  O rio s'encaramelou!
Nunca tal m'aconteceo.
Hou bota, hou bota, hou!
Oh renego de San grou,
E de San pata do ceo!
Arrenego eu do dinheiro
Que ganho nesta viagem,
Arrenego da barcagem,
E do cornudo barqueiro.

(Vem hum Companheiro do Arrais do Inferno, e diz:)

COMP. Parceiro, gurgurgarao.
DIABO Porque?
COMP. Porque he assi.
DIABO Ora bota, hou bota, hao.
COMP. Eu so botára hũa nao
Com este dedo sem ti:
Mas sabe que este serão
He para nós grande praga,
E trabalhamos em vão,
Porque a promessa d'Abrahão
Hoje he a paga.

(Vem hum Lavrador com seu arado ás costas, e diz:)

LAV. Que he isto? ca chega o mar?
Ora he forte cagião.
DIABO Alto, sus, quereis passar?
Ponde hi o chapeirão,

E ajudareis a botar.
V. Da morte venho eu cansado,
E cheio de refregereo,
E não posso, mal peccado.
BO Põe eramá hi o arado.
V. Perem esse he gran mestereo.
S'eu trouguera mais vagar
Sorrira-me eu tamalavez.
BO E vós villão, quereis zombar?
Se vos eu arrebatar?
V. Dout'eu muito de mao mez.
Com'eu a morte passei,
Logo o medo ficou finto.
Enha cedula amanhei,
E meus negocios deixei
Como homem de bô retinto.
Nem fico a dever duas favas,
Nem hum preto por pagar.
BO E os marcos que mudavas,
Dize, porque os não tornavas
Outra vez a seu logar?
V. E quem tirava do meu
Os meus marcos quantos são,
E os chantava no seu,
Dize, pulga de Judeu,
Que lhe dizias tu er então?
BO Foste o mais ruim villão!...
V. Bofá, salvanor salvado,
Vós mentis coma cabrão.
Quer me queirais mal, quer não,
Não dou por isso um cornado.

DIABO Pois porque vens carregado?
LAV. Porque seja conhecido
Por lavrador muito honrado.
E tenho a glória merecido;
Que sempre fui perseguido,
E vivi mui trabalhado.
Ha hi, pezar não de São,
Afficio mais fortunado?
DIABO Pois para que he o villão?
LAV. Todos nós vimos d'Adão.
DIABO Pousa, pousa ahi o arado.
LAV. Juro a San Junco sagrado
Que te chante um par de quédas.
DIABO Aqui has d'ir embarcado.
LAV. Vae beijar o meu bragado
Antre as sedas.
DIABO Que villão tão descortez!
LAV. E vós sois mui deneguil!
Dou eu ja ora ó Decho o freguez.
DIABO Dom villão, comigo irês
Onde estão de vós dez mil.
LAV. E vós Dom rosto de funil,
Cuidareis que sois alguem?
ANJO. Vinde ca, homem de bem;
Pera onde quereis ir?
LAV. Queria passar alem,
Pera a glória do Senhor.
Samicas de lá serês?
ANJO. E vens tu merecedor?
LAV. E que fez lá o lavrador,
Pera andar ca ó través?

NJO. Póde ser mui austinado,
E não querer-se arrepender.
AV. Bofá, Senhor, mal peccado,
Sempre he morto quem do arado
Ha de viver.
Nós somos vida das gentes,
E morte de nossas vidas;
A tyrannos — pacientes,
Que a unhas e a dentes
Nos tem as almas roïdas.
Pera que he parouvelar?
Que queira ser peccador
O lavrador;
Não tem tempo nem logar
Nem somente d'alimpar
As gotas do seu suor.
Na igreja bradão com elle,
Porqu'assoviou a hum cão;
E logo excommunhão na pelle.
O fidalgo maçar nelle,
Até o mais triste rascão.
Se não levão torta a mão,
Não lhe achão nenhum direito.
Muito atribulados são!
Cada hum pella o villão
Por seu geito.
Trago a proposito isto,
Porque veio a bem de falla.
Manifesto está e visto
Que o bento Jesu Christo
Deve ser homem de gala.

E he razão que nos valha
Neste serão glorioso,
Qu'he gran refúgio sem falha.
Isto me faz forçoso,
E não estou temeroso
Nem migalha.

ANJO. Que bens fizeste na vida,
Que te sejão ca guiantes?

LAV. Ia ao bodo da ermida
Cada sancta Margarida,
E dava esmola aos andantes;
Benzia-me pela manhan,
Levava o credo até o cabo.

DIABO Depois tomavas a lan
Da melhor e a mais san,
E davas ao dizimo a do rabo,
Temporan.
E o mais fraco cabrito,
E o frangão offegoso,
Com repetenado esp'rito.

LAV. Oh fideputa maldito,
Triste avezimão tinhoso,
Lano peccador errado!
Não — vai — não me dezimei?
Dize sabujo pellado.

DIABO Tornaste tu o mal levado?

LAV. Si, tornei.
E de tudo fiz aquesta,
Como homem diz, avantairo:
Leixei ó cura a enha bêsta.
Abonda que nem aresta

Tera comigo o cossairo.
Hum annal e hum trintairo,
Com raponsos, ladainhas:
A Gil fiz todo repairo
Com missas d'anniversairo
Trinta dias.
Perol que dizeis vós lá?
Sejo eu como deve ser,
Ou que modo se tera?
JO. He mui caro d'haver ca
Aquelle eternal prazer.
V. Já o eu lá ouvi dizer.
Perol o evangelho diz,
Quem for bautizado e crer
Salvus es: ora dizer,
Sêde juiz.
Pois *quia infernus es,*
Nulla redencia ha hi;
Vêde vós o que dizês,
Qu'a mim ja me pruem os pés,
Pera me passar d'aqui.
JO. Digo que andes assi
Purgando nessa ribeira,
Até que o Senhor Deos queira
Que te levem pera si
Nesta bateira.
V. Bofá, logo quizera eu,
Que m'atormenta este arado;
E dera muito do meu,
Pois que ja hei de ser seu,
Tirar-me deste cuidado.

Ó mundo, mundo enganado,]
Vida de tão poucos dias,
Tão breve tempo passado,
Tu me trouveste enganado,
E me mentias!

DIABO Inda esta barca não nada?
Que festa esta pera mi!
Nunca tal balcarriada,
Nem maré tão desastrada
Nesta ribeira não vi.

(Vem hũa regateira, per nome Marta Gil e diz:)

MARTA Hui! que ribeiros são estes?
DIABO Venhais embora, Marta Gil.
MARTA E donde me conhecestes?
DIABO Folgo eu bem porque viestes
Oufana e dando ó quadril.
MARTA Vêdes outro perrexil!
E marinheiro sois vós?
Ora assim me salve Deos
E me livre do Brazil,
Que estais sutil.
Emque eu seja lavradora,
Bem vos hei de responder.
DIABO Não vos agasteis vós ora,
Que, ou lavradora ou pastora,
Aqui vos hei de metter.
MARTA Hui mana! e quem no deu?
Ide beber,
Que bem vos conheço eu.
DIABO Eu tambem vos sei nascer,

E vi fateixas fazer;
Que o que trazeis he meu,
E ha de ser.

RTA E que cousas são fateixas?
Fateixado te veja eu.

BO Os feitos que feitos leixas,
E o povo cheio de queixas.

RTA Cal'-te, almareo de Judeu.

BO Não sabes tu que viveste
Lavradora e regateira?

RTA Ora comêde-la, que vos preste.
Hui! e que gaio he ora este
De ribeira?
Sabedes vós, João Corujo,
Todos fazem seu proveito.
Olhade o frei Caramujo,
Bargante que não tem cujo!
Cant'a agora he o feito feito.
Não sabes tu que o respeito
Do mundo he em ganhar?
E sôbre isso he seu proveito,
Ou a torto ou a direito
Apanhar.
Fui em tempo de cobiça;
Cada tempo sua usança:
S'eu morrêra de preguiça,
Tiveras muita justiça,
E eu pequena esperança.
Vendia minha lavrança,
Hum ovo por dous reaes,
Hum cabrito, se s'alcança,

Té quatro vintens, nó mais:
Tendes vós isto em lembrança?
Hum frangão por hum vintem,
E hũa gallinha sessenta;
E acerta-se tambem
Que ás vezes vem alguem,
Que as leva por setenta.

DIABO E pera que era agua no leite,
Que deitavas ieramá?

MARTA Mais azeite:
Ind'hoje o elle dirá!
Vistes ora o diabreite!
Ó diabo, visses tu,
Bofé asinha o eu direi.
Como he palreiro, Jesu!
Fôra este cucurucu
Bom secretario d'elRei.
Amanhade-lhe o atafal;
Nadar patas, patarrinhas;
Corregêde-lhe o enxoval;
Onças de raiva mortal
Nas badarrinhas.

DIABO Valha-te a ti, Marta amiga,
Qu'estamos enfeitiçados.

MARTA Embarcade lá esta figa.

DIABO Passará esta fadiga,
Seremos desembargados.

MARTA Anjos bem-aventurados,
Metterei o canistrel,
Que trago os testos britados?
Carregaõ estes peccados,

Que fazem lançar o fel
A bocados.
ANJO. E pera qu'erão elles ca?
MARTA Pera o Demo; e que sei eu?
ANJO. Ora pois, embarca lá.
MARTA Melhor creio eu que sera.
Jesu! Jesu! benzo-me eu.
Ó bento Bartholameu,
E vós Virgem do rosairo,
Polo filho que Deos vos deu
Esta noute vosso e seu,
Haja repairo.
Bem sabedes vós, Senhora,
Que venho eu manifestada,
E fui vossa lavradora;
Emque pecasse algum'ora,
Venha a piedosa alçada.
Esta he a noute que paristes:
Benta a hora em que nascestes;
Esqueção meus males tristes,
Polo menino que vestistes,
E envolvestes.
Anjos, ajudade-me ora,
Que vos veja eu bem casados:
Não me deixedes de fóra
Por aquella sancta hora
Em que todos fostes creados.
ANJO. Não he tempo ca d'orar,
Cant'á para merecer.
MARTA Manos, eu quero provar
Qu'em todo tempo ha logar

O que Deos quer.
Este serão glorioso
Não he de justiça, não;
Mas todo mui piedoso,
Em que nasceo o esposo
Da humanal geração:
E a barca de Satão
Não passa hoje ninguem;
E per fôrça hei d'ir alem,
Sô pena d'excommunhão,
Que posta tem.

ANJO. Grande cousa he oração:
Purga ao longo da ribeira,
Segura de damnação,
Teras angústia e paixão,
E tormento em gran maneira.
Isto até que o Senhor queira
Que te passemos o rio:
Sera tua dor lastimeira,
Como ardendo em gran brazio
De fogueira.

MARTA Oh esperança, esperança,
A maïs certa pena minha
Com toda esta segurança!
Tu es a mesma tardança
Em figura de mézinha.
Oh quem tal arrepender,
Tal maneira de penar,
Lá soubesse no viver!
Oh quem tornasse a nascer,
Por não peccar!

Vem hum Pastor, e diz, olhando pera a barca do imigo:)

ASТ. Isto he cancêllo, ou picota,
Ou senefica algorrem?
Não lhe marra ella aqui gota
De ser isto terremota
Pera enforcar alguem.
IABO Queres embarcar, pastor?
AST. Praz.
IABO Entra neste batel.
AST. Irra! pulha he isso, salvanor.
S'eu não fôra pulhador,
J'ella passava o burel.
Digo, senhor pesadello,
(Vós sabereis isto bem)
Estando em val de Cobello,
Deu-me dor de cotovello,
Emperol morri perem.
E fui-me per esse chão
A Deos douche alma dizer,
Com meu cacheiro na mão,
Sem soes motrete de pão,
Nem fome pera o comer,
Se vem á mão.
E vinha ora bem descuidado
De topar mar nem marinha.
Avonda, espantalho honrado,
Ao morrer deixei o gado,
E o amo e quanto tinha.
Senão anda que te vas,
Enha mãe nega gritar,

E chorar que chorarás.
Agora quero passar;
Perem não me levarás.

DIABO Porque?

PAS. Sois busaranha,
E mais féde-vo-lo bafo,
E jogatais de gadanha,
E tendes modão d'aranha,
E samicas sereis gafo.

DIABO Gafo eu?

PAS. A bem;
Não hei d'ir per acajuso,
Emque me custe algorrem,
Chinfrão, ou meio vintem,
Ir dereito como o fuso
Pera alem.

DIABO Dize, rústico perdido,
Fizeste tu por saber
O *Pater noster* comprido?

PAS. E pera que era elle sabido?

DIABO Porque o havias de dizer.

PAS. A quem?

DIABO A quem te creou.

PAS. Al tem elle que comer.

DIABO Não fizeste o que mandou.

PAS. Callae-vos, Senhor Jão Grou;
Ja sei quem m'ha de levar,
Sei quem sou.
Esta noite he dos pastores,
E tu, Decho, estás em sêcco;
E salvão-se os peccadores

Criados de lavradores,
E tu estás coma peco.

DIABO Digo-te, pastor amigo,
Que foste gran peccador.

PAS. Senhor tartarugo, digo
Que mentis como bestigo,
Salvanor.
Falla em tua merencória,
E não falles em passar,
E conta lá outra história;
Porque em festa de tal glória,
Não has ninguem de levar.
Ronca, qués tu pôr comego
Algorrem pera beber,
Que vens de casta de pêgo,
E neto d'algum morcego?
Pardicas não póde al ser.

DIABO Não estou em meu poder,
Pera me vingar de ti.

PAS. Não podes nada fazer
Na noite que quiz nascer
Christo filho de Davi.

DIABO Quem te poz no coração
Fallares cousa tão boa?
Que tu não tens descrição.

PAS. E quem te deu a ti lição
De ser tão rùim pessoa?

ANJO. Pastor, tu queres passar?

PAS. Este he melhor artezão.

ANJO. Folgarei de te levar,
Se te ajuda o bem obrar,

Que as obras remos são.
PAS. Enha mãe m'o bradará,
Que fica no sahimento,
E o responso do mamento;
E tudo Sa Gil fara
Com bom tento.
ANJO. Morreste tu bom christão?
PAS. Que sei eu que vós dizeis?
ANJO. Dize ora o *kirieleison*,
Kirieleison, *Christeleison*.
PAS. O *Pater noster* quereis?
Ja eu soube hum quinhão delle.
No *santo faceto* andei ja,
E nunca me dei por elle;
E a *Ave Maria* a par delle
Soube eu lá ja tempos ha.
E fui assi por ella andando
Nos *intes vitus* cajuso;
Alli andava eu sandejando,
E suacendo e cansando:
Então dei á treva o uso.
Assaz avonda ao pastor
Crer em Deos, e não furtar,
E fazer bem seu lavor,
E dar graças ao Senhor,
E fugir de não peccar.
E crer na Igreja assi junta
Com paredes e telhados,
Aliceres e furados;
E não curar de pergunta,
E dar ó Demo os peccados.

Eu nunca matei, nem furtei,
Nega uvas algum'ora;
Nem nunca mexeriquei,
Como lá se usa agora.

DIABO Vae, vae cantar a gamella:
Não andavas tu namorado
Perdido por Madanella?

PAS. E pois que lhe fiz a ella,
Para dizer que he peccado?
Hũa vez armei-lhe o pe
Na chacota em Villarinho,
E ainda pola abofé
Constança Annes, que viva he,
Me metteo naquelle alinho.

DIABO Não na foste tu sperar,
Pera a damnares, villão,
E começou de bradar
Que a querias forçar?

PAS. Ó fideputa cabrão!
Quizera eu e ella não,
Porque a trédora fugio:
E s'isto assi foi, ladrão,
Que peccado se seguio,
Pois não houve concrusão?
Juro ao corpo verdadeiro
Que tu te podes gabar
Que casado nem solteiro,
Não anda tão vil barqueiro
Sôbolas aguas do mar.
Soma, Anjo, eu m'enfestei:
Abrenuncio Satanaz!

ANJO. Faze o que t'eu direi,
E depois embarcarás,
E eu mesmo te passarei.
Purga ao longo do rio
Em gran fogo, merecendo.

PAS. E quando parte o navio?
Senhor, se eu não tenho frio,
Pera que hei d'estar ardendo?

(Vem hũa Pastora menina, e temendo a visão do inimigo que lhe appareceo na morte, diz:)

MOÇA. Jesu! Jesu! que he ora isto?
Ave Maria! Ave Maria!
Qu'he do meu cão qu'eu trazia?
Oh! chagas de Jesu Christo
Vão em minha companhia!
Eu sonho! — triste de mim!
Oh coitada, como tremo!
Minha mãe, valei-me aqui,
Que quando de vós parti,
Não cuidei d'achar o Demo.
Mais angústia he o temor
Do imigo, que da morte:
Tomo a Deos por valedor.
Pois me cortas, e dás dor,
Ma mazela que te córte.

DIABO Muchacha, venhas embora.

MOÇA. Mas na negra, pois te vejo.
Oh! desapparece-me ora,
Que falleci ind'agora
Em mui perigoso ensejo.

Porque era moça e cuidei
Que da velhice gouvíra,
E com tal dor acabei,
Que de mi parte não sei,
Nem tenho ponta de sira.
Não sei quem m'ha d'ajudar,
Não sei quem m'ha de valer,
Não sei quem m'ha de passar,
Não sei se m'hão de matar
Outra vez, ou que ha de ser.
Tir'-te diante de mi,
Verei os anjos de Deos.
IABO Entrae vós, filhinha, aqui.
IOÇA. Oh! cal'-te: —triste de mi!
IABO Eu vos levarei aos ceos;
Entrae, minha Polixena;
Não temais nada, Senhora.
IOÇA. Arre lá! uxte, morena!
IABO O minha Rainha Helena,
Entrae, e vamo-nos ora.
IOÇA. Cal'-te, cal'-te na ma ora!
Cuidas que m'has d'enganar,
Porque assi me ves pastora?
IABO Entrae, minha matadora,
Pois que Deos vos quiz matar.
IOÇA. Não vêdes vós o quebranto,
Que se quer pôr em feição!
IABO Olhae, flores, não m'espanto
Que me digais sete tanto:
Padeça meu coração,
O porvir e o presente.

Senhora, por concrusão,
Não quero de vós somente,
Senão dardes-me essa mão,
Se disso fordes contente:
E se m'eu gabar de vós,
Ma pezar veja eu de mi.
E iremos ambos sos
Onde estão vossos avós.
Ora entrae, ireis aqui.

MOÇA. Jesu! Jesu! raiva na casta!
Commendo ó Decho a amargura!
Mãe de Deos! como m'agasta!
Ma rabugem na tarasca,
Espezinhada, triste, escura!

ANJO. Leix'ó, pastora; vem ca.

DIABO Como estou hoje mofino,
E sem dita ieramá!
Mas algum dia virá
Qu'eu estarei mais fino.

MOÇA. Ó anjos, minha alegria,
Vista de consolação!
Por virtude e cortezia,
Ensinae-me por que via
Passarei á salvação.

ANJO. Conhecias tu a Deos?

MOÇA. Muito bem, era redondo.

ANJO. Esse era o mesmo dos ceos.

MOÇA. Mais alvinho qu'estes veos,
O vi eu vezes avondo.
Como o sino começava,
Logo deitava a correr.

ANJO. Que lhe dizias?
MOÇA. Folgava,
E toda me gloriava
Em ouvir missa e o ver.
ANJO. Pastora, bom era isso.
DIABO Era a mor mexeriqueira
Golosa, que d'improviso,
Se não andavão sôbre aviso,
Lá ia a cepa e a cepeira.
E mais quereis que vos diga?
He refalsada e mentirosa.
MOÇA. Era ainda rapariga.
DIABO Se tu foras minha amiga,
Eu me calára, tinhosa.
MOÇA. Ó anjos, levae-me ja,
Tirae-me deste ladrão.
ANJO. Não pódes ainda ir lá.
MOÇA. Tão moça, hei de ficar ca?
Não parece isso rezão.
ANJO. Vae ao longo desse mar,
Que he praia purgatoria;
E quando Deos o ordenar,
Nós te viremos passar
Da pena á eterna glória.
(Vem hum Menino de tenra idade, e diz:)
MEN. Mãe, e o coco está alli!
Quereis vós star quêdo, quelle?
DIABO Passa, passa tu per hi.
MEN. E vós quereis dar em mi?
Ó demo que o trouxe elle!
DIABO Bé, mé. Filho da puta,

Vós estais muito garrido!
Tirar-vos-hão, Dom perdido,
Dos olhos a marmeluta.

MEN. Eu vos tomarei a vós
Á porta de minha tia;
Entonces veremos nós
Os cães de vossos avós,
Qu'estavão na mancebia.

DIABO Bé.

MEN. Mãe, s'elle quer-me comer!
E meu pae não vos dara?

DIABO Bé.

MEN. Dona, se lh'o eu disser...
E ella matar-vos-ha:
Então ireis a morrer.

DIABO Bé.

MEN. Aquelle, s'eu chamar
O nôsso Joanne!...

DIABO Bé.

MEN. Não queres senão berrar?

DIABO Onde has d'ir, ou pera que?

MEN. Fica minha mãe chorando,
So porque m'eu vim de lá.

ANJO. Mas fica desvariando,
Que tu es do nosso bando,
E pera sempre sera.
Fez-te Deos secretamente
A mais profunda mercê
Em idade de innocente:
Eu não sei se sabe a gente
A causa porqu'isto he.

antando, mettem os Anjos o Menino no batel, e entra um Taful.)

ABO Ó meu sócio, ó meu amigo,
Meu bem e meu cabedal!
Vós, irmão, ireis comigo,
Que não temeste o perigo
Da viagem infernal.
AF. Eis aqui flux d'hum metal.
ABO Pois sabe que eu te ganhei.
AF. Mostra se tens jôgo tal.
ABO Tu perdes o enxoval.
AF. Não he isto flux com rei.
ABO Baralha o jôgo e partamos.
AF. Paga, qu'eu não jógo em vão.
ABO Lá no frete descontâmos;
Quer ganhemos, quer percamos,
Tudo nos fica na mão.
AF. Muito me gasto eu aqui,
Que tu tens mui mao sembrante;
E pareces-me emfim
Por da ré muito ruim,
E malino por d'avante.
ABO Mas tornemos a jogar,
Porque tenho saudade
De te ouvir arrenegar,
E descrer e brasfemar
Do misterio da Trindade.
AF. Aramá, como tu fallas
Tão senhor desta alma minha!
ABO Não sei como agora calas,
Renegando a soltas alas

De Deos e da ladainha.
Este dia e as oitavas,
Por paços, salas e cantos,
Oh quanta glória me davas,
Quando á hostia blasfemavas,
E deshonravas os Sanctos!

TAF. Cant'eu sempre ouvi dizer,
Quem bem renega, bem cre:
Isto vos faço eu saber;
E quando isto não valer,
Entraremos por mercê.
(Vai-se á Barca do Paraizo.)
Havera ca piedade
D'hum homem tão carregado?

ANJO. Mas a infinda crueldade
Com que offendeste a magestade,
Renegando seu estado?

TAF. Vêde que estava occupado
Na gran perda que perdia.

ANJO. E Deos que culpa t'havia,
Taful mal-aventurado,
Sem valia?
Renegar tão feramente
Da Imperatriz dos Ceos!
Ó pranta de ma semente,
Arderás no fogo ardente,
Com toda a ira de Deos.

TAF. Ma nova he essa pera mi.
Se assi for como dizes,
Digo qu'eramá ca vim.
Porém esperae-me assi,

Fallarei tamalavez.
  Deos não quiz hoje nascer
Por remir os peccadores?

Anjo. E pois que queres dizer?
Que so c'o seu padecer
Se salvão renegadores?

Taf. A perneta me forçou,
Que era senhora de mi.

Diabo Mente, qu'elle s'incrinou:
Nunca estrella renegou,
Nem tal ha hi.
  Sempre jogava o fidalgo,
Bispo, escudeiro, ou que he.

Comp. Mestiço de cão e galgo.

Anjo. Tomae-o, dae-lhe de pé.

Diabo Nosso he.

Taf. Estae, imigos! — Senhores,
Deste sancto nascimento
Não terei alguns favores?

Anjo. Tafues e renegadores
Não tem nenhum salvamento.

Sahem os Diabos do batel, e, com hũa cantiga muito desacordada, levão o Taful; e os Anjos cantando levão o Menino, e fenece esta segunda scena.

AUTO DA BARCA DA GLORIA.

FIGURAS.

DIABO, *Arrais do Inferno.* — ANJO, *Arrais do Ceo.* — MORTE. — COMPANHEIRO DO DIABO. — CONDE. — DUQUE. — REI. — IMPERADOR. — BISPO. — ARCEBISPO. — CARDEAL. — PAPA. — ANJOS.

Seguc-se a terceira scena, que he endereçada á Embarcação da Gloria. Tracta-se per dignidades altas. Foi representada ao muito nobre Rei D. Manuel, o primeiro em Portugal deste nome, em Almeirim, era do Redemptor de 1519.

(Primeiramente entrão cinco Anjos cantando, e trazem cinco remos com as cinco chagas, e entrão no seu batel. Vem o Arrais do Inferno e diz ao seu Companheiro:)

DIABO Patudo, vé muy saltando,
Llámame la Muerte acá;
Díle que ando navegando,
Y que la estoy esperando,
Que luego vuelverá.

(Vem a Morte.)

RT. Qué me quieres?
BO Que me digas porqué eres
Tanto de los pobrecitos?
Bajos hombres y mugeres,
Destos matas cuantos quieres,
Y tardan grandes y ricos.
En el viage primero
Me enviaste oficiales:
No fue mas que un caballero,
Y lo al, pueblo grosero.
Dejaste los principales
Y villanage
En el segundo viage,
Siendo mi barco ensecado.
Á pesar de mi linage,
Los grandes de alto estado
Cómo tardan en mi passage!
RT. Tienen mas guaridas esos,
Que lagartos de arenal.
BO De carne son y de huesos;
Vengan, vengan, que son nuesos,
Nuestro derecho real.
RT. Ya lo hiciera,
Su deuda paga me fuera;
Mas el tiempo le da Dios,
Y preces le dan espera:
Pero deuda es verdadera,
Y los porné ante vos.
Voyme allá de soticapa
Á mi estrada seguida,

Verás como no me escapa
Desde el Conde hasta el Papa.
DIABO Haced prestes la partida,
En buenora.
COMP. Pues el conde que vendrá ora,
Irá echado, ó de qué suerte?
ANJO. O Virgen nuestra Señora,
Sed vos su socorredora
En la hora de la muerte.
(Vem a Morte, e traz o Conde.)
MORT. Señor Conde prosperado,
Sobre todos mas ufano,
Ya pasastes por mi vado.
CONDE O Muerte! cuan trabajado
Salgo triste de tu mano!
MORT. No fue nada;
La peligrosa pasada
Desta muy honda ribera
Es mas fuerte y trabajada,
Mas terrible en gran manera.
Ved, Señor, se traeis flete
Para aquel barco del cielo.
CONDE Allí iria yo por grumete.
MORT. Primeiro os sudará el topete.
CONDE Tú no das nunca consuelo.
O Muerte escura,
Pues me díste sepultura,
No me des nuevas de mi.
Ya hundiste la figura
De mi carne sin ventura,
Tirana, déjame aqui.

MORT. Hablad con ese barquero,
Que yo voy hacer mi officio.
DIABO Señor Conde e caballero,
Dias ha que os espero,
Y estoy á vueso servicio:
Todavia
Entre Vuesa Señoría,
Que bien larga está la plancha,
Y partamos con de dia:
Cantaremos á porfía
« Los hijos de Dona Sancha. »
CONDE Ha mucho que eres barquero?
DIABO Dos mil años ha y mas,
Y no paso por dinero.
Entrad, Señor pasagero.
CONDE Nunca tú me passarás.
DIABO Y pues quién?
Mirad, Señor, por iten
Os tengo acá en mi rol,
Y habeis de passar allen.
Veis aquellos fuegos bien?
Allí se coge la frol.
Veis aquel gran fumo espeso,
Que sale daquellas peñas?
Allí perdereis el vueso,
Y mas, Señor, os confieso
Que habeis de mensar las greñas.
CONDE Grande es Dios.
DIABO Á eso os ateneis vos,
Gosando ufano la vida
Con vicios de dos em dos,

Sin haber miedo de Dios,
Ni temor de la partida?

CONDE Tengo muy firme esperanza,
Y tuve dende la cuna,
Y fe sin tener mudanza.

DIABO Sin obras la confianza
Hace acá mucha fortuna!
Suso, andemos;
Entrad, Señor, no tardemos.

CONDE Voyme á estotra embarcacion.

DIABO Id, que nos esperaremos.

CONDE O muy preciosos remos,
Socorred mi aflicion.

LIÇÃO.

O parce mihi, Dios mio,
Quia nihil son mis dias:
Porque ensalza tu poderío
Al hombre, y das señorío,
Y luego del te desvias?
Con favor
Visitas eum al alvor,
Y súpito lo pruevas luego:
Porqué consientes, Señor,
Que tu obra, e tu hechor,
Sea deshecha nel fuego?
Ayudadme, remadores,
De las altas hierarquías,
Favoreced mis temores,
Pues sabeis cuantos dolores
Por mi sufrió el Mesias.
Sabed cierto

Como fue preso en el huerto,
Y escupida su hermosura,
Y dende allí fue, medio muerto,
Llevado muy sin concierto
Al juicio, sin ventura.

BO Ahora se os acordó?
El asno muerto cevada.
De vos bien seguro estó:
Pensareis que no sé yo
La vuesa vida pasada?

DE Yo te requiero.

BO Vos, Señor Conde agorero,
Fuisteis á Dios perezoso,
Á lo vano muy ligero,
Á las hembras placentero,
Á los pobres riguroso.
Viva Vuesa Señoría
Para siempre con querella.

DE Ó gloriosa Maria!

BO Nunca un hora ni dia
Os vi dar paso por ella.

(Vem a Morte, e traz um Duque.)

RT. Vos Señor
Duque de grande primor,
Pensasteis de me escapar?

QUE Ó ánima pecador,
Con fortisimo dolor,
Sales de flaco lugar!
Cómo quedas, cuerpo triste?
Dame nuevas, que es de ti.
Siempre en guerra me trajiste,

Con dolor me despediste,
Sin haber dolor de mí.
Tu hechura,
Que llamaban hermosura,
Y tu misma la adorabas,
Con su color y blancura,
Siempre vi tu sepultura,
Y nunca crédito me dabas.

DIABO Ó mi Duque y mi castillo,
Mi alma desesperada,
Siempre fuisteis amarillo,
Hecho oro de martillo;
Esta es vuesa posada.

DUQUE Cortesía.

DIABO Entre Vuesa Señoria,
Señor Duque, e remarás.

DUQUE Hace mucha maresía:
Estotra barca es la mia,
Y tú no me pasarás.

DIABO Veis aquella puente ardiendo,
Muy lejos allén del mar,
Y unas ruedas volviendo
De navajas, y heriendo?
Pues allí habeis de andar
Siempre jamas.

DUQUE Retro vaya Satanás!

DIABO Lucifer que me acreciente!
Señor Duque, allá irás,
Que la hiel se te reviente.

LIÇÃO.

DUQUE *Manus tuæ, Domine,*

Fecerunt me, y me criaste,
Et plasmaverunt me;
Decídme, Señor, porqué
Tan presto me derrocaste
De cabeza?
Ruégote que no escaeza
Quod sicut lutum me heciste,
No permitas que perezca;
Y si quieres que padezca,
Para qué me redimiste?
Pel y carne me vestiste,
Ossibus, nervis et vita,
Misericordia atribuiste
Al hombre que tú heciste;
Pues ahora me visita.

DIABO Ralear,
Que os tengo de llevar
Á los tormentos que visteis;
Por demás os es resar,
Que lo mio me han de dar,
Y vos mismo á mí os dísteis.

DUQUE O llaga daquel costado
De la pasion dolorosa
De mi Dios crucificado,
Redimid al desterrado
De su patria gloriosa.
Embarquemos,
Porque vuestros son los remos,
Nuestro es el capitan.

DIABO Eso está en velohemos.

DUQUE Ó ángeles, qué haremos,

Que no nos deja Satan?

ANJO Son las leis divinales
Tan fundadas en derecho,
Tan primas y tan iguales,
Que Dios os quiere, mortales,
Remediar vueso hecho.

DIABO Remadores,
Enviadme eses Señores,
Que se tardan mucho allá.

DUQUE En vano hubo dolores
Christo por los pecadores?
Muy imposible será.
Pues es cierto que por nos
Fue llevado ante Pilato,
Y acusado, siendo Dios;
(Señores, no penseis vos
Que le costamos barato)
Y azotado
Su cuerpo tan delicado,
Solo de virgen nacido,
Sin padre humano engendrado;
Y despues fue coronado,
Y de su corona herido.

(Vem a Morte, e traz hum Rei, e diz o)

REI Cuanto dolor se me ayunta!

MORT. Señor, qué es de vuesa alteza?

REI Oh rigurosa pergunta!
Pues me la tienes defunta,
No resuscites tristeza.
Oh ventura,
Fortuna perversa escura!

Pues vida desaparece,
Y la muerte es de tristura,
Adonde estás, gloria segura?
Cual dichoso te merece?

DIABO Señor, quiero caminar,
Vuesa Alteza ha de partir.

REI Y por mar he de pasar?

DIABO Si, y aun tiene que sudar;
Ca no fue nada el morir.
Pasmareis:
Si mirais, dahi vereis
Adó sereis morador
Naquellos fuegos que veis:
Y llorando, cantareis
« Nunca fue pena mayor. »

LIÇÃO.

REI *Tædet anima mea*
Vitæ meæ muy dolorida,
Pues la gloria que desea
Me quita que no la vea
La muy pecadora vida
Que pasé.
Loquar in amaritudine
Palavras muy dolorosas;
De mi alma hablaré
A mi Dios, y le diré,
Con lagrimas piadosas:
Noli me condemnare,
Judica mihi, porque
No me dejas quien me ampare;
Si al infierno bajare,

Tuyo so, cuyo seré?
Ay de mí!
Cur me judices ansi?
Pues de nada me heciste,
Mándame pasar daqui:
Ampárame, *fili Davi*,
Que del cielo descendiste.

RESPONSO.

Ó mi Dios, *ne recorderis*
Peccata mea, te ruego,
Naquel tiempo *dum veneris*,
Cuando el siglo destruieres,
Con tu gran saña, per fuego.
Dirige a mí
Vias meas para ti,
Que aparezca en tu presencia.

DIABO Vuesa Alteza vendrá aqui,
Porque nunca acá sentí
Que aprovechase adherencia.
Ni lisonjas, crer mentiras,
Ni voluntario apetito,
Ni puertos, ni algeciras,
Ni diamanes, ni zafiras,
Sino solo aquese sprito
Será asado:
Porque fuisteis adorado
Sin pensar serdes de tierra;
Con los grandes alterado,
De los chicos descuidado,
Fulminando injusta guerra.

(Vai-se o Rei á barca dos Anjos.)

ɪɪ. O remos de gran valor!
O llagas por nos habidas!
ɪᴊᴏ. Plega á vuestro Redentor,
Nuestro Dios y criador,
Que os dé segundas vidas;
Porque es tal
La morada divinal,
Y de gloria tanto alta,
Que el ánimo humanal,
Si no viene oro tal
En ella, nunca se esmalta.
ɪ. Buen Jesu, que apareciste
Todo en sangre bañado,
Y á Pilato oyiste,
Mostrándote ao pueblo triste,
— *Eis el hombre castigado!*
Y reclamaron,
Y con la cruz te cargaron,
Por todos los pecadores:
Pues por nos te flagelaron,
Y á la muerte te allegaron,
Esfuerza nuestros temores.

(Vem a Morte e traz hum Imperador.)

ʀᴛ. Prosperado Emperador,
Vuesa sacra Magestad
No era bien sabedor
Cuan fortísimo dolor
Es acabar la edad?
Y mas vos,
Quasi tenido por dios.
'. O Muerte, no mas heridas!

MORT. Pues otra mas recia tos
Es esta.
IMP. *Sed libera nos*
De jornadas doloridas.
Adonde me traes, Muerte?
Qué te hice triste yo?
MORT. Yo voy hacer otra suerte;
Vos, Señor, hacéos fuerte,
Que vana gloria os mató.
IMP. Cuan estraños
Males das, vida de engaños,
Corta, ciega, triste, amara!
Contigo dejo los años,
Entregásteme mis daños
Y volvísteme la cara.
Mi triunfo allá te queda,
Mis culpas trayo conmigo;
Deshecha tengo la rueda
De las plumas de oro y seda
Delante mi enemigo.
DIABO Es verdad,
Vuesa sacra Magestad,
Entrará neste navio
De muy buena volúntad;
Porque usastes crueldad
Y infinito desvarío.
IMP. O maldito querubin!
Ansí como descendiste
De ángel á beleguin,
Querrias hacer á mí
Lo que á ti mismo hiciste?

Pues yo creo,
Á segun yo ví é veo,
Que de lindo emperador
Habeis de volver muy feo.
No hará Dios tu deseo.
Ni el vuestro, mi Señor.
Veis aquellos despeñados,
Que echan daquellas alturas?
Son los mas altos estados
Que vivieron adorados,
Sus hechos y sus figuras;
Y no dieron,
En los dias que vivieron,
Castigo á los ufanos,
Que los pequeños royeron,
Y por su mal consintieron
Cuanto quisieron tiranos.

LIÇÃO.

Quis mihi hoc tribuat
Ut in inferno protegas me?
Con mi flaca humanidad,
De tu ira y gravedad
Adonde me esconderé?
O Señor,
Pase breve tu terror;
Á mis culpas da pasada.
Vocabis me pecador,
Responderte hei con dolor
De mi ánima turbada.

RESPONSO.

O libera me, Domine,

Con dolores despedido.
Bien basta fortuna tanta;
Pasadme esta alma por Dios,
Porque el infierno me espanta.
ANJO. Si ella no viene santa,
Gran tormenta correis vos.
BISPO. Yo confio
En Jesu Redentor mio,
Quo por mí se desnudó,
Puestas sus llagas al frio;
Se clavó naquel navío
De la cruz donde espiró.
(Vem a Morte e traz hum Arcebispo, e diz a)
MORT. Señor Arzobispo amigo,
Que os parece de mí?
Bien peleaste conmigo.
ARC. No puede nadie contigo,
E yo nunca te temí.
O muerte amara!
La vida nos cuesta cara,
Al nacer no es provecho.
MORT. Voy hacer otra ceara.
ARC. O facciones de mi cara!
O mi cuerpo tierra hecho!
Qué aprovecha en el vivir
Trabajar por descansar?
Qué se monta en presumir?
De que sirve en el morir
Candela para cegar?
Ni placer
En el mundo por vencer

Estado de alta suerte,
Pues presto deja de ser?
Nos morimos por lo haber,
Y es todo de la muerte.

ABO Lo que da, es lo seguro.
Señor, venga acá ese esprito.

C. Oh qué barco tan escuro!

ABO En él ireis, yo os lo juro.

C. Como me espantas, maldito,
Indiablado!

ABO Vos, Arzobispo alterado,
Teneis acá que sudar:
Moristes mui desatado,
Y en vida ahogado
Con deseos de papar.
Quien anduvo á puja larga
Anda acá por la bolina:
Lo mas dulce acá se amarga;
Vos caisteis con la carga
De la iglesia divina.
Los menguados,
Pobres e desamparados,
Cuyos dineros lograsteis,
Deseosos, hambreados,
Y los dineros cerrados,
En abierto los dejasteis.

C. Eso y mas puedes decir.

ABO Ora pues, alto, embarcar.

C. No tengo contigo de ir.

ABO Señor, habeis de venir
Á poblar nuestro lugar:

Véislo está.
Vuestra Señoría irá
En cien mil pedazos hecho;
Y para siempre estará
En agua que herverá,
Y nunca sereis deshecho.

LIÇÃO.

ARC. *Spiritus meus*, tu hechura,
Attenuabitur; mis dias
Breviabuntur, y tristura
Me sobra, y la sepultura:
No sé porque me hacias.
Non peccavi,
Putredine mea dixi,
Padre, y madre mia eres,
Vermibus soror et amici;
Quare fuisti me inimici,
Señor de todos poderes?

RESPONSO.

Credo quod Redemptor
Meus vivit, y lo veré.
DIABO Vereis, por vuestro dolor.
ARC. Mas porque es mi salvador,
Yo en él me salvaré.
Dios verdadero
En el dia postrimero
De terra surrecturus sum,
Et in carne mea entero
Videbo Deum cordero,
Christum salvatorem meum.
(Vai-se o Arcebispo aos Anjos, e diz:)

ARC. Dadnos alguna esperanza,
Barquero del mar del cielo:
Por la llaga de la lanza,
Que nos paseis con bonanza
Á la tierra de consuelo.
ANJO. Es fuerte cosa
Entrar en barca gloriosa.
ARC. Reina que al cielo subiste,
Sobre los coros lustrosa,
Del que te crió esposa,
Y tú virgen lo pariste;
Pues que súpita dolor
Por San Juan recibiste,
Con nuevas del Redentor,
Y, mudado lo color,
Muerta en tierra descendiste;
Oh despierta,
Pues es del cielo puerta!
Levántate, cerrada huerta;
Con tu hijo nos concierta,
Madre de consolacion;
Mira nuestra redencion,
Que Satan la desconcierta.
(Vem a Morte com hum Cardeal, e diz a)
MORT. Vos, Cardenal, perdonad,
Que no pude mas aína.
CAR. O guia de escuridad,
Robadora de la edad,
Ligera ave de rapina!
Qué mudanza
Hizo mi triste esperanza!

Fortuna, que me ayudaba,
Pesó en mortal balanza
La firmeza y confianza
Que el falso mundo me daba.

DIABO *Domine Cardinalis*,
Entre vuestra Preeminencia,
Ireis ver vuessos iguales
Á las penas infernales,
Haciendo su penitencia:
Pues moristeis
Llorando porque no fuisteis
Siquiera dos dias papa,
Y á Dios no agradecisteis,
Viendo cuan bajo os visteis,
Y en despues os dió tal capa.
Y no quiero declarar
Cosas mas para decir:
Determinad de embarcar,
Y luego sin dilatar,
Que no teneis que argüir.
Sois perdido:
Oyes aquel gran ruido
Nel lago de los leones?
Despertad bien el oido:
Vos sereis allí comido
De canes y de dragones.

LIÇÃO.

CAR. Todo hombre que es nacido
De muger, tien breve vida;
Que cuasi flos es salido,
Y luego presto abatido,

Y su alma perseguida.
Y no pensamos,
Cuando la vida gozamos,
Como della nos partimos;
Y como sombra pasamos,
Y en dolores acabamos,
Porque en dolores nacimos.

RESPONSO.

Peccantem me quotidie,
Et non me pœnitentem (triste!)
Sancte Deus, adjuva me;
Pues fue christiana mi fe,
Succurre dolores, Christe.
O Dios eterno,
Señor, *quia in inferno*
Nulla est redemptio,
O poderío sempiterno,
Remedia mi mal moderno,
Que no sé por donde vo.

ai-se o Cardeal ao batel dos Anjos, e diz o)
ABO Váiste, Señor Cardenal?
Vuelta, vuelta á los Francezes.
R. Déjame, plaga infernal.
ABO Vos visteis por vueso mal
Los años, dias y meses.
R. Marineros,
Remadores verdaderos,
Llagas, remos, caravela,
Embarcad los pasageros,
Que vos sois nuestros remeros,
Y la piedad la vela.

ANJO. Socoréos, Cardinal,
Á la madre del Señor.
CAR. O Reina celestial,
Abogada general
Delante del Redentor;
Por el dia,
Señora Virgen Maria,
En que lo viste llevar
Tal que no se conocia,
Y vuesa vida moria,
Nos queirais resucitar.

(Vem a Morte e traz hum Papa, e diz a)

MORT. Vos, Padre sancto, pensasteis
Ser immortal? Tal os visteis,
Nunca me considerasteis,
Tanto en vos os enlevasteis,
Que nunca me conocisteis.
PAPA. Ya venciste,
Mi poder me destrüiste
Con dolor descompasado.
O Eva! porque pariste
Esta Muerte amara y triste
Al pié del arbol vedado?
Estais viva, y has parido
Á todos tus hijos muertos;
Y mataste á tu marido,
Poniendo á Dios en olvido
En el huerto de los huertos.
Véisme aqui
Muy triste, porque naci,
Del mundo y vida quejoso.

Mi alto estado perdí,
Veo el diablo ante mí,
Y no çierto el mi reposo.

BO Venga Vuesa Santidad
En buenora, Padre Santo,
Beatísima magestad
De tan alta dignidad,
Que moriste de quebranto.
Vos ireis,
En este batel que veis,
Conmigo a Lucifér;
Y la mitra quitareis,
Y los pies le besareis;
Y esto luego ha de ser.

A. Sabes tú que soy sagrado
Vicario en el santo templo?

BO Cuanto mas de alto estado,
Tanto mas es obligado
Dar á todos buen ejemplo,
Y ser llano,
Á todos manso y humano.
Cuanto mas ser de corona,
Antes muerto que tirano,
Antes pobre que mundano,
Como fue vuestra persona.
Lujuria os desconsagró,
Soberbia os hizo daño;
Y lo mas que os condanó,
Simonía con engaño.
Venid embarcar,
Veis aquellos azotar

Con vergas de hierro ardiendo,
Y despues atanazar?
Pues allí habeis de andar
Para siempre padeciendo.

LIÇÃO.

PAPA. *Quare de vulva me eduxisti*
Mi cuerpo y alma, Señor?
En tu silla me subiste,
En tu lugar me pusiste,
Y me heciste tu pastor:
Mejor fuera
Que del vientre no saliera,
Y antes no hubiera sido,
Ni ojo de hombre me viera,
Y como fuego á la cera
Me hubieras consumido.

RESPONSO.

Heu mihi! Heu mihi! Señor,
Quia peccavi nimis in vita:
Quid faciam, miser pecador?
Ubi fugiam, malhechor?
O piedad infinita,
Para tí.
Amercéate de mí,
Que para siempre no llore:
Mándame pasar daqui,
Que nel infierno no ha hí
Quien te loe ni te adore.

DIABO Que me penan esos puntos,
Despues que pasa el vivir!
Mirad, Señores difuntos,

Todos cuantos estais juntos
Para el infierno habeis de ir.

ANJO. O Pastor,
Porque fuiste guiador
De toda la Christandad,
Habemos de ti dolor:
Plega a Jesu Salvador
Que te envie piedad.

PAPA. O gloriosa María,
Por las lágrimas sin cuento
Que lloraste en aquel dia
Que tu hijo padecia,
Que nos libres de tormento,
Sin tardar;
Por aquel dolor sin par,
Cuando en tus brazos lo viste,
No le pudiendo hablar,
Y lo viste sepultar,
Y sin él, dél te partiste.

ANJO. Vuestras preces y clamores,
Amigos, no son oidas:
Pésanos tales señores
Iren á aquellos ardores
Ánimas tan escogidas.
Desferir;
Ordenemos de partir:
Desferir, bota batel:
Vosotros no podeis ir,
Que en los yerros del vivir
No os acordasteis dél.

(Nota que neste passo os Anjos desferem a vela em que está o crucifixo pintado, e todos assentados de joelhos, lhe dizem cada hum sua oração. Primeiro começa o Papa, dizendo:)

PAPA. O Pastor crucificado,
Como dejas tu ovejas,
Y tu tan caro ganado!
Y pues tanto te ha costado,
Inclina á él tus orejas.

IMP. Redentor,
Echa el áncora, Señor,
En el hondon desa mar:
De divino criador,
De humano redentor,
No te quieras alargar.

REI O Capitan General
Vencedor de nuestra guerra;
Pues por nos fuiste mortal,
No consientas tanto mal;
Manda remar para tierra.

CAR. No quedemos;
Manda que metan los remos,
Hace la barca mas ancha.
O Señor, que perecemos!
O Señor, que nos tememos!
Mándanos poner la prancha.

DUQUE O Cordero delicado,
Pues por nos estás herido,
Muerto y tan atormentado;
Cómo te vas alongado

De nuestro bien prometido?
ARC. *Fili Davi*,
Cómo te partes daqui?
Al infierno nos envias?
La piedad que es en ti,
Cómo la niegas ansí?
Porqué nos dejas, Mesías?
CONDE O Cordero divinal,
Médico do nuestro daño,
Viva fuente perenal,
Nuesa carne natural;
No permitas tanto daño.
BISPO Ó flor divina,
In adjuvandum me festina,
Y no te vayas sin nos;
Tu clemencia á nos inclina,
Sácanos de foz malina,
Benigno hijo de Dios.

Não fazendo os Anjos menção destas preces, começárão a botar o batel ás varas, e as Almas fizerão em roda hũa musica a modo de pranto, com grandes admirações de dor; e veio Christo da resurreição, e repartio por elles os remos das chagas, e os levou comsigo.

AUTO DA HISTORIA DE DEOS.

FIGURAS.

Prologo, ANJO.

LUCIFER, *Maioral do Inferno.* — BELIAL, *Meirinho da sua côrte.* — SATANAZ, *Fidalgo do seu Conselho.* — ANJO. — MUNDO. — TEMPO, *Seu Veador.* — EVA. — ADÃO. — MORTE. — ABEL. — JOB. — ABRAHÃO. — MOISES. — DAVID. — ISAIAS. — BELZEBU. — S. JOÃO. JESU CHRISTO.

O auto que se segue he intitulado Breve Summario da historia de Deos. Foi representado ao muito alto e muito poderoso Rei Dom João, o terceiro deste nome em Portugal, e á Serenissima e muito esclarecida Rainha Dona Catherina, em Almeirim, na era do Senhor de 1527.

(Entra hum Anjo, e a modo de argumento diz o seguinte introito:)

ANJO.

Ainda que todalas cousas passadas
Sejão notorias a Vossas Altezas,
A história de Deos tem taes profundezas,

Que nunca se perde em ser recontadas.
E porque o tenor
Da resurreição de nosso Senhor
Tem as raizes naquelle pomar,
Ao pé d'aquella árvore que ouvistes contar,
Aonde Adão se fez peccador,
Convem se lembrar.
  Por tanto o exordio do auto presente
Começa tractando desta creação,
E como Lucifer tomou gran paixão
De Deos crear mundo tão resplandecente.
E assi a inveja
E a sua malicia d'inveja sobeja
Por ver nossos padres assí nobrecidos,
Feitos gloriosos, tão esclarecidos,
Que não pelos olhos lhe armárão peleja,
Mas pelos ouvidos.
  Entrará primeiro o muito soberbo
Lucifer, anjo que foi dos maiores,
E Belial e Satanaz, senhores
De muita maldade de verbo a verbo.
Agora vereis
O que por diversos doctores lereis
D'*ab initio mundi* até á resurreição;
Á qual se endereça a final tenção
Dos versos seguintes. Não vos enfadeis,
Que breves serão.

(Entra Lucifer, o Maioral do Inferno, e com elle Belial, Meirinho da sua côrte, e Satanaz, Fidalgo do seu Conselho; e depois de assentado diz:)

LUCIFER.

Venho herege do mundo que fez
O Deos lá de cima tão longo e tão passo,
Feito de nada por tanto compasso,
Tal que pasmado fico eu desta vez.

BELIAL.

Mais he d'espantar
Do homem e mulher que fez no pomar.

LUCIFER.

Isso queria eu agora dizer;
Porque daquelles podem proceder
Tantos espritos, que possão ganhar
O que fomos perder.
Hajamos conselho sôbre esta façanha,
Que Deos não nos ha de leixar acuar:
Todo seu feito he fazer-nos pesar,
Alem de deitar-nos de sua companha.

BELIAL.

Assi me parece.

SATANAZ.

De Adão e Eva que mal nos recrece!

BELIAL.

Dar Deos a elles o que nos tomou.

SATANAZ.

Dar Deos a elles o que nos tomou?

BELIAL.

Não cuides tu al; que este he o alicesse
Em que se fundou.

SATANAZ.

Pois que remedio? que este mal he muito!

LUCIFER.

Deos lhe mandou mandado mui forte,
Sob pena de dores, trabalhos e morte,
Que não lhe tocassem em hum certo fruito,
Fruito da sciencia;
Porque perderão sua innocencia,
Angelica em parte, subtil e immortal,
E a posição do paraizo terreal:
Isto em peccando, á primeira audiencia
Sentença final.
Vae tu, Satanaz, por embaixador,
Eu te dou meu comprido poder;
E vae-te a Eva, porque he mulher,
E dize que coma, não haja temor:
E, como avisado,
Lhe falla cortez e mui repousado,
Mostrando-te alegre com todo seu bem,
E seu muito amigo maior que ninguem:
Minte-lhe largo, e dá-lhe o cuidado
Que agora não tem.
Vem tomar graça, pois has de prégar
Á mais avisada senhora do mundo:
Eu te outorgo meu poder facundo.
Não hajas dó della, faze-a finar,
Destrue-la asinha;
Nem por formosa, nem por ser rainha,
Não olhes por nada, aperta com ella:
Que como a venceres, sem ti, mesma ella
Fará ao marido cobrir-se de tinha,
E muito mais qu'ella.

SATANAZ.

Em que figura lhe fallarei bem?

LUCIFER.

Faze-te cobra, por dissimular,
Porque pareças do mesmo pomar,
Que sabes das fructas as graças que tem;
Porque has de dizer;
Senhora fermosa, deveis de saber
Que aquella fructa que vos foi vedada
Oh! quanta sciencia em si tem cerrada.

SATANAZ.

Ja vos entendo, nãe falleis mais nada;
Leixa-me fazer.

(Partido o tentador Satanaz, Belial anojado de inveja porque Lucifer o não mandou a elle, diz:)

BELIAL.

Crede hũa cousa, Senhor Lucifer,
Que não ha hi pena que seja igual
Áquella que sente o grande official,
Quando ninguem lhe dá que fazer.
Eu sou dos primeiros
E o vosso leal entre os cavalleiros,
E mais sou Meirinho desta vossa côrte.
Vós não fazeis guerra em que eu faça sorte,
E sendo meirinho sem prisioneiros
Me pesa de morte.
E foste mandar Satanaz agora,
Com todo poder de vosso vigor,
Accrescentando por embaixador,
Ao novo Senhor e nova Senhora,

Porém a mim não.
Se lá me mandáras, me houvera por cão,
Se não os fizera per fôrça peccar:
Logo per fôrça os fizera tragar
Quantas maçans naquella árvore estão,
Sem as mastigar.

LUCIFER.

Onde fôrça ha perdemos direito;
Que o fino peccado ha de ser de vontade,
Formando desprêzo contra a Magestade;
E não serão nossos, se for d'outro geito.
E porque he errar
Mandar o soberbo a negociar
Cousas que hão de ser feitas per manha,
Não te mandei: que a furia não ganha;
Mas doces palavras e dissimular
Faz toda a façanha.
Satanaz sei que os fara peccar
Per suas vontades, segundo he manhoso
E mui lisongeiro, e falla mimoso,
E sabe mentir com graça e com ar.
E se elle acabasse,
Convem a saber, que me derribasse
Aquelles monarchas do mundo primeiros,
Tu terias somma de prisioneiros,
Meu fogo tambem em que se occupasse,
E meus cozinheiros.

(Vem o tentador Satanaz com muita alegria por que leixa acabado seu negócio)

SATANAZ.

Senhor Lucifer, prazer hi não ha

Que dê pelos pés ao do vencimento:
Alegrae-vos muito e o nosso convento,
Que vosso desejo cumprido está.
Ja são derrubados
Adão e Eva os primeiros casados,
Voltas as vodas em pranto mui forte,
O gôzo em lagrimas, a alegria em morte,
A vida em suspiros, prazer em cuidado,
Ventura sem sorte.
He ja convertida esperança em temores,
Em pena tambem a seguridade,
Repouso em favor, e a liberdade
Deixo-a captiva em vivas dolores;
E o paraizo
Lhe fica bem longe do seu pouco siso,
E he pera rir de seu desatino:
Porque o fruito era pequenino,
E pera fazerem tal regno diviso
Não era tão fino.
Porém crede vós que são destruidas
Duas creaturas mui maravilhosas,
Muito acabadas, e tão graciosas,
Que tarde verão outras taes nascidas.
Emfim que, Senhor,
Comerão seu pão com grande suor,
Seu mal tem ja certo, o bem duvidoso.
Oh como andava Adão tão mimoso,
E Eva cuberta de grande esplendor!
Mas eu fui ditoso.

LUCIFER.

Faço-te Duque e meu Capitão

Dos regnos do mundo até sua fim.
Pois os paes vencestes, os filhos assi
Trabalha e procura que venhão á mão;
Que poderá ser
Qüe alguns farão tão grande prazer
Ao Deos offendido com tanta vontade,
Que da sua íra farão piedade,
E sua justiça farão converter
Em benignidade.

SATANAZ.

Bofá, meus amigos, ja eu'stou cevado:
Nenhum que nascer não m'ha d'escapar.
Oh quantas manhas que sei de luctar,
E quantos enganos que tenho estudado!
Venha embora
O rico ou pobre, senhor ou senhora,
Ou seja villão, ou frade ou freira,
De todas as sortes lhe sei a maneira.
Não fallemos nisto jamais per agora,
Que feita he a pesqueira.

(Entra hum Anjo com hum relogio na mão, e traz comsigo o Mundo vestido como rei, e o Tempo diante como seu Veador; e diz o)

ANJO.

Deus, cui proprium est miserere,
Porque o seu proprio he perdoar,
De todo a sanha não quer executar,
E a summa bondade assim lh'o requere.
Ca Deos he grandeza,
E he poderio e he fortaleza,
E sabedoria, virtude e verdade,

Glória: tudo isto tem de propriedade;
E estas dignidades tem por natureza
Usar de piedade.
  E porque o peccado he em si temporal,
E a bondade de Deos he infinda,
Precede em grandeza toda a cousa finda,
E ser poderoso he seu natural.
A justiça porém
Quando executa, não cuida ninguem
Que he com mil partes o que merecia.
Adão he deitado de sua alegria,
Porque por seu mal não pôde c'o bem
Que Deos lhe queria.
  E porém comtudo piedoso tornado,
Manda-te, Mundo, agasalhar Adão
E todos aquelles que procederão
De sua semente, de qualquer estado,
E lhes dês folgança,
E todalas cousas em muita abastança:
Os peixes, que vão per carreiras do mar;
Aves, que andão as vias do ar;
Ovelhas e bois, e toda abondança
Os leixa lograr.
  Porque, ainda que são peccadores,
Não tem outro padre senão o Senhor,
Que não quer a morte ao peccador,
Mas antes que viva e lhe dê louvores.
E a ti porém
Manda-te, Tempo, que temperes bem
Este relogio, que te dou, das vidas;
E como as horas forem cumpridas

De que fez mercê á vida d'alguem,
Serão despedídas.
  Assi que tu, Mundo, os gasalharás,
E Satanaz os aconselhará,
O Tempo e relogio os despedirá,
A morte sera o que tu verás.
Eis aqui vem
O padre Adão, e Eva tambem;
E como saudosos do seu paraizo,
Com dor dolorosa de tal improviso,
Assi desterrados de todo seu bem,
Vem fallando nisso.

EVA.

  Oh como os ramos do nosso pomar
Ficão cubertos de celestes rosas!
Ó doces verduras, ó fontes graciosas,
Quem nunca vos víra pera se lembrar!

ADÃO.

Lembremo-nos ora
De nosso remédio, mulher e senhora,
Porque isto he o que havemos mister.

EVA.

Ó senhor, quem póde cobrar tal perder,
Que possa perder lembrança meia hora
De tanto prazer?

ADÃO.

  Poderoso he o Padre na glória dos Céos,
Poderoso he o Padre no nosso paraizo,
Poderoso he o Padre neste triste abiso,
Em todo logar poderoso he Deos;
E não vos mateis.

EVA.

Segundo o que sinto, vós, senhor, quereis
Que queira soffrer, e meu mal não quer;
Minha dor he grande, e eu sou mulher
Tão desconfiada, como vós sabeis
Que devo de ser.
A dor e tristeza he no meu coração,
No meu coração está minha vida,
E na minha vida está minha ferida,
De que meus cuidados feridos estão.

ADÃO.

Leixae-me dizer,
Eu vos direi que haveis de fazer.
Ajuntae-me a somma de vossos cuidados,
Aos meus tristes apassionados,
E dae-m'os a mim, porque eu hei d'ir ter
Cuidados dobrados.

EVA.

Senhor, bem o creio; mas vós bem ouvistes
O que me disse o Senhor dos senhores:
Que eu pariria com mortaes dolores,
A mais desterrada na terra dos tristes.
Oh! triste de mi!
Cada hum de nós penará por si;
Vós tereis cuidados e eu muitos cuidados
Os nossos prazeres serão trabalhados:
Oh quantos trabalhos teremos aqui
Por nossos peccados!

ADÃO.

Dae ora logar, senhora querida,
Que passe esse pranto; e nós descansemos;

emos abrigo em que nos abriguemos.
nos obrigamos a misera vida,
gamos pendença;
umpramos os termos da nossa sentença,
'ois não cumprimos o que nos cumpria.
'aciencia, senhora, que o nojo em porfia
Remédio não causa, nem tira doença,
Mas antes a cria.

MUNDO.

De vosso desastre me pesou assaz;
E, como o Anjo aqui o contasse,
Nunca tive cousa de que mais me pesasse.
Porém por engano tudo se faz.
O Diabo he demo;
Porque he o rapaz tao subtil em extremo,
Que não ha bugio tão mal inclinado.

ADÃO.

Quem sois vós, que assi estais ornado?

MUNDO.

Eu sam o Mundo, que remo meu remo
Em vosso cuidado.
Se vós não houvesseis pezar em dizê-lo,
Desejo saber por que via entrou
Aquelle galante que vos enleou;
Não pera usa-lo, mas pera sabê-lo.

EVA.

Senhor, sabereis,
Dizendo em somma o que me requ'reis,
Que eu concebi neste meu spiríto
Aquelles enganos do anjo maldito;

E assi concebida, agora vereis
O meu apêrto.
  Digo que, prenhe, minha alma e vida
Assi concebida do verbo corrupto,
Desejei, de prenhe, fartar-me do fructo
Da árvore sancta por Deos defendida.
E como comi,
(apparece a Morte)
Vêdes alli, Senhor, que pari;
Vêdes a minha triste paridura:
Essa he a filha da mãe sem ventura,
Isto nasceu da triste de mi,
Por nossa tristura.

ADÃO.

  Vêdes aqui, Senhor Mundo, a nossa
Parteira da terra, herdeira das vidas,
Senhora dos vermes, guia das partidas,
Rainha dos prantos, e nunca ociosa,
Adela das dores,
A embaladeira dos grandes senhores,
Cruel regateira, que a todos enleia.

MUNDO.

Não vos espanteis de pessoa tão feia,
Porque cada hum desses lavradores
Colhe o que semeia.
  Hou! que dizes, Tempo?

TEMPO.

Eu não digo nada:
Eu lhes fallarei lá na derradeira;
Agasalha-os tu, que he gente estrangeira.

MUNDO.

Cortae dessa rama, fazei a pousada,
E va Adão cavar:
Semeae das favas, que haveis de suar:
Comei dessa fructa amargosa, monteza,
E fie da lan a primeira princeza,
Até qu'essa Morte vos venha chamar,
E muito depressa.

(Apartão-se do auto Adão e Eva.)

MUNDO.

Ora venha Abel seu filho carnal,
E não façais conta aqui de Caïn,
Que como o homem he homem ruim,
Pera que he delle fazer cabedal?
Abel he pastor
Amigo de Deos e bom servidor,
Por isso lhe crescem a ôlho seus gados.

TEMPO.

Pois porque tem dias tão abreviados?

MUNDO.

São fundos segredos que tem o Senhor
Pera si guardados.

(Entra Abel pastor, cantando o seguinte Vilancete.)

ABEL.

« Adorae, montanhas,
« O Deos das alturas,
« Tambem as verduras;
« Adorae, desertos
« E serras floridas,
« O Deos dos secretos,

« O Senhor das vidas:
« Ribeiras crescidas,
« Louvae nas alturas
« Deos das creaturas.
« Louvae, arvoredos
« De fructo presado,
« Digão os penedos,
« Deos seja louvado,
« E louve meu gado
« Nestas verduras
« O Deos das alturas. »

SATANAZ.

Oh como cantas tão doce, pastor!
Quanta doçura que nasceu comtigo!
Conselho-te, irmão, senhor e amigo,
Que te estimes muito: pois es tal cantor,
Bem he que te prezes.
Tu es mais formoso que teu pae mil vezes:
E se eu a ti fosse leixaria o gado,
Que andas nos matos mui mal empregado,
Mancebo disposto: e não te desprezes
De ser namorado.

ABEL.

Queria ora mais fartar o meu gado,
Sem fazer nojo nem perda a ninguem.

SATANAZ.

Queres que engorde o teu gado bem?
Sempre apascenta em pasto vedado.

ABEL.

Quem te mette a ti
A aconselhares outrem, nem menos a mi,

Sem te pedirem conselho nem nada?

SATANAZ.

He tanta a virtude que tenho sobrada,
Que sempre isto faço e fiz atéqui
A cada passada.

ABEL.

Oh! e tu gabas-te e fazes-te sancto?
Juro-te, amigo, que hypocrita es.
Torna-te monge, descança esses pés,
E seras fino nessa arte dez tanto:
A isto te espero.

SATANAZ.

Este he o homem que busco e quero.
Muito desejo tua companhia,
E sem mais soldada, com muita alegria,
Prometto servir-te como escravo mero
De noute e de dia.

TEMPO.

Despachae, Abel, parti pola fria,
Que ja vossas horas estão consumidas.

ABEL.

Ó Tempo, tão curtas são aqui as vidas?
Senhor, agravais-me, que ainda crescia;
Não ha aqui justiça.
Leixae-me, Morte.

MORTE.

O tempo me atiça.

ABEL.

Onde me levas?

MORTE.

Lá t'o dirão.

ABEL.

Mundo, não me vales?

MUNDO.

Está bem á mão.

TEMPO.

Pois não se t'escusa, não hajas preguiça:
Não tomes paixão.

(Entra Abel na escuridade do Limbo.)

ABEL.

Despois de viver vida trabalhada,
Despois de passada tão misera morte,
Este he o abrigo, esta he a pousada!

BELIAL.

E esse he o siso,
Despois que vos vêdes neste sancto abiso,
Despois que estais fóra de guardardes gado,
Despois que cobraste tal valle abrigado,
Despois de vizinho no nosso paraizo,
Nos dais esse grado?
Sus, sus, á corrente.

LUCIFER.

Aperta-o mui bem
Que nunca Satan o pôde enganar,
Porque elle fôra pousar no logar
Onde pera sempre não virá ninguem,
Senão outros taes.

BELIAL.

Has tu saudade de ir ver a teus paes,
Ou por ventura das tuas ovelhas?

ABEL.

Ó Senhor Deos! pois tal me apparelhas,

Recebe meus gritos, prantos e ais,
Nas tuas orelhas.

TEMPO.

Vós, padre Adão, e vossa parceira,
Cheguemos á vara, ja sabeis meu mando;
Mil annos ha que estou esperando;
Esta he a vossa hora derradeira.

ADÃO.

Ó Tempo, espera!

TEMPO.

Este relogio não se destempera,
He muito certo e muito facundo.

ADÃO.

Queria fallar hum pouco c'o Mundo:
Não apparelharei eu o panno e a cera?
Ora he caso profundo!

TEMPO.

Alto, despachae: e vós aguardais?
eis o alforge á hora da ida?

ADÃO.

-me siquer hum dia de vida.

TEMPO.

ca o relogio que não tendes mais;
m ha hi maneira.

MORTE.

o sabeis vós que sou vossa herdeira,
a vossa filha a primeira gerada?

ADÃO.

triste Morte, como es apertada!
mo es espantosa, em tanta maneira
saventurada!

(Entrando na casa de sua prisão, e achando Abel, seu filho, preso naquella infernal estancia, fizerão todos hum pranto, cantando a tres vozes; e acabando diz o)

MUNDO.

Eis Job vem fallando ha grande pedaço,
Triste com causa de ter gran tristeza.

TEMPO.

Oh quantos haveres e quanta riqueza
Perde aquelle homem em tão pouco espaço!

MUNDO.

Infinitos gados
E muitos haveres lhe tenho ja dados,
E tudo lhe foi atravez brevemente;
Porque Satanaz o achou excellente,
Todos seus bens lhe tem assolados;
E Job paciente.

JOB.

Se os bens do mundo nos dá a ventura,
Tambem em ventura está quem os tem.
O bem que he mudavel não póde ser bem,
Mas mal, pois he causa de tanta tristura;
E se Deos os dá,
Como eu creio mui bem que sera,
E a fortuna tem tanto poder,
Que os tira logo cada vez que quer,
O segrede disto, oh! quem m'o dirá,
Pera o eu saber?

SATANAZ.

Fallemos hum pouco, Job, a de parte
Sôbre esse segredo, verás que te digo.

Eu quero-te bem e sou teu amigo,
Sem usar comtigo cautela nem arte.
Tu saberas,
E não me descubras nem hoje nem eras,
Deos he aquelle que te tracta assi;
Quer-te gran mal e diz mal de ti:
Não cures delle, e logo tornarás
A como te vi.
  Tu dás com teus males louvores a Deos,
E elle pesa-lhe por tu nomea-lo:
Renega, renega de ser seu vassalo,
E logo verás tecer outros veos.

JOB.

Se o eu leixar,
Qual he o senhor que m'ha d'emparar?
Qual he o Deos que me póde valer?
Nos bens desta vida não está o perder,
Que assi como assi ca hão de ficar,
Pois hei de morrer.
  Eu creio, Mundo, que o meu redemptor
Vive, e no dia mais derradeiro
Eu o verei Redemptor verdadeiro,
Meu Deos, meu Senhor e meu Salvador.
Eu o verei, eu,
Não outrem por mim, nem com ôlho seu,
Mas o meu ôlho, assim como está;
Porque minha carne se levantará,
E em carne mea verei o Deos meu,
Que me salvará.

SATANAZ.

  Prosigue tu embora tua mania,

Que Deos bem de chapa te assenta elle a mão:
Derribou-te agora as casas no chão,
E matou-te os filhos morte supitania.

JOB.

Verdade he isso?

SATANAZ.

Assim me veja eu rei do Paraizo.

JOB.

Bento e louvado seja o Deos dos ceos!

SATANAZ.

Se o tu renegasses, temer-t'hia Deos,
E correr-se-hia muito de te fazer isso.

JOB.

Lá, lá aos increos!

SATANAZ.

Assi! ora espera, farei que renegues,
Quero fazer o que Deos me manda.
(Toca Satanaz a Job, e fica cuberto de lepra.)

JOB.

Oh chagado de mi, que esta he outra demanda!
Oh Deos meu! e porque me persegues?
Contra mim perfias,
Sabendo que nada são os meus dias!
Minha alma s'enoja ja de minha vida,
E como a setta he minha partida.
Senhor, meu Senhor! porque te desvias
De tua guarida?
Responde-me, quantas maldades te fiz?
Ou quantas treições obrei contra ti?
Porque assim escondes a face de mi,
Como meu contrário, sendo meu juiz?

Contra a folha prove,
Que ligeiramente o vento revolve,
Mostras as forças que tu tens comtigo?
Porque te fizeste contrairo comigo?
Que a tua bondade me escusa e absolve
De ser teu imigo.
  Senhor, homem de mulher nascido
Muito breve tempo vive miserando,
E como flor se vai acabando,
E como a sombra sera consumido.
Pois porque, Senhor,
Estimas tu cousa de baixo valor
Pera trazê-lo a juizo comtigo?
E quem me daras que seja comigo
Em o inferno por meu guardador
E por meu abrigo?
  Que a minha pelle, as carnes gastadas,
Logo a meu osso se achegará,
E tambem solamente o que ficará
Os beiços ácerca de minhas queixadas.
O meus amigos,
Ao menos vós outros, amigos antigos,
Amerceae-vos de mim que me vou,
Porque a mão do Senhor me tocou:
E vós perseguis-me como inimigos,
Assi como estou?

TEMPO.

  Queixae-vos vós bem, que ainda estais peor,
Pois não tendes mais momento de vida:
Alto, despejae, cuidae na partida.

JOB.

Oh! bento e louvado seja o meu Senhor!
O que elle mandar.
A vida he sua, póde-a tirar,
A morte he nossa de juro e herdade;
E pois que elle he o juiz da verdade
Faça-se logo sem mais dilatar
A sua vontade.

MORTE.

Vinde ca, bom homem, que esta he dor maior.

JOB.

Memento mei, Deos Senhor,
Porque vento he a minha vida.
Apressa-te muito asinha,
Favorece meu temor,
E a minha alma encaminha.
Peccante me quotidie,
Et non me pœnitentem,
Meus espiritos ja não sentem;
Timor mortis, conturbas me.
Ubi fugiam, que farei?
Circumdederunt me dolores:
Ajuda-me, Rei dos senhores,
Não te alembre que pequei,
Esqueção-te meus errores.
Manus tuæ fecerunt me,
Oh! não me desfaças ora;
Acorre-me, Senhor, agora,
Qua a minha vida ida he,
E a morte he de mi senhora.

BELIAL.

Ora andae, que tudo he nada
Quanto vós podeis dizer.

JOB.

Que me queres tu fazer?

BELIAL.

Servir-te e dar-te pousada,
Onde estês a teu prazer.

(Diz Job depois de preso.)

JOB.

Quare de vulva me eduxiste?
Antes alli fôra consumido.
Ó minha esperança, faze-me soffrido,
Pois vida, morte e prisão tão triste
Me fazem pesar-me porque fui nascido.

MUNDO.

Agora estes quatro bem abastarão,
Quanto aos Padres da lei da Natura;
Logo virão, da lei da Escriptura,
Moysem, Isaias, David, Abrahão.
Fallará primeiro
Abrahão, patriarcha justo, verdadeiro,
Reprendendo os idolos da antiguidade;
Porque no seu tempo era vaidade,
E pola verdade se fez pregoeiro
Da sancta Trindade.

ABRAHÃO.

Ó Deos mui alto, ignoto, escondido,
Demostra-te ás gentes, que ja tempo he;
Que daquelle tempo do justo Noé
Está o teu nome na terra perdido,

E está sonegado
O tributo do mundo, que he teu de morgado.
E adoraõ as gentes deoses de palmeira,
Deoses de metal, e de pederneira,
Deoses sem vida, deoses de peccado,
Feitos de madeira.
Tem pés e não andão, mãos e não palpão,
Olhos e não vem, orelhas e não ouvem,
Corpo e não sustem, cabeça e não entendem.
Et tu, qui solus es,
Que tens todo o mundo debaixo dos pés,
E teu ouvir e ver he infinito,
Creador dos spirítos, eternal spiríto,
E sendo seu Deos, não sabem quem es,
Sequer por escrito.

MOISES.

Tu Mouses direi como elle formou
No princípio o ceo, terra e paraizo.
A terra era vacua, e sôbre abiso
Erão as trevas quando a luz creou.
E assentarei
Misterios profundos no livro da lei,
Tudo figuras da Sancta Trindade,
Tudo misterios da eternidade,
Que Deos me dirá e eu escreverei
Á sua vontade.
E elle estara em pessoa comigo
Aos cinco livros, quando os escrever;
Porque as ceremonias que mandar fazer,
Outras maiores trazerá comsigo.
Tu, homem, penetra,

E dos sacrificios não tomes a letra;
Que outro sacrificio figúrão em si,
Que matar bezerros, nem aves alli:
Outra mais alta offerta soletra,
E outro Genesi.

DAVID.

O sacrificio a Deos mais aceito
He o spiríto mui attribulado,
E o coração contrito e humilhado;
Este he a offerta e serviço direito;
E assi Isaias.

ISAIAS.

O sacrificio he o Messias,
Que sera nascido em Bethlem de Judá,
Porque do tribu de Judá sera
Da parte da Virgem; e eis virão dias
Em que parirá.

MOISES.

Virgem prenhada!

ISAIAS.

E Virgem parida.
Bem viste a sarça que não se queimava;
Pois este misterio nos prefigurava
A Madre de Deos, do mundo e da vida,
E amado cordeiro
Que tira os peccados.

DAVID.

Eu no meu salteiro
Digo por este mui alto primor:
Cantae cantar novo a vosso Senhor,
Que fez maravilhas, o Deos verdadeiro,

O Duque maior.

ABRAHÃO.

Ó Isaias, que novas tão bellas,
De tanta alegria, que trazes comtigo!

ISAIAS.

Outras tão tristes trago eu comigo,
Que ja Jeremias fez pranto com ellas.
Oh triste mazella!
Que o fructo do ventre daquella donzella,
Em pagamento do fructo vedado,
Á justiça divina sera offertado,
Cuberto de sangue, com muita querella,
E crucificado!

DAVID.

Eu tambei o sei, mui certo sabido;
Serão suas mãos e pés mui furados,
E todos seus ossos lhe serão contados,
E deitarão sorte sôbre seu vestido.

TEMPO.

Tendes ja dito;
Leixae tudo isso posto por escrito,
E despejae logo, pagae a pousada;
Cumpri com a terra, que quer ser pagada,
E ós elementos dae o spirito:
Não falleis mais nada.

MUNDO.

Morte, despeja-os, não fique ninguem.

ISAIAS.

Oh quem me tivera mais vida alongada
Pera profetar da Virgem sagrada
Cem mil maravilhas que sei muito bem!

MORTE.

Profetas, nó mais;
Manda o Tempo que logo partais,
Parti-vos comigo, e não mais demoras.

ABRAHÃO.

Ó Morte, quão cruas são tuas esporas!
Quão lastimeiras!

MORTE.

Não vos detenhais;
Andae, que são horas.

MOISES.

Senhor Rei David, não tendes na côrte
Cirurgiães e Fisicos mores,
Astrologos grandes e muitos doctores,
Que vos dem saude e livrem da morte?

MORTE.

Olhae, não vai nisso;
O mal que se cura não he mal de siso.
Andão deitando remendos á vida;
Mas quanto ao despejo, pois não tens guarida,
Lembra-te, homem, com muito aviso
Que es terra podrida.

BELZEBU.

Ó Morte, ó Morte, sejas bem casada,
Que tão limpa gente nos dás em poder.
Chegae-vos aqui, Senhor Lucifer,
Pois que rei vem á vossa pousada;
Que não he rezão,
Pois que he rei, que eu lhe ponha a mão,
Senão Vossa Alteza. e ponha-o aqui.

LUCIFER.

Perdoae-me vós, Senhor Rei Davi.

DAVID.

De profundis clamavi, Senhor, redempção!

BELZEBU.

Bem estais assi.

MUNDO.

¶ Da lei da Escriptura e lei natural
Ja temos passados os mais principaes;
Venha a lei da Graça, porque os mortaes
Alcancem a glória de sempre eternal.
Venha primeiro
Glorioso Joannes, sancto pregoeiro,
Sancto sem mágoa, de Deos enviado,
Sancto nascido e sanctificado,
Mostrando ás gentes alto cordeiro,
Com muito cuidado.

S. JOÃO.

Ó bravas serpentes que em serras andais,
Ó dragos ferozes que estais nos desertos,
Ouvi os secretos que estão encubertos;
E vós, dromedarios, tambem não durmais;
E tu, mui serena
Fermosa ave phenix, que tanto sem pena
A ti mesma matas por tua vontade,
Vae ver o Phenix da Sancta Trindade,
Filho da Phenix *gratia plena*,
Que está na cidade.

E tu, mui soberbo lobo poderoso,
Que trazes as unhas crueis, e tingidas
No sangue d'ovelhas de pouco paridas,

ende de Christo, cordeiro amoroso:
ós, pomba brava,
voais isenta, soberba, alterada,
essas montanhas viveis branda vida,
ıae por espelho a pomba escolhida;
omba mui mansa, a pomba calçada,
sol he vestida.
tu vil rapoza, que vives d'engano,
ıatas quem amas. sem nenhum temor,
ende de Christo que so por amor
rece á morte seu corpo humano.
aguia real,
vences os raios do sol natural
n tua vista per graça divina,
ırda não te cegue o sol da rapina,
te allumia a luz divinal
n sua doctrina.

SATANAZ.

Eu fui hontem á cidade,
E estavão os Fariseus
Fallando nos feitos teus
E na tua sanctidade,
De que pasmão os Judeus.
Dizem que tu es Elias,
Ou profeta enviado,
Ou anjo dissimulado;
Mas eu digo que es Mexias,
E assi o tenho apostado.

S. JOÃO.

Eu te conheço mui bem,
E quem es, ha muitos dias.

Satan, eu não sam Elias,
Nem desejo de ninguem
Nenhũas lisongerias.
Nem sam sancto nem profeta,
Nem menos anjo encuberto;
Vox clamantis in deserto
Esta he a minha vida certa;
Pois queres saber o certo.
Nem Messias não sam eu,
Nem pera lhe desatar
A correa que levar
No sancto sapato seu.
Antre os Judeus acharás
O bem qu'elles não conhecem,
Nem tu o conhecerás;
Porque elles não no merecem,
Nem tu o mereccrás.

(Aparta-se Satanaz, e diz)

S. João.

Ó mortaes, de terra em terra tornados,
Pois são vossas almas de tão fina lei,
Abri vossos olhos, que *ecce agnus Dei*,
Que veio ao mundo tirar os peccados.
Elle he por certo;
Crede esta voz clamante em deserto,
E levantae-vos do po desta vida;
Pegae-vos com Christo,
Que he certa guarida,
Que de sua mão está o ceo aberto,
E a glória vencida.

TEMPO.

Este relogio he muito forte,
Vós perdoae-me, Senhor San João,
Que vossas horas cumpridas estão,
Segundo buscastes tão cedo a morte,
E por vossa vontade.
Vós não quereis senão prégar verdade,
E ella vos leva da vida presente.

S. JOÃO.

Que sam muito ledo e muito contente,
Porque a verdade he a mesma Trindade
Verdadeiramente.
E pois eu sam voz de nosso Senhor,
Se eu a calar, quem na ha de dizer?
As offensas de Deos quem as ha de soffrer?
Mas clame em deserto qualquer prégador,
E seu thema seja
Verdade, verdade. Mas o que deseja
Ser bispo, e portanto prega mui modesto,
Calando e cobrindo o mal manifesto,
Não he prégador da sancta Igreja,
Mas ladrão honesto.
Leva-me, Morte; quero-me ir daqui,
Que já mostrei Christo a todolos vivos;
Irei dar a nova áquelles captivos,
Cujo captiveiro tera cedo fim.

(Entrando S. João naquella prisão, com admiração de grande alegria cantárão os presos o romance seguinte, que fez o mesmo autor ao mesmo proposito.)

ROMANCE.

Voces daban prisioneros,
Luengo tiempo estan llorando,
En triste cárcel escuro
Padeciendo y suspirando,
Con palabras dolorosas
Sus prisiones quebrantando:
—Que es de ti, Virgen y Madre,
Que á ti estamos esperaudo?
Despierta el Señor del mundo,
No estemos mas penando.—
Oyendo suas voces tristes,
La Vírgen estaba orando
Cuando vino la embajada
Por el ángel saludando,
«Ave rosa gracia plena,»
Su preñez le anunciando.
Suelta los encarcelados,
Que por ti estan suspirando;
Por la muerte de tu hijo
Á su padre estan rogando.
Crezca el niño glorioso,
Que la cruz está esperando.
Su muerte será cuchillo,
Tu ánima traspasando.
Sufre su muerte, Señora,
Nuestra vida deseando.

LUCIFER.

Que fazes?

SATANAZ.

Eu não faço nada,

E suo como cão, sem achar bonança.

LUCIFER.

Todos aquelles que a morte ca lança
Alcanção per fôrça segura pousada.
Pois has-me d'encher
De almas humanas, convem a saber:
A furna das trevas, ponte de navalhas,
O lago dos prantos, a horta dos dragos,
Os tanques da íra, os lagos da neve,
Os raios ardentes, sala dos tormentos,
Varanda das dores, cozinha dos gritos,
Açougue das pragas, a tôrre dos pingos,
O valle das forcas: — tudo isto arreio.

SATANAZ.

Bem certo he que tudo ha de ser cheio,
Mas França e Roma não se fez n'hum dia.

LUCIFER.

Temo, Satan, que esta mercadoria,
Que temos aqui, he braza no seio.

(Entra a figura de nosso Redemptor; e o Mundo, o Tempo e a Morte assentão-se de joelhos, e diz o)

MUNDO.

Tambem vós passais, Deos meu,
Por esta vida mesquinha?
Muita dita he a minha!
Mas onde agasalharei eu
A quem tanta glória tinha?
Oh eternal Creador,
Oh temporal creatura,
Que encubres com terra escura

O divino resplandor
E immensa formosura!
  E portanto eu não sam dino
Que entreis na minha morada;
Porque he baixa pousada,
E pera ti, Verbo divino,
Quanto tenho não he nada.

CHRISTO.

  Não te agastes tu comigo,
Nem me dês pousada a mi,
Que o meu regno não he aquí,
Nem quero nada comtigo:
Mas quatro cousas quero de ti.

PRIMEIRA.

  Quando me vires levar
Pela rua d'amargura,
Que olhes minha figura,
E o sangue que eu derramar
Tome tua alma por cura.

SEGUNDA.

  E quando os saiões da cidade
Me pregarem no madeiro
Com fortes pregos d'aceiro,
Que olhes com que vontade
Me entreguei ao carniceiro.

TERCEIRA.

  E quando vires spirar
O meu spirito cansado
O meu coração finado,
Que tu te queiras lembrar
Que mouro por teu peccado.

QUARTA.

Quando enterrado me vires
Sem companha nem emparo,
Que do teu coração tires
Suspiros, com que suspires
Minha morte e desemparo.
E não quero de ti mais;
Lá reparte teus cruzados,
Teus imperios e regnados,
E tuas pompas mortaes,
Qu'eu não quero teus morgados.
Seja papa quem quizer,
Seja rei quem tu quizeres;
Que os imperios e poderes
A morte os ha de prover
E tirar a quem os deres.

TEMPO.

Meu Senhor, eu que farei?
No relogio que me déstes
Digo qu'inda que nascestes
Não se entende em vós a lei,
Pois que vós mesmo a fizestes.

CHRISTO.

Modicum videbitis me.
Eu a cumprirei, que a fiz;
Porque rei que he bom juiz,
Como a lei feita he,
Faz aquillo que ella diz.
Cedo me despejarás,
Tem tu o relogio certo:
Emtanto vou-me ao deserto,

E veremos Satanaz
Se me falla descuberto.

LUCIFER.

Digo que este homem nascido em Belem
Parece perigosa cousa pera nós.

BELZEBU.

Senhor Lucifer, isso vêde vós,
Porque todo o mal he de quem o tem.

SATANAZ.

Dá ó demo a cantiga:
E crede que temos com elle fadiga,
Que passa de sancto.

BELZEBU.

Parece-o elle.

LUCIFER.

Vae, Satanaz, e salta com elle:
Emfim elle he homem, por mais que te diga;
Mais podes tu que elle.
Agora que anda assi so no deserto,
Veste este fato, e faze-te monje,
Porque sem isto andarás de longe,
E assi simulado fallarás de perto.
Ora vae asinha;
E se tu este trazes á nossa cozinha,
Eu te farei mui gran cavalleiro.

(Vai-se Satanaz tentar a Christo.)

SATANAZ.

Que faz o Senhor neste ermo estrangeiro
Tão so, e tão fraco, que por vida minha
Que he grande marteiro?

CHRISTO.

E tu que cousa es, ou que vens buscar?

SATANAZ.

Bem ves tu, Senhor, que sam ermitão;
Logo meu trajo denota quem sam;
E he escusado o mais perguntar.
Sam monje, Senhor.

CHRISTO.

Nem porque o sagaz e bom caçador
Se veste no boi por caçar perdizes,
Não he elle boi, como tu me dizes.

(Diz ao povo)

Julgae pelas obras, e não pela côr,
Sereis bons juizes.

SATANAZ.

Senhor, ja de fraco e debilitado
Deitas a falla cansada com pena,
E eu ouvi dizer ja que se condemna
Quem mata a si mesmo de proprio grado.
Pois porque te matas,
E a tua vida assi a maltratas,
Sendo seu preço ao dôbro de Elias?
Come, Senhor, que ha quarenta dias
Que te desbaratas.
E mais se tu es o filho de Deos,
(Como eu sinto ainda que me calo,)
Faras destas pedras todas pão de callo,
Segundo a virtude trouxeste dos ceos.

CHRISTO.

Escripto acharão
Que não vive o homem somente de pão,

Mas da palavra de Deos procedida.
Esta he a que farta, cria e dá vida.

SATANAZ.

Oh como fallas! dá-me outra lição,
Que ja essa he sabida.
E se tu, como digo, filho de Deos es,
Segundo a nova por esta terra anda,
Deita-te abaixo daquella varanda;
E nem hajas medo que quebres os pés,
Porque escripto he
Que nenhũa pedra, em perna nem pé,
Te póde fazer offensa nem nada.

CHRISTO.

E se eu posso subir e descer pola escada,
Pera que he tentar a Deos sem porque,
Que he cousa escusada?

SATANAZ.

Cantá pola escada hum manco fará isso.
Vem-me á vontade fazer-te hum partido.
Todo o homem pobre he aborrecido:
Tu de meu conselho acolhe-te ao siso.
E que hum homem faça
Muitos peccados e erros de praça
Por enriquecer, tudo he muito bem;
Que bem sabe Deos que quem nada tem,
Que tenha mil graças por divina graça,
Não no quer ninguem.
Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,
Aldeia Galega, a Landeira, e Ranginha,
E de Lavra a Coruche? tudo he terra minha.
E desde Çamora até Salvaterra,

E desde Almeirim bem até Herra,
E tudo per allí,
E a terra que tenho de cardos e pedras,
Que vai desde Cintra até Torres Vedras;
Tudo he meu. Ólha pera mi,
Verás como medras.
Isto e muito mais te darei,
Que não quero mais senão senta-te ahi,
Posto em giolhos, e adora em mi:
Ólha em quão pouco virás a ser rei,
E muito acatado.

CHRISTO.

Retro, retro, malaventurado,
Falso, enorme, civel Satanaz.
Scripto he, não adorarás
Senão hum so Deos, com grande cuidado
A elle servirás.

LUCIFER.

Que he isso, Satan?

SATANAZ.

Venho embasbacado,
E estou mais mofino que hum alfeloeiro.
Dá-me a vontade que aquelle escudeiro
He o pastor daquelle nosso gado.

CHRISTO.

Eis aqui subimos a Hierusalem
Pera tirar o vestido em que ando;
Porque os açoutes me estão esperando.
Cumpra-se todo o meu mal e meu bem.
Quero ir levar
Minha breve vida a quem m'ha de matar,

E assi entregar a minha cabeça
Á cruel c'roa, porque ella padeça
Com tanto de sangue, que quem me olhar
Que não me conheça.
Quero ir levar estes meus cabellos
Onde sejão feitos duzentos pedaços;
Quero ir pregar estes pés e meus braços
Onde os sinta, e não possa ve-los:
E o delicado
Triste meu peito, que seja pisado
Com couces irosos, e minhas queixadas
E dentes, quebrados com mil bofetadas.
E eu virei logo ser sepultado
Em breves passadas.

BELIAL.

Senhor Lucifer, eu ando doente,
Treme-me a cara, e a barba tambem.
E doe-me a cabeça, que tal febre tem,
Que soma sam hetigo ordenadamente,
E doe-me as canellas:
Sai-me quentura per antre as arnellas,
E segundo me acho, muito mal me sinto;
E algum gran desastre me pinta o destinto.
Até as minhas unhas estão amarellas,
Que he gran labyrintho.

(Em este passo vem os cantores, e trazem hũa tumba, onde vem hũa devota imagem de Christo morto; e despois de acabada sua procissão, diz)

BELIAL.

Ergue-te, Senhor, que segundo creio,

Pois que assi tremo e estou amarello,
Que sera tomado este nosso castello,
E o gado que temos ha de ser alheio.

SATANAZ.

Isso he o que eu digo.

BELIAL.

Rugem-me as tripas, arde-me o embigo,
E a boca empolada, assi como de figos.
Crede vós, Rei, que tendes imigos;
Porque estas doenças que trago comigo,
Denotão perigos.

Aqui tocão as trombetas e charamellas, e apparece hũa figura de Christo na resurreição, e entra no Limbo, e soltará aquelles presos bemaventurados. E assi acaba o presente auto.

DIALOGO SOBRE A RESURREIÇÃO

ENTRE OS JUDEUS.

RABI LEVI. — RABI SAMUEL. — RABI AROZ E DOUS CENTURIOS.

(Entra Rabi Levi e diz:)

LEVI.

Quem com mal anda, dizia Jacó,
Rabina Rabasse, Rabi Mousem,
Não cuide ninguem que lhe venha bem,
Nem he bem que alguem haja delle dó.
Quem com mal anda, chora e não canta;
Quem so se aconselha, so se depena;
Quem não faz mal, não merece pena;
Quem chora ou canta, fadas más espanta.
Dizia minha mãe Gemilha saborida:
Filho, não comas, não rebentarás;
Se sempre calares, nunca mentirás;
Come e folga, teras boa vida.
Dizia meu pae Mosé Rabizarão:
Não comas quente, não perderás o dente;
Quem não mente, não vem de boa gente;
Não achegues á forca, não te enforcarão.
Dizia meu dono, cuja alma Deos tem:
Não peques na lei, não temerás rei;

Se tu te guardares, eu te guardarei;
Quem sempre faz mal poucas vezes faz bem.
Dizia meu tio Rabi mallogrado:
Filho Jacob, o que fazes, dizia, Jacob Badear,
Achega-te ca, quero-te ensinar:
Não sejas pobre, morrerás honrado;
Falla com Deu, seras bom rendeiro;
Quando perderes, põe-te de lodo;
Se nada ganhares, não sejas siseiro.

SAMUEL.

Que fallas? que fallas? azara te veio?

LEVI.

Ando cuidando naquelle coitado
Daquelle Mexias que jaz enterrado.
Todo o que dixe foi devaneio:
Dixe que havia de resuscitar.

SAMUEL.

Quando, meu dono?

LEVI.

Assi digo eu.
Daquelles guardados nenhum pareceu
Que lá hontem forão pera o guardar.

SAMUEL.

Elle dizia que o dia terceiro.

LEVI.

Que negro chanto, que guarra seria!

SAMUEL.

Não fallemos nisso, tudo he bulraria:
Pois elle seria o Deu verdadeiro?
Fallemos em al, Rabi Samuel.
Oitras lazeiras ha hi que contar;

Leix'o jazer. Queres arrendar
Comigo hũa renda? Se fores fiel,
Arrenda comigo este anno que vem.

LEVI.

Que renda?

SAMUEL.

Hũa renda.

LEVI.

E não tem nome?
Ve tu se he tal; que o demo me tome,
Se não arrendar, se me vier bem.

(Vem dous Centurios.)

LEVI.

Que dolor ha lá? que foi? que quereis?

CENTURIOS.

Vimos pasmados.

LEVI.

De que? que achastes?

CFNTURIO.

Vimos...

LEVI.

Que vistes? de que vos pasmastes?
Que he? que foi? dizei, que dizeis?

CENTURIO.

Estando dormindo...

LEVI.

Dou-lhe que fosse.

CENTURIO.

Esta madrugada...

LEVI.

Pela manhan cedo,

Estavas dormindo, sonhaste com medo.
Ora ouvi aquillo, — sonhando espantou-se!

CENTURIO.

Não quereis ouvir?

LEVI.

Ouvimos, contae:
Ha de ser hum sonho, que vio hum espanto
Hũa adivinhação, hum conto, hum chanto,
Hũa patranha. Contae, acabae.
Sonhastes esta madrugada,
Estando dormindo... Eu vos lembrarei.

CENTURIO.

Ficae-vos embora, ja não contarei.

SAMUEL.

Digo que oivamos esta gente hônrada.

LEVI.

Ora dizei. Tudo ha de ser vento.

CENTURIO.

Não he senão cousa de que vos pasmeis,
De grande segredo. Ouvi se quereis,
E sabereis caso de gran perdimento.

LEVI.

Sonhou que perdia na sisa do trigo;
Ó demo me dou se foi outra cousa.
Como dormia debaixo da lousa,
Estava abafado.

CENTURIO.

Olhae o que digo:
Ja Christo desd'hoje...

SAMUEL.

Que ha de fazer?

CENTURIO.

Sahio do sepulcro.

SAMUEL.

Furtado sería.

CENTURIO.

Mas resuscitado com grande alegria:
Vêde vós outros como isto ha de ser.

LEVI.

Que cabeças estas! que chanto nos veio
Pera juizes de Ponte de Loures!
Tudo isso erão os vossos tremores?
Monta ao todo hum grão de centeio.

CENTURIO.

Ouvi os signaes, porque os creais.
Na hora, no ponto que resuscitou,
Toda a cabeça se me depenou,
E venho pellado.

LEVI.

Ha hí mais signaes?

2.º CENTURIO.

E eu desdentado; ma ora nasci:
Somente hum dente m'a mim não ficou.
O sancto Diabo m'a mim lá levou.

SAMUEL.

Abre essa boca, vejamos se he assi:
Ja cerrou a cava: ó desventurado,
Andaste ás punhadas com algum rascão,
E quebrou-te os dentes, porque es villão,
E cuidas que o outro que he resuscitado.

LEVI.

Melhor viva eu e meu filho Jacó,

Que s'elle levante daquelle penedo.
Em dias que vivas, não hajas tu medo
Que nunca o encontres com outro, nem so.

CENTURIO.

Ser eu muito certo que estou pellado,
E, alem de pellado, tolhido de hum braço.

LEVI.

Arrepellárão-te á porta do paço:
Olhae que milagre para ser soado!

2.º CENTURIO.

E estes dedos — que dizes, Rabi?
Que nenhũa unha não ficou comigo.

SAMUEL.

Mostra, veremos que houveste comtigo.

2.º CENTURIO.

Attenta se minto, que ve-las aqui.

SAMUEL.

Digo-te, amigo, que forão unheiros,
Ou foi dor dos cabos nas pontas dos dedos,
E não nos curaste, com medo dos medos.
Mas estes milagres não são verdadeiros;
Não digais nada á nossa communa,
Não façais rumor no nosso casal.

CENTURIO.

Pois que diremos que foi este mal?
Ou que remédio á nossa fortuna?

RABI LEVI.

Dirás que arrendaste na sisa dos pannos,
Ou nos azeites do haver do pêso;
E que arrepellaste hum homem travesso,
Sôbre razões, havera dous annos;

E que agora te arrepellou,
E mais que t'estortegou esse braço;
E est'outro, vendo-te em tal embaraço,
Por te acudir, que foi e empeçou,
E deu c'os focinhos n'hum ferro d'arado,
E quebrou os dentes, unhas e todo.
E assi em todo ponde-vos de lodo,
De chanto e de guaia, todo misturado.

SAMUEL.

Entendeis aquillo, homem de bem?
Toma hum vintem pera a cabelleira.
Tu come das papas, não teras denteira;
E compra hũas luvas, ou furt'as a alguem.
Nem digais que he vivo, que pola benção
De Rabi Ascalvado, e de Dona Sol,
Que vos tenchemos dentro n'hum lençol,
E a capelladas morrereis ou não.

(Vão-se os Centurios.)

RABI SAMUEL.

Fallemos, saltemos no arrendamento.

LEVI.

Rabi Samuel, mais releva isto.
Quiçais era sancto este Jesu Christo.
Que elle o mostrou em seu finamento;
O sol escurou, e a terra tremeo.

SAMUEL.

Eu te direi a verdade inteira.
Tremeo minha casa, cahiu cantareira,
Quebrou-se a loiça, todo se perdeo,
Até o pichel que tinha d'azeite;
Fendeo-se-me hum pote, quebrou-me tigelas,

Bacios, candieiros, panellas;
Não ficou vinagre, nem em que o deite.

RABI LEVI.

Vamo-nos ora a Rabi Aroz,
E a Rabi Franco, e a Rabi Zarão:
Far-lhe-hemos menção daquesta razão;
Que se isto he verdade, o demo he na voz.

SAMUEL.

Fallemos tambem a Rabi Mosé,
E a Jacob lendroso, e Abrahão pellado.
Saibamos se he este o nosso esperado,
Vejamos se foi, se he, se não he.

(Vem Rabi Aroz, e diz:)

RABI AROZ.

Leixae-me passar.

LEVI.

Bem venhas, irmão; pera onde vás?

SAMUEL.

Ora está quêdo, e não sejas grou,
Que voa pelo ar, e anda pelo chão.
Ora attenta nisto.
Tu saberas que á cêrca de Christo
Tens bem que ouvir, e nós que fallar.

AROZ.

Não posso escutar, que vou campear,
E se lhe tardar, bem sabes tu isto
Em que póde parar;
Porque este bolção não tem cerradouros.

SAMUEL.

Aperta-lhe a boca, até qu'isso passe.

AROZ.

Pois, emque agora um rei me fallasse,
Eu lhe diria, — Senhor, vou-me a Mouros: —
Ou lhe diria:
— Vou despachar hũa mercadoria,
Que está empachada á porta redonda. —
Desta te abasta e isto t'abonda

SAMUEL.

Disso te fartes de noite e de dia
No tempo da monda.

RABI LEVI.

Pois vamos comtigo e vamos fallando.
Fama he que Christo, depois de enterrado,
De opa netta he resuscitado.
Guai dos tristes que estavão guardando!
Huns ficão pellados,
Outros sem dentes, e braços quebrados,
Outros sem unhas pera fazer prol;
E todos o vírão, fóra do lençol,
Sair do penedo, todos acordados,
Em saindo o sol.

RABI AROZ.

Pois erão quarenta com armas armados,
Não no podião prender outra vez?

SAMUEL.

Que razão essa de siso de pez!

AROZ.

Pois não no prendêrão, merecem matados.

LEVI.

Quem ha de prender
Áquelle que tem tão grande poder?

Seu corpo açoutado daquella feição,
E hũa lançada pelo coração!

AROZ.

Sicais não foi morto, e póde bem ser...

LEVI.

Que negra razão!
Se fôra doença de que se finára,
E pòsto na cova se alçára e vivêra;
Puderas dizer que esmorecêra
E perdêra os pulsos, mas a alma ficára.
Mas bem vimos nós,
E tu bem o sabes, Dom Rabi Aroz,
Que so dos açoutes, que mais não vivêra,
E que o soltárão, daquillo morrêra;
E so da coroa, tambem crede vós
Que não guarecêra.
Pois so de levar a cruz tão pezada
Pola serra acima homem tão delgado,
Disto somente ficára matado;
Que são ja tres mortes, cada hũa apertada.
E verão os cegos
Que so do tormento que levou dos pregos,
Fòra matado hum drago feroz,
Quanto mais a lançada. Cre, Rabi Aroz,
Que fomos ás lebres, tomámos morcegos:
Esta he minha voz.

SAMUEL.

E a minha tambem, e acabo de crer
Que he este o Mexias nosso desejado;
Porque Isaias, profeta amado,
Fallou deste tudo o que havia de ser;

E Ezechiel,
Amos Salomão, David, Daniel,
Todos fallárão no seu resurgir.
Este he o Messias, sem mais arguir;
Este he o honrado nosso Emanuel;
O al he mentir.

RABI AROZ.

Meu pae arrendou hũas alcaçarias
Junto do termo de Villa Real,
Com tal condição, que durasse o foral
Atés que viesse o nosso Messias.
Ora m'escutae.
Juro pela alma que foi de meu pae,
Que está a cousa bem embaraçada.
Estae ambos quedos, não boquejeis nada,
Não falle ninguem, vereis como vai
Esta emborilhada.
Meu pae era dono d'hũa filha minha,
E minha mãe filha de meu dono torto,
E hum meu irmão, que morreu no Porto,
Era mesmo tio dos filhos qu'eu tinha:
Tudo assi vai.
E minha mulher, nora de meu pae;
E meu pai, marido de sua mulher;
E sua mulher era sogra da minha.
Assi indo fomos, de linha em linha,
Até que meu pae veio a morrer.
Meu pae fallecido,
Vai minha mãe e perdeo o marido,
E fez-se viuva, e as alcaçarias
Forão do pae da mãe de Tobias,

Filha de Dom Donegal dolorido,
Que morreo nas Pias;
E quando se fez a tomada de Arzila,
Dona Franca Pomba casou em Buarcos
Com Bento Capaio, capador de gatos,
Que furando alporcas, morreu em Tavila.
Em aquelles dias
Se fez o contracto das alcaçarias,
E David Ladainhas da manga cagada
Leixou assentado, que vindo o Messias
Que as alcaçarias, não tendo ellas nada,
Que fossem vasias.
Segue-se logo, se Christo he Mexias,
Que he salvador destas alcaçarias,
E ficarão livres, e postas em côbro:
Porém eu creio que o que me diz meu sogro
He tudo vento, e são fantasias,
E peccais em dôbro.
Porque, se fôra o que nós esperamos,
Levára os Judeus, povo de Israel,
Á terra que mana o leite e o mel,
Que he nossa herança, que de Deos herdamos.
LEVI.
Não que elle dizia
Que essa herança que não se entendia
Senão que havemos de resuscitar,
Assi como elle, pera nos levar
Á mesma herança que Deos promettia.
Lhe ouvi eu prégar.
Porque essas farturas que a terra antremette,
Forão creadas pera os animaes,

E que o Deu poderoso essas cousas taes
Não nas estima, nem dá, nem promette;
E que o Mexias,
Se bem entendermos nossas profecias,
Não vinha a fartar os corpos de mel.
Tambem tu assi estavas, Rabi Samuel?
Tu, Rabi Aroz, bem vi que dormias,
E Zarababel.

RABI AROZ.

Pois que faremos sôbre isto emtanto?

LEVI.

Que nos calemos em nosso calado:
Quemquer que dixer que he resuscitado,
Dar-lhe-hei hũa figa debaixo do manto:
E leixae estar;
Que seja verdade, calar e negar.
Ter mão na Sinagoga, que nos dá repairo;
Que sabendo-o o povo, he nosso o fadairo:
E se o aventar,
Cada sacerdote lhe cumpre estudar
Pera boticairo.
Tenhamos todos mui bem que comer,
Que farte, e sobeje pera todo o anno.
Tratemos em cousas em que caiba engano,
E se nos perdermos, não póde mais ser.

AROZ.

Sabes que receio?
O mal que fazemos he crime tão feio,
Que ja Jeremias o chorou primeiro.

LEVI.

Fundemo-nos todos em haver dinheiro;

Porque quer seja nosso, quer seja alheio,
He Deu verdadeiro.
E ter mão na burra. Que dizeis, Aroz?

Aroz.

Façamos talmud com tantas patranhas,
Com que embaracemos tamanhas façanhas,
Antes que mettão a frota na foz.
E por simular,
Ordenemos festa com algum cantar,
Porque não entendão que somos vencidos.
Chacota na mão, fender os ouvidos
A quem nos ouvir. Alto, começar
A travar dos vestidos, e cabeccar.

AUTO DA CANANEA.

FIGURAS.

SILVESTRA, *Lei da Natureza.* — HEBREA, *Lei da Escriptura.* — VEREDINA, *Lei da Graça.* SATANAZ. — CHRISTO. — S. THIAGO. — S. PEDRO. — S. JOÃO. — CANANEA. — BELZEBU.

Este auto que diante se segue fez o Autor por rogo da muito virtuosa e nobre Senhora D. Violante, Dona Abbadessa do muito louvado e sancto convento do mosteiro de Oudivelas; a qual Senhora lhe pedio que por sua devação lhe fizesse hum auto sôbre o evangelho da Cananea. Foi representado na era do Senhor de 1534.

(Entra Silvestra, Lei da Natureza, cantando.)

SILV. « Serra que tal gado tem
« Não na subirá ninguem. »
Eu sam Lei da Natureza,
E per nome Silvestra,
Das gentes primeira mestra
Que houve na redondeza.
Dos gentios sam firmeza,
E por pastora me tem.

«Não na subirá ninguem
«Serra que tal gado tem.»
Assi que ando a pastorar
Cem mil bandos de veados;
Porque gentios são gados
Mui esquivos de guardar,
E tão bravos d'apriscar,
Que a serra que os tem
«Não na subirá ninguem
«Serra que tal gado tem.»
Quando os quero assocegar,
Logo cada hum tresmonta;
De hum so Deos não fazem conta,
Senão correr e saltar.
Todo o seu bem he honrar
Diversos deoses que tem,
Com que lagrimas me vem.
«Serra que tal gado tem
«Não na subirá ninguem.»

(Entra Hebrea, Lei da Escriptura, e diz:)

HEB. Que gado guardas aqui,
Nesta fragosa espessura?
SILV. Guardo per lei de natura
Meu gado: mas vejo em ti
Que tu es Lei d'Escriptura.
HEB. Sou pastora de Judea,
Nascida em monte Sinai,
E o meu nome he Hebrea.
SILV. E o teu gado onde vai?
HEB. Sempre pasce em mesa alheia.
E sabes que gado he?

Tudo raposos e lobos:
E eu te dou minha fé,
Que he a mais falsa relé
Que ha hi nos gados todos.
Nunca me ouvírão cantar;
Que meu gado he tão erreiro,
Que sempre o verás andar
D'hum peccar n'outro peccar,
De captiveiro em captiveiro.
Que cante, não ha porque,
Com leones e dracones,
Nem prazer nunca me ve:
E se hũa ora canto, he
Super flumina Babilonis.
Depois vou-me a Jeremias,
E lamentamos a par,
E os prantos de Isaias.
Estas são as alegrias
Que meu gado anda a buscar.

SILV. Não menos quebro os sentidos
Com meus veados diversos.

HEB. Isso são gados perdidos.
Os meus forão escolhidos,
E fizerão-se perversos.
Os Patriarchas primeiros
Erão gados celestiaes,
Ovelhas, sanctos carneiros,
E os profetas cordeiros,
E os d'agora lobos taes.
Pois tem em mim hũa pastora,
Que nunca foi outra tal.

SILV. Nego eu essa por agora.
HEB. Oh, se tu quizesses ora
Fazer-te minha igual!
SILV. Mas melhor he terdes grandeza.
HEB. Cal'-te, que não dizes nada;
Qu'eu sam per Deos espirada,
E tu pela natureza.
SILV. Parece esta que ca vem,
Lei da Graça, sancta e benta.
HEB. Ella assi o representa,
Segundo a graça que tem;
Mas de ti valho eu setenta.

(Vem a Lei da Graça, per nome Veredina, e diz cantando:)

VER. «Serranas, não hajais guerra,
«Que eu sam a flor desta serra.»
Oh que malhada, e que gado,
E que tempo, e que pastora!
Por sempre seja louvado
Hum so Deos que no ceo mora:
Elle m'enviou agora
Das alturas ca na terra,
«Pera ser flor desta serra.
«Serranas, não hajais guerra.»
Ovelhas e cordeirinhos
He o meu gado maior;
Muito humildes e mansinhos,
E pascem polos caminhos
E montes do Redemptor:
Elle he o summo pastor;
«E vós escusae a guerra,

"Qu'eu sam a flor desta serra.
Outra mais alta pastora
Anda na serra preciosa,
Imperatriz gloriosa,
Principal minha Senhora.
Esta dos anjos se adora
Sancta Rainha na terra;
"E me fez flor desta serra.
"Serranas, não hajais guerra."
Eu repasto suas cordeiras
Virgens e martyrisadas,
Que leixão frescas ribeiras,
E as mundanas ladeiras,
Por serem sacrificadas.
Vós outras sois ja acabadas,
Por demais he vossa guerra,
"Qu'eu sam a flor desta serra.
"Serranas não hajais guerra."
Não he ja tempo de vós,
Porque o tendes ja cumprido,
E se abrírão os ceos,
E lembrou-se o Senhor Deos
Do que tinha promettido:
E cumpria inteiramente,
Como eternal verdade,
Com Abrahão suavemente,
No mesmo tempo presente,
Porque foi sua vontade.
HEB. Como! vindo he o Messias
VER. Ja veio, e anda prégando,
Ensinando e declarando

As divinas profecias.
B. Isso estava eu esperando.
R. Assi que a Lei da Graça
Ha de ter todo o cuidado,
Pastora mor de seu gado:
Isto he per fôrça que eu faça,
Pois vosso giro he passado.
Na semana que passou,
Pera mais me confirmar,
Satanaz mesmo o tentou
Pelas vias que levou
Com Adão no seu pomar.
E ficou tão comprendido
Do alto saber eterno....
Ei-lo vem, que anda fugido,
Porque ha de ser escozido
Dos algozes do inferno.
:. Como rapaz escolar,
Que lh'esqueceo a lição,
E sabe que lhe hão de dar;
Assi sei que hei de apanhar
Desta vez hum estirão.
Não porque tenhão razão,
Se for nisto;
Porque eu tentei a Christo
Com muita arte e discrição:
Mas não me ha de valer isto.
Hei de haver tanta pancada,
Porque o não venci de feito;
Tanta negra tiçoada,
Que nunca foi embaixada

Recebida de tal geito.
E segundo o demo he feito,
Vejo a osadas
Estas barbas depennadas,
E os cabellos a eito,
E as orelhas cortadas.
Porém nossas hierarchias
Que culpa me dão aqui,
Se hoje faz oito dias
Fui hum gigante Golias,
Mas topei com elRei Davi?
De temor não lhe fugi,
Nem fiz falha
Em commetter a batalha,
Nem ficou nada por mi:
Mas não presto nem migalha.
Pude eu melhor pelejar?
Pude eu melhor resistir?
Pude eu mais negociar?
Que mais se póde arguir?
Na materia d'enganar
Comecei-lhe de armar,
Per cortezia,
Com piedosa hypocrisia:
Cuidei de o derribar
Per este êrro que sabía.
Ora pois desta feição
Lutei ousado e manhoso,
Que culpa me poerão
Ir topar com Antenhão,
Hercules mui façanhoso?

Porém he tão rigoroso
Lucifer,
Que não quer senão o que quer,
Como menino mimoso;
E a mim não m'ha de crer.
(Vem Belzebu, e diz:)
LZ. Como andas dessocegado!
Não sei que diabo has,
Que esta semana não vas
Ter ao nosso povoado,
Nem sabemos onde estás.
T. Eu muito nas horas más,
Fui d'esperto
Ter com Christo no deserto;
Mas, desque eu sou Satanaz,
Não me vi em tal apêrto.
LZ. Como! foi teu vencedor?
T. Eu fiz-me pobre Barbato;
Mas he tão gran sabedor,
Que me conheceo melhor,
Que eu conheço meu sapato:
E ainda que feito pato
Eu lá fôra,
Nem convertido em mulato,
Como o rato sente o gato,
Me sentíra logo essora.
LZ. E se he bom ver sem candeia,
He cousa bem innovada:
Mas meu spirito receia,
Porque tenho atormentada
A filha da Cananea.

E se elle he dessa veia,
O cavalleiro,
Deitar-m'-ha, como a sendeiro,
Hũa solta e hũa peia,
E morrerei em palheiro.
Porque a mãe anda apressada
Pera o ir logo buscar,
E eu quero lá tornar,
Que a minha demoninhada
Ha de ser ma de curar.

SAT. Se sua mãe acabar
Que elle queira,
Eu não te vejo maneira;
E se te elle hi achar,
Teras infinda carreira.

BELZ. Irmão, quereis ir comigo?

SAT. Vae tu, eramá pera ti,
Qu'eu não posso ir comtigo,
E bem m'abasta o perigo
Em que domingo me vi.
Elle ha de vir pera aqui
De rondão
Pera Tiro e Sidão:
Quero ver que faz per hi
Este famoso leão.

BELZ. Eu vou ora atormentar
A filha da Cananea;
E quem a de mim livrar
Fara d'hum rato balea,
E fara secar o mar.

SAT. Vae tu, qu'eu hei d'espreitar

Alguns dias
Se sera este o Messias,
Ou o Deos que ha de encarnar,
Como escreveo Isaias,
  Porque Abrahão, na verdade,
Nem Elias, nem Moisem,
Não forão da sanctidade,
Nem poderio que este tem,
Nem com grande quantidade.

BELZ. Fallas á tua vontade
Eramá;
Se tu isso dizes ja,
Mao caminho leva o abbade.

(Vem Christo, com elle seis Apostolos, S. Pedro, S. João, S. Thiago, S. Filipe, S. André, S. Simão; e diz:)

S. TH. Irmãos, cumpre-vos saber
Como havemos de orar,
E quando houvermos de rezar,
Que havemos de dizer,
Pera nos aproveitar,
E pera s'isto alcançar
Do Redemptor,
Seja Pedro embaixador;
E emquanto elle fallar,
Adoremos ao Senhor.

S. PED. Toda esta congregação,
Poderoso Rei sem par,
Te pede com devação
Que os ensines a orar,
E orando que dirão.

Porque estão na região
De ignorantes,
Simprezes principiantes
Perguntão por onde irão,
Como novos mareantes:
  E que he o que pediremos,
Quando houvermos de rezar,
E em que tempo rezaremos,
E as horas e o logar.
E todos estes extremos
Assi que nos soccorremos
Per tal via
Á tua sabedoria,
Que nos dê o que não temos.

CHR. A justiça e boa petição
Traz bom despacho comsigo;
Mas bento he o varão
Que reza com coração,
E com alma e com sentido:
Que o rezar não he ouvido,
Nem he nada,
Sem alma estar inflamada,
E o spirito transcendido
Na divindade sagrada.
  Nem cuideis que arrecadaĩs,
Por rezar muita oração,
Se no coração estais
Fóra de contemplação.
Tende prompto o coração
Em seu louvor;
E com lagrimas de amor,

Direis esta oração
Á grandeza do Senhor:

Pater noster, qui es in cœlis, sanctificetur nomen tuum: adveniat regnum tuum; fiat voluntas tua, sicut in cœlo et in terra.

Com almas limpas e puras,
Direis isto ao Senhor,
Firmando-o por creador,
E padre das creaturas,
Que he no ceo Imperador.
E direis com grande amor:
Seja louvado
Teu nome e sanctificado,
Neste nosso orbe menor,
Como es no ceo adorado.

E direis a sua Alteza:
O teu reino venha a nós:
Em que pedis fortaleza,
E mais pedis pera nós
Graça e desperta limpeza,
E mais perfeita grandeza
De bondade,
E pedis á Deidade
Que por toda a redondeza
Seja feita a sua vontade.

Panem nostrum quotidianum da nobis hodie; et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris; et ne nos inducas in tentationem, sed libera nos a malo. Amen.

Direis mais nesta oração,
Sempre com esprito attento,
E com prompta devação:
Faze-nos mercê do pão
De nosso sustentamento;
Porque o certo mantimento,
Mais facundo,
Não se cria ca em fundo,
Nem a neve, nem o vento,
Nem na terra, nem no fundo.
E pedi-lhe, filhos, mais,
Com choros do coração,
Que nos dê hũa quitação
Das dividas em que lhe estais
De vossa condemnação.
Isto com tal condição
Lh'o pedireis,
Que assi perdoareis
Os males que vos farão;
E senão, não no espereis.
E com gemente tenção
Lhe haveis, filhos, de pedir
Que vos não leixe cair
Em nenhũa tentação,
Que vos possa destruir.
Ca não podeis resistir
Ás tentações
Sem Deos, que vence os dragões,
Que vos querem destruir
Per engano os corações.
E mais pedi per final,

Humildosos e devotos,
Como a padre geneıal,
Que nos perigos ignotos
Vos livre de todo o mal.
(Vem a Cananea, cantando.)
CAN. « Senhor, filho de David,
« Amercea-te de mi:
« Senhor, filho de David,
« Amercea-te de mi. »
Que minha filha he tentada
D'espritos que não tem cabo,
E minha casa assombrada,
Minha camara pintada
De figuras do Diabo.
De mal tão accelerado
Quem se livrará sem ti?
« Senhor, filho de Davi,
« Amercea-te de mi. »
Triste mulher que faras!
Tanta pena quem t'a deu!
Ó Inferno, que fiz eu,
Que mandaste a Satanaz
Que m'esbulhasse do meu!
Como esbulhada do seu,
Soccorrer-me venho a ti.
« Senhor, filho de Davi,
« Amercea-te de mi. »
Tem os seus braços torcidos,
Os olhos encarniçados,
Os cabellos desgrenhados,
Seus membros amortecidos;

Dá gritos, faz alaridos,
E o soccorro está em ti.
« Senhor, filho de Davi,
« Amercea-te de mi. »
Mostra aqui teu poderio,
Manifesta tua grandeza,
E exalça teu senhorio:
Salva-me no teu navio,
No mar de tanta tristeza;
Pois he sôbre natureza
Este mal, pois que te vi,
« Senhor, filho de Davi,
« Amercea-te de mi. »

S. TH. Ó Senhor, por piedade
Escuta aquella mulher,
Pois tens de propriedade
Com muito boa vontade
Receberes quem te quer:
E o que te requer
Lhe concede.
Não olhes seu merecer;
Mas ve bem o que te pede
Se se póde conceder.

S. JOÃO Senhor, a tua clemencia
Pertence aos atribulados;
Esta dona com seus brados
Chama a tua providencia,
Que he mãe dos desconsolados.
Sejão, Senhor, inclinados
Teus ouvidos
A seus prantos e gemidos,

Porque sejaõ consolados,
E seus damnos soccorridos.

PED. Eu creio que es pastor,
E os humanos teu gado,
E o lobo he o Diabo
Seu contrário e matador.
E pois te mata, Senhor,
Esta ovelha,
Incrina-lhe tua orelha;
Que, segundo seu clamor,
Algum anjo a aconselha.

R. Eu não sam ca enviado
Per piedoso nivel,
Senão soccorrer ao gado,
Que pereceo no montado
Das ovelhas d'Israel.
Por este vesti borel
De vil terra,
E não por gado de serra,
Que pasce feno infiel,
Sem querer sentir que erra.

N. Senhor, não hei de cançar,
Pois al não posso fazer;
Tu queiras-me perdoar,
Porque te hei d'importunar,
E tu m'has de soccorrer:
Não que por meu merecer
Tal confio;
Mas peço a teu senhorio,
Que me outorgue o seu querer,
Pois creio o teu poderio.

S. TH. Oh que fé e que fervor,
E que esforçada vontade!
Bem merece a peccador
Que alcance algum favor
De tua summa piedade,
Mostra a sancta majestade
E perfeição
Nas provincias de Canão,
E toda a geralidade
Dos demonios pasmarão.

BELZ. Oh quem vos mette, Senhores,
Em rogardes por ninguem?
Que quando rogardes bem
Por vós outros peccadores,
Ficareis ainda áquem.
Que vos vai, ou que vos vem,
Pois d'abinicio
Assombrar he meu officio,
E taxados quaes e quem?

S. PED. Ó maldito Belzebu,
Quem te deu a ti poder
Que atormentasses tu
Nenhum homem nem mulher,
Sem ter direito nenhum?

BELZ. Senhores Sanctos benditos,
Hi ha planetas visiveis,
Ha hi outras invisiveis,
Que pertencem aos spiritos,
E causão cousas terriveis.
Qualquer que nascer sujeito
Á maldita conjunção,

Sem nenhũa appellação,
Nem estylo de direito,
Pertence á nossa prisão,
Assim como quem nascer
Na conjunção desastrada
Em que peccou Lucifer.
  E quem nasceo na hora tal
E planeta em que peccárão
Os Judeus, quando adorárão
O bezerro de metal,
Pera nossos se gerárão.
  Tambem quem nascer no fito
Da conjunção em que cuido,
Que affogou o mar ruivo
Os cavalleiros do Egypto,
São nossas almas e tudo.
Tambem he da nossa alçada
Toda a pessoa nascida
Na conjunção celebrada
Que Sodoma foi queimada,
E Gomorra sovertida.
  E he perdido tambem
Todo o que nascido for
Na conjunção do item,
Em que com bravo furor
ElRei Nabucodenusor
Destruio Jerusalem.
E esta moça de Canão,
E filha desta Senhora,
Foi nascer na conjunção
Que reinava a nossa hora.

E pois vós rogais por ella
A vosso Mestre, qu'eu temo,
Eu vou chamar outro demo,
E entraremos juntos nella,
E veremos este extremo.
E vós, Christo, não deveis,
Pois dizem que sois eterno,
Agravar o sancto inferno,
Nem quebrantar suas leis,
E seu sagrado caderno.

S. Ped. Oh que parvo prégador!
Oh que falsa astrolomia!
Que mao siso de doutor!
Que ignorante sabedor,
E que douda fantasia!
Ó mestre da vaidade,
Tu não sabes que es cativo,
E escravo da Trindade?
Quem te deu ter potestade
Sôbre nenhum corpo vivo?

Belz. Não dizem que o Esprito Sancto
Fallava dentro em Davi,
E dos profetas assi?
Porque não farei outro tanto
Nos que tenho pera mi?
E Deos Padre não assombrava
A Moisem com terremoto,
Cada vez que lhe fallava?
Cant'eu vi que assombrava
Com temores seus dovotos.

S. Ped. Tu queres ser igualado

Com Deos, summa das grandezas?
Como es desavergonhado,
Triste, maldito, austinado,
Cheio de vans subtilezas!
Não lh'ouçamos vaidades,
Va fallar com quem quizer;
Porque em lhe responder
Honramos suas maldades,
E isso he o qu'elle quer.

N. O Senhor, escuta a triste,
De todo emparo estrangeira.
Ja, Senhor, viste e ouviste
Em que desastre consiste
A dor da minha canceira.
Não abasta atormentada
Minha filha, e minha dor
Ferida, escalabrada,
Mas agora ameaçada
Pera cada vez peor?

JOÃO Supplicamos-te, Senhor,
Que hajas della piedade.

IR. Ja vos fallei a verdade;
Meu padre me fez pastor
Do gado da sua vontade,
Das ovelhas de Jacó,
Que procedem de Abrahão:
E dos povos de Canão
Ninguem haja delles dó;
Fazei conta que cães são.
Como aos filhos consentis
Que lhes tire o mantimento,

Polo dar aos cães cevis?
Injusta cousa pedis
Com vosso requerimento.

CAN. Eu digo, Senhor, que si;
Não tenho disso querella,
Confesso que sou cadella,
E de cadella nasci;
E sou mais perra que ella.
  E porém as cachorrinhas
Com os cães deste teor,
E os gatos e gallinhas
Se fartão das migalhinhas
Da mesa de seu senhor:
Quanto mais os seus manjares;
Que es padre das companhas,
Fartas montes e montanhas,
E desertos e logares,
Até bichos e aranhas.
  Com glória, mui sem trabalho,
Fartas os mares e rios,
E as hervas de rocios,
E os lirios de orvalho
Nos logares mais sombrios.
O Criador liberal,
Que lá nos bosques perdidos
Tens os bichinhos providos,
E a mim so, por meu mal,
Os emparas escondidos!
  Pleni sunt cœli et terra
Majestatis gloriæ tuæ:
Pois inda que seja perra,

Não me leixes tu tão nua
Nesta triste e cruel guerra:
Que se ha remedio sem ti,
Eu não o posso entender;
E se t'esquivas de mi,
Que excommungada nasci,
Quem outrem póde absolver?
  Oh thesouro dos prazeres
E esperanças merecidas!
Polos teus sanctos poderes
Te peço, Senhor das vidas,
Que tu não me desesperes.
E se por ser Cananea,
E filha de perdição,
Desprezas minha oração;
A misera *anima mea*
Onde achará redempção?
  Se perco por mulher ser,
Por meus errores profundos,
Senhor, deves tu de ver
Que nasceste de mulher
Escolhida entre mil mundos.
HR. Mulher, muito grande he
O teu bom perseverar,
E muito grande a tua fé;
E he justo que te dê
O que vieste buscar.
Porque tens muito soffrido,
Como constante oradora,
Mando que logo nessora
Se cumpra o que tens pedido,

E sejas san desd'agora.
(Em este passo vem fugindo o demonio Bel bu, e topa com Satanaz:)
BELZ. Venho saber que isto he.
SAT. Como vens assi turvado?
BELZ. Chegou-nos lá hum recado
De Jesu de Nazaré,
Mui terrivel e apertado.
SAT. Que recado?
BEL. Eu t'o direi,
Que nenhũa cousa fique.
Não era mais seu repique,
Senão *ite maledicti patris mei.*
SAT. Mais que me faz pasmar
Como chegou isso lá;
Que Christo não foi de ca,
Nem se bolio d'hum logar.
BELZ. Não sei com'isso sera;
Que eramos mil escolhidos
Procedidos das nações
Daquelles coros subidos,
Thronos e Dominações.
A moça com grandes gritos
Ajuntou toda a cidade;
E veio hũa claridade,
Que nos cortou os espritos.
SAT. De fogo, ou que calidade?
BELZ. Era assi hum resplandor
Cercado de nuvens pretas;
Os raios erão de settas,
E o fogo de temor.

No meio logo olhei,
Onde mil espantos vi:
Então sahia dalli
Esta] voz do alto Rei:
Ite, maledicti patris mei.

AT. Era ahi teu irmão comtigo?

EL. Meu irmão e teus cunhados,
E Belial teu amigo,
E teu pae era comigo
E os Seraphins desbarbados.
E todos forçosamente
Fomos lançados dalli:
E assi supitamente,
Sem vermos nenhũa gente,
Nos arrastárão per hi.
Pelejar não no ouvi,
Nem chamar aqui-d'elrei,
Senão esta] voz assi:
Ite, ite, maledicti patris mei.
Oh que voz pera temer!
Que temor pera sentir!
Que sentir pera doer!
E que dor pera soffrer
A quem tal voz comprender!

AT. Não estou maravilhado
Senão d'estar hi Hulcão,
E Gerundo bem armado,
E o drago frei Tropão,
E não terem coração
Pera se dar a recado.

ELZ. Porque fallas ao desdem,

E me culpas sem concêrto,
Poisque viste no deserto
O poder que Christo tem,
Que atégora foi cuberto?
Porém quem adivinhára
Que no mundo visse eu
Nenhum homem que ousára,
E sem temor me lançára
Per fôrça fóra do meu?

SAT. Rogo-te que pratiquemos
Neste homem quem sera.

BEL. He hum extremo d'extremos,
Hum caso que não sabemos,
Nem sei se se sabera.

SAT. Eu acho no meu caderno,
Qu'isto são desaventuras;
Porque esse homem he eterno,
E ha de roubar o inferno,
E deixar-nos ás escuras.

(Vão-se estes, e diz Christo aos Discipulos:)

CHR. Onde o temor sempre atiça,
E o receio melhor cabe,
He no ladrão; porque sabe
Que deve muito á justiça;
Então teme que o pague,
Assi o imigo infernal,
Como peccou por maldade,
Onde enxerga sanctidade,
Tem-lhe temor natural.
E grande odio per vontade.
Eu vos dei hoje lição

De como haveis de orar,
E quando, e de que feição,
E o que haveis de fallar
Em vossa sancta oração.
Pois mais haveis de saber,
E notae isto de mim:
Que quem a Deos ha de haver,
Lhe convem permanecer
Nas virtudes até fim.
  Porque Deos he duração,
Glória sem acabamento,
E não ha por perfeição
Dous annos de devação,
E trinta d'esquecimento.
Bem viste esta mulher,
E o seu perseverar,
Seu soffrer e o seu crer,
E com isto receber
Quanto quiz arrecadar.
  Rogo-vos sem mais latins,
Por alcançardes o preço
Dos anjos e seraphins,
Que sempre os vossos fins
Concertem com o começo.
Notae o soffrer d'Elias,
As paciencias de Job,
As prisões de Jeremias,
As fortunas de Jacob,
E como acabárão seus dias.

(Vem a Cananea, e diz:)

N. Ajudae-me a dar louvores

E graças ao Redemptor,
Pois fostes meus rogadores
Até fim de minha dor.

S. PED. *Vere dignum et justum est,*
Pois que a todos fez mercê.
Adoremos nosso mestre
Cheio de graça celeste,
Como por obra se ve.

E cantando Clamavat autem, *se acaba o dito auto.*

AUTO DE S. MARTINHO.

FIGURAS.

HUM POBRE. — S. MARTINHO. — PAGENS.

O auto que adiante se segue foi representado á mui caridosa e devota Senhora a Rainha D. Leonor na Igreja das Caldas, na procissão de Corpus Christi, sôbre a charidade que o bemaventurado S. Martinho fez ao Pobre, quando partio a capa. Era do Senhor 1504.

(Entra o Pobre, dizendo:)

POBRE.

O piernas, llevadme un paso siquiera;
Manos, pegad os naqueste bordon,
Descansad, dolores de tanta pasion;
Siquiera un momento en alguna manera
Dejadme pasar por esta carrera,
Iré á buscar un pan que sostenga
Mi cuerpo doliente, hasta que venga
La muerte que quiero por mi compañera.
  Devotos Cristianos, dad al sin ventura
Limosna, que pide por verse plagado:
Mirad ora el triste que estoy lastimado
De pies y de manos por mi desventura;

Mirad estas plagas que no sufren cura;
Ya son incurables por mi triste suerte.
Ay! que padezco dolores de muerte,
Y aquesto que vivo, es contra natura.
  Mirad ora el triste con mucho dolor;
Que ante de muerto me comen gusanos;
Mirad el tollido de pies y de manos;
Mirad la miseria de mi pecador.
Dadme limosna por aquelle Señor,
Que guarde á vosotros de tantos dolores.
Limosna bendita me dad, mis señores;
Que ya no la puede ganar mi sudor.
  Haved compasion del pobre doliente,
Que ya se vió sano mancebo y lucido.
O mundo que ruedas, á qué me has traido!
Qué recio solia yo ser y valiente,
Cuán alabado de toda la gente!
De recio, galan, qué fue de mi bien?
O muerte, qué tardas, quien te detien;
Que yo no me atrevo á ser mas paciente!
  O paciencia que en Job reposó,
Qué quieres que haja con tantos tormentos?
Perdóname tú, que mis sufrimientos
No pueden callar la miseria en que só.
Criante rocío, qué te hice yo,
Que las hiervecitas floreces por Mayo,
Y sobre mis carnes no echas un sayo,
Ni dejan dolores que lo gane yo?
  Deje la muerte las niñas, las dueñas,
Y deje doncellas galanas vivir;
Deje las aves cantares decir,

Y deje ganados andar por las peñas.
Llévame á mí: por qué me desdeñas,
Y matas sin tiempo quien merece vida?
Sácame ya desta cárcel podrida.
Mi ánima triste, no quieras mas señas.
  Dadme ora limosna por la pasion
Del hijo de Dios, que pobre se vido,
Daquel que por nos fue muerto y herido,
Doliente y plagado por la redencion.
Mirad ora, ricos, que teneis razon
Dar de sus bienes, pues sois tesoreros,
Sed los suyos buenos dispenseros,
Y vuestras riquezas se os doblaron.

(Vem S. Martinho, cavalleiro, com tres Pagens.)

POBRE.

  Devoto Señor, real caballero,
Volved vuestros ojos á tanta pobreza,
Que Dios os prospere vuestra gentileza:
Dadme limosna, que de hambre me muero.

S. MARTINHO.

Hermano, ahora no traigo dinero:
Vosotros traeis que demos por Dios?

PAGEM.

No ciertamente.

S. MARTINHO.

  Entrambos á dos
No traeis que demos a este romero?

POBRE.

  No hay dolor que en mí no lo sienta:
Haved de mis males, Señor, compasion.

S. MARTINHO.

Quien ora tuviesse daquella pasion
La parte que tienes que mas te atormenta!

POBRE.

Guárdeos Dios de tan grande afrenta;
Dios lo prospere com mucha salud.
Dadme limosna por vuestra virtud,
Que mi gran pobreza no hay quien la sienta.

S. MARTINHO.

No sé que te dé, de dolor de ti,
Ni puedo á tus males ponerte remedio.
Partamos aquesta mi capa por medio;
Pois otra limosna no traigo aqui:
Rógote, hermano, que ruegues por mí.
Pues sufres dolores nesta triste vida,
Tu ánima en gloria será recebida
Con dulces cantares, diciendo así.

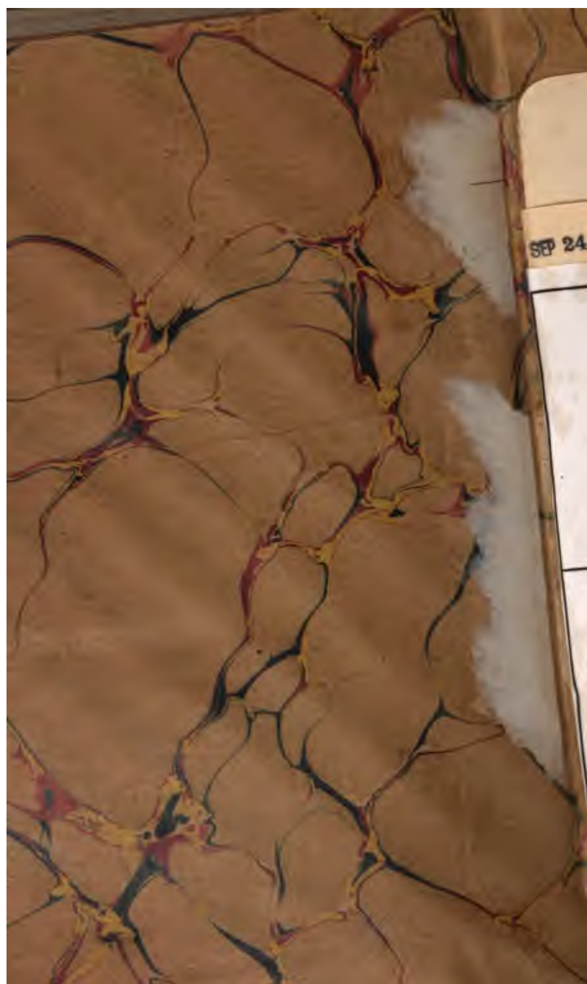
Emquanto S. Martinho com sua espada parte a capa, cantão mui devotamente hũa prosa. Não foi mais porque foi pedido muito tarde.

FIM DO LIVRO I.

INDEX.

PAG.

Prologo
Visitação 1
Auto Pastoril Castelhano 7
Auto dos Reis Magos 22
Auto da Sibilla Cassandra. 35
Auto da Fé 63
Auto dos quatro Tempos 75
Auto da Mofina Mendes 98
Auto Pastoril Portuguez. 124
Auto da Feira 147
Auto da Alma 182
Auto da Barca do Inferno 212
Auto da Barca do Purgatorio 242
Auto da Barca da Gloria 270
Auto da Historia de Deos. 300
Dialogo sobre a Resurreição 342
Auto da Cananea 356
Auto de S. Martinho 383


SEP 24



869.4 .V631 C.1
Obras de Gil Vicente / AMD2521
Stanford University Libraries

3 6105 045 054 652

SEP 24 '65

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
CECIL H. GREEN LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(415) 723-1493

All books may be recalled after 7 days

DATE DUE

